



O lado
agradável
da vida

B I A C A R V A L H O



O lado
agradável
da vida

B I A C A R V A L H O

Copyright © 2020 Bia Carvalho

Capa: Bia Carvalho

Revisão: Sonia Carvalho

Diagramação: Bia Carvalho

Todos os direitos reservados.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.



Nota da Autora

Para você, leitor do futuro, que está lendo este livro em um momento diferente do lançamento, talvez você não saiba, mas esta história foi escrita durante a pandemia do Corona Vírus.

Como eu espero que minhas obras sejam lidas até a posteridade, por muitos e muitos anos, se você não sabe o que foi isso, porque aconteceu há décadas, dá um Google aí. Espero que já esteja tudo bem, aliás. Se tiver uma máquina do tempo, viaje até Maio de 2020 e me conta se as coisas deram certo...

Tô esperando...

...

...

...

Nada?

Tá, tudo bem... Vou confiar que você não conseguiu voltar porque está entretido demais querendo ler logo o livro. Eu posso lidar com isso.

Seja como for, se você já leu algum outra obra minha, vai perceber que esta história é um pouco diferente das outras. Mais curta, mais fofinha, menos dramática. Pois é... eu estava precisando disso. As coisas já estão caóticas demais na realidade, e eu me dei folga de livros mais densos, mergulhando em um texto menos pesado. Não que não tenha uma pitada de drama também, claro, mas bem menos.

E eu me encontrei um pouco nesse gênero, o que me faz acreditar que outros livros assim virão, mesmo depois que tudo melhorar.

Porque vai melhorar, gente! Tudo isso vai passar.

Se você está lendo este livro durante a pandemia, que ele sirva de alento, consolo e que te entretenha na quarentena.

Força! Estamos juntos nessa!

SUMÁRIO

PRÓLOGO

CAPÍTULO UM

CAPÍTULO DOIS

CAPÍTULO TRÊS

CAPÍTULO QUATRO

CAPÍTULO CINCO

CAPÍTULO SEIS

CAPÍTULO SETE

CAPÍTULO DEZ

CAPÍTULO ONZE

CAPÍTULO DOZE

CAPÍTULO TREZE

CAPÍTULO QUATORZE

CAPÍTULO QUINZE

CAPÍTULO DEZESSEIS

CAPÍTULO DEZESSETE

CAPÍTULO DEZOITO

CAPÍTULO DEZENOVE

CAPÍTULO VINTE

CAPÍTULO VINTE E UM

CAPÍTULO VINTE E DOIS

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

CAPÍTULO VINTE E CINCO

CAPÍTULO VINTE E SEIS

CAPÍTULO VINTE E SETE

CAPÍTULO VINTE E OITO

CAPÍTULO VINTE E NOVE

CAPÍTULO TRINTA

CAPÍTULO TRINTA E UM

CAPÍTULO TRINTA E DOIS
CAPÍTULO TRINTA E TRÊS
CAPÍTULO TRINTA E QUATRO
CAPÍTULO TRINTA E CINCO
CAPÍTULO TRINTA E SEIS
CAPITULO TRINTA E SETE
CAPÍTULO TRINTA E OITO
CAPÍTULO TRINTA E NOVE
CAPÍTULO QUARENTA
EPÍLOGO



Playlist

When I Fall in Love – Michael Bublé

I Can't Make you Love Me – The Maddison Letter

Stop Runnin' – Liz Lokre

Impossible – Christina Aguilera

Freelove – Depeche Mode

Unless It's With You – Christina Aguilera

Say it in Silence – Caroline Pennell

Hand me Down – Matchbox 20

You and Me – Lifehouse

Without you Here – Goo Goo Dolls

Not Alone – Dishwalla

Miracle – Vertical Horizon

A todos os médicos, enfermeiros, profissionais da saúde em geral que estão lutando a guerra lá fora por nós durante essa pandemia. Aos trabalhadores de serviços essenciais em geral. E a todos vocês que estão em quarentena, preservando a vida de quem amam.

When I Fall in Love

Compositor: Eduard Heyman / Victor Yong

Quando eu me apaixonar
Será para sempre
Ou eu nunca me apaixonarei
Em um mundo inquieto como esse
O amor acabou antes de começar
E, também, tantos beijos ao luar
Parecem esfriar sob calor do sol

Quando eu der meu coração
Será por completo
Ou então nunca darei meu coração
E no momento
Em que eu sentir que
Você se sente do mesmo jeito
Será quando me apaixonarei por você

PRÓLOGO



Havia algo de muito mágico no sorriso de uma criança. Para ser sincero, nunca cogitei a hipótese de ser pai, porque... Bem... a minha vida era bastante caótica para pensar em um filho. Isso sem contar o fato de que eu era solteiro e planejava continuar assim. Só que ao olhar para a pequena bebezinha nos meus braços e vê-la sorrir para mim, como se gostasse de estar ali, comigo, era como se o mundo inteiro se iluminasse.

A pequena Clara era como um raio de sol, com os fios loiros de seu cabelinho ralo destacando-se na cabecinha branca, os olhinhos azuis e a boquinha em forma de coração. Eu podia jurar que era o bebê mais lindo que já tinha visto, mas precisava confessar que não tinha muito para comparar. Aliás, aquela era a primeira vez que eu segurava um tão novinho no colo, e me sentia a criatura mais desajeitada do mundo.

Meus ombros estavam tesos, duros, eu mal me mexia, mas a sensação de tê-la ali, tão pequena e frágil, era maravilhosa. Não queria soltá-la nunca.

— Não precisa ficar parado assim, Rique — Adriana falou, com uma voz divertida.

— Como não? Ela é tão molinha...

— Mas você é grandão, não vai deixá-la cair. Ainda mais que está sentado — ela complementou, e eu poderia ter concordado, mas... Deus... aquela princesinha era tão preciosa para eles que se acabasse se machucando por minha causa, eu não me perdoaria. — Ela gosta de você.

Fiquei calado, sério, tentando não demonstrar o quanto aquela afirmação mexia comigo.

Eu ainda era mais criança do que a pequena Clara quando se tratava de demonstrar minhas emoções. Estava apenas engatinhando.

— É só um bebê. Você não tem como saber se ela gosta ou não de mim.

— Nem com o pai ela fica tão quietinha — Adriana continuou com a zombaria, enquanto se sentava no colo do marido. — Talvez seja essa sua cara de galã. Vê como te olha, apaixonada.

Fiquei calado por um tempo, observando a carinha da menina. Ela realmente me olhava de forma fixa, como se

me estudasse. Uma mãozinha curiosa se estendeu, tocando a minha barba, fechando os dedinhos nos pelos.

— Ela deve estar é estranhando: quem é esse cara? Ridículo que o padrinho da nossa filha a esteja conhecendo só agora, quando ela tem mais de três meses. E só porque o batizado será neste domingo — Júlio, meu melhor amigo e pai da garotinha no meu colo, falou em um tom indignado.

— Você sabe que as coisas andam meio loucas no escritório. Eu não...

— Ah, para com isso, cara. Você nunca tem tempo para nada... Está vivendo para o trabalho desde que...

— Chega, Julio! Deixa o Rique em paz. O importante é que ele está aqui agora.

Olhei em agradecimento para Adriana, porque ela sempre era a conciliadora.

Apesar de tudo, eu amava aqueles dois, embora não fosse muito bom em demonstrar. E já amava aquela garotinha. Mesmo que só a estivesse conhecendo tardiamente.

Foi questão de meia hora para que ela simplesmente adormecesse, e Adriana imediatamente se levantasse para levá-la para o berço.

— Posso fazer isso? — perguntei a Adriana sentindo uma necessidade muito súbita de continuar com aquela bebezinha no colo por mais tempo. Era uma coisa estranha a se pensar, mas havia uma conexão entre nós. Talvez aquela coisa de padrinho e afilhada fosse mais forte do que eu imaginava.

— Claro, mas eu jurei que você não queria se levantar estando com ela.

— Acho que dou conta do recado.

— Então vamos.

Com todo o cuidado do mundo eu me levantei com Clara, seguindo Adriana até o quartinho dela. Era decorado de forma doce e lúdica, e cheirava a bebê. Se é que isso fazia algum sentido.

Coloquei a neném deitadinha no berço com cautela, e ela ficou lá, com a boquinha aberta, respirando cadenciadamente e aqueles cílios enormes fechados. Era doce. Meiga. E eu senti meu coração se apertar por ter que deixá-la.

Adriana decidiu permanecer dentro da casa, para tomar um banho e tentar descansar um pouco também, despedindo-se de mim com um beijo. Voltei para perto de Júlio, que me esperava no quintal, estendendo-me uma cerveja gelada.

— Não posso demorar muito. Preciso chegar cedo na empresa amanhã — anunciei, pegando a cerveja com relutância.

— Pelo amor de Deus, cara. Amanhã é sábado. Não é possível! — Júlio indignou-se.

Dei de ombros.

— Pegamos uma conta grande, temos um projeto enorme para preparar para ser apresentado na semana que vem. Eles querem injetar uma grana, então, tenho que preparar roteiro de teaser para TV, orçamentos, nova logo... são muitas coisas e...

— Ih, cara, chega... Meu negócio é a sala de aula. Odeio essas coisas burocráticas. Não nasci para ter dinheiro, por isso a minha mãe me odeia.

— Ela não te odeia...

— Pode não odiar a mim, mas odeia as minhas escolhas. Porque não assumi a empresa do meu pai, porque não me casei com uma herdeira metida a besta... —

Remexendo-se na cadeira onde estava sentado, Júlio usou um dos dedos da mão que segurava a garrafa de cerveja para apontar para mim. — Vou te falar uma coisa agora que já estou meio bêbado, porque é o tipo de assunto que não quero ter quando sóbrio... Mas... Se alguma coisa acontecesse comigo e com a Adriana, eu gostaria que fosse você a ficar com a Clara.

— Não fala uma coisa dessas, cara. Não vai acontecer nada com vocês.

— Claro que não. Mas já deixo avisado...

Ri com escárnio.

— Acho que eu seria uma péssima escolha. Eu trabalho aos fins de semana. Como iria cuidar da sua filha?

— Dei um gole na cerveja. — Você é doido.

— Confio mais em você do que na minha mãe. A Adriana não tem família, então...

— Ainda assim sua irmã vai ser a madrinha.

— Ela é a única pessoa que quase presta do lado de lá, mas é comandada pela minha mãe, então, eu não confiaria nela também. — Júlio fez uma pausa. — Sei que você daria um jeito. Assumi essa postura de homem de gelo agora, mas eu te conheço desde a infância. É o cara mais esforçado, generoso e sensato de todos. Ninguém melhor do que você para dar bons exemplos para a Clara.

— Como *padrinho*, vou me empenhar. Mas ela tem bons pais. Será uma garota e tanto.

Meu amigo ergueu a garrafa.

— Um brinde a isso — ele disse, e eu me inclinei para frente, tocando nossas cervejas.

Mal sabíamos que a conversa daquela noite praticamente se converteria em uma maldição.



A água da chuva escorria pelos fios do meu cabelo castanho e pela barba. Meu paletó deveria estar encharcado também, mas eu nem ligava. Ao menos meu rosto também estava molhado, substituindo as lágrimas que eu não conseguia verter. Eu nunca chorava. Nem mesmo quando meus pais morreram. Ou melhor, muito menos nesse momento. A partida da minha mãe chegou a ser dolorosa, mas o meu pai... Era difícil sofrer por uma pessoa que você considerava um monstro.

Mas por Júlio...

Meu melhor amigo... Era difícil pensar que nunca mais riria de suas piadas sem graça e que não mais

tomaríamos cervejas no quintal de sua casa, que era pequena e acolhedora como a minha nunca fora.

Não tive coragem de olhar o caixão. Sabia que o acidente tinha sido feio e que seu rosto estava retalhado, mas mais doloroso que isso era ver Adriana, na mesma situação. A mulher de riso fácil, meiga e calorosa, por quem nós dois nutrimos um interesse no início... Tínhamos vinte anos quando a conhecemos, e os dois quiseram tentar conquistá-la, mas quando percebi o quão incrível ela era, decidi recuar. Eu não era o cara certo. Nunca poderia lhe oferecer a segurança que Júlio lhe proporcionara. Eu tinha o dinheiro. Ele tinha o coração. E Adriana queria amor.

Senti alguém se aproximar, colocando-se ao meu lado. Nem precisei olhar para reconhecer o cheiro do perfume adocicado de Priscila, minha irmã caçula. Logo depois que ela se aproximou, um enorme guarda-chuva de bolinhas entrou no meu campo de visão.

— Não precisa pegar chuva para deixar a cena mais melancólica, irmãozinho. Sabemos que você está triste pra caralho. — Eu sabia que ela também estava *triste pra caralho*, mas tinha uma maneira muito peculiar de tentar amenizar qualquer clima.

Lancei um olhar em sua direção e me deparei com ela se esforçando para tentar colocar o guarda-chuva sobre a minha cabeça e falhando miseravelmente, já que eu era bem mais alto. No processo, também começou a se molhar. O cabelo desfiado, castanho – mas com mechas azuis em destaque –, começava a ficar bem molhado.

— Não preciso, mas obrigada.

Ela deu de ombros e começou a proteger a si mesma.

— A velha ridícula não trouxe a criança para se despedir dos pais. Disse que ela é novinha demais para entender essas coisas.

— Ela, de fato, é — respondi, muito sério.

Só que eu estava apenas tentando ser conciliador, porque conhecia Priscila muito bem. Assim como eu, ela não curtia muito a família de Júlio, mas era bem menos comedida e bem menos falsa. Acabaria falando algumas verdades na cara daquelas pessoas, e eu esperava que, mesmo de seu jeito frio e distante, eles estivessem sofrendo.

Eu entendia muito bem desse tipo de comportamento de fachada, porque não agia muito diferente.

— Não interessa, Rique. Ela pode ter só oito meses, mas sem dúvida vai sentir falta.

— E trazê-la para um ambiente sombrio como esse vai mudar alguma coisa?

Priscila ficou calada, chegando a abaixar a cabeça, como se estivesse envergonhada, mas não me respondeu. Era sua forma turrona de me dizer que eu estava certo.

Ficamos em silêncio por alguns instantes, até que ela se manifestou:

— Você se lembra da promessa que fez a eles, não lembra?

Claro que eu me lembrava. Isso, aliás, não saíra da minha cabeça desde que recebi a notícia do acidente que matou os dois, tanto Júlio quanto Adriana.

— Foi uma conversa de bêbado, Priscila. Dificilmente alguém, em sã consciência, iria querer que sua única filha fosse criada por mim — falei, um pouco impaciente. A culpa não era da minha irmã, é claro, mas era ela quem estava puxando aquele assunto.

— Você, melhor do que eu, sabe que Júlio dificilmente ficava bêbado ao ponto de falar coisas sem sentido. Se ele te disse aquilo era o que queria dizer. — Por que diabos fui contar sobre tal conversa à minha irmã? Se não tivesse feito isso, nunca ninguém poderia me cobrar aquele tipo de coisa.

Mas talvez essa tivesse sido exatamente a minha intenção: ter alguém para me pressionar, caso fosse necessário; algo que nunca pensei que aconteceria, é claro. Se soubesse...

Se soubesse que meus amigos iriam, de fato, morrer, será que eu teria concordado com aquela ideia louca de Júlio de que eu seria um bom pai para Clara?

Pai... a palavra era pequena, mas chegava a pesar nos meus ombros.

— Isso não importa. Zélia nunca vai me deixar ficar com a menina. E, para ser sincero, ela, sem dúvidas vai ficar melhor com a avó.

— Você ficou louco? — Priscila elevou a voz ao ponto de fazer as várias pessoas que estavam ao nosso redor se voltarem na nossa direção. — Rique! Você viu o que ela fez com a pobre da Janaína. A garota não tem opinião própria, vive para agradar aquela velha nojenta. E o marido? Que deve ter morrido de desgosto? Aquela bebezinha não pode ficar naquele ambiente.

Minha mão se fechou em punho só de ouvi-la falar. Eu sabia que Priscila estava certa. Odiaria saber que Clara estava sendo criada para ser um espelho daquela família. Júlio detestaria isso também. Se eu permitisse que sua filha tão amada fosse criada por pessoas de quem ele tinha se afastado há anos, nunca me perdoaria.

De acordo com o que me dissera naquela noite, quando repetira, mais tarde, sobre sua ideia e me fizera prometer: ele voltaria para puxar o meu pé, caso eu não cumprisse com minha palavra.

E eu podia ter muitos defeitos, mas era, sim, um homem de palavra.

Só que... adotar um bebê?

Como eu iria criar aquela menina?

Meus pensamentos foram interrompidos pela chegada do sacerdote que iniciou a cerimônia de velório. Eu odiava aquele tipo de coisa. E sabia que Júlio odiava também. Sempre me disse que queria ser cremado ou, em brincadeiras mórbidas, que queria que eu apenas o jogasse em uma vala. Mas obviamente sua mãe esnobe preferiu criar uma cerimônia digna de um rei, mesmo para um filho com quem não falava há anos.

Segui o cortejo, carregando uma das alças do caixão de Adriana, e acompanhei toda a cena triste do fim.

Assim que tive a primeira oportunidade, afastei-me de Priscila e fui até Zélia, a mãe de Júlio. Apesar dos pesares, ela me considerava um bom exemplo para seu filho, embora eu também não tivesse seguido os negócios do meu pai, acabei prosperando em um ramo lucrativo e que me tornou um homem rico. Eu era CEO de uma grande empresa de publicidade brasileira. Tínhamos contrato com emissoras de TV, marcas muito grandes de todos os segmentos de negócios e prêmios recentes por propagandas que criamos, que eram exemplos de criatividade e talento. Minha equipe era extremamente profissional, e eu devia tudo a eles.

Segurando um lenço de seda nas mãos perfeitamente manicuradas, Zélia voltou os olhos na minha

direção, conforme eu me aproximava. Abriu um sorriso amarelo, que qualquer um poderia interpretar como o de uma mãe enlutada, mas eu sabia que não era apenas isso. Por mais que tolerasse a minha presença, eu ainda era um amigo de seu filho desgarrado, que sabia a verdade sobre o relacionamento deles, que ela tanto tentava esconder dos amigos ricos presentes no velório.

— Meus pêsames, Zélia — desejei muito sério, porque apesar de sentir muito, de verdade, pela morte de seu filho, não tinha qualquer empatia pela mulher.

— Obrigada, Henrique. É bom vê-lo — tentou soar simpática, mas eu sabia que estava apenas seguindo um protocolo de educação básica.

— Infelizmente as circunstâncias não são as melhores.

— Não, não são. Mas confesso que já estava preparada para isso. Júlio fez uma escolha. Poderia ser o dono de um império, mas preferiu viver uma vida medíocre.

Franzi o cenho sem entender.

— O que isso pode ter a ver com a morte dele?

— Um carro melhor, um motorista profissional, seguranças... ele teria tudo o que poderia querer.

— Ele tinha tudo o que queria, posso garantir.

Zélia me olhou com todo o seu desdém, e eu decidi que aquilo era uma discussão infundada. Com isso em mente, parti para o assunto que realmente me interessava.

— Onde está a Clara?

— Em minha casa, é óbvio. Contratei uma babá com referências incríveis para ela. A menina terá toda a assistência de que precisa. Finalmente poderei criar minha neta da forma correta.

— E qual seria essa forma?

Zélia abriu um sorriso petulante.

— Como uma Albuquerque Pinheiro merece ser criada.

— Ela não é Albuquerque Pinheiro. O nome é Clara Magalhães Pinheiro — quase vomitei as palavras, cheio de ódio. — Ainda assim, como ela merece ser criada?

— Como alguém que pode ter acesso a um futuro. Assim que tiver idade suficiente, irá para um colégio interno maravilhoso na Suíça, o mesmo que...

— Colégio interno? A menina tem oito meses de idade... Isso é ridículo.

— Não, isso se chama planejamento. Deve entender disso, já que tem uma empresa bem sucedida.

— Eu faço planejamento de gastos e de projetos, não da vida de um ser humano.

O sorriso de Zélia tornou-se mais sombrio.

— Que bom para você, rapaz, mas da minha neta cuido eu. Agora ela é minha.

A forma possessiva como falara da menina chegou a me fazer estremecer.

Abaixei minha cabeça, tentando manter a calma, respirando fundo, contando até dez e todas as técnicas de relaxamento que eu poderia conhecer, porque estava lidando com uma mulher e precisava ser respeitoso.

— Seu filho, meses antes de morrer, disse que desejava que eu ficasse com Clara, caso alguma coisa lhe acontecesse... — soltei. Nem sei de onde veio, porque nem sequer tive tempo de pensar com calma na possibilidade de levar a menina comigo, de *criar* uma criança, mas tudo o que eu sabia era que não poderia deixar a menina, a filha preciosa do meu melhor amigo, com aquela mulher.

— Meu filho tinha uma tendência a fazer escolhas estranhas. Você é um homem solteiro, bastante ocupado, até onde sei... como vai poder pegar a guarda de um bebê?

Ela estava certa.

Porra, ela estava *muito* certa.

Eu não tinha a menor estrutura para criar um bebê. Minha casa não estava pronta para recebê-la. Vivia completamente solitário. Minha agenda era cheia o suficiente para eu não ter tempo sequer de respirar. No final das contas, qual seria a diferença de deixá-la com uma avó fria para ter um tutor que mal conseguiria vê-la?

Esses foram os pensamentos que mantive em mente enquanto dirigia para casa, dando carona para Priscila, para deixá-la em seu apartamento, que dividia com a namorada.

— Você pensa demais, Rique — a voz de Priscila se manifestou ao meu lado, quase me fazendo sobressaltar. Havia uma névoa pesada de pensamentos cobrindo o meu cérebro, e eu planejava não ser tragado para fora dela, mas não poderia ignorar minha irmã.

— Do que está falando? Fiquei calado porque estou prestando atenção no caminho. Pretendo te levar em segurança para casa.

— Balela. Você é um exímio motorista. — Ela balançou a cabeça, o que pude ver de soslaio. — Seja como for, Rique... esse é o tipo de coisa na qual você não deveria nem pensar. A menina é importante para você, não é?

Demorei a responder, não porque não soubesse qual era a resposta ou porque tivesse dúvidas a respeito, mas porque qualquer palavra que usasse não seria suficiente. Desde que conheci a pequena Clara, ela começou a fazer parte da minha vida, cada dia mais. Era difícil passar uma

semana sequer sem vê-la, e, de alguma forma, criamos um vínculo. Eu a batizei, foi nos meus braços que ela ganhou seu nome oficialmente perante Deus, e, naquele momento, eu me senti responsável por ela de alguma forma, como se fosse capaz de fazer qualquer coisa para protegê-la.

— Ela é, mas isso não quer dizer que vou ser um bom pai.

Pai...

A palavra soou estranha dentro da minha cabeça.

Ao mesmo tempo... chegou a apertar meu coração.

Mas era uma ideia que eu não poderia alimentar. Como iria competir com alguém que tinha toda a estrutura necessária para receber uma criança e até um plano. Podia não ser o melhor de todos, mas, ainda assim, melhor do que não fazer a menor ideia sequer de como trocar uma fralda.

Jogado no sofá da sala, depois de chegar ao meu apartamento e tomar um banho, abri meu celular e rapidamente acessei uma foto de Clara que Adriana me enviara uns cinco dias antes do acidente. A neném estava gargalhando, com a boquinha aberta, com os poucos dentes que já tinha. Os enormes olhinhos estavam fechados, e as covinhas se destacavam em meio às bochechas adoráveis. Não pude conter um sorriso.

Eu *realmente* a amava.

O aparelho ainda estava na minha mão quando desatou a tocar. Na tela, um número desconhecido piscava. Eu não costumava atender ligações de desconhecidos, mas se a pessoa tinha meu número pessoal poderia ser importante.

— Henrique? Aqui é Janaína, irmã de Júlio — anunciou, depois de eu atender.

O que diabos ela poderia querer comigo? Cheguei a vê-la bem de longe no funeral, mas, fora isso, a última vez em que nos encontramos foi no batizado de Clara, mas trocamos poucas palavras cordiais.

— Sim, Janaína. Sinto muito pela perda. Não consegui falar com você no funeral, me desculpe — respondi com certa frieza, porque não éramos amigos. Nunca fomos. Ela nunca deu espaço para isso, aliás, embora, em algum momento, Júlio tivesse me dito que sentia alguma atração por mim. Se era verdade, nunca soube demonstrar, porque sempre pareceu bastante indiferente.

— Tudo bem, eu entendo — novamente o tom impassível, como se ela estivesse em uma ligação profissional. E talvez fosse realmente o caso, já que eu não fazia ideia de qualquer motivo pelo qual aquela mulher pudesse estar ligando para mim. Ao menos de negócios eu entendia muito bem. — Tem um tempo? Não vou demorar muito.

— Pode falar. Estou em casa. Vou tirar o resto do dia de folga. — O que era algo bastante incomum, porém, a situação também era.

— Claro. — Ela fez uma pausa e pigarreou. — Bem, Henrique, o motivo da minha ligação é que... minha mãe me contou por alto o que vocês dois conversaram, e eu queria te perguntar: você realmente tem interesse em adotar a Clara?

Era uma pergunta ainda mais inesperada do que sua ligação. Eu mal sabia como ela poderia ter o meu telefone, mas eles tinham recebido as coisas de Júlio, e eu sabia que meu amigo antiquado, além da agenda do celular, mantinha

também uma velha, de papel. Mas aquela pergunta? Eu não fazia ideia de onde teria surgido.

— Janaína, eu não sei aonde você está querendo chegar...

— Vou ser direta, então. Eu acho que você deveria tirar essa menina daqui. Falo por experiência própria, porque sei exatamente o que minha mãe vai tentar fazer com ela. Veja no que eu me tornei... — ela abaixou a voz para dizer a última frase.

— Não há nada de errado com a sua pessoa — falei mais por cordialidade do que por outra coisa. Eu sabia exatamente qual era a sua intenção.

— Sou íntegra e bem-sucedida, Henrique, mas acho que é o máximo que se pode falar de mim. Feliz? Realizada? Livre? Nada disso.

Cheguei a engolir em seco.

— Lamento — disse, com sinceridade.

— Não é necessário — ela voltou ao tom frio de antes. — Mas precisamos salvar essa menina.

— Janaína, eu não sei se sou uma alternativa tão boa. Eu não...

— Qualquer coisa é melhor do que ela ficar com a minha mãe.

Aquela frase chegou a me fazer estremecer. Mas antes que pudesse analisá-la com mais cautela, Janaína prosseguiu:

— Não sei se você sabe, mas o meu noivo é advogado. — Eu não sabia nada sobre ela, muito menos que tinha um noivo, embora a forma como falou sobre ele não demonstrasse nem um pouco de amor ou satisfação. — Conversei com ele sobre a situação, e ele disse que se

você quiser adotar uma criança, preferencialmente deveria ser casado.

Fiquei calado por alguns instantes, e ela também.

Adotar um bebê já era algo impensável. Eu não tinha estruturas para isso, não era uma pessoa afetuosa e não imaginava como poderia ser a vida de um pai solteiro com tantos afazeres quanto eu tinha. A criança acabaria sendo criada por uma babá ou tendo que passar muitas horas em colégios com período integral. Mas se eu pensasse com carinho, ainda poderia dar um jeito.

Só que... casamento? Isso era, sim, quase impossível.

Não havia ninguém sério na minha vida há... muito, muito tempo. Para ser sincero, eu destruí a última mulher que amei, mesmo indiretamente, então, fechei meu coração para tudo e todos, especialmente pela forma como aconteceu. Gostava de ter mulheres na minha cama, sempre que possível, mas nenhuma delas se tornava especial. Eram coisas de apenas uma noite, sem trocas de telefone, sem apego.

Eu dificilmente me apegava a alguém, porque todos os que eu amava, de alguma forma, acabavam se machucando. Júlio era mais uma evidência de que minha teoria estava certa.

Era quase como uma maldição.

Por isso... uma esposa estava fora de cogitação.

— Olha, Janaína, confesso que eu poderia até pensar em adotar Clara, por mais que não seja algo com o que eu concorde, porque eu não seria bom para ela. Mas me casar? É impossível. Não tenho nem namorada.

Ela pigarreou.

— Veja bem, Henrique... não estou falando de casamento por amor. Você sabe muito bem que na posição que ocupa seria bom para sua imagem ter uma esposa, mas, mais do que isso, uma mulher na relação facilitaria a adoção de Clara.

— Como assim você não está falando de casamento por amor? Seria um... casamento de conveniência? — quase cuspi a palavra.

— Bem... poderia ser um arranjo temporário. Você há de convir que um homem rico e com a sua aparência não teria dificuldades para encontrar uma candidata.

Não, eu não teria, obviamente. Só pelo meu dinheiro, eu sabia que haveria uma fila. Mas eu não queria uma interesseira perto de mim. Não queria alguém assim perto de *Clara*.

Então... não havia ninguém em vista. Nem perto disso.

— Infelizmente, isso está fora de cogitação — tentei ser categórico. — Por que você não se casa, já que tem um noivo, e adota a menina?

Eu a ouvi respirar fundo do outro lado da linha.

— Eu não sei se dou tão diferente da minha mãe. Como já disse... sou um caso perdido.

— Nem tanto, se está ousando ligar para mim.

— É o máximo que consigo fazer por essa menina.
— Ela fez uma pausa, e o resquício de emoção que senti em sua voz desapareceu. — Seja como for, eu tentei. Se mudar de ideia, pode entrar em contato comigo por este número.

— Não posso mudar de ideia, Janaína. Não haverá esposa.

— Que pena. Obrigada pela atenção, Henrique.
Tenha um bom dia.

E desligou.

Assim.... como se a conversa não tivesse sido a mais estranha possível.

Fosse como fosse, ela tinha enfiado uma porra de uma comichão dentro do meu estômago. Agora eu sentia como se o futuro daquela menina fosse responsabilidade minha.

Merda! Como eu iria parar de pensar nisso?



Mais um dia estava terminando. Ainda bem. Eles pareciam cada vez mais longos, mas eu não queria e não podia reclamar. Chegar em casa depois de meia-noite sempre foi meu objetivo, não foi? Trabalhar e estudar; poder fazer a minha faculdade era um presente – um sonho.

Só que eu não imaginava que fosse ser tão difícil.

Eu saía de casa todos os dias às seis para chegar à empresa pontualmente às oito, já que meu chefe, Henrique Monsores, o poderoso CEO da HM Comunicação, não era muito favorável a atrasos. E nem a sorrisos, aliás, já que trabalhávamos juntos há mais de um ano e ele dificilmente parecia alegre ou satisfeito. Não que fosse intolerável,

porque não era grosseiro, de forma alguma, e sabia elogiar quando o trabalho saía bem-feito, mas era exigente e... seco.

Mas um deleite de se olhar, embora fosse exatamente o tipo de coisa que eu não poderia observar.

Fosse como fosse, eu não poderia reclamar. O salário era bom, e eu estava atuando quase na minha área – publicidade. Tudo bem que eu era assistente da assistente dele e só fazia os trabalhos mais mecânicos, como atender e realizar ligações, xérox, digitalizações e tudo o que Thelma – a secretária oficial – não tinha tempo de fazer, porque Henrique lhe demandava demais, mas já era um começo. Quem sabe eu não fosse vista lá dentro e conseguisse um cargo mais legal quando me formasse?

Teria um longo caminho a percorrer, porque ainda estava no segundo período da faculdade, mesmo tendo vinte e três anos, mas antes tarde do que nunca.

Sentindo minhas pernas fracas de cansaço, abri a porta do apartamento que dividia com meu pai, e por um momento quase dei graças a Deus por estar em casa. Mas esse alívio só durou muito pouco, até eu sentir o cheiro de álcool que preenchia o ar.

O cheiro que me dava medo.

Tentei fazer o mínimo de barulho e passar para a cozinha, para abrir rapidamente a despensa e pegar qualquer coisa que eu pudesse comer dentro do meu quarto – onde pretendia me refugiar até o dia seguinte –, mas logo me deparei com a quantidade de garrafas de cerveja sobre a bancada. Rapidamente contei: seis. Uma quebrada dentro da pia, e muito provavelmente ele estava com outras. Se eu bem o conhecia, seria uma *daquelas* noites.

O cansaço rapidamente desapareceu do meu corpo dando lugar ao pavor. Senti meus ombros se retesarem, colocando-me em alerta para o que estava por vir.

Desisti de pegar qualquer coisa para comer. Estava com fome, mas poderia sobreviver a isso. Acho que ainda tinha uma barra de cereal dentro da minha bolsa, que serviria como jantar.

Minha meta era chegar ao meu quarto, trancar a porta e me ver em segurança.

Tirei meus sapatos, para fazer menos barulho, e fui pé ante pé, passando pelo corredor. Para chegar ao meu, eu tinha que passar pelo dele, então, o que me restava era torcer para que tivesse adormecido com a televisão ligada.

Só que eu não tinha tanta sorte assim...

— Poliana? — ele cuspiu o meu nome como se fosse algo amargo que ele tinha acabado de colocar na boca.

Congelei no mesmo lugar. O correto seria eu apressar os passos e me trancar no meu quarto enquanto ainda era tempo, mas simplesmente não consegui.

Quando meu corpo respondeu às ordens da minha mente, era tarde demais. Ele já tinha se levantado e já estava perto o suficiente para eu sentir ainda mais o cheiro do álcool que ingerira.

— Estou te chamando, garota... Não me ouviu?

Assim como o meu corpo, minha voz também não se manifestava. Tanto que fiquei calada, de costas para ele, porque era covarde demais para encará-lo e porque o pânico me consumia por inteiro.

A mão grande e pesada se fechou no meu braço, com força, girando-me para encará-lo.

— Não me ignore, Poliana! Onde você esteve até agora? — perguntou com uma voz que soava como um

trovão nos meus ouvidos.

— Na f-faculdade...

— Até meia-noite? Sua aula termina às dez que eu sei. Estava era vadiando, não estava?

— Não, pai! Hoje eu precisei ficar um pouco na biblioteca para fazer uma pesquisa e...

— Quem é que faz pesquisa em biblioteca hoje em dia? Tem Internet para isso... Acha que eu sou idiota? — vociferou, nem me deixando terminar de falar.

— Mas foi um pedido do professor. Além disso, a Carla não pôde me dar carona, então, eu tive que vir de ônibus. Demorou para passar e...

Fui novamente interrompida, mas desta vez por um tapa no rosto. Não foi dos mais fortes que já me deu, mas, unido ao cansaço, me deixou tonta.

— Odeio mentiras, Poliana. Quem é o cara? Já está abrindo as pernas? Virando uma puta como a sua mãe?

Não adiantaria explicar que eu não namorava mais. Antes eu vivia uma vida normal. Tive um único namorado sério, mas saí com outros rapazes, tinha muitos amigos e era feliz. Depois que minha mãe foi embora e que comecei a sofrer abusos dentro da minha própria casa, não me restava coragem. Como explicaria para um namorado os hematomas que constantemente apareciam na minha pele? Ou o fato de sempre estar machucada?

Como iria explicar que não poderia passar a noite fora de casa ou chegar mais tarde, mesmo tendo vinte e três anos, porque se fizesse isso correria o risco de ir parar no hospital?

Eram muitas explicações que eu *não* queria dar. Então, preferia simplesmente não me envolver com ninguém, ao menos até que pudesse sair de casa.

Enquanto ainda não podia fugir daquele inferno, precisava tentar sobreviver a ele.

— Pai, por favor... eu estava na faculdade, estou cansada, só quero dormir... — tentei argumentar, mas ele novamente agarrou meu braço e me lançou à parede, fazendo minha bolsa cair do meu ombro.

— Mentirosa! Vadia! Igual à mãe. Que castigo! Deve ser a mais mal falada da faculdade...

Engoli em seco, porque comecei a sentir náuseas pelo cheiro da bebida em seu hálito. Era triste pensar que, apesar de ser humilde, meu pai fora muito bonito quando mais jovem. Naquele homem à minha frente restara apenas uma sombra de seu passado.

— Pai, por favor... — supliquei novamente. Só queria que ele me soltasse para que eu pudesse entrar no meu quarto e trancar a porta.

— Se aparecer grávida nesta casa, juro que te mato. — Apertou ainda mais os dedos no meu braço, e eu sabia que iria ficar uma marca.

Eu deveria ficar calada. De verdade... Só que às vezes simplesmente não conseguia.

— Grávida? Só se for do Espírito Santo...

O tapa veio mais forte do que o primeiro. Não pela resposta em si, é óbvio, mas pelo desdém.

— Fale direito comigo, puta! Eu sou seu pai.

Pai. Aquela palavra deveria ser um xingamento para ele.

Nunca foi exatamente carinhoso comigo, mas nunca fora agressivo. Era presente, responsável e cuidava de mim quando necessário, só que eu jamais pensei que pudesse se tornar meu pior pesadelo.

Meu rosto latejava, e eu teria que me esforçar ainda mais na maquiagem no dia seguinte, se quisesse esconder

de todos a minha vergonha.

— Vá logo para o seu quarto. Não quero mais olhar nessa sua cara.

Não pensei duas vezes. Apenas me agachei para pegar a minha bolsa no chão e corri para o quarto, fechando-me lá dentro.

Apoiei minhas costas na porta, sentindo-me ofegante, e deslizei por ela, jogando-me no chão, aos prantos. Não queria chorar alto demais, porque não duvidava que ele acabasse arrumando um jeito de entrar para me mandar parar. Então, enterrei a cabeça no meio dos joelhos e me permiti desabafar. Odiava aquela fragilidade, mas simplesmente não conseguia ser mais forte.

Perdi a noção de quanto tempo passei ali, mas infelizmente senti vontade de ir ao banheiro. Fora uma hora em transporte público e, ao chegar em casa, não consegui fazer nada antes do embate.

Tentei segurar o máximo que pude, mas sabia que iria me fazer mal. E não havia uma suíte no meu quarto.

Levantei-me com dificuldade e vi a hora no relógio digital ao lado da minha cama: duas da manhã.

Esperava que ele já estivesse apagado.

Assim que abri a porta, com toda a cautela do mundo, ouvi seu ronco alto e pesado, o que me proporcionou uma sensação de alívio.

Ainda assim, decidi usar o banheiro que ficava na cozinha. Era bem menor, mais distante, mas eu não queria que o som da descarga ou da água da pia o acordassem.

Nem acendi a luz da cozinha, e esse foi o meu erro, porque não vi uma poça de cerveja que estava no chão e escorreguei, caindo de bunda sobre o líquido.

Precisei de alguns instantes, respirando fundo e sentindo meu quadril latejar, praguejando baixinho. Escorando-me na parede, consegui me colocar de pé e caminhar, mancando e morrendo de dor até o interruptor, onde acendi a luz. Já nem me importava se ele acordasse. A nova dor era tanta que a do rosto tinha até desaparecido.

Não havia nenhum caco de vidro à vista, o que me fazia acreditar que ele tinha apenas derramado a cerveja no chão e deixado por isso mesmo.

Claro, ele tinha a otária para limpar.

E por mais que eu quisesse muito deixar ali, fazer meu xixi e simplesmente ir dormir, sabia que o cheiro iria empestear a casa. Mais do que isso, eu saía cedo e não conseguiria tempo para fazer aquilo na manhã seguinte. Se meu pai visse o chão quando acordasse – já que ele pegava na oficina depois do almoço –, ainda sobrariam mais tapas para mim à noite.

Mesmo exausta, pulei a poça e fui ao banheiro, fazer o que tinha que fazer, e peguei pano de chão, rodo e um produto de limpeza. Exausta, sentindo uma dor lancinante e com o corpo fraco, esforcei-me para terminar o mais rápido possível.

Apesar de tudo isso ter acontecido porque decidi usar o banheirinho da cozinha, tive que enfrentar o social e tomar um banho. Depois coloquei minha roupa de molho dentro de um balde, porque o cheiro me impediria de deixá-la no cesto das sujas. Só então consegui me deitar. Quando olhei a hora, vi que eram quase quatro. Ou seja, eu teria, no máximo, duas horas de sono.

Isso, é claro, se conseguisse dormir, o que não aconteceu.

Fiquei deitada na cama, sentindo dor, sem posição, então, antes das seis me levantei.

A dor parecia ter piorado depois do descanso, e, quando me olhei no espelho, o hematoma no quadril estava bem feio. O do rosto estava lá também, e eu sabia que não conseguiria disfarçá-lo tão bem, mas o fato de realmente ter levado um tombo contribuiria para a mentira.

Não havia sequer chance de eu faltar naquele dia ou chegar mais tarde, porque Thelma, a assistente sênior de Henrique, estaria ausente em uma reunião externa, onde iria representá-lo. Ou seja, eu precisaria cobri-la, o que significava trabalhar direto com o chefe. Esperava apenas que ele não percebesse o meu estado deplorável.

Mas... novamente... eu não tinha tanta sorte assim.

Eram mais ou menos dez da manhã quando o telefone na minha mesa chamou, e eu atendi prontamente, reconhecendo o ramal 001, do *poderoso chefe*.

— Pois não, senhor? — atendi com a toda formalidade. Ele não costumava exigir esse tipo de coisa, mas ainda não conseguia imitar Thelma e chamá-lo de chefinho, principalmente porque ela já trabalhava com ele há uns cinco anos.

— Pode vir à minha sala, Poliana? — pediu, sempre muito educado.

— Claro.

Levantei-me da cadeira imediatamente, mas precisei parar por alguns segundos, sentindo a dor irradiar por toda a perna. Praguejei mentalmente e mais ainda quando precisei andar no salto alto até a sala de Henrique. Não havia exigências ferrenhas quanto ao nosso vestuário, principalmente por se tratar de uma agência de publicidade informal, mas meu chefe sempre estava de terno, então, eu

me sentia na obrigação de me vestir o máximo bem. Claro que não sobrava muito dinheiro para eu poder estar sempre embecada, mas uma calça social preta e uma blusa bonita, em um tom de rosa delicado, além de um scarpin preto – que era o único que eu tinha –, faziam seu papel.

Abri a porta e me deparei com ele do outro lado da mesa enorme de carvalho. Estava com a cabeça baixa, lendo alguns papéis, o que me deu alguns segundos para olhar para ele.

Era um homem impressionante, sem dúvidas. O típico CEO dos livros que costumamos ler, mas que juramos não existirem. Os cabelos castanhos eram usados curtos, em um corte moderno, e pareciam macios, se eu pudesse tocá-los, é claro. Havia uma barba muito bem aparada, que cobria seu rosto másculo, dando-lhe uma aparência ainda de mais homem. Era bem alto, passando de um metro e noventa, e tinha ombros bem largos. Sem o paletó, com as blusas mais claras, era possível ver que seus braços eram bem grandes, como se ele os esculpisse na academia. Mas além de tudo isso, o que mais me chamava a atenção eram os olhos muito azuis e levemente desamparados, que pareciam contar uma história, como se houvesse um coração partido dentro daquele peito largo.

Pigarreando, decidi chamar a sua atenção, já que ele parecia não perceber minha presença ali.

— Senhor?

Henrique ergueu os olhos lindos na minha direção, e eu tentei me controlar ao máximo para não voltar os meus na direção da boca rosada, entreaberta, porque não era apropriado.

Ele tinha belos lábios também. O pacote completo.

Tentei não me intimidar pela forma como ele olhava para mim. Era sempre assim, aliás. Desde que entrei na empresa, há quase um ano, Henrique evitava me observar, tanto que Thelma era nossa intermediária, e eu mal tinha contato com ele, a não ser o bom dia diário e uma ou outra coisa que precisava levar em sua sala. A impressão que eu tinha era que ele me evitava, mas sempre foi apenas uma impressão.

Não era a primeira vez que eu entrava em sua sala, é claro, mas ele normalmente apenas pedia que eu deixasse um documento ou me entregava alguma coisa, mal olhava nos meus olhos, e eu saía. Daquela vez ele realmente me olhou.

Em silêncio, vi seus olhos deslizarem pelo meu corpo, da cabeça aos pés, e ele respirou fundo. O que isso poderia querer dizer?

— Bom dia, Poliana.

— Bom dia, senhor — cumprimentei, mantendo-me próxima à porta, aguardando suas orientações.

— Como você sabe, a Thelma estará ausente hoje, então, vou precisar da sua ajuda. Estou redigindo um roteiro um pouco grande de uma peça publicitária que preciso entregar mais tarde, mas preciso que alguém revise. Conforme for escrevendo, vou imprimindo, e você pode fazer as correções para mim?

— Claro.

Ainda mais sem jeito do que eu, Henrique saiu de sua mesa, deu a volta e foi até a impressora. Pegou umas três folhas que já estavam na bandeja e veio até mim. Pela proximidade, me senti obrigada a baixar a cabeça para que ele não visse o hematoma. Só que ele viu.

— O que é isso no seu rosto? — perguntou, ainda de frente para mim.

— Não é nada — respondi, tentando não mentir, mas de forma totalmente inesperada ele levou a mão ao meu queixo.

— Com licença — pediu, com toda a sua educação, e ergueu meu rosto. Seu cenho se franziu, e ele analisou o hematoma que não consegui esconder com a maquiagem. Não totalmente. — O que foi isso? Alguém te... alguém te machucou? — perguntou muito sério.

— Não! — respondi rápido demais, sabendo que a mentira estava escrita na minha cara. Aquele tipo de marca, bem na maçã do rosto, deixava evidente a agressão. Só que eu iria tentar negar até o fim. A vergonha me impedia de falar a verdade, principalmente para o meu chefe. — Eu caí. Tinha uma poça na cozinha, e eu escorreguei. Estou com dor no quadril também.

— E machucou o rosto?

Engoli em seco, sabendo que mal conseguiria olhá-lo nos olhos enquanto mentia.

— Eu bati... no armário — minha voz soou quase inaudível, mas precisei me forçar a encará-lo, enquanto Henrique também me observava. — Não foi nada, senhor.

— Você está bem? — perguntou com aquela voz bonita e profunda, quase provocando arrepios na minha espinha. Continuava me analisando como nunca tinha feito antes, e sua mão grande pousou no meu ombro. Era intimidador, mas reconfortante. Uma mulher teria que ter muito sangue frio para não sentir vontade de se jogar nos braços de um homem como ele.

Mas obviamente não foi o que eu fiz.

— Estou, obrigada por perguntar. Podemos começar o trabalho.

Eu sorri, mas ele continuou me olhando, sem tirar a mão de mim. Como se saísse de um transe precisou de alguns instantes para se afastar, puxar a cadeira para mim, logo à frente da dele, em um sinal de cavalheirismo, e logo deu a volta, acomodando-se na dele.

Olhou com desaprovação quando me esforcei e fiz uma careta involuntária para me sentar, mas não comentou nada. Entregou-me uma caneta vermelha, com a qual eu deveria marcar os erros, e começamos a trabalhar em silêncio, com apenas o som das teclas do teclado do computador de Henrique servindo como nossa trilha sonora.

Foi uma tarefa longa, porque era um texto longo, mas não havia muitos erros. Conforme Henrique ia terminando uma página, ele a enviava para a impressão, e eu pegava o papel, já reiniciando as correções. Funcionamos bem juntos, e terminamos por volta de uma da tarde.

Quando meu estômago começou a dar sinais de fome foi que me lembrei que minha última refeição tinha sido neste mesmo horário, no dia anterior. Ou seja, eu estava há vinte e quatro horas sem comer.

Junto com essa constatação, veio a primeira onda de tontura no momento em que me levantei para pegar todas as páginas impressas e finalizadas na impressora. Enquanto aguardava o último papel ser liberado, precisei me apoiar à mesa, segurando a borda com força, antes que fosse ao chão. Era o cansaço, a fome e a cabeça cheia de preocupações, além da dor, mas eu precisava me manter firme.

Queria que Henrique não percebesse, mas ele parecia ter me seguido com os olhos, porque só precisei cambalear

uma única vez para que surgisse ao meu lado.

— Poliana, o que houve? — Henrique falou, mas a voz dele já soava distante, como se estivéssemos no fundo do mar.

Então eu simplesmente não aguentei mais ficar de pé. Não cheguei a perder a consciência, porque senti quando ele me amparou antes que eu caísse no chão.

Ouvi sua voz cálida chamando meu nome, mas eu estava sem forças o suficiente para não conseguir reagir.

Senti quando fui erguida do chão e levada até o sofá, e isso me encheu de vergonha. No momento em que fui pousada com cuidado sobre ele, abri os olhos, revelando que não estava completamente inconsciente.

— Me desculpa... — foi o que eu consegui sussurrar. — Eu não queria dar tanto trabalho... Eu...

— Calma, Poliana... não foi trabalho algum. Só estou preocupado.

— Comigo? — a voz soou mais frágil do que eu gostaria. Não havia muitas pessoas no mundo que se preocupassem comigo, e eu não esperava que exatamente o meu chefe, sempre tão sério e distante, fosse exercer esse papel.

— Nenhuma outra pessoa desmaiou na minha sala hoje, então... — Apesar de ter soado como uma brincadeira, não houve sorrisos. Ele não era o tipo de homem que fazia piadinhas.

— Sinto muito, eu... — Comecei a tentar me levantar, mas Henrique levou ambas as mãos aos meus ombros, forçando-me a deitar novamente. Do jeito que eu estava, fraca e vulnerável, e levando em consideração a facilidade com que ele me pegou no colo, eu não teria chances naquela briga, então, apenas me deitei normalmente,

esperando que se levantasse, já que estava literalmente ajoelhado no chão.

— Vou pegar um pouco de água para você.

Apenas assenti, fechando os olhos e levando a mão à cabeça. A tontura tinha melhorado, mas eu ainda me sentia levemente zozza.

Henrique retornou e me ajudou a beber. Minhas mãos estavam um pouco trêmulas, mas eu consegui me sentar e me manter assim, sem despencar novamente.

— Você comeu alguma coisa? — ele perguntou. Quis mentir, mas não consegui daquela vez.

— Não — resposta curta, porque não tinha como argumentar.

Henrique apenas balançou a cabeça, assentindo, e olhando para o nada, como se refletisse a respeito da minha falta de cuidado com minha alimentação. E olha que eu não tinha nem contado há quanto tempo estava de estômago vazio.

— Vá até a sua mesa e pegue a sua bolsa. Vou levá-la para almoçar.

— O quê? — Fiquei subitamente em alerta. — Não! Senhor, não precisa, por favor... — fui falando, mas Henrique já estava seguindo de volta até a mesa dele. Parou diante do computador, bloqueando-o, organizou alguns papéis e colocou o paletó. Tudo isso sem me dar atenção. — Senhor... — chamei novamente, já de pé, começando a me aproximar.

— Por favor, Poliana. Vamos comer alguma coisa e depois voltamos ao trabalho. É normal, já levei Thelma para almoçar também... Não há nada de mais nisso.

Sem argumentos, respirei fundo e só me restou aceitar.

Saí de sua sala, pronta para acatar sua ordem, mas com o coração afundando no peito.

Não estava certo... meu dia já tinha começado muito, muito mal.

CAPÍTULO TRÊS



Os olhos dela estavam focados no cardápio há alguns bons minutos, e eu tinha a impressão de que não era assim tão indecisa a respeito do que poderia comer. Ela não queria olhar para *mim*.

Eu conhecia Poliana há quase um ano, desde que ela fora contratada como assistente da minha assistente – algo como uma estagiária. Ou melhor... conhecer era uma palavra muito forte, levando em consideração que tínhamos apenas trocado palavras cordiais e profissionais em todo aquele tempo. Só que havia duas coisas muito óbvias a

respeito daquela garota: uma era que ela era linda, da forma mais feminina e delicada possível.

Então, se fosse justo, eu poderia dizer que também evitava olhar para ela, porque sabia que acabaria caindo em tentação.

A segunda é que era dedicada, esforçada, o que me fazia admirá-la ainda mais, embora soubesse muito pouco sobre sua vida.

Por esse motivo, ela me enchia de curiosidade. Quando menos esperava, me pegava observando-a, principalmente através do vidro da minha sala. Ela sorria como poucos. E algo me dizia que não tinha muitos motivos para isso. Eu sabia que estudava e saía bem tarde da faculdade, mas raramente se atrasava. Era competente, educada, gentil e todos na empresa gostavam dela. Thelma a adorava – e olha que fora difícil encontrar uma pessoa que se adequasse às exigências da minha funcionária.

Eu também dificilmente fazia perguntas a Thelma sobre ela, mas às vezes escapava alguma coisa. Pelo que entendia, a garota não tinha uma relação muito boa com o pai, por isso, aquele machucado em seu rosto me preocupou tanto. Ela tinha sido agredida, isso era mais do que claro, e eu não sabia como reagir a respeito.

Não sabia, porque se eu descobrisse que estava sendo machucada dentro da sua própria casa, não conseguiria ficar indiferente a isso. Era uma funcionária minha, e eu precisaria ajudá-la.

Exatamente da mesma forma como não consegui ficar indiferente ao fato de ela ter desmaiado nos meus braços, provavelmente de fome. Desde que entrou na minha sala, percebi que não estava bem. Não apenas pelo machucado, mas a palidez e os olhos vermelhos, muito cansados,

contavam-me muitas histórias que não pareciam nada agradáveis.

Ainda assim, eram lindos. Grandes, expressivos, em um tom de chocolate que era idêntico ao de seu cabelo liso e longo.

Aliás, aquele cabelo longo, pesado, volumoso, que caía até suas costas, era a minha perdição. Por que todas as mulheres não mantinham cabelos compridos como os dela? Tudo no que eu pensava era em enrolar meu punho nele, deixando seu lindo e longilíneo pescoço livre para...

Para o quê, Henrique? Que ideia absurda! Aquela garota não podia ter nada a ver com você. Era apenas sua funcionária.

— Já escolheu? — perguntei, tentando cortar o silêncio, antes que ele me obrigasse a continuar com aqueles pensamentos impróprios.

— Não, desculpa. Tudo parece ótimo, estou na dúvida.

— Posso fazer uma sugestão? — Ela assentiu. — O risoto de camarão, se você gosta de frutos do mar, é o melhor que já comi.

Ela sorriu, levemente desanimada. Não era como os sorrisos que a via abrir quando eu não estava por perto. Talvez o problema fosse comigo.

— Pode ser. Obrigada.

Com um meneio de cabeça, peguei o cardápio da mão dela e chamei o garçom. Quando este veio, fizemos os pedidos, e ela pediu um chá gelado, o que eu imitei.

E, obviamente, nos perdemos em um silêncio desconfortável.

Poliana deixou seus olhos caírem sobre suas mãos, que estavam entrelaçadas sobre a mesa, e ela as esfregava

uma na outra, inquieta, como se quisesse muito escapar a qualquer momento.

Eu precisava iniciar algum assunto. Qualquer um, porque aquilo estava me matando.

Assim que o garçom terminou de servir nossas bebidas, iniciei:

— Thelma me disse que você estuda publicidade... — joguei, esperando que se tornasse um diálogo. Como foi minha assistente que analisou seu currículo, eu poderia não saber. Além disso, não fora um requisito para a contratação. — Em que período está?

— No segundo ainda. Foi muita sorte conseguir o emprego na HM bem no início do curso — ela disse, e seu rosto pálido se iluminou um pouco.

— Você é competente. Thelma não teria te contratado se não tivesse gostado de sua entrevista. Além do mais, até onde eu sei, você já tinha trabalhado em uma agência, não é?

— Sim... — Ela deu uma golada no chá. — Mas como recepcionista. Só que foi lá que peguei gosto pela publicidade. Sempre ajudei com algumas ideias, e eles usaram várias.

— E te deram os créditos?

Novamente parecendo envergonhada, ela negou com a cabeça.

— Mas não tem problema... Valeu como experiência.

— Se você pensa assim... — Fiz uma pausa e a imitei, dando uma golada na bebida também, sentindo-a descer gelada pela minha garganta de forma bem-vinda. — Quais são seus planos para depois que terminar a faculdade? — Era uma conversa bem enfadonha, mas segura. Eu não tinha assuntos com Poliana e nem poderia ter. Manter o

diálogo focado no trabalho me ajudaria a não perder a cabeça.

— Primeiro eu preciso, *de fato*, terminá-la — respondeu com certa ênfase.

— Por quê? Acha que não vai conseguir?

Ela deu de ombros.

— São muitos fatores. Confesso que não estou com muito tempo para estudar. Chego muito tarde e ainda cuido da casa.

— Você tem família? — Eu sabia a resposta, mas insisti na pergunta mesmo assim. Queria ver sua reação e foi exatamente a que eu esperei: ela se encolheu.

— Sou só eu e meu pai.

O filho da puta que a agredia – eu tinha certeza disso.

Queria perguntar mais coisas, tentar desvendar se estava mesmo sofrendo maus tratos, mas não tinha coragem de fazê-la reviver o que pareciam péssimas memórias... Então, decidi voltar ao assunto “business” só para que ela perdesse aquela expressão amedrontada.

— E sonhos? Você tem?

Ela ergueu os olhos enormes para mim, levemente surpresos, como se fosse muito chocante que eu quisesse saber sobre seus sonhos. Ainda assim, decidiu falar.

— Tenho, mas além do sonho de me formar e de ascender na carreira, alguns outros são muito tolos.

— Sonhos nunca são tolos. Se eles existem é porque fazem algum sentido.

Ela assentiu, concordando.

— Eu queria escrever. Sempre gostei, desde pequena. Acho que herdei da minha mãe. Ela gostava de ler.

— E que tipo de coisas você gostaria de escrever? — perguntei, verdadeiramente interessado.

— Roteiros. Foi para isso que entrei para a publicidade, porque essa é a parte que me encanta. Não sei se sou boa e confesso que sou um pouco insegura.

— Você tem uma boa gramática. Corrigiu coisas bem relevantes no meu texto hoje. — Percebi quando engoliu em seco, e eu senti que tinha algo a dizer. Para a sua sorte, fomos interrompidos pela chegada do garçom, que serviu nossos pratos. Deixei que desse algumas garfadas, porque precisava comer, mas não pretendia permitir que escapasse sem me explicar o motivo de sua hesitação. — Quer me falar algo? — perguntei.

Poliana ergueu novamente os olhos para mim, confusa, mas não pareceu demorar a compreender qual era o motivo da minha pergunta. Corando, levou o guardanapo de papel à boca, com movimentos graciosos que me faziam entender que ela podia ser de origem humilde, mas tinha educação.

— Não me leve a mal, senhor, porque eu gostei muito do que li, mas na cena da mãe com o bebê, onde ela comenta com a amiga que tem um bom marido porque ele a ajuda com o filho... Isso é um pouco machista.

Remexi-me na cadeira, analisando-a.

— Como assim?

— Pais não ajudam. É obrigação deles, também, cuidar dos filhos. Isso não o torna um bom marido.

Fiquei olhando para ela, em um tom indagador, analisando o que tinha acabado de dizer.

Que imbecil eu era!

— Você está certa. Nem percebi quando escrevi.

— Não se culpe. É comum. Sei que não tinha a intenção de soar machista.

Claro que não tinha. De machista já bastava o meu pai.

— Obrigado, Poliana. Eu nunca iria perceber.

Ela abriu um sorriso – o primeiro genuíno daquela manhã. Um que me dava vontade de sorrir também, mas não me atrevi.

— É o meu trabalho — ela respondeu, humilde, e voltou a comer.

O resto da refeição foi feita praticamente em silêncio, com alguns comentários a respeito do restaurante ou sobre uma notícia que passava na televisão... apenas amenidades. Eu, definitivamente, não era uma pessoa muito falante, e ela parecia não se sentir à vontade comigo o suficiente para se soltar.

Quando terminamos, paguei a conta, o que a deixou levemente constrangida, e levantei-me rapidamente para puxar a cadeira para ela, conseguindo surpreendê-la. Assim que se preparou para dar o primeiro passo, soltou um gemido de dor e cambaleou, o que me obrigou a segurar seu cotovelo para firmá-la.

Em apenas um dia, eu já tinha tocado em Poliana mais vezes do que em todo o primeiro ano em que a conhecia.

E eu *queria* tocá-la. Quis desde o primeiro momento. Mas não nessas circunstâncias.

— Você ainda está com dor? — perguntei, ainda segurando-a.

— Estou bem. Não é nada.

Pensei um pouco.

— Deixou alguma coisa na empresa que precise com urgência?

— Não... mas...

— Me diga onde mora que vou te levar em casa.

Poliana arregalou os olhos.

— O quê? Não... senhor... não, por favor. Thelma não está na empresa hoje, eu não posso...

Ergui uma sobrancelha.

— Até onde eu sei, sou seu chefe. Estou te dando o resto da tarde de folga. Não haverá problema. O trabalho no qual eu precisava que me ajudasse já está pronto, depois terei uma reunião, uma conferência, e não vou precisar mais de seus serviços. — Não queria que ela se sentisse preterida, mas não era exatamente bom em dar explicações simpáticas.

— Senhor...

— Ah, e, por favor, pare de me chamar de senhor. Pode me chamar de Henrique.

Ela engoliu em seco, ainda exasperada.

— Seja como for, não posso abusar desse jeito. Preciso do emprego — ela quase implorou, e meu coração chegou a apertar dentro do peito. O desespero em seus lindos olhos era visível, e eu odiava cada segundo.

— Não vai perdê-lo. — Fiz uma pausa quando percebi que isso não parecia convencê-la. — É uma boa funcionária, Poliana, não tenho reclamações a fazer. Está machucada e precisa de descanso. Se aceita um conselho, deveria faltar à faculdade também. Não tem condições de pegar transporte público nestas condições.

Ela abaixou a cabeça, parecendo dar-se por vencida.

— Tudo bem, senhor, mas posso pegar um Uber. Não precisa...

— Meu nome é Henrique. E, além do mais, tenho algum tempo antes da reunião. Prefiro levá-la. — Esperava que ela não me perguntasse o porquê de eu estar tão disposto a fazer aquela gentileza, porque eu não saberia como explicar. Só queria...

Para ser sincero, eu queria dar uma olhada em onde ela morava, se possível encontrar aquele pai, embora

imaginasse que ele poderia estar trabalhando, já que passava das duas.

Felizmente, Poliana não continuou com suas objeções e acabou aceitando a carona.

O trajeto foi praticamente todo feito em silêncio, mas não a pressionei. Porém não consegui não olhar para ela em alguns momentos, principalmente quando ficou olhando para a praia, encantada, chegando a deixar escapar um sorriso.

Queria fazer perguntas, saber mais sobre ela, mas já tínhamos conversado o suficiente por um dia, levando em consideração o quanto tínhamos nos falado durante o ano, e, quando chegamos, ela mal esperou que eu abrisse a porta e foi saltando. Quando me viu fora do carro, pareceu novamente surpresa.

— Obrigada pela carona. — Fez uma pausa. — Ou melhor... obrigada por tudo. Por cuidar de mim na sua sala, por me levar para almoçar... De verdade. Até amanhã.

Ainda mancando, ela se virou para entrar no prédio, quase fugida, mas fui atrás dela, adiantando-me — aproveitando que estava andando bem lentamente —, abrindo o portão depois de ouvir o som dele sendo destrancado.

— Você não precisa...

— Ah... você! — tentei soar bem humorado, embora não fosse minha especialidade. — Estamos evoluindo. Melhor do que senhor. — Fiz uma pausa. — Vou levá-la ao seu apartamento, porque sei que está andando com dificuldade. Posso ajudar.

— Por favor, eu não acho uma boa ideia. — Havia um desespero grande em seus olhos, o que me deixou ainda mais determinado em descobrir o que tanto a assustava.

— Eu insisto.

Sabia que ela não poderia negar a minha ajuda, principalmente porque estava mesmo mancando ainda mais do que antes.

Enquanto entrávamos, mesmo a contragosto dela, comentei:

— Não seria melhor ir ao hospital?

— Não precisa. Amanhã estarei melhor.

Eu esperava que sim. Só queria deixá-la em casa, em segurança, e, se o pai estivesse lá, dar uma olhada nele e, quem sabe, uma intimidada.

Subimos no elevador e saímos em um corredor bem mal iluminado. Todo o local onde ela morava não era exatamente muito seguro. O bairro, a rua, o prédio... Imaginava como não deveria ser perigoso à noite, quando saía tarde da faculdade.

Chegamos à sua porta, que ela abriu, virando-se para mim.

— Obrigada, já estou aqui, segura, você pode... — Antes que pudesse terminar de falar, ouvi um som de porta batendo na parede e passos. Poliana, de frente para mim, rapidamente ficou tensa, e seus ombros se ergueram em uma atitude defensiva.

— Poliana? O que está fazendo em casa tão... — uma voz de homem trovejou, um pouco embolada, o que me dizia que não estava completamente sóbrio. Poliana fechou os olhos, parecendo ainda mais amedrontada, e eu senti meu sangue esquentar. Estava mais do que óbvio que ela realmente fora agredida.

O homem parou à nossa frente, diante da porta, e eu me adiantei, sabendo que Poliana não iria sequer se mover.

— Boa tarde, senhor. Sou o chefe da Poliana. Decidi trazê-la em casa, porque ela passou mal no escritório hoje. Desmaiou e está machucada.

Ele franziu o cenho e me olhou como se eu fosse a escória.

A escória era *e/e*.

— Hum — ele resmungou. Então lançou um olhar para Poliana que seria suficiente para que eu a arrancasse dali e a levasse para um lugar seguro.

Eu já tinha presenciado uma cena de violência que nunca esqueci e não tinha a menor intenção de permitir que acontecesse novamente debaixo do meu nariz.

— E o chefe dela, que é o dono daquela porra toda, decidiu trazê-la em casa? — Ele olhou para a filha novamente com desdém e abriu um sorriso cheio de malícia, o que me enojou. — Sei... entendo. — Mais um resmungo. — Não me espere para jantar, Poliana. Vou sair.

— Pai, você não foi trabalhar de novo? — ela perguntou em um impulso, olhando para mim em seguida como se pedisse desculpas por estar falando aquele tipo de coisa na minha frente.

— Virou cartão de ponto para controlar a minha vida? Não estava passando bem. Você voltou para casa mais cedo, né? Só que eu não tenho a sorte de ser bonitinho assim para o meu chefe querer me dar carona. — Andando até a porta, que ainda estava aberta, o homem saiu, deixando-me sozinho com sua filha.

Voltei meu olhar para Poliana e a vi com os olhos marejados.

Merda! Aquela garota obviamente não tinha uma vida fácil. O próprio pai acabara de sugerir que estava tendo um caso comigo.

Por alguns instantes ela pareceu nem se lembrar de que eu estava ali, porque voltou os olhos para o chão e os fechou bem apertados.

Não queria interromper seu momento, mas precisei falar:

— Você quer que eu te leve para algum outro lugar? — ofereci, mas ela ergueu os olhos para mim. Pensei que iria inventar qualquer coisa, defender o pai ou tentar mascarar a verdade, mas simplesmente disse:

— Não tenho para onde ir.

Ah, droga!

Ela parecia tão desamparada, tão vulnerável... Eu deveria tentar ajudá-la. Deveria oferecer algum dinheiro para que passasse aquela noite em um lugar seguro.

Mas antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ela se adiantou:

— Senhor, obrigada pela carona mais uma vez, mas vou ficar bem.

— Voltamos ao senhor? — era uma besteira dizer algo assim, mas simplesmente saiu.

— Sim, é melhor — ela falou categórica. Era um claro sinal, assim como seu semblante sério, de que era a minha hora de sair dali e deixá-la em paz.

Antes, porém, peguei um cartão no bolso do meu paletó e deixei com ela.

— Este aqui é o meu número pessoal. Só Thelma e meus amigos têm acesso a ele. Quero que salve em seu celular. Se precisar de alguma coisa, por favor, não hesite em me chamar.

Hesitante, ela pegou o cartão e assentiu.

Com isso, acompanhou-me até a porta, e fui embora, sabendo que ela não iria ligar nem se precisasse e que eu

não conseguiria tirar aquelas expressões amedrontadas da minha cabeça.

CAPÍTULO QUATRO



Este era o motivo pelo qual eu nunca tinha tentado me aproximar daquela garota: sabia que na primeira oportunidade, quando fizesse isso, ela se tornaria uma obsessão. Sempre jurei que havia algo de muito fascinante em sua inocência, em seu olhar vulnerável, isso sem contar o quanto ela era agradável de se olhar. Só que saber que estava em apuros, que vivia uma vida de merda, com alguém que a machucava, tornava tudo ainda pior.

Passei o dia anterior inteiro pensando nela, quase esperando que me ligasse a qualquer momento para pedir

ajuda. Deixá-la naquela casa, com aquele homem grosseiro e violento, não foi a coisa mais fácil que pude fazer, então, quase torci para que confiasse em mim o suficiente. Só que ela não tinha nenhum motivo para isso.

Apareceu para trabalhar no dia seguinte normalmente, e eu decidi que a melhor estratégia era tratá-la como se nada tivesse acontecido, porque ela também pareceu fazer isso. Quando cheguei, já estava em sua mesa e apenas me deu o “Bom dia, senhor” de sempre, mas não ergueu seus olhos na minha direção, como se quisesse evitá-los.

O que diabos eu tinha feito de errado?

Tentando não pensar muito nisso, fui até a minha sala e me acomodei em minha cadeira. Thelma ainda não havia chegado, então, decidi acessar a minha agenda sozinho, constatando que estava com a manhã livre, mas que teria um almoço com um cliente interessado em fechar mais uma campanha conosco. Algo grande e que me tomaria um bom tempo, especialmente porque, por mais que eu tivesse uma equipe competente, ele sempre exigia que fosse eu a ser a cabeça pensante dos projetos. E o dinheiro que pagava valia o meu tempo.

Como odiava ter tempo ocioso, abri meu e-mail, com a intenção de colocá-lo em dia, respondendo a algumas mensagens atrasadas e encontrei um de uma ex-colega de faculdade que eu sabia que tinha largado a carreira de publicidade para se dedicar ao direito, que fora sua segunda formação. Seu pai era um advogado renomado, e ela achou mais simples seguir os passos dele, usando o sobrenome poderoso no meio para também obter sucesso. Peguei um bloco de papel e uma caneta, anotando seu telefone, sem nem pensar no que fazia.

Obviamente, a intenção era sondar a respeito de Clara.

Eu tinha bons advogados na empresa, mas, por algum motivo, não queria que soubessem da minha situação. Nunca gostei de misturar as coisas e sempre fui excessivamente discreto com as pessoas que trabalhavam comigo. Ou melhor... com todo mundo. Mas dentro da empresa, principalmente por eu ser o CEO, tinha mais e mais cuidado, porque não queria ser mal interpretado ou ter algum ato confundido.

Exatamente por isso, minhas atitudes para com Poliana no dia anterior eram tão estranhas para mim. E para ela também, provavelmente.

Mas foi só pensar naquela garota novamente que comecei a me sentir inquieto.

Inconscientemente me vi pegando o telefone e discando o ramal dela. Levou apenas alguns segundos para atender, e eu podia vê-la pelo vidro da sala. A hesitação ao ver quem chamava. A mão que parou antes de tirar o fone do gancho. A cabeça baixa.

— Pois não, senhor?

O tom formal chegou a remexer minhas entranhas. Mas o que eu esperava? Depois de um almoço desconfortável e uma carona, ela não tinha se tornado minha amiga. Continuava sendo minha funcionária, apenas isso.

— Como está hoje? — perguntei, tentando usar do tom frio e impassível de sempre, sabendo que a escolha de manter nossa relação estritamente profissional era a melhor.

Não importava o quanto ela me atraía ou o quanto eu tinha vontade de conhecê-la melhor.

— Melhor, senhor, obrigada — ela respondeu da mesma forma, sem nenhuma emoção na voz, como se falar comigo fosse uma obrigação. Fiquei calado por um tempo, sem saber o que dizer, mas com a certeza de que queria

continuar a conversa, nem que fosse para ouvir a voz dela.
— Precisa de alguma coisa? — perguntou.

Não, eu não precisava. Não havia nada que ela pudesse fazer para mim, mas, por algum motivo, senti necessidade de chamá-la à minha sala, porque queria ver se ainda estava mancando, queria ver se tinha sido machucada de novo... E queria tê-la por perto.

— Pode vir à minha sala, por favor?

— Claro.

Desligamos, e eu aguardei, enquanto buscava qualquer coisa que pudesse transformar em uma tarefa para ela. Ao ouvir a porta da minha sala se abrir depois de algumas batidas suaves, agarrei o papel onde anotei o telefone de Leandra, a tal advogada que estudara comigo, sem nem perceber o que fazia.

Mas... bem... poderia ser uma boa opção colocar Poliana naquela situação. Ela era discreta – bem mais do que Thelma, aliás – e me daria motivos para tê-la por perto.

— Posso entrar, senhor? — perguntou, com a cabeça enfiada pela fresta da porta.

— Sim, por favor.

Com toda a sua graciosidade, Poliana entrou, fechou a porta e veio andando em minha direção. Naquele dia ela estava usando um vestido preto comportado, sem decote, mas que caía por seu corpo delineando-o perfeitamente. Quadris arredondados, cintura finíssima, seios pequenos. Não era baixinha, mas também não era extremamente alta – não chegava a um metro e setenta, provavelmente, e eu passava de um e noventa.

O que me matava naquela mulher eram os cabelos. Ela sempre os usava soltos, caindo pelas costas. Daquela vez havia uma presilha dourada prendendo-os de um lado,

deixando-a com uma aparência tão delicada que chegava a ser covardia.

Veio andando em direção à minha mesa dando a impressão de estar um pouco menos machucada. Ótimo. O hematoma do rosto também estava menos evidente, e ela não parecia ter ferimentos novos.

Para disfarçar, peguei o telefone de Leandra e o estendi a ela.

— Preciso de um favor, Poliana, mas preciso que seja extremamente discreta.

— Claro — ela respondeu, pegando o papel.

— Marque uma reunião com a Dr. Leandra para quando ela puder — apontei para a anotação que ela tinha em mãos —, mas peça que seja com urgência. Avise que estou com um problema e que preciso de uma orientação.

— Sim, senhor — Poliana afirmou com convicção e profissionalismo, e, mesmo sem saber, acabou passando em um teste. Não fez perguntas. Thelma, pela intimidade que tínhamos, teria me pressionado a contar a história toda, e eu não estava disposto a isso.

Ela continuou parada na minha frente, esperando uma dispensa, que não consegui lhe dar em um primeiro momento. Como um idiota, fiquei olhando para ela, tentando encontrar mais alguma coisa para dizer, mas não havia nada de relevante, então, tive que apelar.

— Você está mesmo bem? — indaguei, sabendo que estava sendo inconveniente.

— Estou. Sem dores. Tomei café da manhã, então, sem desmaios — foi uma tentativa de brincadeira, então, apenas lhe dei um meneio de cabeça, mesmo diante de um sorriso, embora não fosse o mais radiante que já tinha visto em seu rosto.

Aliás, seus mais lindos sorrisos não me pertenciam. Ela nunca sorria daquela forma para mim.

E por que deveria?

— Bom. Fico feliz.

Ela também balançou a cabeça, e eu me dei conta de que estávamos perdidos em uma comunicação muito desconfortável e bagunçada. Antes que a coisa se tornasse ainda pior, decidi que era hora de deixá-la sair.

— Pode se retirar, Poliana. Obrigado.

— De nada, senhor.

Com pressa, ela realmente saiu, como se quisesse fugir de perto de mim o mais rápido possível. Como se eu fosse contagioso.

Telefonou-me novamente alguns minutos depois, informando que conseguira marcar um almoço com a Dr. Leandra para o dia seguinte.

Por mais que eu estivesse satisfeito com isso, tornava a ideia de lutar por Clara ainda mais real, embora fosse apenas um almoço com uma colega, que poderia me passar algumas informações importantes, caso eu decidisse mesmo tentar adotar a menina.

Meu Deus... eu estava mesmo pensando naquele absurdo?

Eu devia ser muito louco.

Vi quando Thelma chegou e logo a chamei à minha sala para discutirmos sobre as tarefas do dia. À tarde, depois do almoço com o cliente, eu teria uma reunião interna sobre orçamento para outro projeto, e ela me ajudara a preparar a planilha, então, precisávamos rever os slides, o que tomou algumas horas daquela manhã.

Quando dei por mim, já era quase meio-dia. O almoço estava marcado para uma hora, mas meu cliente me

encontraria em um restaurante que ficava a uma quadra do prédio da empresa, então, ainda teria tempo.

Um tempo que eu não queria ter, porque sabia que acabaria falando o que não devia.

Especialmente quando vi Poliana se levantando e colocando sua jaqueta para ir almoçar, já que era seu horário de praxe.

Fiquei um pouco perdido observando-a, estudando seus movimentos, até que Thelma chamou a minha atenção.

— Chefinho... — ela chamou, do jeito debochado de sempre. — Volta para a terra um pouquinho. Posso enviar a pauta para o pessoal? Está tudo pronto?

Dirigi meus olhos para ela, saindo do transe.

— Claro. — Thelma já ia se levantando, mas, mesmo sabendo que iria me arrepender, falei: — Posso te fazer uma pergunta? Sem você pensar que há segundas intenções no meio?

— Hum... interessante! — Ela arregalou seus olhos amendoados e se remexeu na cadeira, pronta para me ouvir. — Vá em frente.

— Sobre Poliana... Você sabe alguma coisa sobre o pai dela?

— Pensei que já tinha te dito. Ele é um bêbado abusado que explora a pobre da menina.

— Sim... mas você sabe se ele a agride? — Eu já sabia, sem sombra de dúvidas, mas queria a confirmação. Para quê? Não fazia ideia, mas não queria ficar julgando uma pessoa sem provas.

Thelma franziu o cenho. Ela tirou o óculo de oncinha que contrastava com sua pele negra e o pousou sobre a mesa.

— Olha, chefinho, eu não quero ser fofoqueira, mas... tenho minhas suspeitas a respeito disso. Ela já chegou

machucada aqui mais de uma vez, mas sempre alega ser desastrada. Típica desculpa de mulher agredida. — Balancei a cabeça, concordando. — O que eu sei é que ela não faz nada, coitadinha. É do trabalho para a faculdade, da faculdade para casa. Estuda quando pode, mas sempre tira boas notas.

— Namorado? — a pergunta escapou sem que eu conseguisse freá-la.

Thelma sorriu maliciosamente.

— Não. O que é um desperdício, né? A garota é bonita de doer os olhos.

Ela era. Mas este foi um comentário que não fiz.

Minha funcionária e amiga me conhecia muito bem. Então, eu sabia que não conseguiria esconder o interesse em Poliana. Só que como era apenas uma atração passageira, decidi não fazer muito alarde.

— Não quero uma mulher que trabalha para mim sofrendo esse tipo de coisa. Se puder descobrir com certeza se é o caso, acho que podemos tentar ajudá-la.

— Claro, chefinho. Vai ser um prazer. — Só que ela ainda sorria daquela forma maliciosa, como se soubesse de coisas que eu não sabia.

Merda... eu estava começando a me complicar cada vez mais.



Chequei meu relógio pela quinta vez. Eu odiava atrasos, mas não poderia exigir pontualidade de Leandra, principalmente porque a conhecia muito bem.

Intimamente, na verdade, mas isso não vinha ao caso, principalmente porque não a via há uns dois anos.

Quando ela chegou, era inegável que chamava a atenção de qualquer um ao redor. Alta, loura, com as pernas infinitas, uma roupa impecável, cabelos presos em um coque perfeito e os olhos azuis tão claros que era possível enxergá-los de longe. O andar confiante, o sorriso

ao me ver... tudo poderia ser um afrodisíaco, mas meu interesse nela, daquela vez, era profissional.

— Quem é vivo sempre aparece, não é mesmo? — ela brincou, insinuante, inclinando-se para me dar um beijo no rosto quando me levantei para recebê-la.

— Obrigado por atender ao meu pedido tão prontamente — afirmei, ainda muito sério, tentando fazer com que ela entendesse desde o início que não haveria segundas intenções em nosso encontro.

— Temos que estar a postos para os amigos. Sua secretária me disse que era urgente — ela falou, enquanto se acomodava, conforme eu puxava a cadeira para que se sentasse.

— Receio que sim. — Acomodei-me também. — Só que antes de começarmos a conversar, preciso pedir que seja discreta a respeito desse assunto. É uma situação delicada.

— Pelo amor de Deus, Henrique! Eu sou uma advogada. Confidencialidade é uma obrigação minha.

— Bom. É o que preciso. — Paramos de falar quando o garçom surgiu e fizemos nossos pedidos. Assim que nos vimos sozinhos, recomecei: — Um grande amigo meu faleceu há alguns dias e deixou uma filha de meses. Ela é minha afilhada.

— Ah, que bonitinho! Mas não consigo imaginar o frio e calculista Henrique Monsores com uma bebezinha no colo. Deve ser uma imagem adorável — ela comentou em um tom levemente irônico. — Lamento pela morte do seu amigo, no entanto.

— Obrigado. O que acontece é que este amigo comentou comigo, antes de morrer, sobre um desejo de que gostaria que eu adotasse a menina caso algo viesse a

acontecer com ele e a esposa. E aconteceu. — Ela ergueu as sobrancelhas, surpresa.

— Adotar? Um bebê? — Leandra quase cuspiu as palavras, chocada cada vez mais.

— Ainda não é uma certeza, estou apenas pensando e sondando. — Fiz uma pausa, aproveitando que nossas bebidas estavam sendo servidas. Leandra deu uma golada bem grande em sua soda. — O fato é que tem a avó no meio, mãe desse meu amigo. Ela é viúva, mas administra as empresas do marido, tem um império... mas é fria como gelo. Exatamente por isso Júlio não queria que a menina fosse criada por ela.

— Hum... fria como gelo? Não que seja muito diferente de você. — Ela sorriu de canto, provocadora. Sempre foi boa nisso.

— Ela quer enviar a menina para um internato.

— Você não disse que ela tem meses de vida?

— Exatamente. Só que, pelo visto, a avó tem planos bem formados para a criança.

— Que horror! — Ela bebeu mais um pouco. — Bem, Henrique... o que você precisa de mim?

— Gostaria de saber se... *caso eu decida realmente entrar nessa briga...* tenho chances? — tentei me manter o máximo indiferente possível para não demonstrar o quanto isso poderia se tornar importante para mim.

Ela respirou fundo, parecendo séria demais para o meu gosto.

— Não é uma coisa simples, Henrique. Você não tem vínculo com a menor. A avó tem condições financeiras e é parente direta.

— Mas existe uma chance?

— Bem difícil. — Ela se remexeu na cadeira. — Você tem algum documento que prove que seu amigo queria que você se tornasse tutor da criança? Um e-mail, que seja. Não que seja muito relevante, mas poderia nos dar uma esperança bem remota.

— Não, ele me disse isso em uma conversa.

— Alguma testemunha? — Balancei a cabeça em negativa. — Veja bem... não importa que você ache que essa avó irá tomar decisões erradas, um juiz não verá dessa forma. Para a justiça, ela estar prezando pela educação da neta é uma virtude. Você pode estar prestes a entrar em uma batalha complicada, e provavelmente não vai vencer.

Eu já sabia disso desde o início, mas, naqueles dias, o meu desejo de tomar uma decisão com o coração começava a se tornar maior.

Tanto que tive que entrar no assunto que não queria mencionar.

— Você acha que se eu fosse casado eu teria mais chances? — joguei a pergunta como uma bomba, e funcionou, porque Leandra arregalou os olhos mais uma vez.

— É uma possibilidade? Há uma candidata?

— Não. Foi um pensamento apenas. Uma hipótese.

Ela riu.

— Não é uma certeza, mas poderia ajudar um pouco, especialmente porque você tem uma vida atribulada. Como iria criar uma criança se mal tem tempo para uma namorada? — brincou, dando uma alfinetada. Ela não chegou a ser minha namorada, nós apenas saímos algumas vezes, mas sabia o quanto eu era avesso a compromissos, só não conhecia meus motivos.

— Por isso disse que é apenas uma ideia.

— Se não estivesse muito bem comprometida, eu até me candidataria, porque... Bem... dividir uma cama com você não é nada mal, sabe? — novamente provocou. Sua voz rouca e ronronada poderia levar qualquer homem à loucura, mas eu não estava muito no clima naquele momento. — É quase difícil de acreditar, ao olhar para você, todo frio e sério, no quanto pode ser criativo e quente durante o sexo.

Empertiguei-me um pouco, porque aquele não era um assunto muito confortável. Senti a mão dela pousar no meu pulso, que estava sobre a mesa.

— Não precisa ficar tão tenso, Henrique. Como disse, estou comprometida. Não vou ficar dando em cima de você. Isso aqui é trabalho e pode ficar tranquilo, se você se casar e quiser mesmo adotar aquela menina, vou entrar na guerra com você. Mesmo sabendo que podemos perder.

É, eu também sabia. E eu normalmente não era o tipo de cara que gostava de lutar por causas perdidas.

O almoço com Leandra seguiu de forma amena, com conversas sobre a faculdade, pessoas que conhecíamos em comum, sobre nossos trabalhos e outras coisas. Do restaurante, fui direto para a empresa de um cliente, que queria me mostrar alguns novos projetos, e isso demorou mais do que eu gostaria. Passava das nove quando retornei à sede da HR, porque precisava pegar algumas coisas que deixei lá.

Jurava que estaria vazia àquela hora, porque o expediente, em si, terminava às seis, mas me surpreendi ao chegar ao meu andar e ver as luzes ainda acesas.

Imaginei que Thelma tivesse se esquecido de desligá-las, mas assim que fui me aproximando, percebi que a

mesa de Poliana não estava vazia.

Ela estava sentada, com a cabeça enterrada nos dois braços que lhe serviam de travesseiro. Havia um livro sobre sua mesa, além de vários papéis, sobre os quais ela dormia.

Coloquei-me ao seu lado, observando-a, sem saber exatamente o que fazer. Uma mecha do cabelo pesado caía em seu rosto, e eu cheguei a estender a mão para afastá-la, mas a recolhi, porque não era direito meu tocá-la daquela forma.

O máximo que podia fazer era levar minha mão gentilmente ao seu ombro e tentar acordá-la.

Não precisei de muito esforço, porque ela rapidamente se sobressaltou, parecendo completamente desorientada quando abriu os olhos, olhando para todos os lados, perdida.

— O que aconteceu? — perguntou, confusa.

— Eu que pergunto. Você está bem?

— Estou... só... — Poliana levou ambas as mãos à cabeça, apoiando os cotovelos sobre a mesa. — Deus, que vergonha!

Olhei para baixo e vi um livro que eu mesmo usei na faculdade sobre a sua mesa.

— Estudando? — indaguei, enquanto apontava para o material.

Ainda desorientada, ela olhou para onde minha mão apontava.

— Ah... bem... é um trabalho. Preciso entregá-lo amanhã, então pedi à Thelma se poderia ficar até mais tarde para usar a internet daqui que é melhor do que a da minha casa. Só que eu fui dormir muito tarde ontem, tentando estudar para outra matéria, e...

— Você não precisa se explicar — afirmei com veemência. — Não tem problema. Falta muito?

— Um pouco. Eu não deveria ter dormido. Perdi muito tempo... Mas eu posso ir embora, se estiver atrapalhando — novamente aquele tom acuado, como se eu pudesse brigar com ela ou agredi-la. Provavelmente era a isso que estava acostumada.

— Sobre o que é?

— O quê? O trabalho? — ela ainda parecia perdida. Os olhos sonolentos, o cabelo um pouco desganhado... mais linda do que nunca. Assenti novamente. — É sobre ética publicitária x direito do consumidor.

— Hum... — Logo assim que ela respondeu, peguei a cadeira de Thelma, que se sentava ao lado de Poliana, puxando-a para mais perto dela, mas ainda colocando-me a uma distância segura. Então, tirei meu paletó e o pendurei no encosto. — O que você já tem?

— Senhor... o que... o que vai fazer? — perguntou, novamente assustada. Seria possível que minha presença a deixasse mesmo tão incomodada?

— Vou te ajudar para terminar mais rápido. — Fiz uma pausa. — E, por favor, pela milésima vez, não me chame de “senhor.

— Não precisa me ajudar. Eu posso levar para casa e...

Ela foi falando, mas peguei o livro de cima da mesa e o folhee.

— Usei esse livro na faculdade, mas me formei bem antes de você. Pode estar um pouco desatualizado. Acho que tenho uma versão mais recente na minha sala. Por que não vamos para lá, onde teremos mais espaço?

No momento em que eu disse isso, Poliana se empertigou, como se eu fosse o lobo mau e tivesse

acabado de lhe fazer uma proposta muito indecente. Só que rapidamente se acalmou, relaxando.

— Eu não quero atrapalhar. O se... — interrompeu a si mesma, quase sorrindo. — Desculpa... você estava indo para casa, não estava?

— Sim, mas não tenho nada para fazer por lá. E odeio tempo ocioso. Vai ser bom relembrar alguns termos e te ajudar — dizendo isso, levantei-me, tomando a dianteira e pegando meu paletó. Poliana continuou parada, olhando para mim. — Você vem?

Assentindo com veemência, ela também se levantou e me seguiu.

Entramos na minha sala, e eu busquei na estante alguns livros que eu sabia que poderiam ajudá-la. Passamos umas duas horas debatendo sobre o tema, e ela foi fazendo anotações a mão mesmo, alegando que chegaria na empresa mais cedo apenas para isso, para usar o computador, já que o dela, de casa, era muito velho. Porém, levando em consideração que terminamos depois das onze, imaginei que ela iria dormir muito tarde.

Assim que finalizamos, novamente me levantei, vestindo meu paletó, enquanto ela organizava as coisas.

— Vou te levar em casa — afirmei, esperando que não refutasse.

Mas ela obviamente sabia ser teimosa quando queria.

— Não, por favor. Já fez muito por hoje. O meu trabalho está salvo por sua causa.

— São onze da noite, Poliana. Não posso deixar que vá sozinha. E não adianta discutir.

Ela deixou os ombros caírem. Achei que levaria mais tempo para convencê-la, mas provavelmente estava tão cansada que nem ousou argumentar.

Caminhamos até o carro calados e permanecemos assim por boa parte do trajeto, até que eu puxei assunto sobre o que tínhamos acabado de ver naquele trabalho e lhe contei coisas sobre a época da faculdade. Poliana era inteligente, esperta e era uma boa ouvinte. Uma boa companhia também.

Tanto que quase lamentei quando chegamos rápido demais em frente ao seu prédio.

No momento em que estacionei, ela ficou séria. Muito séria.

— Por favor, não precisa me acompanhar até lá em cima — pediu em um tom de súplica que eu odiava.

— Sem problemas.

— Obrigada por tudo. — Ela sorriu e já ia saltando do carro. Antes que pudesse efetivamente se afastar, segurei seu braço em uma atitude ousada e a impedi.

Poliana pareceu surpresa, mas eu também estava. Só que senti uma necessidade desesperadora de fazer uma pergunta.

— Ele bate em você? — saiu, simplesmente. Mas eu realmente queria saber.

Ela hesitou. E isso foi a resposta de que eu precisava. Ainda assim, falou:

— Por favor, não me faça esse tipo de pergunta. Me desculpa...

Então eu a deixei saltar do carro, porque a expressão dolorida em seus olhos era quase tão cruel quanto quando mostrara estar machucada fisicamente.

Assim que a vi entrar pelo portão e constatei que estava segura, fui embora.

Planejava ir para casa, tomar um banho frio e dormir, mas lembrei que tinha me esquecido da pasta importante

que fui buscar depois da reunião com o cliente, que demorou mais do que o previsto.

Eu precisaria voltar para a empresa, porque no dia seguinte iria direto para outro local com aqueles documentos.

Chegando lá, subi correndo ao último andar, da presidência, e passei pela mesa de Poliana, deparando-me com os papéis que ela iria digitar no dia seguinte.

Respirando fundo, peguei-os e entrei na minha sala.

Eu não estava com a menor vontade de voltar para a minha casa vazia, muito menos sabendo que Clara estaria em minha mente e que eu era péssimo tomando decisões por impulso. Se ficasse ruminando a história da menina, acabaria fazendo alguma merda.

Por isso, sentei-me à minha cadeira, liguei meu computador e comecei a digitar o trabalho de Poliana. A letra dela era bonita e organizada, então, não tive muita dificuldade em compreender tudo o que anotou de nossas pesquisas.

Quando era quase uma da manhã, acessei a agenda de Thelma, que era compartilhada comigo, e encontrei o e-mail de Poliana, enviando o trabalho para ela. Também encontrei seu celular, e pude enviar uma mensagem, esperando que a visse antes de sair de casa: *“O trabalho está no seu e-mail. Espero que não se importe por eu tê-lo digitado. Estava entediado. Boa sorte na apresentação – H.”*

Sentindo-me um pouco melhor, desliguei o computador, levantei-me da cadeira, peguei a pasta que fui buscar e voltei para a minha casa, para todos os meus fantasmas e sentimentos confusos.



A névoa do sono não permitiu que eu prestasse total atenção à mensagem que recebi no meio da madrugada, mas quando acordei e constatei que o e-mail realmente estava lá, mal pude acreditar. Henrique tinha digitado todo o meu trabalho, formatado de forma perfeita e o enviado para mim.

Em que momento ele pegara as folhas que deixei sobre a minha mesa, depois que terminamos a pesquisa?

E o que diabos ele poderia querer comigo para me fazer tantos favores? Se eu não conhecesse seu profissionalismo, acabaria acreditando que seu interesse era me levar para cama. A forma como me olhava seria

mais um indicativo, embora eu me esforçasse ao máximo para não ficar percebendo essas coisas.

Fosse como fosse, eu lhe devia um agradecimento, por isso, assim que cheguei à empresa no meu horário habitual e me dei conta de que ele já estava lá, bati em sua porta, aguardando a permissão para entrar, que surgiu logo depois.

— Bom dia, senhor. — Eu sabia que ele não queria mais ser chamado assim, mas levando em consideração a forma como as coisas estavam seguindo, era melhor manter a formalidade antes que acabasse confundindo algo.

Lentamente Henrique ergueu os olhos, daquele jeito intenso e avaliador, como se tivesse todo o tempo do mundo para me observar. Aguardei com paciência, até que ele respondeu:

— Bom dia, Poliana.

— Me desculpa por incomodar, mas eu queria agradecer por ter digitado meu trabalho. Não precisava e...

— Te ajudou? — ele perguntou, interrompendo-me.

— Sim, mas...

— Então não há discussão — ele falou categórico, mas não em um tom rude. Era apenas a sua forma prática de encarar as coisas, que eu precisava admitir que me agradava.

— Claro. Eu... Bem... só queria agradecer.

Com sua expressão séria de sempre, ele me deu um meneio de cabeça e não disse mais nada, então entendi que queria que eu saísse de sua sala. Provavelmente eu o estava atrapalhando ou qualquer coisa assim.

Voltei para a minha mesa e iniciei meu dia. Thelma chegou pouco depois, sempre animada, sempre de bom humor. Como ela conseguia? Até onde eu sabia, tinha dois

filhos, marido e casa para cuidar, mas sempre se mantinha em forma, com maquiagem impecável e roupas elegantes. Eu a admirava, principalmente por ser tão generosa.

Ela entrou na sala de Henrique sem bater – porque tinha autorização – e ficou lá por algum tempo. Enquanto isso, uma das meninas do RH, com quem eu costumava almoçar quase todos os dias, chamada Tábata, apareceu, distribuindo uma circular, e parou um pouco à minha mesa para conversar comigo.

— Tá sabendo? — Ela usou a cabeça para apontar para o papel que acabara de colocar sobre a minha mesa.

— Do quê?

— A festa de confraternização de seis anos da empresa. Sem ser esta sexta, a outra.

Peguei o papel nas mãos, dando uma olhada, balançando a cabeça em negativa.

— Não. Minha única fonte de informações desta empresa é você, Tatá. Se não me conta as coisas, como vou saber?

— Ah, fala sério. Você trabalha direto com a assistente do todo poderoso. Ela sabe de tudo em primeira mão e sei que também gosta de falar.

— É, mas sobre isso não comentou. Seja como for... não sei se vou poder ficar. Você sabe...

— Ih, nem vem, Poli. Sei muito bem que você não tem aulas às sextas neste período. Já me disse isso umas duas vezes. E o seu pai não pode ser desculpa para tudo. — Ela cruzou os braços contra o peito, usando uma das mãos para continuar segurando os papéis. — Você sabia que é neste tipo de confraternização informal que os melhores contatos dentro da empresa acontecem? Sei de promoções que aconteceram aqui dentro por causa disso.

— SÉrio? — perguntei, erguendo uma sobrancelha.

— Não... Mas poderia ser, concorda?

Não consegui conter uma risada, porque Tábata era uma comédia.

— Promete para mim que vai tentar participar.

Dei de ombros.

— Se eu disser que não você vai ficar insistindo até o dia fatídico, não vai? — Com um sorriso travesso de orelha a orelha, Tábata negou. — Então o que me resta?

— Ótimo. Te vejo no almoço hoje?

— Claro!

Quase saltitante, ela foi se afastando, reiniciando a entrega das circulares. Não consegui conter um sorriso ao olhar para aquela garota.

Pouco depois de ter voltado minha atenção ao trabalho, vi Thelma se sentando ao meu lado, bufando.

— Chefinho está estressado hoje. Não sei o que aconteceu, mas ele me mandou sair da sala para falar com uma tal de Dra. Leandra. Você que transferiu a ligação? — perguntou, enquanto abria sua gaveta e pegava uma bala de hortelã, das muitas que ela tinha guardadas ali para casos como aquele.

— Não. Ela deve ter ligado direto para ele.

— Hum... — Thelma parecia um pouco contrariada, enquanto levava a bala à boca. Ela era um pouco territorialista quando se tratava de Henrique. Esperava que não descobrisse que tinha sido eu a iniciar aquele contato com a tal advogada. Só que, obviamente, eu não sabia o motivo e nem queria saber.

Já tinha percebido, quando entrei em sua sala mais cedo, que ele estava um pouco estranho, parecendo tenso, mas não me cabia julgar o motivo. Não éramos amigos. Ele

continuava sendo o meu chefe, por mais que tivesse me ajudado tantas vezes em tão pouco tempo.

— Eu sei quem é essa tal de Leandra. Henrique saía com ela há uns dois anos. Não durou muito, como todos os relacionamentos dele, mas, aparentemente, estão de volta, né?

Uma risadinha escapou da minha garganta conforme ela falava.

— Por que todo esse desdém pela moça?

— Porque ela não é boa o suficiente para ele.

— E por que não?

Ela deu de ombros, enquanto religava seu computador e o desbloqueava.

— Porque ela é igualzinha a ele. Fria, focada em trabalho, toda elegantona.

— Ué, mas isso não é bom? Dizem que aquela história de opostos se atraem é um pouco superestimada — brinquei.

— Não para o Henrique. Ele precisa de uma mulher calorosa, que derreta aquele coração que só parece que é de pedra. — Ela fez uma pausa, parecendo pensativa. — Alguém de quem ele precise cuidar, sabe? Mas que ao mesmo tempo seja independente e tenha opinião própria. — Olhando-me de soslaio, Thelma abriu um sorriso de canto. — Alguém como você...

— O quê? Como eu? — minha voz subiu uma oitava, e eu rapidamente olhei ao meu redor, temendo que alguém pudesse estar me ouvindo, mas não havia ninguém por perto. O andar da presidência consistia apenas na sala de Henrique, que era imensa, uma sala de reuniões igualmente espaçosa, dois banheiros e o espaço onde eu e Thelma

ficávamos. Naquele momento éramos só nós duas. — Você ficou maluca?

— Eu não... — Ela deu uma risadinha e trouxe sua cadeira de rodinhas para perto de mim. — Outro dia ele ficou fazendo umas perguntas sobre você, sabe?

— Sobre mim? — Eu sabia que estava parecendo um eco irritante, ou um papagaio, mas estava tão atordoada que mal sabia como agir. — O que ele perguntou? — tentei não parecer interessada demais, mas a verdade era que estava curiosa.

— Perguntou sobre o seu pai, se eu achava que ele te agredia. — Arregalei os olhos, entre surpresa e preocupada. — Mas, mais do que isso — outra risadinha cúmplice —, ele perguntou se você tem namorado.

Ergui as sobrancelhas, porque era realmente algo um pouco chocante.

Qual poderia ser o interesse de Henrique Monsores na minha vida amorosa?

— Que estranho... — Afastei-me um pouco de Thelma, esperando que ela não sentisse o quanto eu tinha sido afetada por aquela informação.

Não que fosse fazer qualquer diferença na minha vida — não poderia fazer, aliás —, mas senti algo se revirar dentro do meu estômago. A explicação era simples: Henrique era um homem extremamente atraente, que poderia ter a mulher que quisesse, e uma possibilidade remota de ele ter qualquer interesse em saber se eu era comprometida me envaidecia. Só isso.

— Nada estranho. Você é uma coisinha linda, Poliana. Acha mesmo que ele não reparou nisso?

Ela voltou para o seu lugar e logo começou a fazer suas coisas, dando-me a entender que o assunto estava

terminado.

Mas era melhor assim. Quanto mais eu falasse sobre aquelas coisas, mais ficaria confusa. E não era hora para isso. Minha vida já estava caótica demais para me enfiar em mais problemas.



Eu odiava estar naquela casa, mas era por uma boa causa. Queria ver Clara. Desde que Júlio e Adriana tinham morrido não tive contato com a menina. E sentia falta dela.

Como um bobo, fui instruído a esperar na sala, segurando uma girafinha de borracha que comprei para ela no dia anterior, com as mãos para trás das costas, tendo total impressão de que iriam me deixar ali por um bom tempo. Quando cheguei, fui recebido por uma espécie de governanta que foi anunciar minha presença à sua patroa, mas isso já fazia mais de quinze minutos.

Uma eternidade... e eu ainda precisava voltar à empresa. Era hora do almoço, e eu tinha escapado, porque a agenda estava mais livre, já que aconteceria a tal festa de confraternização naquela mesma noite.

Por mim eu não participaria desse tipo de coisa. Não que não quisesse confraternizar com os funcionários, mas meu espírito não era muito festeiro. Ainda assim, eu sabia que era importante manter o clima leve na empresa, e Thelma sempre se animava na data, todos os anos. Aliás, era ela que insistia em decorar a empresa para o Natal, que tinha ideias mirabolantes para gincanas e premiações. E eu dificilmente conseguia lhe dizer não.

Fui arrancado dos meus pensamentos quando ouvi sons de saltos batendo nas escadas de mármore da casa. Estavam fora de sincronia, então, imaginei que era mais de uma pessoa.

Ergui meus olhos e me deparei com Zélia e Janaína vindo em minha direção. E nada de Clara.

— Boa tarde, Henrique! Ao quê devo a honra da sua visita? — Zélia disse, levemente desdenhosa, como se todos ao seu redor fossem muito inferiores.

— Quero ver Clara — fui direto ao assunto. Eu não era um homem de rodeios e não estava ali para ser simpático ou fazer social, até porque também não era do meu feitio. A menina era minha prioridade.

— Lamento que ela esteja dormindo. Não é um bom horário.

Olhei para Janaína e a vi abaixar os olhos, sempre muito submissa à mãe, mas visivelmente contrária à ideia.

— Não podem me proibir de ver a minha afilhada. É a terceira vez que tento vê-la e não consigo. Não vou sair daqui hoje sem olhar para ela.

Nos últimos dias, desde o velório, tentei ser cordial e telefonar, marcando visita. Achei que seria uma demonstração de educação e quase uma bandeira branca de paz, embora, nos bastidores, eu estivesse ponderando a ideia de adotar a menina, sem que Zélia sequer imaginasse.

Mal sabia ela que sua própria filha era minha cúmplice.

— Ninguém está te proibindo de nada, Henrique. Só que os horários não estão batendo. É uma pena, é claro, mas...

Não permiti que terminasse de falar. Cheguei àquela casa decidido a ver a menina, e era isso o que eu faria.

Dando passos à frente, segui na direção da escada, imaginando que a criança deveria estar em seu quarto. E eu chegaria lá, não importava como.

— O que pensa que está fazendo? — Zélia perdeu a compostura, enquanto eu passava por ela, mas não lhe dei atenção. Minha meta era ir até Clara, e ninguém me impediria disso. — Henrique, se não parar agora, vou chamar os seguranças.

Eu já estava com o pé no primeiro degrau da escada, mas parei e olhei para ela por cima do ombro.

— Pode chamar quantos quiser. Vamos ver se vão conseguir me fazer desistir de ver a minha afilhada hoje — falei por entre dentes. Estava possesso, irritado, contrariado. O que diabos ela queria com aquele distanciamento? Será que já estava prevendo que eu iria mesmo tentar pegar a menina para mim?

Eu a vi espumar de ódio, mas antes que pudesse tomar qualquer iniciativa, Janaína finalmente se manifestou, colocando a mão no ombro da mãe e tocando-a muito de leve.

— Mãe, eu posso acompanhar Henrique para ver a Clara. Não vou deixá-lo sozinho — ela falou com calma, em

um tom submisso que me deixava irritado. Era uma mulher adulta, por que se submetia àquele tipo de coisa?

E não foi só isso que passou pela minha cabeça. Um dia poderia ser Clara ali, naquele tipo de relação doentia com uma avó que nunca lhe daria amor.

Isso me fez estremecer.

— Estão pensando o quê? Que vou sequestrar a menina? — vociferei. Minha voz soou grave demais, pesada demais, e eu vi Janaína se encolher, o que me deixou ainda mais inseguro. Sentia-me um selvagem pela forma como elas estavam lidando comigo.

— A casa está cercada de seguranças, você nunca conseguiria sair daqui com ela. — Zélia falou com uma sobrelance erguida.

Aquilo foi a gota d'água.

A passos lentos, aproximei-me dela. Era bizarro que me sentisse tão irritado e ao mesmo tempo tão ridículo com aquela girafinha na mão.

Com os olhos fixos em Zélia e a voz bem baixa, quase rouca, tentei manter uma proximidade, sem intimidá-la com o meu tamanho:

— Se eu quisesse, sairia daqui com Clara e ninguém iria conseguir me impedir. Mas não é esse tipo de violência que quero que minha afilhada presencie ou associe a mim. Então pode poupar seus seguranças, senhora, porque hoje só quero vê-la. Se tivermos que resolver algo, será no tribunal.

Deixando-a sem palavras, peguei meu caminho novamente até as escadas e ouvi os típicos saltos altos indo atrás de mim. Não olhei para trás, mas sabia que era Janaína.

Chegando ao topo, olhei por cima do ombro e abri passagem para que ela indicasse qual dos quartos era o de Clara. Se fosse preciso, eu abriria porta após porta para achar a menina... Eu até as arrombaria, se fosse o caso, mas já que tinha uma segurança para me vigiar, iria facilitar a vida de nós dois.

Quando ela abriu a porta, um quarto lindamente decorado me recebeu. Era todo branco e rosa, em tons pastéis, com um papel de parede delicado, um berço enorme e móveis visivelmente caros. Eu não fazia ideia de como Zélia conseguira montar uma estrutura como aquela em tão pouco tempo, mas a explicação mais lógica poderia ser que já tinha preparado um quarto para a neta, mesmo antes da morte do filho. Talvez esperasse retomar a relação com Júlio e poder ter Clara por perto?

Não... eu não acreditava em contos de fada. Havia algo de errado naquela história.

Mas não era algo para se pensar naquele momento.

O que mais me incomodou ao olhar para aquele quarto foi pensar que se eu conseguisse levar Clara para a minha casa, ela não teria um espaço como aquele. Não porque eu não pudesse preparar um. Tinha dinheiro suficiente para fazer quartos diversificados para a menina, poderia lhe dar tudo o que ela quisesse e precisasse, mas este não era o ponto. Será que eu estava preparado para isso? Para ter um bebê em casa? Para me tornar... pai de alguém?

Havia uma moça no quarto, toda vestida de branco, que supus ser a babá. Esta poderia ser uma boa alternativa, caso Clara ficasse comigo. Alguém de confiança, que cuidasse da menina durante as minhas ausências. *Longas ausências...*

Eu passava tão pouco tempo em casa que seria melhor eu ter uma agência de babás dentro do meu apartamento.

— Aí está ela. — Janaína apontou para o berço, mas antes que eu pudesse me aproximar, voltou-se para a babá: — Ângela, pode nos deixar a sós, por favor?

A mulher assentiu, levantando-se da cadeira e saindo do quarto, fechando a porta atrás de si.

— Será uma visita assistida? — indaguei com uma sobrancelha erguida, levemente cínico.

— É melhor do que nada, não é?

Respirei fundo, cansado. Não respondi, é claro, porque nem merecia resposta, então, apenas me aproximei do berço aos poucos.

Seria possível que ela tivesse crescido naqueles poucos dias? Eu não entendia nada de bebês, não fazia ideia de como se desenvolviam, quando nasciam dentes, quando começavam a falar... Deus, eu não sabia direito nem o que comiam.

Mas quando a tirei do berço, tomando-a nos meus braços com todo o cuidado, ajeitando-a no colo, nada disso passou a importar.

Diferente do que Zélia dissera, Clara não estava dormindo. Estava desperta, ou talvez tivesse acordado quando entrei no quarto, mas seus olhinhos fixaram-se em mim. Será que me reconhecia? Será que sentia nos meus olhos o quanto ela era importante para mim? Como nenhuma outra pessoa no mundo?

— Ei, bonequinha — falei, sentindo meu coração se encolher dentro do peito. — É o tio Rique, eu senti sua falta...

Como se fosse um código entre nós, ela ergueu a mãozinha gordinha em direção à minha barba, agarrando

alguns pelos, no que eu esperei que fosse um cumprimento de reconhecimento. Um sorriso sem dentes se formou, e eu respirei fundo, sabendo que aquele sentimento que nutria por ela acabaria me obrigando a cometer uma loucura.

Eu era muito bom gerenciando uma empresa inteira, mas era péssimo quando o assunto eram minhas emoções. Na verdade, eu não era bom com *muitas* coisas, mas teria que aprender a lidar com aquela garotinha.

— Você tomou uma decisão? — Janaína perguntou baixinho, provavelmente para que sua mãe não ouvisse.

— Ainda não.

Ela balançou a cabeça, muito séria.

— Ela não vai deixar você ver Clara. Hoje teve sorte, mas ela certamente vai proibir sua entrada aqui.

— Ela não pode...

— Você sabe que pode — ela me interrompeu.

Sim, Zélia podia. Quem eu queria enganar?

Baixei meus olhos na direção de Clara mais uma vez, contemplando-a, enquanto lhe entregava a girafinha de presente.

Minha cabeça ainda poderia estar relutante, mas meu coração já tinha escolhido. Eu iria lutar por aquela garotinha. E, juntos, nós daríamos um jeito de encontrar uma forma de darmos certo.



Era estranho ter colegas de trabalho que você sequer conhecia. Provavelmente este era o preço de se trabalhar em uma empresa tão grande, mas a verdade era que por mais que os rostos fossem familiares, porque esbarramos com as pessoas em elevadores, na copa ou nos corredores, oportunidades como aquela eram boas para que pudéssemos descobrir nomes e conversar um pouco.

Naquele momento, eu estava exatamente conversando com Otávio, um dos rapazes da TI, que uma vez me ajudou com um problema na impressora, mas com quem nunca mais tive contato. Ele parecia bem animado, chegando a dizer que sempre teve interesse em me chamar para sair, e

eu até comecei a ponderar a possibilidade. Ele era bonito – nada de deixar uma mulher boquiaberta, mas de um jeito confortável de se olhar –, agradável e bem-humorado. O que mais eu precisava? Talvez fosse hora de me permitir conhecer mais pessoas, de me divertir.

Ele estava falando sobre uma banda que teve na época da faculdade, que tocava covers de Pearl Jam e U2, quando avistei Henrique de longe. Estava sozinho, com o corpanzil apoiado em uma parede, um copo de uísque na mão. Sempre sério, sempre intenso. E olhava para mim.

Eu tinha acabado de pensar na beleza de Otávio como algo comum, mas se eu a comparasse com a aparência do meu chefe, eu acabaria sendo injusta. Daquele jeito, em um de seus ternos caros, mas parecendo um pouco menos engomadinho, com a gravata mais afrouxada e a blusa já amassada de final de expediente, chegava a ser difícil olhar para ele sem ter vontade de perder a cabeça.

Tentei disfarçar o fato de estar também olhando fixamente para ele, mas era curiosa a forma como me observava, como se tivesse algum interesse.

De onde aquilo tinha surgido? Será que ele sempre olhara para mim daquela forma, e eu só não tinha percebido?

— Poliana? — a voz de Otávio interrompeu meus pensamentos, e eu me virei para ele, com a cabeça se movimentando como um chicote, sentindo-me corar, com medo de que alguém percebesse minha troca de olhares – se é que poderia ser chamado assim – com Henrique.

— Desculpa... o que você estava falando mesmo?

Otávio retomou a conversa, e eu precisava admitir que não estava prestando atenção a nada do que ele dizia, embora tentasse balançar a cabeça em todos os momentos

certos e até abrir sorrisos quando soltava uma risada. Ainda bem que ele era falador e não me dava muita chance para fazer o mesmo.

De soslaio, na primeira oportunidade, voltei meus olhos novamente na direção de Henrique, mas ele não estava mais no local de antes. O que era bom, porque eu jurava que não iria conseguir focar em qualquer outra coisa se continuássemos naquele estranho jogo, do qual eu sabia que nunca sairia vencedora.

Ele era meu chefe, pelo amor de Deus. Por mais incrivelmente gato e sexy, não era certo. Nem em um milhão de anos.

Só que esse meu pensamento se derreteu totalmente quando senti sua presença poderosa ao meu lado. Eu mal tinha percebido quando se aproximou.

— Poliana, posso falar com você um minuto?

O quê? Isso era inesperado.

Mais do que inesperado... não fazia muito sentido. Não estávamos em horário de trabalho, e se ele precisasse de algo com muita urgência teria falado com Thelma, não teria? Afinal, ela estava bem próxima a nós, e inclusive testemunhando a cena, parecendo interessadíssima no que acontecia.

— O senhor precisa de alguma coisa?

Senti quando ele respirou fundo e estava prestes a dizer alguma coisa, mas um Otávio muito sorridente e levemente bêbado se manifestou:

— Pô, chefe... não é hora de falar de trabalho, não é? Estamos em uma festa... relaxa um pouco e...

Eu estava olhando para Otávio até aquele momento, observando-o enquanto falava, mas no momento em que interrompeu a si mesmo voltei meus olhos para Henrique.

Havia labaredas de fogo em seus lindos olhos azuis, e eles pareciam mais escuros do que o tom normal. Ele olhava para Otávio sem a menor simpatia, e por mais que eu soubesse que não se tratava do homem mais sociável do mundo, não se dirigia daquela forma a ninguém. Já havia participado de reuniões onde ele precisara repreender alguns de seus funcionários, mas sempre o fizera com educação, na medida do possível. Naquele momento, em contrapartida, tive a impressão de que poderia pular no pescoço do outro a qualquer momento.

— É urgente. Você pode me acompanhar, Poliana? — disse, voltando-se para mim novamente, como se Otávio não tivesse dito absolutamente nada.

Só me restou assentir, primeiro porque ele não parecia estar dando muita escolha, e em segundo lugar porque se tratava do meu chefe. Embora não estivesse no meu horário de trabalho, ainda lhe devia subordinação.

Assim que assenti, ele tomou a dianteira e me guiou até um canto um pouco mais afastado.

O prédio da empresa contava com uma área ao ar livre, que era onde a confraternização estava acontecendo. Como era outono, o tempo estava agradável, possibilitando fazer aquele tipo de coisa em um ambiente não climatizado. Não sei se ele percebeu que fez isso, mas levou-nos a uma área silenciosa, que mais parecia um pequeno jardim. Havia um banquinho namoradeira, onde eu sabia que alguns dos funcionários fumantes gostavam de ficar, depois do almoço, mas nós não nos sentamos.

— Deseja alguma coisa? — perguntei, tentando amenizar a tensão, porque o silêncio estava me incomodando demais.

— Me desculpa pela forma como agi, mas... quis encontrar uma maneira de te alertar sobre Otávio. Ele não é um cara confiável...

Franzi o cenho, sentindo-me confusa.

— Como assim?

— Bem... — Henrique colocou as mãos nos bolsos, parecendo tão desconfortável quanto eu. Em seguida deu de ombros. — Thelma me contou algumas histórias não muito favoráveis a respeito dele. Acho que magoou seriamente uma das meninas do design, e eu achei que...

— Ele pigarreou, sem jeito, respirando fundo, e eu podia jurar que percebia o quanto tudo aquilo não fazia sentido. — Não quero me meter na sua vida, mas não sei se...

Ele hesitou, e eu fiquei curiosa.

— Se... — insisti.

Mais uma respiração bem funda.

— Se ele seria uma boa opção para uma mulher como você.

Uma mulher como eu...

Por mais que eu quisesse muito saber que tipo de mulher ele achava que eu era, suspeitei que seria prudente não perguntar. Tudo aquilo começava a ficar mais e mais estranho, e eu não tinha muita noção do que fazer, de como agir nem de onde colocar as mãos.

— Me desculpa se fui invasivo, mas...

— Não, tudo bem. Não tenho a intenção de misturar trabalho com prazer. Estávamos apenas conversando. — Ele pareceu um pouco envergonhado. Não era isso que eu queria, mas não faria diferença. — Seja como for, já estava mesmo pensando em ir embora.

— Não precisa ir pelo que eu falei... você... — Henrique ia continuar dizendo alguma coisa, mas o som do toque do

meu celular, que estava no meu bolso, nos interrompeu.

Ergui um dedo em riste, pedindo um minuto, mas imediatamente senti meu corpo retesar ao ver quem ligava. O nome Fabiana parecia piscar em neon na tela, anunciando o prelúdio de uma desgraça.

— Poli? — ela chamou, e o tom de voz preocupado me deixou ainda mais tensa.

Fabiana era filha da minha vizinha e colega de classe de faculdade. Não éramos exatamente amigas, mas nos dávamos bem, só que ela nunca me ligava. A única vez em que fez isso fora para avisar que meu pai estava caído de bêbado na porta da nossa casa. Imaginava que o motivo não deveria ser muito diferente daquela vez.

— Sim, Fabi. O que houve? Está tudo bem? — Queria me afastar de Henrique para ter aquela conversa, mas achei que seria falta de educação, ainda mais que ele mantinha sua atenção focada em mim, provavelmente percebendo o quanto eu estava apreensiva.

— Não, não está. Encontrei seu pai na entrada do prédio, e ele me perguntou se eu não ia para a faculdade hoje. Poli, eu juro que nem pensei... Só falei que estávamos com as sextas de folga. Me desculpa!

Ai, meu Deus!

Atordoada, levei a mão à cabeça sem nem pensar no que fazia.

— O que ele disse? — indaguei, ainda nutrindo uma esperança de que pudesse ser apenas um mal entendido.

— Ele ficou possesso. Começou a xingar, te chamar de um monte de nomes pelos quais você não merece ser chamada... Estava completamente bêbado. — Ela fez uma pausa. — Poli, não volta para casa, por favor.

— Como não vou voltar, Fabiana? Onde vou passar a noite? Além do mais, se eu fizer isso, amanhã vai ser pior — continuei falando sem nem me dar conta de que não estava sozinha. Só me lembrei que Henrique estava ao meu lado quando senti que ele se empertigava.

— Então chegue mais tarde, quando ele estiver dormindo. Você sabe que amanhã ele não vai se lembrar de mais nada mesmo...

Sim, poderia ser uma solução. Arriscada, é claro, mas minha única opção. De uma forma ou de outra, eu acabaria sofrendo consequências.

— Tudo bem, Fabi, não se preocupe. Você não fez nada de errado. Vou ver o que faço. Obrigada por avisar.

Mal deixei que se despedisse e acabei desligando na cara dela, mesmo que não fosse minha intenção. Aquele tipo de coisa tirava um pouco do meu discernimento.

Eu não fazia ideia do que poderia ficar fazendo até mais tarde, porque ainda passava um pouco das nove. Pelas minhas contas, o ideal seria chegar em casa depois da meia-noite, e o pior: amanhã era sábado. Meu pai trabalhava, mas só depois do almoço — daria muito tempo para que pudesse acertar as contas comigo.

Sem que eu nem percebesse, minhas mãos começaram a tremer. Eu sabia que pela forma como minha cabeça estava girando, eu estava prestes a entrar em uma crise de ansiedade, como sempre acontecia quando a promessa de uma noite infernal me atingia.

— Poliana? — Henrique chamou, mas por mais que eu tivesse ouvido sua voz, não consegui sequer olhar para ele. — Poliana? — insistiu, e eu senti sua mão grande segurar o meu braço, com inesperada delicadeza. — Aconteceu alguma coisa?

Daquela vez eu não pude ignorá-lo.

— Não... não é nada... é... — gaguejei, mas toda a minha linguagem corporal gritava que eu estava completamente em pânico.

— Ei... calma. Como não é nada? Da última vez que te vi pálida assim você literalmente desmaiou nos meus braços.

Não havia um único traço de humor em sua fala, embora qualquer outra pessoa pudesse ter tentado soar engraçadinho com aquele tipo de fala.

— É alguma coisa com o seu pai, não é? — Como era possível que alguém que praticamente não me conhecia já soubesse exatamente o que me deixava tão vulnerável?

Eu poderia ter mentido, contado uma história, inventado uma desculpa, mas algo me fez balançar a cabeça em afirmativa, mesmo completamente constrangida.

— Não posso voltar para casa. Ele achava que eu estou na faculdade, mas encontrou uma colega de classe minha e agora deve estar pensando que estou fazendo algo de errado... — minha voz tornou-se chorosa, só para me deixar ainda mais horrorizada e morta de vergonha.

Muito sério, quase parecendo zangado, Henrique assentiu, pensativo.

— E você tem para onde ir?

— Não. Talvez eu tenha que ficar aqui... Só por algumas horas a mais, porque ele vai dormir em algum momento e...

— Acabei permitindo que o choro me dominasse. Qualquer um que olhasse para nós juraria que meu chefe tinha sido grosseiro comigo. O que, definitivamente, não era o caso.

— Não acho uma boa ideia que fique aqui. Você não está bem — falou categoricamente. — Vá... pegue suas coisas.

— Por quê? Eu não... Não posso voltar para casa... Não posso sair agora.

— Não vou te levar para casa. Também preciso de companhia e estou de saco cheio de ficar aqui. Vou te esperar na garagem, no carro. Sabe qual é o meu, não sabe?

Balancei a cabeça, assentindo.

— Senhor... eu não acho que seja...

Respirando fundo, ele olhou nos meus olhos daquele jeito que me deixava completamente intimidada.

— Por favor... vamos fazer companhia um ao outro.

Fora um pedido tão suplicante que eu não pude fazer objeção. Seguindo de volta para a festa, tentando disfarçar ao máximo minha cara de choro, peguei minhas coisas e não me despedi de ninguém. Apenas parti para o estacionamento, sem fazer a menor ideia de para onde Henrique pretendia me levar.



No momento em que ela entrou no carro e seu perfume suave preencheu o ambiente, senti que estava fazendo tudo errado.

Aquela garota era minha funcionária, alguém completamente fora do meu alcance. Não era o tipo de mulher que toparia uma noite apenas – embora eu a achasse extremamente desejável –, e provavelmente era exatamente isso que eu precisava: levar alguém para cama, me entregar em horas de sexo voraz e urgente, para esquecer meus problemas.

Só que não poderia passar disso. Eu não era um romântico, não entendia nada de relacionamentos e, definitivamente, não queria um. Talvez acabasse tendo que me casar com alguém, mas isso também precisaria ser muito bem pensado. O ideal seria encontrar uma mulher que aceitasse um casamento de aparências, porque eu não estava pensando em lua de mel e felizes para sempre. Era um contrato. Um meio para um fim.

Poliana simplesmente entrou no carro, sentou-se, afivelou o cinto e não disse nada. Não fez perguntas nem mesmo quando comecei a dirigir. Só que algo que começava a se tornar um pouco curioso para mim era a forma como o silêncio se moldava entre nós, tornando-se confortável. De alguma forma, eu tinha a impressão de que tínhamos algumas coisas em comum – éramos duas pessoas solitárias, cada um da sua forma, e nos entendíamos. Mesmo que fôssemos pouco mais do que desconhecidos.

Continuei dirigindo até chegar ao local que cruzou a minha mente. Vi quando Poliana, que até então estivera com os olhos focados em suas próprias mãos, pousadas no colo, voltou-se para a janela, observando o mar.

— A praia? Por que me trouxe aqui? — Sabia que ela estava olhando para mim, finalmente, mas não conseguia encará-la.

— No dia em que a levei para casa, vi como observou o mar. Supus que gostasse da praia... ou talvez tenha sido só uma impressão. Podemos... — tentei me explicar, sentindo-me muito tolo.

— Não — ela me interrompeu —, está ótimo. Obrigada.

Respondi com um meneio de cabeça, esforçando-me para não me compadecer com o quanto ela parecia triste e

preocupada. Eu sabia que aquele passeio era apenas uma forma de atrasar o irremediável. Ela iria pagar por aquela noite, e eu me contorcia de raiva por não poder fazer nada.

Comparava a situação de Poliana com meu dilema com Clara – em âmbitos completamente diferentes, é claro. Ambas precisavam ser salvas de alguma forma, só que eu não era um herói. Nem perto disso. Era apenas um homem que quase nunca fazia o que era o certo, porque eu não *sabia* como agir em casos assim.

Mas alguma coisa dentro de mim gritava que eu deveria proteger aquela garota. Era estranho, insano e impulsivo, mas minha mente estava me colocando em uma armadilha.

Parei o carro em uma vaga e saltei. Poliana fez o mesmo, e eu olhei para ela imediatamente.

O vento chicoteou seus cabelos, fazendo-os voarem ao redor de seu rosto, revoltos, como um furacão. Algo me dizia que aquilo ali espelhava a alma que ela guardava dentro daquele corpo pequeno e extremamente agradável de se olhar. Havia uma chama em seus olhos que me confiava que ela era muito mais do que a jovem tímida e calada que mostrava ser para o mundo.

Seus lábios sem nenhum resquício de batom se entreabriram, e seus olhos se fecharam no momento em que ela respirou fundo, dando boas-vindas ao cheiro da maresia. Não consegui parar de observá-la. Era como se um ímã atraísse a minha atenção, como se sua imagem fosse algo etéreo, fantasioso, saído de um sonho. Naquele momento, quando um sorriso discreto curvou seus lábios tristes, jurei que nunca tinha visto uma mulher mais bonita na vida.

Talvez fosse o álcool – embora a quantidade nada exagerada de uísque que tomei na confraternização da

empresa não pudesse ser levada em consideração —, mas aquela visão me fez desejá-la ainda mais, quase como uma dor física.

Logo depois de ter aproveitado seu momento, Poliana olhou na minha direção e me pegou observando-a. Nem tentei disfarçar porque seria inútil. Não me importavam as conclusões que ela iria tirar. Era uma mulher bonita, certamente estava acostumada a ser admirada.

Ela esperou por algum sinal do que iríamos fazer, então, dei um passo à frente, na intenção de que me seguisse.

Sem pensar muito no que fazia, segui para a areia e encontrei um espaço que nos deixava a uma distância razoável do mar, mas perto o suficiente para nos sentirmos conectados a ele.

Tirei meu paletó e o estendi na areia, esperando que ela se sentasse sobre ele, só que Poliana olhou para mim com uma sobrancelha levantada. Os olhos estavam vermelhos do choro, mas eu podia perceber que lutava bravamente para se manter firme. Era corajosa.

— Isso deve custar uma fortuna para ser estragado assim.

Dei de ombros, sem me importar muito.

— Tenho vários como este.

Era uma resposta petulante, eu sabia muito bem disso, mas também não me importava muito.

Poliana ainda parecia relutante em se sentar, e eu achei que não seria uma boa ideia ficar prolongando aquele tipo de coisa, então, apenas me acomodei, na areia mesmo, já que nós dois só caberíamos naquele paletó se ficássemos muito juntos, e não era o caso.

Contudo ela ainda demorou um pouco para ceder. Além de corajosa era um pouco teimosa também.

Mas acabou deixando a baboseira de lado.

Não estávamos tão próximos, porque mantive algum espaço entre nós, mas havia *alguma* proximidade, ao ponto de novamente o vento se lançar sobre nós, fazendo os cabelos dela voarem na minha direção, e eles cheiravam a morangos frescos, se é que era possível.

Ficamos em silêncio por alguns instantes, até que eu deixei escapar:

— Você deveria denunciar o seu pai. — Muito provavelmente não era uma boa ideia me meter em sua vida, mas, daquela vez, não negou. De soslaio, conseguia ver sua cabeça baixando, como se precisasse ter vergonha de algo que não era sua culpa.

— Ele nem sempre foi assim — confessou em voz baixa, quase como se quisesse que eu não a ouvisse, mas ouvi.

— Não justifica — falei de forma dura, quase por entre dentes. Ela assentiu, ao menos.

— Não, claro que não. Mas ele é meu pai, e eu ainda o amo, mesmo que o odeie na maioria das vezes.

Eu não conseguia compreender aquele tipo de coisa, porque nunca houvera tanta lealdade na minha família. Não poderia dizer que tinha amado meus pais. Respeito houve um dia, talvez. Mas nem parecido com aquele amor incondicional que te leva a defender a pessoa mesmo que ela esteja errada.

— Ele começou a ficar assim depois que minha mãe nos abandonou — mais uma confissão. Ela parecia precisar desabafar. Nunca fui um grande ouvinte, mas se me prontifiquei a levá-la até ali, teria que lhe dar aquele espaço. Fiquei calado, aguardando. Poliana mantinha seus olhos fixos no mar, como se fosse mais fácil manter-se falando daquela forma. — Ela o trocou por um cara mais rico e

menos humilde. O sonho dela sempre foi esse – tornar-se esposa de um homem que pudesse lhe dar a vida de rainha que sempre mereceu.

— E ela nem pensou em levar você?

— Se pensou não compartilhou isso comigo. Eu estava na casa de uma amiga. Quando cheguei, meu pai estava caído de bêbado na nossa sala, e a carta dela estava sobre a mesa de centro. Era para nós dois. — Poliana riu com desdém. — Ela nem se deu ao trabalho de escrever algo só para mim.

— Vocês ainda mantêm contato?

— Não. Não faço ideia de onde ela esteja. Desapareceu completamente e me deixou para trás.

Novamente apenas assenti, tentando não demonstrar o quando sua história me incomodava.

— E mesmo assim... você ainda a ama?

Era uma pergunta estranha de se fazer, mas estava curioso. Sentimentos não eram a minha área, eu ainda tinha muita dificuldade para entender como eles funcionavam, como se fossem uma tecnologia nova da qual eu ainda não tinha lido o manual e não compreendia. Algo me dizia que Poliana estava muito mais familiarizada com a forma como essas coisas operavam, por mais que também tivesse tido péssimos exemplos.

— É um tipo diferente de amor... mas... acho que ainda é amor. — Ela pensou por alguns instantes. — Sim, ainda é. — Levando a mão ao peito, ela agarrou o tecido da bata rendada que usava, como se ele representasse seu coração. — Eu o sinto enraizado, sabe? Poderia tentar arrancá-lo do peito, mas de que adiantaria? Eu não a odeio. Ela só... fez uma escolha.

— Alguém está pagando pelas consequências dessa escolha — falei em um tom impassível, ainda me controlando.

— Mas ela não sabe disso.

— Você nunca tentou procurá-la para dizer o que se passa? — Voltei-me para ela, um pouco surpreso.

— Não — respondeu, envergonhada.

— Por quê?

Ela abriu um sorriso melancólico, com uma nota de ironia.

— Para quem está de fora pode parecer absurdo, mas pessoas agredidas não costumam falar sobre isso. A gente sente vergonha... Não sei. É difícil.

— Imagino que sim. — Não, eu não imaginava. E como poderia? Eu havia nascido com a vantagem de ser homem, com porte e tamanho ao meu favor, isso sem contar minha condição financeira e o poder que o título de CEO de uma empresa de sucesso me garantia. Não fazia ideia do quão assustador poderia ser viver no corpo frágil de uma mulher e ser subjugado por alguém com mais força física.

Esperei que Poliana dissesse mais alguma coisa, mas ela simplesmente ficou calada, observando a paisagem à nossa frente, parecendo pensativa. Por alguns instantes, pensei que não daríamos continuidade a nenhum assunto, mas ela se manifestou:

— E a sua família?

Voltei meus olhos em sua direção rapidamente, como se a pergunta fosse chocante demais. Só que era apenas algo normal. Eu tinha sido bem mais indiscreto com ela. Entretanto, falar da minha família era sempre complicado.

— Meus pais estão mortos. Tenho uma irmã — uma resposta direta e quase grosseira, principalmente porque

minha voz soou extremamente cortante, não lhe dando nenhuma chance de querer prosseguir. Era melhor assim.

— Desculpa. Não quis ser invasiva... — pediu novamente com humildade, e eu quase praguejei.

Queria dizer a ela que não fora o caso, que não tinha problema, mas fiquei quieto. O que a deixou calada também.

Poliana remexeu-se ao meu lado, ajustando sua posição. Erguendo os joelhos flexionados, apoiando a cabeça neles, ela abraçou as pernas, chegando a suspirar, enquanto o mar se revolia à nossa frente, rugindo e quebrando diante de nossos olhos.

— Eu perdi meu melhor amigo recentemente — soltei sem querer, porque simplesmente não achei assunto melhor. De alguma forma, precisava conversar com alguém. A imagem de Clara, daquela tarde, ainda me perseguia. Por mais que Poliana muito provavelmente não fosse a melhor opção, ela estava disponível, e eu não era exatamente o cara mais popular do país. Desabafar não era assim tão simples.

Ainda encolhida, Poliana olhou para mim, e eu gostei de perceber que não havia compaixão em seus olhos. Ela parecia lamentar, obviamente, mas não era nada com o que eu não pudesse lidar.

Pena era impensável para mim, mas o que ela me oferecia? Eu poderia aceitar.

— Sinto muito — respondeu quando eu simplesmente não disse mais nada. Com um encolher de ombros, tentei espantar aquela sensação de coitadismo. Eu obviamente ainda sofria por Júlio e Adriana, mas a vida seguia, não seguia?

— Não sinta. Você mal os conhecia. E mal me conhece também, se formos sinceros... — Talvez tivesse soado mais rude do que gostaria, mas era tarde para retirar o que disse.

— Ainda assim, você mencionou o assunto, o que me faz supor que quer conversar.

Voltei minha cabeça na direção dela de súbito, quase assustado com sua sinceridade. Apesar de serem palavras incisivas, o tom cáldo de sua voz e a forma quase sussurrada, como se ainda usasse de um pouco de timidez, fizeram misérias aos meus ouvidos.

Bem... não apenas a eles, é claro.

O fato de ter me chamado de *você* também não me passou despercebido.

— Não sei se quero — falei, confuso.

Na verdade, eu não sabia se queria conversar com ela. Mas, ao mesmo tempo, sentia que era uma oportunidade em mil. Havia algo de confiável em Poliana.

— Talvez não seja uma questão de querer, mas de necessidade. Às vezes, por mais resistente que seja o nosso coração, não conseguimos guardar certas emoções dentro dele. Algumas precisam escapar.

Balancei a cabeça, sentindo-me um pouco impressionado. Quem era aquela mulher, afinal?

— Você provavelmente está certa. Posso, ao menos, confiar que tudo que dissermos esta noite ficará entre nós?

— Claro.

— Bom. — Remexi-me, inclinando o corpo para trás e apoiando-o nas palmas das mãos que afundaram na areia. — Alguns meses antes de morrer ele teve uma filha, da qual sou padrinho. No dia em que a conheci, ele me confidenciou que se algo acontecesse a ele e à esposa, eu seria o escolhido pelo casal para criar a menina. — Poliana ergueu

uma sobrancelha, como se fosse muito surpreendente. Mas, de fato, era. Eu não poderia culpá-la.

— E o que você pensa disso? — ela perguntou de uma forma completamente natural, como se fôssemos dois amigos em uma conversa informal.

— Estou ponderando.

Poliana soltou uma risadinha.

— Por que está rindo? — indaguei, quase irritado, julgando sua atitude uma falta de respeito.

— Me desculpa, é que você falou de um jeito engraçado, sabe? — Sua risada se transformou em um sorriso doce, quase inocente. — Como se fosse um contrato a ser analisado. É a vida de uma garotinha. Adotá-la te transformaria em pai.

— Eu sei bem disso — respondi com uma sobrancelha erguida, quase com desdém.

— Mas imagino que se está *ponderando* — ela usou de ênfase para proferir a palavra que eu mesmo usei — é porque tem sentimentos pela menina, não é? — Assenti, tentando não me mostrar muito emotivo a respeito da situação. — Então tem que pensar que é um compromisso para a vida inteira. É uma decisão difícil...

— Sei bem disso também.

Outro sorriso. Eram bem melhores do que as lágrimas ou a aparência assustada.

— Parece que você tem tudo sob controle, então... — falou, em um tom de brincadeira.

Não respondi, mas se conseguisse dizer alguma coisa seria para explicar que ela estava completamente enganada, mas não achei necessário. Até porque... ela não era minha amiga. Nem perto disso. Éramos apenas dois

quase estranhos, perdidos em suas angústias, encontrando um estranho jeito de confessar nossos pecados.

Só que eu mal havia começado a expurgar os meus.



O vento continuava sussurrando coisas indecifráveis no meu ouvido. E ainda bem por isso, porque o homem ao meu lado parecia mais calado do que nunca. O que era algo a realmente se levar em consideração, já que dizer que ele era, normalmente, cara de poucas palavras seria um eufemismo e tanto.

Estava parado como uma estátua também, até o momento em que finalmente levou a mão à gravata e a afrouxou, tirando-a por completo e jogando-a na areia.

Não pude evitar um comentário.

— Imagino que tenha muitas dessas também.

Por um momento ele não pareceu entender o que eu queria dizer, mas usei a cabeça para apontar para a gravata, e ele também olhou para ela, como se fosse uma alienígena em sua mão. Como se não compreendesse de jeito nenhum o que estava fazendo ali.

— Eu tenho muitas coisas — falou simplesmente. Não parecia ser uma frase arrogante, mas uma reflexão para si mesmo. Como se o fato de ele ser bastante rico pudesse ser motivo de vergonha, talvez. Era difícil interpretar alguém que mal se conhecia.

— E elas são importantes para você? — perguntei em mais um ato de ousadia. Ele estava desabafando, não estava? Mesmo que o fizesse da forma mais automática possível, como se não tivesse outra opção.

— Talvez, sim. Ser bem sucedido sempre foi a minha maior meta. Ter, ter e ter. Era assim com meu pai, e essas coisas, provavelmente, são genéticas. — Supus que fosse uma tentativa de brincadeira, mas ele não estava sorrindo. Como sempre.

Daquela vez eu não soube como responder. Na verdade, eu nem sabia se era o caso de uma resposta, porque Henrique mal me olhava. O que eu achei bom, já que às vezes era difícil lidar com a forma intensa com que me observava.

Só que mais inesperado ainda foi o que disse em seguida:

— Se você quiser ir à delegacia, denunciar o seu pai, posso ir com você.

Hesitei antes de dizer qualquer coisa, porque era um assunto delicado.

— Não sei se teria coragem — respondi bem baixinho, porque era uma prova de covardia. E eu não gostava disso.

— Por isso estou me oferecendo para ir junto — a frase soou um pouco rude, mas, de alguma forma, eu sabia que esta não era a sua intenção. Era apenas o jeito de Henrique ser.

O belo homem, dos olhos azuis de safira, que não sabia sorrir.

O silêncio nos engoliu novamente, da mesma forma como aquelas ondas à nossa frente engoliam a areia, tomando-a em um abraço possessivo. Permanecemos assim por algum tempo, que eu não saberia precisar quanto, mas foi Henrique, novamente, que se manifestou primeiro.

— Está se sentindo melhor?

Por incrível que pudesse parecer, eu estava, sim. Infelizmente, existiam outros fatores que não permitiam que eu ficasse cem por cento, mas não havia mais nada que Henrique pudesse fazer.

— Estou, obrigada.

— Tem algum lugar para onde eu possa levá-la? Alguma amiga que possa te abrigar?

Balancei a cabeça em negativa, lamentando e começando a me sentir apavorada com a possibilidade de ir para casa. Mas não havia jeito. Eu não poderia dormir naquela praia.

— Acredito que quando chegar ele já vai ter dormido. — Era o que eu esperava, aliás.

Henrique finalmente voltou seus olhos para mim, parecendo um pouco incomodado. Ainda assim, sem dizer nada, começou a se levantar.

— Se é o que você quer...

Ele parecia contrariado, quase zangado e impaciente. Limpou a areia de sua calça cara e estendeu a mão para

me ajudar a me levantar. Aceitei, e ele me puxou, colocando-me de pé. No momento em que fez isso, acabei me desequilibrando e indo parar literalmente em seus braços, porque precisou me amparar antes que eu acabasse caindo.

Henrique demorou a me soltar. Seus olhos foram diretamente para os meus, fixos, cheios de intenções misteriosas. Em seguida recaíram na minha boca, com uma expressão de gula que me desconcertou.

Só que tudo isso durou apenas alguns segundos, porque ele rapidamente tirou as mãos dos meus braços.

— Me desculpa... — pedi rapidamente, sentindo meu rosto queimar.

Com um meneio de cabeça, ele aceitou meu pedido, e continuamos a nos arrumar para sair, tentando fingir que nada tinha acontecido. Henrique pegou seu paletó e a gravata, sacudiu-os e seguimos em direção ao carro.

O trajeto foi feito em silêncio, mas em todo momento que eu conseguia olhar para ele, mesmo de soslaio, enxergava seus maxilares proeminentes se contraindo, e as articulações de seus dedos ficavam cada vez mais brancas conforme ele apertava o volante, como se estivesse com raiva.

Quando chegamos ao meu prédio, ele parou, desligou o motor, mas não se mexeu.

Preparei-me para saltar, tirando o cinto e levando a mão à maçaneta.

— Obrigada por tudo, mais uma vez. E boa noite.

Por algum motivo, eu queria sair daquele carro o mais rápido possível. Não que a companhia dele, por mais silenciosa e estranha que fosse, me incomodasse. Não era

isso. O problema era eu e a forma como ele começava a me afetar.

— Poliana... espere — era um pedido, é claro, mas, de alguma forma, ele fazia com que soasse como uma ordem. Talvez fosse o fato de ser meu chefe, é claro, mas Henrique tinha um espírito autoritário por si só.

Voltei-me em sua direção quase que imediatamente.

— Vou esperar aqui. Suba, veja como está a situação na sua casa. Se seu pai estiver dormindo mesmo e as coisas estiverem tranquilas, me envie uma mensagem. Se não... vou subir em quinze minutos, no máximo.

— Mas... — tentei argumentar, mas ele voltou aqueles olhos azul-escuros, que se destacavam dentro da escuridão do carro, parecendo nada disposto a me dar o poder da palavra.

— Sem mas. Faça o que estou pedindo, por favor. Não vou conseguir sair daqui sabendo que você pode estar sendo agredida lá em cima.

Abaixei a cabeça, completamente envergonhada por toda aquela situação. Ele não tinha obrigações comigo. Não éramos sequer próximos, nossa relação era estritamente profissional, com exceção de alguns momentos perdidos nos últimos dias. Ainda assim, estava fazendo mais por mim do que qualquer outra pessoa já tinha feito.

— Tudo bem — concordei, principalmente porque estava com medo. E a ideia de ter alguém por perto para interceder por mim, caso a bomba explodisse, não me desagradava.

Saltei finalmente do carro e subi para o meu apartamento, cumprimentando o porteiro da noite no processo.

Abri a porta com cuidado, tentando fazer o mínimo de barulho. Fechei-a com ainda mais cautela, enquanto tirava

os sapatos de salto, porque sabia que iriam fazer barulho no piso de tábua corrida. A luz do quarto dele estava acesa, mas isso não queria dizer nada, porque às vezes ele capotava sobre a cama e não pensava em mais nada.

Mas o resmungo baixo e ininteligível me paralisou.

Outra vez.

Para ir para o meu quarto, eu precisava passar pelo dele, o que não era uma boa ideia.

— Poliana? — a voz grossa e rouca vociferou, soando embolada, como sempre ficava quando ele tinha passado da conta com a bebida. Corri para a cozinha, na esperança de entrar no banheirinho, mas ele sabia o jeito certo de me aterrorizar. — Se acabar se trancando e se escondendo vai ser pior, porque eu vou arrombar a porra da porta e vou te enfiar a porrada. Você precisa de um corretivo ou vai mesmo acabar como a sua mãe.

Ele veio andando a passos largos, a tempo de me pegar antes que eu entrasse no banheirinho mesmo assim. Agarrou-me pelos cabelos e me jogou no chão com força, fazendo-me bater o quadril no piso, lançando uma dor intensa que irradiou por todo o lado direito do meu corpo.

Mal tive tempo para lamentar por essa primeira agressão, porque ele rapidamente agarrou minha blusa, pegando-a pela renda e rasgando-a no processo, deixando meu sutiã rosa e delicado à mostra.

— Usando roupa de vagabunda, né? — O tapa foi forte e não foi o único. Enquanto era punida, sem nem saber por que, tentava entender o que havia de errado com as peças que eu usava? O que sua mente doentia poderia estar maquinando.

Soltei um grito agudo quando ele agarrou meu braço, levantando-me do chão em um rompante, começando a me

levar em direção ao banheiro onde eu pensei em me esconder previamente.

— Não era aqui que queria ficar? Então vai passar a noite toda, trancada, para aprender.

Fui lançada com força naquele cubículo, e minha testa foi direto no vaso sanitário, o que me deixou zonda no momento em que tentei me recompor. Tão fora de mim que o som violento que ouvi vindo da sala, pouco antes de meu pai tentar trancar a porta, soou quase onírico.

Minha vista embaçada demorou a reconhecer a figura enorme que surgiu, agarrando meu pai e tirando-o de perto de mim. Ouvi alguns xingamentos, algumas exclamações nada cordiais, mas eu sentia que minha consciência ia se perdendo mais e mais a cada segundo que passava.

Ainda consegui voltar a mim no momento em que alguém se abaixou ao meu lado. Minha reação instintiva foi me encolher, porque, em minha inconsciência, jurei que se tratava do meu pai.

— Poliana? — a voz familiar se perdeu em algum canto da minha mente. — Sou eu, Henrique.

Não... não podia ser ele o dono daquela voz suave e gentil. Henrique era tão... bruto... tão rabugento...

Abri os olhos com dificuldade e a primeira coisa que vi foram os dele, azul-escuros, naquele tom tão peculiar que se destacava em seu rosto quase em neon.

Deus, eu deveria estar muito zonda mesmo, porque tudo o que eu conseguia pensar era no quanto ele era bonito.

Também vi quando começou a tirar o paletó, cobrindo-me, já que minha blusa estava arruinada. Então, agachou-se à minha frente, afastando uma mecha de cabelo do meu rosto, e seus olhos caíram no ferimento que eu sentia sangrar, bem acima da minha sobrancelha esquerda.

Poderia ser a minha visão me traindo, mas imaginei seus maxilares tensos, como se ele estivesse com raiva de algo.

— Vou te levar para o hospital, ok?

Não consegui responder, embora tivesse entendido a pergunta. Só que Henrique não esperou que eu dissesse nada, apenas se avolumou diante de mim, com todo o seu tamanho, e me tirou do chão. No momento em que me olhou nos olhos, comigo em seus braços, não suportei mais e apaguei, achando a escuridão da inconsciência muito bem-vinda.



Tudo virou um borrão na minha mente, desde o momento em que eu entrei na casa de Poliana, depois de ouvir um grito e arrombar a porta, até o momento em que a encontrei, ferida e quase desmaiada, em um banheiro que era nada mais do que um cubículo.

Nunca fui um homem violento, mas a forma como soquei o pai dela, que saiu correndo do apartamento como um covarde pouco antes de eu encontrá-la, chegou a ser prazerosa. Normalmente eu era indiferente a muitas coisas, mas violência contra mulher não era uma delas.

Cheguei com ela ainda inconsciente no hospital, mas não demorou a despertar. Estava encolhida, sentada em uma enorme poltrona reclinável, enquanto aguardávamos os resultados de exames. Não falava absolutamente nada e mal me olhava. Os olhos se enchiam de lágrimas em determinados momentos, e às vezes eu a pegava observando o nada, como se refletisse sobre sua situação.

Eu também pensava, enquanto a analisava com cautela. Pensava que daquele momento em diante não poderia permitir que aquela garota voltasse para aquela casa e para aquele pai. A minha chegada abrupta servira para tirá-la de uma situação perigosa, mas sem dúvidas poderia acarretar-lhe ainda mais problemas. O soco que dei em seu pai poderia ser mais um motivo para ele descontar as frustrações nela.

Assim que recebemos a notícia de que seus exames estavam prontos e que não havia nada de errado com ela fisicamente, além de leves concussões, deixamos o hospital. Já passava das três da manhã, e Poliana parecia exausta. Eu também estava cansado, mas minha insônia constante me levava a dormir muito pouco a cada noite, então, não era novidade, para mim, acabar na cama bem mais tarde todos os dias.

E eu ainda tinha uma coisa para resolver.

Já no carro, antes de acionar o motor – pouco depois de ela ter afivelado o cinto bem lentamente, com os movimentos comprometidos pela dor –, aguardei que se acomodasse da melhor forma e perguntei:

— Não vou te levar para aquele apartamento, Poliana, então, me diga: o que faremos? — falei em um tom de voz baixo, quase um sussurro, porque não queria transparecer a

minha raiva. Especialmente porque não era direcionada a ela.

— Não sei. — Ela apoiou a cabeça nas costas do banco do carro, voltando os olhos para o teto. — Você se importaria se eu dormisse na empresa?

Voltei meus olhos para ela, com o cenho franzido.

— Não tem nenhum lugar confortável por lá.

— Tem o sofá de couro na sala de reunião. Ele é pequeno, mas eu consigo me virar... — Ela bocejou, novamente demonstrando o quanto estava cansada.

Não respondi por um segundo, porque me permiti observá-la outra vez, enquanto pegava no sono, de forma totalmente involuntária, enquanto ainda tentava falar alguma coisa. No hospital, administraram uma pequena dose de um ansiolítico, porque ela sofreu uma forte crise de ansiedade, e este provavelmente estava começando a fazer efeito.

Eu poderia levá-la ao escritório, é claro. Era um lugar seguro; ela poderia até passar o final de semana por lá. Para não largá-la completamente desamparada, deixaria algum dinheiro para que pudesse comer e até comprar alguma roupa para não passar dias com a mesma. Havia um banheiro com um chuveiro, uma copa... ou seja, seria realmente uma solução emergencial razoavelmente inteligente.

Cheguei a me decidir a fazer mesmo isso, enquanto acionava o motor do carro e partia. Mas foi só parar em um sinal e olhar para ela, que parecia muito agitada mesmo em seu sono induzido, e perceber que passar dias sozinha, trancada em um ambiente frio como a empresa, poderia deixá-la em um estado ainda pior.

Só que o que eu poderia fazer? Não conhecia suas amigas, não sabia nada sobre ela. Deixá-la em um hotel poderia ser uma opção, mas o quão desorientada ficaria ao acordar em um local totalmente desconhecido sem ninguém para lhe explicar o que estava acontecendo?

Mas também não poderia levá-la para a minha casa.

Não... *claro* que não. Era um pensamento idiota. O que ela pensaria? Que eu estava me aproveitando da situação, obviamente, ainda mais que não era boba; sabia muito bem o tipo de olhares que eu designava para ela. Um olhar que não deixava dúvidas sobre o quanto a desejava.

Só que, naquele momento, não era o desejo que estava em jogo. Era meu senso de proteção por uma garota que simplesmente não merecia passar pelo que estava passando.

Ninguém merecia, aliás.

Subitamente, parado em um sinal vermelho, novamente lançando um olhar para ela, a ideia absurda de levá-la para a minha casa começou a se tornar um pouco mais atraente.

Cada vez mais. Até o ponto de eu não conseguir mais encontrar outra solução.

Até que minhas mãos, firmemente apertadas no volante, giraram no primeiro retorno, seguindo para o meu endereço.

Entrei no prédio, estacionei na garagem subterrânea, desliguei o motor e tentei não pensar muito. Poliana ainda dormia, e eu não queria me ver como um abusador que leva a mulher desacordada para casa. Eu estava fazendo isso apenas para ajudá-la. Não havia segundas intenções no ato.

Saltei, peguei minhas coisas e coloquei-as dentro do bolso, fechando a porta e dando a volta para abrir a dela. Com cuidado, tirei-a do banco, ainda vestindo meu paletó –

que estava enorme nela, com alguns botões fechados –, e a levei para o meu apartamento.

Minha cobertura pegava o último andar inteiro do prédio e eu tinha um elevador privativo que me levava direto a ela, sem parar em andares. Por mais que àquele horário eu imaginasse que seria difícil esbarrar com alguém – a não ser um baladeiro voltando para casa antes do amanhecer –, foi uma conveniência muito providencial, porque eu não queria ninguém me olhando torto por estar carregando uma mulher completamente apagada para a minha casa.

Não que eu desse a mínima para o que os outros pensavam, mas uma intervenção da polícia não seria nada interessante, especialmente pelo fato de Poliana estar ferida.

Caminhei com ela com todo o cuidado, subindo as escadas, ouvindo os sons indefinidos que deixava escapar, sua respiração e os pequenos movimentos que fazia, enquanto sua cabeça se mantinha encostada no meu peito, transmitindo-me uma sensação cálida. Mal pesava nos meus braços, e quando eu a coloquei na cama, no quarto vago do meu apartamento, parecendo tão frágil naquele ambiente que era tão meu, minha cabeça deu um nó.

Eu não era um santo, definitivamente. E por mais que fosse um pouco indiferente a muitas coisas na vida, sexo não era uma delas. Fosse como fosse, nunca levei uma mulher para aquele apartamento, porque considerava íntimo demais. Nenhuma nunca dormira na minha cama, nem mesmo naquele quarto que seria chamado de hóspedes, se eu recebesse alguém.

Mal havia tocado naquela garota, mas ela sabia mais sobre mim do que muitas outras pessoas. Ela sabia sobre Clara e meu dilema. Conversara comigo, horas atrás, como

se fôssemos amigos, mas não chegávamos nem perto de ter algum tipo de intimidade.

Ainda assim... uma ideia perigosa se instalou no meu cérebro. Uma que eu afastei rapidamente, mas que sabia que iria me perseguir durante toda aquela noite.

Uma que eu precisava externar para alguém em quem confiava — e que, com sorte, me diria que era o maior absurdo que alguém poderia sequer cogitar.

Saindo do quarto, fechando a porta, fui descendo as escadas da cobertura triplex, enquanto tirava meu telefone do bolso da calça. Se eu conhecia bem a minha irmã, que costumava trocar o dia pela noite, ela ainda estaria acordada, trabalhando em suas graphic novels que compartilhava com a esposa. Priscila era desenhista, e Marília, roteirista. Elas tinham uma série LGBT que era um sucesso no meio, e eu sabia que seria atendido, embora imaginasse que ela odiaria ser interrompida, já que escolhia a madrugada exatamente por ser um período menos tumultuado.

— Mas que merda deu em você para me ligar a esta hora? — foi a saudação que recebi.

— Podemos conversar? Não vou tomar muito do seu tempo.

— Às três da manhã? O apocalipse está chegando e eu não sei?

— Não... ou talvez, sim. Acho que preciso me casar — falei simplesmente, nem me dando conta do quão bombástica era a afirmação.

— O quê? — ela falou mais alto do que deveria no meu ouvido. — Henrique, você está bêbado?

— Estou falando sério, Priscila. Não ligaria para você se fosse algo leviano. Pensei que me conhecesse.

— Sim, eu conheço, mas por um momento achei que, talvez, o meu irmão rabugento e sem graça pudesse ter aprendido a curtir a vida, tomando um porre e viajado para Vegas para se casar com uma stripper ou algo assim.

— Eu falei que *preciso* me casar, não que *quero* fazer isso.

— Ah, falha minha. Acho que meus ouvidos não funcionam tão bem às três da manhã... — como sempre debochada, Priscila continuou falando. — Seja como for, me explica isso direito.

Respirei fundo e fui em direção à enorme varanda do primeiro andar da minha cobertura. A vista era impecável, direto para o mar azul, e o cheiro de maresia me atingia junto à brisa noturna. O céu acima da minha cabeça, todo pintado de negro, era uma vastidão de incertezas, assim como meu coração.

— Falei com Leandra recentemente.

— A advogada gostosa com quem você saía?

Franzi o cenho, quase revirando os olhos.

— Ela mesma. Pedi alguns conselhos a respeito de Clara. Ela me disse que, realmente, se eu fosse casado teria uma chance a mais de conseguir a guarda da menina.

— Ahhh, essa conversa me interessa. — Ouvi um som de *woosh* e imaginei que Priscila tinha se sentado em algum lugar, ou simplesmente se jogado. — Você está mesmo pensando em adotar a neném?

— Ainda não me decidi — respondi de forma quase severa, porque não queria ser pressionado. O que era ridículo, já que liguei para ela exatamente para falar sobre o assunto.

— Você está falando em casamento! Se precisa se casar é porque tem interesse em lutar pela causa.

Apoiei meus cotovelos no gradeado da sacada e voltei meus olhos para baixo. Ao invés de contemplar a beleza natural diante de mim, foquei em meu próprio pé, calçado com meu sapato italiano caro, sem qualquer motivo. Talvez eu tivesse visto coisas feias demais naquele dia. Talvez meus olhos estivessem acostumados a isso... quem sabe?

— E se eu realmente estiver falando sério... você acha muita loucura da minha parte? — minha voz soou como pouco mais que um sussurro. Era como se eu tivesse vergonha da minha própria indecisão.

Nos negócios, sempre fui muito assertivo, muito decidido e fiel aos meus instintos, e poderia dizer o mesmo sobre a minha vida pessoal, porque nunca houve muitas escolhas. Desde que certa tragédia aconteceu, sempre foi tudo preto no branco, sempre me afastei do que poderia me causar consequências desastrosas. Mas lá estava eu, pensando sobre tomar ou não a decisão mais absurda da minha vida. Casar-me e adotar uma criança, tudo em um mesmo pacote.

E eu sabia que nunca seria um bom marido muito menos um bom pai.

— Você sabe que eu te apoiaria em qualquer coisa, não sabe, maninho? Menos nessa sua ideia ridícula de ser um solitário e de viver a sua vida como se ela só se resumisse a reuniões de negócios, papelada e projetos. Você é um cara novo, é um gato... deveria estar...

— Priscila — eu a repreendi —, eu não te liguei em busca de uma sessão de terapia. Quero um conselho.

Ouvi minha irmã respirar bem fundo do outro lado da linha.

— Sabe o que você quer, Rique? De verdade? Você quer que eu diga que você ficou louco. Ligou para mim para

que eu te dissuada da ideia, mas não vou fazer isso. Acho que você precisa de uma mudança nessa sua vida. Quem sabe uma criança não te deixe mais feliz? — Fiquei calado. Eu não poderia cogitar a adoção de Clara para suprir uma necessidade minha. Era pela menina. — Seja como for... existe alguma candidata a esposa?

Lá estava a pergunta que eu temia, com a resposta que eu temia mais ainda.

— Talvez, sim — respondi em um resmungo.

— Uau! Isso é uma novidade. Namorada? Por que eu não a conheço?

— Não, Priscila, não é uma namorada... — A imagem da bela garota deitada na minha cama, tão indefesa e machucada, surgiu na minha mente. Era ridículo, ela provavelmente nunca aceitaria, mas era a minha opção. — É uma mulher que precisa de ajuda.

— Hum... — Priscila murmurou, parecendo pensativa. Porém rapidamente prosseguiu: — Uma mulher e uma criança que precisam da sua ajuda. Está virando altruísta demais, Henrique. Que pena que nenhuma das duas ações vai ser benéfica para você — zombou. — Essa moça é bonita?

Novamente respirei fundo, enquanto saía da varanda, com uma das mãos em um dos bolsos e a outra segurando o celular contra o ouvido. Sentia-me inquieto, incapaz de ficar parado, principalmente sabendo que não estava sozinho em casa.

— Sim, ela é bonita.

— Bom começo. Uma linda donzela em perigo? Um CEO bonitão, frio e implacável? Um casamento arranjado e um bebê? Onde eu compro esse romance? — zombou novamente.

— Foi uma péssima ideia ligar para você.

— Disponha, maninho. Estou sempre aqui para isso.

Continuamos por mais alguns minutos no telefone, até nos despedirmos, e eu jogar o aparelho quase sem bateria novamente dentro do meu bolso.

Era hora de tomar um banho, colocar uma roupa mais confortável e tentar dormir um pouco. Precisava tentar acordar cedo, de preferência antes de Poliana, porque precisava lhe explicar o que ela estava fazendo ali, o porquê de eu tê-la levado para o meu apartamento.

Talvez também fosse uma boa ideia sondá-la a respeito do casamento.

O que seria bem estranho... Mas o que não era estranho naquela história?

Algo me dizia que ainda teríamos um longo caminho a percorrer.



Tudo ao meu redor era completamente desconhecido. Um ambiente novo, impessoal e assustador, já que eu não fazia ideia de onde estava. Confortável, é claro, mas não menos confusa. A última coisa de que me lembrava era de ter sido literalmente salva por Henrique, de acordar em um hospital e depois de adormecer no seu carro. O que me fazia concluir – brilhantemente – que fora ele quem me levara até ali.

Mas onde era aquele *ali*?

Onde diabos eu estava?

Remexi-me na cama devagar, ainda sentindo o corpo doer por causa das contusões. Bem lentamente, afastei a

coberta pesada e lancei as pernas para a lateral da cama, e meus pés descalços tocaram o chão frio de porcelanato.

Antes de me levantar, olhei ao meu redor, novamente tentando reconhecer qualquer detalhe do cômodo que pudesse me explicar onde eu estava. Era luxuoso, apesar de possuir poucos móveis, em tons de cinza e azul – um quarto de hóspedes, talvez.

Em uma das minhas inspeções deparei-me com uma suíte, então, foi para lá que fui, andando pé ante pé, até parar diante de um espelho de tamanho considerável, assim como tudo ao meu redor.

Havia uma banheira. Bem grande, aliás. *Será que eu estava em um hotel?*

Joguei um pouco de água no rosto, nem me importando com o quanto parecia cansada e pálida. O curativo na minha testa parecia se camuflar no tom alvo da minha pele, mas estava ali – um lembrete bem vívido do que havia acontecido na noite anterior.

Com as duas mãos apoiadas na bancada e os dedos agarrando a borda da mesma com força, tentei não surtar pensando no que aconteceria a partir do momento em que eu voltasse para casa. As memórias da noite anterior ainda estavam um pouco turvas na minha mente, mas eu sabia que Henrique tinha invadido a casa e me tirado de lá. O que meu pai teria pensado? No mínimo que era meu amante. Como me tinha em péssima conta, deveria estar achando que eu era a vagabunda que merecia seus xingamentos.

O que eu faria dali em diante? As coisas só pareciam piorar ao meu redor.

Baixei um pouco o olhar do meu rosto e segui até o paletó que Henrique usara para me cobrir. Tirei-o e contemplei a minha blusa, completamente arruinada. O

sutiã aparente, um pequeno hematoma no ombro – do qual eu nem me lembrava –, símbolos da minha vergonha. Tentei fechá-la com as duas mãos, amarrando-a com alguns fios de renda soltos, mas era impossível.

Frustrada, voltei ao quarto e foi então que me dei conta de que havia uma camiseta de malha sobre o encosto da poltrona que ficava em um dos cantos, próxima à janela, cujas cortinas em um tom de azul-marinho, pesadas e bonitas, estavam fechadas, protegendo-me do mundo tão feio lá fora.

Onde quer que eu estivesse... bem, não era um hotel. Outra possibilidade passou pela minha cabeça, mas era muito absurda para ser sustentada.

Passei a chave – que estava pendurada na fechadura –, trancando a porta e tirando a minha bata de renda com cuidado por cima da cabeça, sentindo meus músculos protestarem com as dores da surra, e vesti a camisa que fora deixada para mim. Ela era obviamente masculina, preta, simples, mas de tecido caro e de boa qualidade. E era ridículo pensar nisso, mas reconheci o cheiro que ela exalava como sendo o do perfume habitual de Henrique, com aquele toque amadeirado e masculino.

Respirei fundo, tentando me acalmar e absorver a certeza de que, onde quer que eu estivesse, estava segura. Com isso, firmando meus passos, destranquei a porta e saí do quarto desconhecido, vendo-me em um corredor amplo, claro, mas que eu ainda não reconhecia.

Desci um lance de escadas, seguindo o cheiro de café e queijo derretido, além dos sons normais de uma cozinha em funcionamento. Panelas, talheres, comida chiando no fogo... meu estômago roncou sem que eu nem me desse conta do quanto estava com fome.

Só que a cena foi muito mais inesperada do que eu poderia sequer imaginar nos meus sonhos mais ousados.

Lá estava Henrique – aquele homem enorme, intimidador e tão austero – em frente a um fogão, virando uma panqueca, como se a cozinha fosse seu habitat natural; como se ele pertencesse a um ambiente doméstico.

Sem o terno de sempre, ele vestia uma camiseta não muito diferente da que deixara para mim, mas branca, igualmente básica, e uma calça jeans. Os pés estavam descalços, e com aquela roupa eu podia ver o quão musculoso era, tudo que seus ternos escondiam.

Jurei que não tinha feito nenhum barulho, mas ele olhou na minha direção, logo depois de retornar a frigideira para o fogo, com a panqueca já virada.

Nenhum sorriso. Nenhuma expressão acolhedora. Nada. Apenas o semblante impassível de sempre, os olhos desamparados – que pareciam mais cansados do que o normal –, que me olhavam como se eu fosse algo que realmente merecesse sua atenção.

Até mesmo vestindo uma camisa que me engolia por completo por cima de uma calça jeans.

— Você está bem? — foi a primeira coisa que ele perguntou, com o tom de voz rouco e um pouco mais profundo, porque não deveria ter dito nada até aquele momento na manhã.

— Sim. Onde eu estou? — perguntei, embora fosse um pouco idiota da minha parte. Eu podia imaginar que lugar era aquele, mas precisava da confirmação.

— No meu apartamento. — Henrique desviou os olhos, voltando-os novamente para a comida que preparava. Sua postura indiferente fazia parecer como se não fosse nada

de mais eu ter acordado na cama do meu chefe, sem fazer ideia de como tinha ido parar ali.

Tá, não era exatamente a cama *dele*, mas tudo naquele apartamento lhe pertencia, então, tecnicamente eu estava certa.

— Mas... como? — outra pergunta idiota. Ainda bem que não era uma entrevista de emprego.

— Você adormeceu no meu carro, enquanto voltávamos do hospital — mais uma explicação que ele pareceu banalizar.

Dei alguns passos em sua direção, embora ainda me sentisse hesitante.

— Pensei que iria me levar à empresa.

Henrique não respondeu de imediato, mas demorou o máximo possível tirando a panela pronta da panela e colocando-a em um prato, começando a recheá-la com quantidades generosas de queijo e presunto. Pelo que eu podia ver, havia mais três, empilhadas em uma assadeira, prontas para irem ao forno.

Aguardei sua boa vontade. Eu sabia que ele tinha me salvado, que fora nada além de gentil, mas, ainda assim, queria explicações.

— Achei que você ficaria melhor aqui — econômico na resposta mais uma vez. Pensei que só diria isso, mas ele prosseguiu, enquanto continuava a preparar suas panquecas. — Me perdoe se foi uma decisão errada, mas você estava praticamente inconsciente, não podia pedir sua permissão. A empresa não é um lugar tão seguro nem tão... confortável... — a última palavra soou um pouco mais insegura, como se ele estivesse mesmo em dúvida sobre suas atitudes. Só que por mais que eu me sentisse um

pouco desconcertada por toda a situação, só me restava agradecer.

— Obrigada — pedi, novamente me aproximando, mas ainda me mantendo a uma distância segura. — E me desculpe por todo o trabalho... Você me carregou até aqui em cima e...

— Você não pesa nada. — Seco. Frio. Era uma constatação completamente sem emoção, especialmente levando em consideração o fato de que ele me interrompeu.

— Ainda assim... — Coloquei uma mecha de cabelo atrás da orelha, sentindo meu rosto esquentar, provavelmente corando. Uma coisa que me incomodava era que ele continuava mexendo na pia e no fogão, sem olhar para mim. — Seja como for... Agradeço de verdade. Tanto por ter me salvado, me levado para o hospital e me oferecido abrigo. Se puder me emprestar o telefone para eu chamar um táxi, eu...

— Preciso conversar com você, Poliana. Espere, ao menos, para almoçar comigo — ele falou com a cabeça inclinada, olhando por cima do ombro, mas seus olhos não se voltaram para mim.

Só que uma palavra de todas as que ele disse se destacou:

— Almoçar? Que horas são?

— Já passa de meio-dia. — Depois de levar a assadeira ao forno, Henrique finalmente olhou para mim. — Eu iria sugerir que tomasse um banho, se quiser. Deixei toalhas limpas e sabonete no banheiro do quarto onde dormiu. Se precisar de mais alguma coisa... — Ele cruzou os braços enormes contra o peito, deixando-os ainda mais em evidência na camisa branca.

Levei a mão aos meus cabelos, jogando-os para trás.

— Acho que nunca dormi até tão tarde — comentei, sem jeito.

— Você estava praticamente sedada.

Assenti.

— Eu vou aceitar o banho.

Ele também balançou a cabeça em concordância.

— Fique à vontade.

E só disse mais isso antes de novamente voltar sua atenção aos seus afazeres. Era um pouco frustrante, mas minha cabeça estava focada em outra coisa – na tal conversa que ele dissera que teríamos.

Enquanto subia novamente as escadas para o quarto, que já sabia onde ficava, tentava não surtar com a possibilidade de ele ter decidido me mandar embora. Ficar desempregada em qualquer momento seria caótico, porque eu precisava pagar a faculdade, mas naquele em específico, quando eu não fazia ideia de onde iria passar a próxima noite, poderia ser uma tragédia. Fosse como fosse, eu não poderia nem contestar, já que deveria ser a funcionária que mais dava trabalho ao chefe na história do universo.

Conforme o combinado, tomei banho, vesti a mesma roupa – inclusive a camiseta que ele me emprestou – e descii mais uma vez.

O cheiro da comida estava mais intenso, assim como o meu embaraço.

A mesa estava posta, mas Henrique não se encontrava mais na cozinha.

Busquei-o com meus olhos e o vi parado diante da enorme varanda, com uma das mãos no bolso e a outra ocupada, segurando um copo de alguma bebida amarronzada, provavelmente uísque ou conhaque. Os

ombros largos pareciam tensos, como se o mundo inteiro repousasse sobre eles.

— Senhor... — por algum motivo não consegui usar apenas Henrique para chamá-lo. Não depois dos últimos acontecimentos.

Ele se virou na minha direção, com aquele cenho franzido, que era uma de suas características marcantes. Pensei que iria me contestar, como tinha feito tantas outras vezes, mas não disse nada a respeito.

— O almoço está pronto — anunciou, enquanto se dirigia à mesa, pousando seu copo e puxando uma cadeira para que eu me sentasse.

Aceitei o convite e me acomodei, em silêncio. Henrique começou a se servir, mas eu mal conseguia me mover, só tomei a iniciativa quando ele olhou para mim, erguendo uma sobrancelha.

Começamos a comer em silêncio, e eu precisei fechar os olhos, porque estava mesmo muito gostoso. Queria elogiá-lo, mas sentia que não tínhamos intimidade nem de longe para isso.

Ainda assim, eu tinha dormido em sua casa e estava comendo em sua mesa.

Durante todo o processo, senti-me inquieta, esperando o que poderia acontecer naquela conversa. Volta e meia o olhava de soslaio, tentando ler suas expressões, mas era quase impossível.

Meu estômago embrulhado mal conseguia aceitar a comida, por mais gostosa que estivesse, e Henrique percebeu.

— Você deveria comer — soava como um conselho, mas foi dito com tanta ênfase que mais parecia uma ordem.

Eu poderia simplesmente acatá-la ou dar qualquer explicação sem sentido, mas decidi que o melhor era dizer a verdade.

— Desculpa. Está uma delícia, mas fiquei nervosa porque você disse que queria conversar comigo. Não estou pressionando, mas... acho que não vou conseguir comer enquanto não souber do que se trata.

Senti quando respirou fundo, dando-me a sensação de que não se tratava de um assunto simples para ele também. Mas o que poderia ser?

Quando ele tirou o guardanapo do colo, devolvendo-o à mesa, apoiando os cotovelos sobre ela e entrelaçando as mãos, comecei a me sentir verdadeiramente nervosa. E quando aqueles olhos intensos se voltaram para mim — realmente para mim — pela primeira vez desde que acordei, decidi que poderia entrar em colapso em um segundo se ele não se explicasse logo.

— Eu preciso me casar, Poliana — afirmou, baixando os olhos novamente.

O que eu poderia ter a ver com isso...?

— Bem... — fiquei um pouco sem palavras, sem saber o que dizer, porque de todas as coisas que eu poderia imaginar que ele me diria, aquela, sem dúvidas, não fazia parte do pacote. — O senhor precisa de algum conselho? Posso te ajudar de alguma forma? Eu...

— Pode. — Olhou novamente para mim, e eu jurei que poderia me perder naqueles olhos se não mantivesse a prudência. — Você pode se casar comigo.

Se eu não estivesse sentada naquele exato momento, minhas pernas não suportariam e acabariam me levando ao chão.

O que diabos ele estava falando?

Henrique tinha acabado de me pedir em casamento?

Eu não fazia ideia do que poderia estar acontecendo, mas certamente havia algo de muito, muito errado naquela conversa.



As coisas, definitivamente, não estavam saindo como o esperado. A julgar pela expressão de Poliana, eu poderia ser internado em um manicômio ainda naquela tarde ou seria denunciado à polícia.

E quem poderia julgá-la?

Eu certamente não era muito bom com palavras, mas daquela vez me superei.

— Desculpa, mas acho que não entendi direito — a voz de Poliana quase falhou, como se ela estivesse sem ar.

O problema era que ela tinha entendido direito, sim. Só que eu não conseguia encontrar uma forma melhor de fazer as coisas.

Ou talvez... explicar do início fosse uma alternativa melhor.

— Você deve se lembrar da história da minha afilhada... Clara. — Ainda parecendo muito assustada, ela balançou a cabeça. Os olhos castanhos estavam bem abertos, quase arregalados. — Bem... a minha advogada, a Dra. Leandra, com quem você mesma entrou em contato a pedido meu, me informou que se eu quisesse ter uma chance de adotar a menina seria inteligente ter uma esposa.

Péssimo. Cada vez pior.

E a expressão de Poliana só me provava isso mais e mais.

— Uma esposa...? — novamente sua voz soou quase inaudível. — E onde eu entro nessa história? Por que... por que...? — gaguejando, ela mal conseguiu concluir o pensamento.

— Você seria a esposa. — Claro que não era algo simples, mas, para mim, a explicação era bem lógica. Até porque eu tinha passado a noite inteira em claro pensando, ponderando, e, naquele momento, enquanto eu conversava com Poliana, tudo fazia um enorme sentido. Só que para ela não parecia acontecer o mesmo.

Quando ela arrastou a cadeira para trás e se levantou foi que me dei conta de que talvez eu realmente estivesse levando as coisas da maneira errada.

— Desculpa, mas eu acho que não estou entendendo. Eu? Você está dizendo que quer se casar comigo?

— Estou. — Levantei-me também, quase com medo de que ela saísse correndo e nem me deixasse explicar. —

Não de uma forma romântica, é claro. Seria como um... acordo de negócios. Algo que beneficiaria os dois.

Os olhos de Poliana se arregalaram ainda mais.

Porra, por que eu me sentia como um louco pronto para persegui-la?

— Um acordo de negócios? — ela cuspiu as palavras.

— E posso saber como isso beneficiaria a *mim*?

Coloquei as mãos dentro do bolso e encolhi os ombros. Não era possível que ela não enxergasse o óbvio.

— Bem, levando em consideração a sua situação com o seu pai, acho que seria extremamente vantajoso para você. Teria um lugar para morar, além de alguém para te proteger e...

— *Você?* — ela novamente soltou as palavras como se fossem um objeto incandescente em sua mão, do qual ela precisava se livrar antes que se queimasse.

— Como seu marido, seria meu dever, não seria?

Ela deixou os ombros caírem e levou uma das mãos às têmporas, massageando-as.

Dando alguns passos para trás, seus joelhos colidiram com o sofá, onde eu não consegui entender se ela se jogou ou se caiu, completamente desequilibrada. Uma vez acomodada, pousou os dois cotovelos sobre os joelhos, apoiando a cabeça nas mãos, cobrindo o rosto.

Deixei que absorvesse as coisas por alguns segundos, porque eram muitas informações relevantes em pouco tempo, por isso continuei aguardando pacientemente, enquanto ela tentava controlar a própria respiração.

Só que em um dado momento comecei a me sentir incomodado com sua reação. Claro que era algo um pouco absurdo, mas a ideia de se casar comigo era assim tão apavorante?

— Foi um pedido de casamento, Poliana, não uma sentença de morte.

Ela ergueu o rosto para mim, com os olhos quase em fúria.

Linda.

Putaquepariu... ela *era* linda.

Mesmo com aquela roupa ridícula emprestada, mesmo machucada e sem um resquício de maquiagem, os cabelos ainda molhados do banho e a expressão confusa... não havia nada nela que não agradasse meus olhos. Ainda assim, não era essa a minha intenção com a proposta. Muito provavelmente nada nunca aconteceria entre nós, porque eu iria evitar ao máximo antes que as coisas ficassem complicadas demais.

— Você há de convir que é a coisa mais inusitada que eu poderia ouvir, então...

— Ah, agora voltamos ao *você* — zombei mais uma vez, mas sem deixar transparecer humor na minha voz.

— Eu acabei de ser pedida em casamento, acho que formalidades não cabem mais aqui. — Ah, ela sabia ser sarcástica também. Ótimo. Melhor assim. Ela não combinava com a imagem de moça inocente.

Não pude dizer nada, porque, obviamente, ela estava correta.

— Por favor, me diga que isso é uma piada de mau gosto — ela falou bem baixinho.

— Não faço piadas. Além do mais... — uma risada sarcástica escapou do meu peito — casar-se comigo seria algo de mau gosto?

— Não, não é isso! — Mais uma vez ela se levantou. — Mas... nós mal nos conhecemos! E, pelo amor de Deus,

você deve ter uma fila de mulheres atrás de você... Por que eu?

— Porque, como eu já disse, seria uma via de mão dupla. Nós ajudaríamos um ao outro.

Ela começou a balançar a cabeça de forma veemente, sem parar, andando de um lado para o outro, com as mãos na cintura fina, que era escondida pela minha camisa que mais parecia um saco de batatas nela.

— E como seria isso? Quanto tempo?

— Se eu ganhar a guarda de Clara, só mais um ano. Eu não saberia dizer quanto, ao todo, mas uns dois anos e meio, talvez.

— Talvez? — ela ecoou o que eu disse, mas sua voz subira mais uma oitava. — E como seria... a relação em si. O que você *exigiria* de mim?

— Você está cogitando? — perguntei muito sério, com as sobrelhas unidas.

— Não! — Poliana estendeu uma das mãos, na vertical, como se estivesse me impedindo de algo. — Não é isso. Estou curiosa... Para sequer ponderar qualquer coisa do tipo eu preciso primeiro conhecer os termos, não é?

Ela estava, *sim*, cogitando. O que acendeu uma pequena luz de esperança no meu peito.

— Eu não *exigiria* nada de você. Não pretendo usar da posição de marido para te forçar a nada. Não *preciso* fazer isso para ter uma mulher — provavelmente sou um pouco magoado, porque eu realmente não gostava da insinuação. Eu não estava me casando para levar uma mulher para a minha cama. Isso eu tinha e poderia ter a hora que quisesse.

Poliana iniciou uma nova rodada de balançar de cabeça, e eu esperei que deixasse que aqueles novos termos

entrassem em seu sistema. Nunca pensei que fosse fácil, então, já estava preparado para argumentar e mostrar meu ponto de vista.

Só não esperava que ela agisse como se fosse um absurdo completo.

— Casamento de aparências, então. Como nos livros...
— divagou.

— Se há livros sobre isso, sim.

Ela deixou os ombros caírem.

— Eu preciso pensar.

— Claro. É justo. — Poderia ser, mas alguma parte de mim – uma bem iludida e esperançosa – acreditou que, com sorte, eu teria uma resposta quase imediata. — Eu só gostaria de pedir uma coisa.

— O quê?

— Gostaria de ter a resposta neste final de semana, até amanhã, de preferência, senão vou considerar que não tem interesse. Além disso, sugiro que fique aqui, no meu apartamento, enquanto isso.

— Não... isso, não. Eu não conseguiria...

— Acha uma opção melhor voltar para casa e ser novamente espancada? Se vamos mesmo nos casar, posso não ser um marido de verdade, mas não vou aceitar que minha esposa seja agredida. Vou acabar tomando uma atitude e enviando seu pai para a cadeia. Por isso estou oferecendo um quarto, um teto e um lugar seguro para que passe essas noites.

Ela engoliu em seco, e eu supus que aquele argumento, *ao menos*, eu acabaria ganhando. Não havia solução melhor, não se ela quisesse permanecer segura.

— Não quero incomodar — ela sussurrou.

— Se você vier morar aqui em definitivo, vou ter que me acostumar com a sua presença — falei um pouco mais seco do que gostaria, mas não conseguia evitar. Ela também teria que se acostumar com alguns detalhes sobre mim, e obviamente dois dias não seriam suficientes, mas precisávamos começar por algum lugar. — Vamos, Poliana. Acho que essa é uma proposta um pouco mais simples de se aceitar, e uma não tem ligação com a outra. Se quiser ficar aqui pelo final de semana e ainda me dizer não, assim será.

Tentei falar com toda a paciência, explicando como se ela fosse uma criança incapaz de entender as coisas mais simples. Apesar disso, continuou olhando para mim como se eu fosse um louco merecedor de uma camisa de força. Levando em consideração o problema como um todo e as soluções absurdas que eu começava a encontrar, talvez aquilo fosse o mais próximo da verdade.

Como ela não disse nada, decidi me manifestar novamente.

— Volte a comer — falei e lhe dei as costas, dirigindo-me de volta à mesa, tentando não valorizar demais o momento. Se ela queria encarar as coisas da pior forma possível, não seria eu a conseguir melhorá-las em sua cabeça. De todas as pessoas do mundo, eu, provavelmente, era a última que conseguiria convencê-la, até porque qualquer argumento que eu usasse poderia ser encarado como sendo totalmente em meu favor.

Provavelmente seria, é claro, mas eu realmente pensei em Poliana porque sabia que ela precisava de ajuda.

Sentei-me à mesa, pegando o garfo que deixei pousado no prato, mas antes que pudesse levar mais uma porção da comida à boca, ergui os olhos na direção dela e a vi ainda

parada no meio da minha sala, olhando para o nada, como se eu tivesse acabado de lhe contar que o mundo seria atingido por um meteoro em menos de uma semana e que todos iríamos morrer.

Até onde eu conseguia entender, casar-se comigo seria a morte para ela, e uma bem apocalíptica.

— Poliana — chamei com uma voz mais forte, o que a fez sobressaltar-se e virar-se na minha direção. — Venha comer. Pode pensar em tudo o que tem que pensar com o estômago cheio.

Como um robô, ela veio andando na minha direção, sentou-se à minha frente e recomeçou a comer. Ou tentou, porque mais parecia brincar com a comida do que qualquer outra coisa. Ao fim, conseguiu dar mais algumas poucas garfadas, e eu decidi que não seria prudente insistir.

— Terminou? — perguntei, e ela apenas assentiu.

Então eu me levantei, começando a recolher os pratos, e ela levou a mão pequena a uma das minhas, como se quisesse me impedir.

— Eu arrumo a louça — falou, ainda cheia de insegurança.

— Pode ir para o quarto, se quiser. Acho que vai conseguir pensar melhor se estiver sozinha. Se quiser ligar para alguma amiga, para conversar, pedir conselhos... terá toda a privacidade. Vou passar a tarde inteira no escritório, trabalhando, então, mal vamos nos esbarrar e...

— Henrique... — sua voz doce entrou em meus ouvidos, e a forma como pronunciou meu nome, quase como um choramigo, fez coisas com meu corpo que eu não deveria sentir. Permaneci em silêncio, observando-a, esperando que prosseguisse. — Eu não posso ficar aqui... é... é estranho.

— *Estranho?* — uma escolha de palavra bastante peculiar, já que toda aquela conversa, desde que ela acordara, fora nada menos do que bizarra. Devolvendo a louça que tinha recolhido à mesa, cruzei os braços contra o peito novamente, apoiando meu quadril na borda da mesma e olhei para ela. — E para onde você vai, então? Ontem à noite perguntei sobre alguma amiga, mas se você sugeriu passar a noite no escritório é porque obviamente não tem ninguém para te acolher.

— Eu tenho algumas amigas, mas... Não sei se elas poderiam me dar abrigo assim tão de repente — falou envergonhada. Eu também não era um cara que colecionasse boas amizades, então ela não precisava ficar constrangida.

Eu poderia ter dito isso para deixá-la um pouco menos desconfortável, mas preferi me manter neutro.

— Mas isto aqui... — Ela apontou para o local ao seu redor. — Não é a melhor solução. Você é o meu chefe.

Respirei fundo, começando a me sentir frustrado.

— Fique aqui, Poliana. Ninguém precisa saber, se esse é o seu problema. Dentro deste apartamento, você não será ferida, não será importunada, e eu juro que não vou interpretar de forma errônea. Será um arranjo temporário, ou não... dependendo de sua resposta. Durante o final de semana, se negar o meu pedido, podemos pensar em outra solução para a sua situação.

Ela hesitou. Foi uma questão de segundos, provavelmente, mas mais pareceu uma eternidade. Até que, finalmente, balançou a cabeça em afirmativa.

— Pode deixar a louça comigo. Vá para o seu quarto e descanse, pense, faça o que tiver que fazer...

— O quarto não é *meu* — enfatizou com muita veemência, o que me deu total noção de que ela queria estabelecer limites. Eu não fazia ideia do que poderia estar pensando de mim, mas assenti, com os olhos voltados para o chão. — Obrigada. Por tudo.

Com isso ela estava prestes a se virar e se afastar, mais atordoada do que nunca.

Antes que pudesse sair do meu alcance de visão, chamei seu nome:

— Poliana...

Virando-se para mim e me olhando por cima do ombro, aguardou. Olhei para ela com atenção, mantendo-me em silêncio por um breve período de tempo, até que soltei:

— Eu não sou um louco. Só acredito que seja uma decisão prática e lógica. Duas pessoas que precisam de algo e que podem se ajudar. Não pretendo me aproveitar de você.

Poliana novamente balançou a cabeça, mas não parecia muito mais convencida do que estivera minutos atrás.

Deixei que finalmente desaparecesse da minha frente e cheguei a ouvir o barulho da porta batendo no segundo andar e da fechadura sendo trancada.

Ótimo começo, Henrique! É exatamente dessa forma que você vai conseguir uma esposa...



Ela passou boa parte do dia trancada no quarto. Prometi que iria ficar toda a tarde dentro do escritório, mas ao menos de hora em hora me levantava e tentava ouvir os sons que vinham do outro lado da porta do cômodo onde estava hospedada. Às vezes conseguia discernir a água da pia do banheiro ou pequenos passos, ou o farfalhar das cobertas da cama. Poliana parecia inquieta, e eu sabia que era o culpado por isso. Só que na minha cabeça, aquela proposta de nos casarmos era a mais sensata. E quando eu tomava uma decisão, nunca voltava atrás.

Continuei tentando viver minha vida normalmente, apesar de saber que tudo poderia mudar a partir daquele momento, dependendo da resposta dela. Por mais que não fosse ansioso, a incerteza pulsava na minha mente. Eu queria a guarda da minha afilhada. Faria tudo por ela. Até mesmo me unir a uma mulher que recebera meu pedido de casamento como se fosse o anúncio de uma doença terminal.

Já passava das nove e meia da noite quando ouvi a porta do quarto sendo aberta bem devagar. Imaginei que ela pudesse estar com fome, já que comera muito pouco no almoço. Eu já tinha jantado. Como tinha muitas coisas para fazer, acabei pedindo comida de um restaurante próximo – uma massa. Deixei uma porção generosa para ela sobre o fogão, bem à vista, decidindo que era grandinha o suficiente para se servir sozinha.

Enquanto ouvia seus passos pela escada, decidi não me mexer. Estava sentado no sofá, lendo um livro de Umberto Eco, e assim permaneci. O apartamento estava escuro, com exceção da luminária de pé ao meu lado, que me proporcionava iluminação apenas suficiente para que eu pudesse enxergar a página. Isso me favoreceu, porque pude erguer os olhos discretamente e dar uma olhada em Poliana.

Os lindos e longos cabelos estavam secos, caindo pesados e lisos em suas costas. Ela tinha dado um nó na blusa enorme, e esta passara a cair um pouco melhor em seu corpo pequeno, chegando a marcar a cintura. Por um momento estúpido, cheguei a cogitar que poderia ter tentado ficar mais bonita para... mim.

O que era ridículo, a julgar pela forma assustada com que recebeu a minha proposta.

Mas não era para menos, era? Um louco obcecado teria sido mais sutil. Só que não era o meu caso.

Quando terminou de descer os degraus com cuidado, porque parecia ainda estar sentindo dor, pisou os pés descalços no chão, então eu parei de observá-la, mas podia sentir a tensão que se formava ao nosso redor.

Julguei que iria direto para a cozinha ou que iria perguntar se poderia comer alguma coisa, mas senti que se aproximava.

— Podemos conversar? — foi o que perguntou assim que se colocou de pé, diante de mim, embora ainda mantivesse uma distância segura, como se eu fosse contagioso, talvez.

— Claro. — Contendo a ansiedade que se avolumava dentro do meu peito, fechei o livro calmamente, deixando-o de lado, sobre a mesinha de café. Não me levantei, mas apontei para o espaço vazio no enorme sofá, esperando que ela se acomodasse.

Ela o fez, mas novamente mantendo-se o máximo afastada.

Tudo bem, se era assim que queria; assim que iria ser.

Aguardei pacientemente, observando cada um de seus movimentos. Daquela vez, não tirei os olhos dela, capturando toda e qualquer reação, tentando ler nas entrelinhas o que estava por vir. Não me preocupei mais em intimidá-la, porque o estrago maior já tinha sido feito antes.

— Você estava mesmo falando sério mais cedo? Sobre... — ela mal conseguia terminar a frase, mas o fato de estar querendo tocar no assunto era quase um bom sinal.

— Casamento? — completei a frase e a vi balançar a cabeça bem lentamente, com os olhos voltados para baixo.

— Não sou o tipo de homem que faz brincadeiras assim. Acho que você deve ter percebido isso.

— Sim, eu sei — respondeu em um sussurro e continuou calada por mais alguns instantes, até que completou: — Passei a tarde inteira pensando e ainda estou confusa.

— Não esperaria algo diferente. Foi um pouco súbito.

— Um *pouco*? — Olhou para mim, por sob a parca iluminação, com os olhos arregalados e as sobrancelhas erguidas. — Isso, sim, é uma sutileza. — Ela engoliu em seco, e eu continuei esperando seu tempo, tentando ser paciente e o máximo gentil possível. — Posso te fazer algumas perguntas?

— Claro, vá em frente.

— Ok. — Respirou fundo e pousou as duas mãos no colo, entrelaçadas, parecendo tentar se acalmar. — Nós moraríamos juntos, no caso? Aqui?

— Sim. Para o casamento parecer real, teríamos que viver sob o mesmo teto. Podemos morar aqui, se estiver bom para você, ou podemos nos mudar, se achar necessário.

Ela me analisou com cautela, como se eu tivesse acabado de dizer algo muito curioso.

— Teríamos que dormir no mesmo quarto? — indagou, constrangida.

— Não. O quarto onde você dormiu esta noite seria seu. Claro que eu pretendo reformá-lo, para ficar do seu gosto e atender às suas necessidades. O que você quiser e precisar, vou providenciar.

Poliana novamente assentiu.

— E quanto a fidelidade? — outra pergunta feita em um leve sussurro, porque imaginei que era uma questão

delicada para ela.

— Acho que isso pode ser discutido ao longo do tempo. A princípio não tenho intenções de me envolver com ninguém, principalmente levando em consideração que haverá uma criança na minha vida. Mas caso surja um interesse, podemos ser sinceros e conversarmos um com o outro. Provavelmente encontraremos uma solução.

Havia uma pergunta que eu *queria* que ela fizesse. Queria que cogitasse a possibilidade de surgir uma atração entre nós, por mais que o casamento fosse de aparências. Desejo. Minha intenção era fugir disso ao máximo, principalmente porque não queria assustá-la, mas estaríamos morando sob o mesmo teto, pelo amor de Deus. Algo poderia acontecer, não poderia?

Aparentemente isso não passava pela cabeça de Poliana.

— É justo — ela respondeu, finalmente. — Agora... tenho a pergunta mais importante. Sobre a neném... Se você adotá-la... ela será minha também, certo?

Eu não tinha pensado nisso. Franzindo o cenho, olhei para ela, percebendo que se tratava de uma questão muito importante e relevante.

O ideal seria eu inventar algo de improviso, ensaiar alguma resposta naquele momento, porque eu queria que ela dissesse sim de qualquer maneira. Só que mentir não poderia estar nos nossos planos. Se íamos começar um relacionamento, por mais falso que ele mesmo pudesse ser, eu não queria que fôssemos insinceros um com o outro.

— Sim, eu teria que adotar Clara com você, mas não pretendo jogar a responsabilidade nas suas costas. Vou contratar uma babá e...

— Esse não é o problema, Henrique. — Mais uma vez me chamou pelo nome. Poderia considerar uma vitória? — Caso você vença no tribunal, ela vai conviver comigo. Vamos nos apegar uma à outra. Depois que nosso *acordo* terminar, pode ser tarde demais. Vou sofrer.

Mais uma possibilidade que eu não havia levado em consideração.

— É um bom ponto — assumi, sentindo que não havia outra coisa a dizer, muito menos parecer que tinha tudo sob controle.

— Posso ser sincera? — Assenti. Que escolha eu tinha? — Você me fez uma proposta, mas eu tenho a impressão de que não levou todas as variáveis em consideração. Você sequer me perguntou se eu gosto de crianças. Se quero ser mãe...

— Você não vai ser mãe...

— Como não? Acha mesmo que eu vou deixar que você assuma essa criança sozinho, se eu estiver morando sob o mesmo teto que ela? Ou que vou deixá-la chorar madrugada adentro se tiver uma cólica ou se precisar de alguma coisa? Não vou poder ignorar um bebê, pelo amor de Deus — ela estava um pouco alterada, mas tinha toda a razão.

— Você não gosta de crianças? — perguntei finalmente, sentindo-me um pouco perdido.

Poliana soltou uma risada sarcástica, chegando a erguer uma das mãos e levá-la às têmporas, massageando-as, como se estivesse com uma dor de cabeça.

— Obrigada por perguntar, Henrique... Sim, eu gosto de crianças. Adoro, aliás. Mas não é esse o problema. Foi o que eu disse. Como vamos lidar com a guarda da menina quando nos separarmos?

— Bem, a menina será minha.

Ela respirou fundo.

— Não pretendo tirá-la de você, mas acha que... — Ela respirou fundo, como se tudo aquilo fosse absurdo demais. E realmente era. — Acha que eu posso vê-la? Que podemos encontrar uma forma de eu participar da vida dela, caso... — a frase não foi terminada.

— Não vejo problema nisso. — Dei de ombros. — Se este for o empecilho...

— Claro que não é apenas *este* o empecilho. — Ela levantou de um rompante, parecendo muito menos tímida do que sempre fora. — Você percebe o quão louca é a proposta? Eu mal te conheço.

— Trabalhamos juntos há um ano. Não somos totalmente desconhecidos.

Ela revirou os olhos.

— Sim, aí está o primeiro e principal problema. Você é meu chefe! Como vai ficar o meu emprego?

— Acho que é uma pergunta bem estranha. Se aceitar se casar comigo não vai precisar trabalhar por um bom tempo.

— Mas é aí que está! — Ela apontou um dedo para mim. — Eu *quero* trabalhar. *Gosto* de trabalhar. Não vou depender de marido, seja ele quem for.

Levantei-me também, cruzando os braços.

— Se quiser trabalhar, não vou impedir. Pode se dedicar a buscar um trabalho melhor, na sua área, ou ficar um tempo focada na faculdade. Nada na sua vida vai mudar, Poliana. Quer dizer, pode mudar para *melhor*.

— Ah, não... só o fato de que serei esposa de alguém. A senhora Monsores.

Senhora Monsores.

Era estranho. Mas não soava mal.

Dei um passo à frente, aproximando-me dela. Poliana recuou. Ótimo sinal. Estávamos começando muito bem.

— Quando pensar no casamento como uma situação prática vai ver que será um monstro muito menos assustador do que pensa. Talvez a convivência seja difícil, mas podemos estabelecer algumas regras. Podemos manter o máximo de distância e nos tratarmos com cordialidade. Sobre a neném, será como você preferir. Vou contratar uma ou duas pessoas para nos ajudarem, para que você não tenha trabalho. Se quiser interagir, fique à vontade. — Fiz uma pausa. — Isso, é claro, se eu ganhar na justiça, o que ainda é incerto.

— Se você perder...

— Se eu perder, nós nos divorciaremos antes do prazo. Mas seja como for, Poliana, haverá compensações para você. Além de poder ficar longe do seu pai, vou comprar um apartamento para que possa morar longe dele depois da separação. Durante os anos em que morar comigo, terá uma vida confortável, como qualquer esposa de um homem da minha posição.

— Isso, obviamente, incluirá participar de eventos com você.

— Sim, isso será necessário.

Poliana pareceu inquieta novamente, começando a se movimentar e chegando a me dar as costas, com as mãos nos cotovelos, como se abraçasse o próprio corpo.

Quando se virou, ainda havia resquícios de medo em seus olhos, o que estava me deixando desconcertado.

— Não sou exatamente uma garota refinada, Henrique. Posso acabar te envergonhando. Você, provavelmente,

conhece muitas mulheres lindas que te encheriam de orgulho nesses eventos. Pode ser um erro escolher a mim.

Franzi o cenho pela milésima vez naquela noite, porque a confusão que ela sentia foi transmitida para mim. Do que diabos estava falando? Não tinha lógica nenhuma naquela afirmação.

— Se eu estivesse em busca apenas de aparência, você ainda seria uma escolha muito satisfatória.

Ela inclinou a cabeça para o lado, me analisando.

— Por que eu, então?

Dei de ombros.

— Já disse... você precisa da minha ajuda tanto quanto eu da sua. E acho, sinceramente, que está enganada. Não vai me envergonhar em momento algum. Nem pela aparência, nem pela personalidade e nem pela inteligência. Na minha opinião, é uma esposa bastante... — busquei uma palavra. — Adequada.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Lisonjeiro, obrigada — falou com sarcasmo.

Houve mais um longo silêncio, e eu novamente me vi esperando que Poliana tomasse a dianteira e voltasse a falar. Minha cabeça ainda nutria a certeza de que ela iria aceitar, caso contrário, por que faria tantas perguntas?

Fosse como fosse, ainda parecíamos ter um caminho a percorrer.

— É muito complicado, Henrique. Foi algo completamente inesperado.

— Eu te dei mais um dia para me responder. Pode dormir, descansar, e teremos outra conversa amanhã. Acho que...

— Não — ela me interrompeu. — Se é para tomar uma decisão que seja no calor do momento, por impulso. —

Erguendo os olhos muito atentos e parecendo muito sóbria, Poliana fixou-os nos meus, cheia de decisão. — Provavelmente vou me arrepender disso, mas eu aceito. Aceito ser sua esposa, Henrique.

Bom. Muito bom.

Tentei fazer minha mente acreditar que a forma como algo se remexeu dentro do meu corpo fora apenas uma resposta à esperança de que aquele casamento de conveniência pudesse me proporcionar algo que eu queria – a guarda da minha afilhada.

Não tinha nada a ver com o fato de que, de alguma forma, a presença de Poliana acabaria aplacando também a minha solidão.



Sentia-me uma gatuna dentro da minha própria casa.

Precisei da ajuda de Fabiana para me avisar sobre a ausência do meu pai, para poder ir ao apartamento buscar minhas coisas. Henrique foi comigo, como um guardião, como se eu precisasse de um segurança, caso meu pai aparecesse para dificultar as coisas.

Resolvemos tudo isso no domingo de manhã, e eu preparei uma mala considerável, porque, teoricamente, eu ficaria um bom tempo longe daquele lugar.

Quando terminei de reunir minhas coisas e enfiá-las em uma bagagem, peguei um papel e uma caneta sobre a

escrivaninha no meu quarto, e estava prestes a escrever uma mensagem ao meu pai quando Henrique surgiu.

— O que está fazendo? — perguntou com aquele tom de voz sério e grave, quase chegando a me fazer sobressaltar. Estava bem atrás de mim, falando ao meu ouvido, e sua respiração quente atingiu meu pescoço.

— Vou deixar um bilhete para o meu pai para que ele...

— Você não deveria fazer isso — Henrique soou gentil e mais suave do que o normal. Ele parecia se esforçar para tal, como se não quisesse que eu pensasse que estava tentando me manipular. — Claro que a escolha é sua, mas ele não merece. Você é maior de idade, não lhe deve satisfações, principalmente quando a última coisa que ele faz é te tratar com respeito.

Ele estava mais do que certo, e eu provavelmente era a pessoa mais estúpida do mundo por ter sequer cogitado aquela hipótese. José Carlos Almeida não merecia a minha consideração. Não merecia explicações.

Já estava mais do que decidida a sair do apartamento quando a porta subitamente se abriu.

Eu conhecia os sons que as chaves dele faziam no chaveiro. Apurara meus ouvidos há um bom tempo para reconhecer cada ruído que seu corpo, seus pés, suas mãos e até a respiração que escapava de seu peito faziam, porque só assim eu tinha tempo de me esconder ou fugir. Era uma questão de sobrevivência.

No exato momento em que entendi que ele tinha chegado, foi instintivo erguer meus ombros e me colocar em uma postura de alerta, em defensiva.

Jurei que tinha sido discreta o suficiente, mas Henrique pareceu perceber, porque senti suas mãos nos meus

braços, cálidas, firmes e fortes e me transmitindo segurança.

— Fique calma. Estou aqui. Ele não vai encostar um dedo em você.

Ainda estava com o ar preso na garganta no momento em que a figura grande do meu pai surgiu na porta do meu quarto. Henrique ainda me tocava, e não pareceu se intimidar quando os olhos dele foram parar nas suas mãos, que seguravam meus braços, selando a promessa de que não iria permitir que nada me acontecesse.

— Trouxe seu gigolô para casa, piranha? A surra que eu dei não foi suficiente? Pensa que esqueci? — vociferou, e era fácil perceber que estava bêbado novamente. Se não estivesse nãoalaria comigo daquela forma. Não que fosse um pai zeloso durante os raros momentos de sobriedade, mas, ao menos, não me importunava.

Ele olhava para Henrique como se ele fosse a escória do universo.

Ainda assim, este deu um passo a frente, colocando-se diante de mim como um escudo.

— Vim acompanhar sua filha. Ela veio pegar suas coisas para se mudar para a minha casa. Não vou permitir que minha noiva seja tratada da forma como presenciei ontem e muito menos que seja ofendida dessa forma — a firmeza com que ele falou quase me fez acreditar que nosso estranho futuro casamento era real e que havia algum sentimento a nos ligar.

— Noiva? — meu pai cuspiu a palavra, com uma expressão de choque no rosto enrugado e inchado pelo alcoolismo. — Mas que merda é essa?

Ainda com o rosto impassível, pelo que pude olhá-lo de soslaio, Henrique entrelaçou sua mão na minha, unindo

nossos dedos, como se fôssemos um elo inquebrável. Quem nos visse assim poderia imaginar juras de amor eterno, beijos apaixonados e uma história de contos de fadas. Tudo menos duas pessoas que estavam prestes a se unirem em um casamento de fachada.

— Vou me casar com Poliana. A partir de agora ela não é mais sua responsabilidade, mas minha. Receberá meu nome, minha proteção e nunca mais será machucada. Isso eu posso garantir.

Sentindo-me atordoada por toda a confusão de sentimentos, voltei meus olhos na direção de Henrique, como se ele fosse a única coisa em todo o ambiente que merecesse a minha atenção. Muito provavelmente parecia uma tola, mas a verdade era que nunca ninguém tinha me defendido daquela forma... como se realmente se importasse comigo.

Meu pai soltou uma gargalhada. Fazia muito tempo que eu não o ouvia rir e, sinceramente, não me lembrava de ser um som tão sombrio, tão medonho.

— Que piada! Isso aí é igual à mãe... um rostinho bonito que esconde uma alma de merda. Ela vai te comer vivo... Tua sorte é que você parece ser rico — afirmou, olhando Henrique de cima a baixo. — Elas gostam de dinheiro.

Engoli em seco, sentindo a humilhação viajar pelas minhas veias, queimando meu sangue.

Henrique não pareceu dar qualquer atenção, apenas voltou-se para mim com aquele seu ar blasé de sempre, ignorando meu pai como se ele não passasse de um inseto inconveniente em quem ele poderia pisar sem o menor remorso.

— Você está pronta? — para mim o tom de voz foi novamente cálido e gentil. Atordoada, demorei um pouco a

reagir, mas balancei a cabeça.

Prontamente, meu *noivo* agachou-se, pegando a alça da minha mala com uma das mãos, enquanto a outra novamente segurava meus dedos, entrelaçados aos dele. Puxou-me com decisão, fazendo com que passássemos pelo meu pai, que nos olhava confuso.

Continuamos seguindo até a saída, mas antes que pudéssemos cruzá-la, ouvi a voz cheia de rancor:

— Você é mesmo como ela. O dinheiro tem um cheiro bom, e as duas o farejam como cadelas.

Henrique parou de andar e se manteve de costas para o meu pai por um tempo. Murmurando um pedido de licença, ele me soltou, fez o mesmo com a minha mala e se virou, colocando-se em frente ao outro homem, não parecendo nem um pouco amigável.

— Vou deixar um aviso aqui e agora... nunca mais chegue perto de Poliana. Esqueça que ela existe. Se eu souber que voltou a importuná-la, sua conversa vai ser comigo, e eu não sou o tipo de homem com quem você vai querer brincar.

Calado, meu pai ficou olhando para Henrique, como se quisesse revidar, mas não tivesse coragem. A mensagem fora ameaçadora o suficiente para que não houvesse muito espaço para qualquer outra coisa.

Com isso, finalmente finalizamos a visita constrangedora àquela casa que fora meu lar amargo durante anos.

Agora eu teria que viver em outro lugar – que igualmente não me pertencia, sob o mesmo teto que alguém que eu conhecia muito pouco, mas que em breve se tornaria meu marido.

Assim que chegamos ao apartamento, pedi licença a Henrique e me fechei dentro do meu quarto logo assim que

ele colocou minha mala lá dentro. Provavelmente era falta de educação deixá-lo sozinho, mas ele estava na casa dele, não estava? Acabaria encontrando alguma coisa para fazer, se é que não iria trabalhar em pleno domingo.

Tomei um banho, vesti uma roupa confortável – e minha, finalmente –, passando horas e horas deitada na cama, pensando em todos os últimos acontecimentos. Ainda tinha a esperança de que tudo se revelaria um sonho louco e que acabaria acordando literalmente em um piscar de olhos, na minha cama, na minha casa, sem a ideia maluca de me casar com o meu chefe.

Meu Deus... eu ia mesmo me casar com meu chefe; o poderoso Henrique Monsores. O homem que provavelmente, com aquela aparência e todo o dinheiro que possuía, poderia ter a mulher que quisesse. Tudo bem que seu humor ácido não ajudava muito, mas ele era um bom partido. Ainda assim, eu fui a escolhida para se tornar sua esposa de conveniência. Somente o tempo iria dizer se fora uma jogada de sorte ou de azar.

Como peguei no sono em uma parte da tarde, me vi completamente desperta durante a madrugada. Olhei o relógio no meu celular e percebi que eram duas da manhã.

Incapaz de conseguir relaxar, decidi sair do quarto um pouco e descer. Não seria uma má ideia passar o resto da noite naquela linda varanda, observando o mar e a vista incrível do apartamento de Henrique. Por mais que não quisesse parecer abusada ou intrometida, de certa forma, aquela seria a minha nova casa, não seria?

Desci as escadas usando uma regata colada ao corpo e uma calça de pijama folgadinha, amarrada na cintura, descalça. O apartamento estava completamente silencioso

e escuro, com exceção da luz do luar que banhava a sala, iluminando um pouco o caminho até a varanda.

Só que assim que cheguei lá, me dei conta de que não ficaria sozinha. Henrique estava sentado no confortável sofá de vime, lendo.

Pensei em voltar para o quarto, por mais que a ideia não me agradasse em nada, mas aquilo seria uma constante, não seria? Esbarrar com ele o tempo todo, por mais que a cobertura fosse bem grande. Além do mais, não estaríamos na empresa, onde eu poderia apenas saudá-lo e seguir com meu dia. Estaríamos compartilhando uma intimidade, provavelmente jantando à mesma mesa, construindo uma rotina.

A partir daquele momento, Henrique começaria a fazer parte da minha vida. Para o bem ou para o mal.

— Oi — falei, mais para anunciar a minha presença do que para cumprimentá-lo, embora fosse educado da minha parte fazê-lo.

A noite estava fria, então eu precisei abraçar meu próprio corpo quando um arrepio eriçou os pelos do meu braço. Na verdade, se fosse sincera, eu não saberia dizer se tinha mesmo a ver com a temperatura ou com o nervosismo.

— Oi — ele respondeu, erguendo os olhos do livro na minha direção.

— Não conseguiu dormir? — perguntei, tentando puxar assunto, enquanto me sentava na poltroninha do mesmo conjunto do sofá, o espaço mais distante dele que consegui encontrar.

— Eu durmo pouco — resposta econômica. Ok. Então era assim que ele iria jogar o jogo.

Assenti, como se concordasse com o que ele acabou de dizer.

Lancei meus olhos na direção do horizonte, contemplando o mar noturno e o movimento das ondas. Apesar da temperatura mais fria, elas estavam calmas, na medida do possível, em total contraste com o meu coração que parecia rugir dentro do peito, inquieto e inseguro.

— Quando você espera que... — comecei a falar, meio sem pensar. Era uma dúvida genuína, mas provavelmente não fazia muita diferença. Ainda assim, era um assunto melhor do que o silêncio.

— Nos casemos? — indagou, e eu respondi positivamente com a cabeça. — Bem, o quanto antes. Hoje, quando chegamos aqui, mandei uma mensagem para o despachante com quem trabalho na empresa. Ele vai resolver toda a papelada e adiantar o que for possível adiantar. Só preciso dos seus documentos. Te encaminhei o e-mail dele especificando tudo o que você precisará fornecer. — Com um sorriso desanimado, novamente assenti. — O que foi? Por que está sorrindo desse jeito?

— Por que você continua falando comigo como se fosse o meu chefe. O que é ridículo, porque, teoricamente, você ainda é.

Ele franziu o cenho novamente, o que parecia ser uma mania. Por mais que eu tivesse me esforçado para soar bem humorada, não ganhei nenhum sorriso. Começava a me perguntar se algum dia seria testemunha de um curvar de lábios sequer.

— Me desculpa. Não era a minha intenção, é só que...

— Não, tudo bem — apressei-me em responder, porque ele pareceu verdadeiramente arrependido e constrangido. Remexi-me na cadeira, colocando os pés no assento.

Preocupada de que ele não aprovasse essa liberdade, perguntei: — Posso?

Henrique respirou fundo.

— A casa é sua agora, Poliana — falou como se eu fosse uma criança teimosa insistindo em uma travessura para a qual já recebeu uma reprimenda.

— É só uma questão de costume — falei, insegura. Não era só isso, mas não queria que ele pensasse que era uma chata. Então, para as coisas não ficarem pesadas novamente, emendei: — Eu gostaria de conhecer a menina.

— Clara? — Balancei a cabeça, afirmando. — Posso providenciar um encontro.

— Eu realmente gosto de crianças, Henrique. Estou torcendo para que você consiga adotá-la, e eu prometo que vou dar o meu melhor para cuidar dela.

Um tipo estranho de emoção pareceu cruzar o seu rosto, e ele engoliu em seco, desviando os olhos de mim e voltando-se para qualquer outra coisa ao redor.

Só que, já que estávamos ali, eu não queria perder sua atenção.

— Como ela é? Sua afilhada. Fale-me um pouco dela.
— Recostei-me, aconchegando-me, tentando me sentir confortável.

— É um bebê de oito meses. Não há muito o que dizer — sua resposta foi seca, mas algo me dizia que ele não era assim com a menina. Parecia se importar verdadeiramente, apesar da fachada bruta.

— Você tem alguma foto?

Esforçando-se muito para parecer indiferente, Henrique pegou seu celular na mesinha ao lado do sofá e o vasculhou por algum tempo. Logo pareceu encontrar o que procurava, estendendo o aparelho para mim.

Um rostinho bochechudo e corado, fios lisos e ralos dourados e olhos azuis risonhos entraram em foco. Uma boquinha vermelha, toda babada de papinha, além de uma covinha irresistível completavam o pacote. Era a bebezinha mais fofa que já tinha visto na vida. De alguma forma, saber que eu poderia fazer parte da criação dela, mesmo que por apenas um ano e alguns meses, remexeu algo dentro de mim. Mal podia esperar para pegá-la nos braços.

— Ela é uma delícia — comentei sorridente. Provavelmente o primeiro sorriso sincero desde que ele me levara para a sua casa. — Não me diga que não é apaixonado por ela, porque não vou acreditar. Até mesmo o coração mais gelado se derreteria por essa carinha.

Henrique ficou calado, e eu senti medo de ter cruzado um limite de intimidade que ainda não possuíamos. Falar de sentimentos era um terreno proibido, principalmente porque eu também não queria aquele tipo de conversa entre nós voltada para mim. Não que tivesse algo a esconder, mas havia mágoas exacerbadas dentro do meu coração, e eu sabia que o quanto eu lutava para me manter firme poderia ir por água abaixo caso fosse pressionada a falar.

Ainda assim, ele estendeu a mão, em um sinal de que queria seu telefone de volta. Assim que devolvi, travou a tela e o reposicionou onde estava antes.

— Ela é filha do meu melhor amigo. É importante para mim. — Só isso. Como qualquer objeto também poderia ter sua relevância.

Deus, como eu iria suportar um casamento, por mais falso que pudesse ser, com um homem que nunca sorria, que não falava de sentimentos e que não sabia amar?

— Entendo — foi tudo o que eu consegui dizer, e ele também ficou calado, sem parecer muito inclinado a

comentar mais alguma coisa.

Lentamente eu começava a entender que nossa união seria permeada por silêncios. Um casamento sem conversas, sem beijos... sem amor. Não foi exatamente o que eu sonhei, mas ao menos estaria segura. Henrique me protegeria, e isso era o que importava.

Não era?

Suspirando, sentindo-me subitamente cansada, frustrada e desanimada, levantei-me do sofá. Isso pareceu chamar a sua atenção, porque ele desviou os olhos da noite lá fora, voltando-os para mim.

— Bem, boa noite, Henrique. Espero que consiga dormir...

— Como eu disse, quase nunca durmo.

Balancei a cabeça. Poderia tentar dizer algo encorajador, dar algum conselho ou me fingir de amiga, mas nem isso nós éramos. Éramos quase dois estranhos, que pouco conheciam um do outro, mas que em breve seríamos marido e mulher. O destino sabia mesmo como criar suas armadilhas.

— Boa noite, Poliana — ele finalizou com sua voz profunda, sempre muito sério.

Afastei-me sem dizer mais nada, mas a última expressão que ele me lançou, enquanto se despedia por aquela noite, ficou na minha cabeça. Henrique era uma ilha, rodeado por pessoas, mas isolado dentro de si mesmo, perdido em um mundo no qual eu tinha certeza de que dificilmente conseguiria entrar.



Mais uma noite sem dormir, mas isso já não me surpreendia, já que eu e meu próprio sono não parecíamos exatamente bons amigos. Há alguns anos, aliás. Desde que tudo acontecera e me transformara nesse vazio de ser humano que eu era.

Fiquei enrolando na cama até o máximo que consegui, então, passei umas duas horas na pequena sala de musculação que mantinha em casa, no terceiro andar da cobertura, esperando que isso e a música alta nos meus ouvidos entorpecessem meus pensamentos. Em geral eu

não me sentia tão melancólico, principalmente desde que aprendi a encarar as coisas com mais indiferença, mas naquela manhã parecia mais difícil me controlar. Talvez fosse a presença de Poliana na casa, o que estava prestes a acontecer e o medo de que eu fodesse com tudo, como sempre acontecia.

Eu não queria destruí-la, mas e se fosse inevitável? E se isso fosse quem eu sou?

E se eu fosse mesmo um monstro como *e/e*? Como sempre acreditei que fosse.

Sacudi minha cabeça, afastando os pensamentos. Sentado na mesa de supino, sentindo o suor escorrer pela minha testa e pelos contornos dos meus músculos das costas, peguei a garrafa d'água que estava no aparelho ao lado e tomei uns bons goles. Não estava bem gelada como eu gostava, mas mataria a minha sede, ao menos.

Terminando a minha série, tomei um bom banho de chuveiro, vesti-me com cuidado, porque teria algumas reuniões importantes naquele dia, e passei pelo quarto de Poliana, na intenção de chamá-la para lhe dar uma carona. Imaginava que não iria querer que chegássemos juntos na empresa, embora, eventualmente, todos acabassem sabendo sobre nós, mas as batidas que dei na sua porta não surtiram efeito. Não ouvi sequer um barulho do outro lado.

Ainda eram oito da manhã, e por mais que o horário dela na empresa fosse nove horas, imaginei que poderia estar dormindo um pouco até mais tarde, talvez até atrasada – embora não fosse do seu feitio –, mas era explicável depois do final de semana caótico. Esperava que pudéssemos tomar café da manhã juntos e seguirmos no mesmo carro, porque havia algo que queria dizer a ela. Se quisesse

continuar na empresa, precisaríamos trocá-la de posição. O ideal seria que aceitasse uma demissão, e eu ainda iria tentar convencê-la disso.

Só que o que eu não esperava era chegar na HM e encontrá-la em sua mesa, já concentrada com os olhos vidrados no computador, como se não tivéssemos dormido debaixo do mesmo teto.

Aquela garota do RH, de quem eu não me lembrava o nome, mas que sabia que era amiga de Poliana, estava empoleirada à mesa dela, falando sem parar, mesmo sem receber a atenção que parecia exigir. Contava sobre uma balada da qual participara no final de semana ou qualquer coisa assim.

Passei pelas duas, e a reação de Poliana ao me ver foi tão ridícula que eu teria rido se tivesse alguma vontade de fazê-lo. Ela empertigou as costas, ficou completamente tensa e fez parecer como se o demônio de seus pesadelos estivesse à sua frente.

— Bom dia, meninas — cumprimentei de forma educada e respeitosa, como sempre, mas meus olhos não saíam de Poliana. Ela estava bonita naquela manhã. Os cabelos estavam presos em um rabo de cavalo, alguns fios escapavam em seu rosto de boneca, e a blusa vermelha delicada que usava contrastava com os fios castanhos que emolduravam sua cabeça.

— Bom dia, senhor — as duas responderam. E lá estava ela me chamando de *senhor* outra vez.

— Poliana, você poderia vir à minha sala, por favor? — pedi e me senti patético. Claro que eu queria conversar com ela, mas nada que não pudesse ser dito depois, por telefone ou dali a algumas horas. A jogada fora apenas para que não se mantivesse tão distante.

Ela assentiu, sem olhar nos meus olhos, completamente diferente da jovem ousada que me encheu de perguntas na noite anterior e que aceitara se casar comigo.

Adiantei-me até a minha sala e ouvi sua cadeira sendo arrastada no piso, o que indicou que estava se levantando para me seguir. Permaneci de costas, abrindo a minha pasta sobre a mesa para tirar o laptop, quando ouvi a porta sendo fechada.

Virei-me para ela devagar e a vi olhando para mim, com as mãos entrelaçadas nas costas.

— Pensei que ainda estava dormindo quando saí de casa — falei bem baixo para que ninguém nos ouvisse.

— Decidi vir mais cedo. Não estava conseguindo mais pegar no sono.

— Veio de ônibus? — era uma pergunta estúpida, mas eu queria saber.

— Sim, como sempre.

Respirei fundo, levando a ponta do polegar ao meio da minha testa e pressionando-o lá, sentindo que aquela garota ainda me daria algumas dores de cabeça.

— Você é minha noiva agora, Poliana. Não há motivo para que tenha uma vida sem conforto. Posso te dar carona. Ou, se souber dirigir, posso te emprestar um dos meus carros e...

— Henrique... — ela chamou, interrompendo-me. — Calma. Tudo está acontecendo rápido demais. Eu nem sou sua noiva oficialmente ainda... nós... — Suspirou, também levando a mão à cabeça. — Deus, tudo está tão confuso.

Vi quando apoiou a mão nas costas do sofá ao lado de onde estava em pé e me senti preocupado.

— Você está bem? — indaguei, porque sabia que ela tinha sido agredida poucos dias atrás, que não comera

muito bem durante o fim de semana e, provavelmente, tivera péssimas noites de sono.

— Sim, não se preocupe. É só...

— Por que não se senta? — Depois de pensar por alguns instantes, ela balançou a cabeça, mas ao invés de se acomodar no sofá ao qual se amparava, escolheu uma das cadeiras de frente para a minha mesa. Supus que fosse uma forma de disfarçar para as pessoas do lado de fora, caso alguém passasse e nos visse. — O que te aflige?

— Além de tudo? — perguntou com ironia. — Estou com medo do que as pessoas daqui vão pensar. Sei que é ridículo, mas não duvido que comecem a dizer que eu estou me casando com você por dinheiro ou algo assim. Especialmente porque nunca fomos próximos.

— Podemos dizer que era um disfarce. Você pode falar o que quiser, aliás... eu não me importo com a opinião dos outros.

— Eu também não, Henrique... não é isso... — Mais um suspiro. Então ela empertigou as costas, olhando finalmente para mim. — Deixa para lá. Você me chamou aqui... precisa de alguma coisa?

— Bem, eu cometi a imprudência de contar à minha irmã sobre você e agora ela quer conhecê-la. Disse que hoje tem um compromisso, mas que amanhã, à noite, poderíamos jantar juntos e...

— Você falou sobre mim para a sua irmã? — perguntou, parecendo surpresa.

— Nós vamos nos casar — a explicação nem era necessária, porque achei que só essa frase já fizesse todo o sentido. Como Poliana não perguntou nada, imaginei que tinha compreendido. — Você está livre amanhã?

— Sim, claro. Não tem problema — foi o que ela disse, mas não parecia tão segura. Assim como não pareceu o resto do dia inteiro, muito menos à noite, quando fomos para casa, em um esquema digno de um filme de 007.

Eu desci primeiro e a esperei no meu carro, por pelo menos meia hora – um tempo que ela achou razoável para que ninguém pensasse que estávamos saindo juntos. Pensei em argumentar que, mais cedo ou mais tarde, as pessoas iriam saber, que seria até bom se comesçassem a desconfiar, mas Poliana parecia inflexível.

O jantar não foi muito mais promissor. Pedi uma pizza, e ela comeu bem pouco e interagiu quase nada. Mas não poderia culpá-la. Eu não era a melhor pessoa para puxar assunto e conversas informais. Quando eu dizia alguma coisa, ela respondia, parecendo querer interagir, mas sempre eram breves assuntos sobre gostos pessoais e todas as vezes em que respostas breves eram suficientes, uma nova rodada de silêncio recaía sobre nós, mais pesada que a anterior.

Em um dado momento, tive plena certeza de que aquilo não daria certo. Eu não era o cara certo para uma mulher como ela – linda, inocente, cheia de vida e doce. Só que era egoísta demais para desistir.

Quando Poliana disse boa noite mais uma vez, trancando-se em seu quarto, apesar do sorriso e da tentativa de ser amigável – sim, ela estava se esforçando –, me senti sozinho novamente, por mais que ela estivesse a apenas uma porta de distância.

Era estranho se desacostumar de algo tão rápido. Fazia poucos dias que ela estava morando comigo, passamos pouquíssimas horas efetivamente juntos, mas, de alguma forma, fazia parte da minha vida.

O que era completamente desconcertante, porque, mais cedo ou mais tarde, ela iria embora. Todos iam. Todas as pessoas tinham o dom de nos decepcionar quando queriam.

A manhã seguinte foi, novamente, uma cópia da anterior, e Poliana não me esperou para irmos juntos. Daquela vez não a chamei na minha sala e permanecemos como dois desconhecidos por boa parte do dia. Afundei-me em trabalho com a ajuda de Thelma, já que a demanda era grande, mas eu estava um pouco disperso e com a mente meio perdida na história do jantar daquela noite.

Quando Thelma foi almoçar, peguei o telefone e disquei o ramal de Poliana, que eu sabia estar sozinha em sua mesa.

— Oi, Poliana, você está bem hoje? — foi quase uma saudação irônica, e eu esperava que ela entendesse assim, já que parecia estar fugindo de mim como o diabo foge da cruz.

— Estou, muito obrigada por perguntar. Posso te ajudar em algo?

— Eu só queria saber como faremos com o jantar de hoje à noite. Está tudo certo, não está?

— Sim, claro — afirmou, bastante segura.

— Podemos ir direto daqui, mas se você quiser passar no apartamento primeiro, para trocar de roupa...

— Podemos nos encontrar no local? É só você me passar o endereço, e eu vou de Uber.

Fiquei um pouco em silêncio, talvez decepcionado, mas não poderia contestar. Não queria que ela acreditasse que eu estava querendo controlá-la. Porém Poliana rapidamente se explicou:

— Eu tenho um trabalho para enviar ao professor da matéria de hoje.

Ah, droga! Esqueci a faculdade dela...

— Se você precisar desmarcar, posso conversar com a minha irmã e...

— Não, sem problemas. Eu estou com um CR bom nessa matéria, e o professor é muito legal. Hoje seria só entrega de um trabalho, e ele topou que eu envie por e-mail, mas vou precisar terminá-lo e estou um pouco atrasada. O final de semana foi... tumultuado.

— Ah, sim, claro. Mas eu posso esperar... posso te ajudar e...

— Não precisa, de verdade. Muito obrigada, mas eu quero mesmo fazer sozinha, porque é o assunto do meu futuro TCC.

— Então tudo bem, como você preferir. Vou te passar o endereço do restaurante por Whatsapp.

— Ótimo. Nos vemos mais tarde.

Nos vemos mais tarde.

Enquanto eu desligava o telefone, aquela frase ficou girando na minha cabeça, porque soou natural, quase íntima, como se tivéssemos mesmo um encontro.

E... de certa forma, nós tínhamos.

Quando passei por ela, mais tarde, pronto para ir encontrar minha irmã e Marília, nós nos entreolhamos de forma discreta, mesmo que Thelma já tivesse saído, como se conseguíssemos nos comunicar apenas com o olhar. Foi rápido, porque ela logo voltou a digitar sem parar, provavelmente fazendo seu trabalho, como dissera que iria fazer.

O restaurante não ficava muito distante da empresa, então, o trajeto não demorou muito mais de dez minutos. Entrei e anunciei que estava ali para encontrar minha família, avistando as duas em uma mesa do canto.

Aproximei-me, sendo recebido com entusiasmo por minha irmã e minha cunhada.

— Meu Deus, Henrique! Acho que não te vejo há meses! Você precisa parar de trabalhar que nem um louco — Marília falou depois de um abraço apertado. Ela era o total oposto da minha irmã. Era elegante, loira, alta, magra, ex-modelo. As duas estavam juntas há uns cinco anos e eram muito felizes.

Eu gostava de ver minha irmã sorrindo daquela forma.

— Desculpa, estou mesmo em falta com vocês — respondi, enquanto fazia um sinal para o garçom que, por acaso, passava próximo à mesa. Como estava dirigindo — principalmente porque imaginava que não voltaria sozinho no carro —, optei por um chá gelado.

— E então? Cadê a minha cunhadinha? Estou ansiosa para conhecê-la — Priscila falou animada, bebendo de seu vinho. Marília deveria estar dirigindo, porque, assim como eu, mantinha-se sóbria.

— Vai chegar daqui a pouco, precisou se atrasar por conta de um trabalho da faculdade. Mas eu acho ótimo esse tempo de espera, porque quero conversar com você. Seja discreta, Priscila. Por favor. Poliana já está acuada o suficiente com minha proposta absurda.

— E como não estaria? Você intimida as pessoas, maninho. Isso é bom nos negócios, mas não muito quando se trata de relacionamentos. — Ela fez uma pausa, com um sorriso travesso. — Ah, esqueci... Você não sabe o que é isso.

Abaixei os olhos, sabendo que estaria na berlinda naquela noite durante todo o tempo.

Ainda bem que Marília estava por perto para estabelecer uma conversa mais amena, sobre a empresa,

principalmente porque ela, muitas vezes, me ajudava com alguns roteiros de peças publicitárias, e eu pedi alguns conselhos sobre a campanha na qual estava trabalhando.

Às nove horas quase em ponto, uma mensagem acendeu a luz do meu celular, e era de Poliana, avisando que estava chegando.

Eu não queria ficar tão inquieto com a possibilidade de ela finalmente aparecer, já que estávamos há mais de uma hora esperando-a. Só que meus olhos ficaram atentos à porta do estabelecimento durante vários minutos, até que ela surgiu.

A roupa que usara durante o dia no escritório fora trocada, e ela trajava um vestido preto simples, que moldava suas curvas perfeitas. Tomara que caia, discreto, com um colar sutil em volta do pescoço alvo e longo. Havia uma fenda muito pequena, apenas o suficiente para um pedaço quase torturante de sua coxa estar à mostra. Os cabelos, soltos, caídos às costas, como eu tanto gostava, maquiagem discreta, mas com os olhos mais destacados do que eu costumava ver. Um salto alto no qual ela se equilibrava perfeitamente. No braço, uma jaqueta e uma bolsa pequena.

Eu não tinha olhos para mais nada.

Ela parecia reluzir em meio às pessoas pelas quais passava, acompanhada da hostess que a guiava até nós.

Aquela mulher deslumbrante era minha noiva. Minha futura esposa. E eu não poderia sequer tocá-la.

— É, maninho... se essa é a sua Poliana, dou uns três meses para você estar de joelhos aos pés dela implorando para que esse casamento se torne real.

Vendo-a daquela maneira? Era difícil discordar.



Eu era puro nervosismo quando pisei no restaurante. A vida jogara um noivo no meu colo há pouquíssimos dias e, para deixar a situação ainda mais estranha, eu estava prestes a conhecer a irmã desse homem.

Só que as coisas correram muito melhor do que eu esperava.

Totalmente diferente do irmão, Priscila era descolada, divertida, natural, simpática e sorridente. Sim, ela *realmente* sorria. E sua esposa, embora fosse mais contida e menos esfuziante em sua personalidade, era igualmente agradável. Rapidamente travamos uma conversa fácil sobre tudo um pouco, desde música a filmes – tínhamos gostos muito

parecidos. Elas falaram animadamente de sua graphic novel, e eu fiquei interessadíssima, ganhando a promessa de que um exemplar seria enviado para mim o quanto antes.

Mal senti a hora passar quando Henrique pediu uma xícara de café, que apenas ele aceitou. Observei de soslaio quando devorou a bebida, levando em consideração que passava das onze e meia. Priscila pareceu perceber a mesma coisa, mas ela tinha intimidade suficiente para comentar.

— Café a essa hora, Rique? Não me admira que ainda sofra de insônia depois de todos esses anos.

— Não faz diferença — ele respondeu com a secura de sempre, embora, durante todo o jantar, eu tivesse percebido um sentimento muito profundo dele pela irmã. Eram unidos, visivelmente, o que me enchia de esperança de que o coração de Henrique não fosse completamente oco. Mas ainda tinha a neném, né? Se ele queria adotá-la era porque era mais generoso do que gostava de demonstrar.

— Você deveria procurar um médico.

Eles provavelmente continuariam falando se Henrique não tivesse lançado um olhar matador para ela, visivelmente avisando que não queria continuar comentando aquele assunto perto de mim.

Então Priscila decidiu se vingar da forma mais sutil possível.

— E aí, Poliana... está interessada em saber os podres de infância do meu irmãozinho?

Mesmo que eu não estivesse, ela decidiu contar. Henrique ouviu tudo com o máximo de calma possível, mas percebi que decidira encerrar a noite alguns minutos depois do início dos relatos hilários, e, quando menos percebi,

estávamos seguindo para a porta do estabelecimento, ao lado de nossas duas companhias, que eu já adorava.

— Querida, foi um prazer conhecê-la — a doce Marília me puxou para um abraço. Ela era alta e magra, de uma beleza impressionante, mas sua alma parecia ser ainda mais linda.

— O prazer foi meu.

Priscila segurou-me com mais entusiasmo, apertando-me em seus braços como se fôssemos amigas há anos.

— Por favor, pegue meu telefone com Henrique. Vamos sair juntas, sem esse chato, para eu poder te contar mais coisas engraçadas sobre ele, de um tempo em que ele era bem mais simpático.

— Vou fazer isso.

Eu sabia que Priscila conhecia os pormenores da nossa situação, mas ela foi gentil o suficiente para não mencionar, tratando nosso relacionamento com uma naturalidade que nem nós dois mesmos conseguíamos alcançar.

Quando finalmente nos despedimos, assim que o carro delas foi entregue pelo valete, e eu fiquei sozinha com Henrique, um calafrio percorreu minha espinha.

— Está com frio? — ele perguntou. Sim, eu estava. A noite de maio parecera agradável quando saí da empresa, mas naquele momento, de madrugada, estava castigante.

Quando assenti, ele pediu licença, da forma mais educada possível, tirando minha jaqueta da mão e vestindo-a em mim, com toda a gentileza. Eu precisava lhe dar os devidos créditos, o homem era um cavalheiro.

Sentindo-me mais confortável, pigarreei.

— Gosto da sua irmã. Ela é muito divertida — comentei para puxar assunto.

— Ela é, sem dúvidas.

Pensei que Henrique iria elaborar um pouco mais a sua resposta, para que a conversa durasse mais do que breves segundos, mas ele não era muito bom nisso. Só que eu estava cansada demais para continuar tentando, então, quando o carro chegou, quase dei graças a Deus, embora, estar confinada com ele em um espaço pequeno também não fosse a melhor escolha.

Era desconfortável, tanto quanto a mão dele na curva das minhas costas para me guiar pelo estacionamento do restaurante até que eu entrasse pelo lado do passageiro em sua belíssima Land Rover.

Jurei que acabaríamos calados, mas Henrique pigarreou e, por incrível que pudesse parecer, puxou assunto.

Mas um assunto que era parte do negócio.

— Pouco antes de eu sair da empresa, recebi uma mensagem do despachante. Paguei um dinheiro considerável para que os papéis ficassem logo prontos, e ele acha que no máximo daqui a dois dias poderemos seguir em frente.

Já? Era a resposta que eu queria ter dado, mas consegui me controlar.

— Tudo bem — respondi bem baixinho. Não havia como fugir, né? Eu tinha aceitado e não poderia voltar atrás.

— Eu gostaria que aceitasse pegar meu cartão de crédito para comprar um vestido para você. Se ficar constrangida por isso, pode ser algo simples, mas é um casamento, não é? Não sei se você tinha o sonho de se casar, então...

— Não, tudo bem. Não é necessário — afirmei tentando abrir um sorriso. Ele sabia ser gentil quando queria.

— Eu faço questão. Acho que posso te dar um presente, não posso?

Claro. Ele poderia, por isso balancei a cabeça, assentindo.

E, no final das contas, eu realmente gastei o dinheiro do meu futuro marido em um vestido branco bonito, de renda, marcando a cintura e se abrindo em uma saia delicada, ombro a ombro. Vi-me, então, diante do espelho, dias depois, no quarto que passara a ser meu, pronta, sabendo que o juiz já estava no apartamento, porque a fortuna de Henrique não era capaz de comprar apenas uma roupa bonita para a sua futura esposa. O casamento seria ali mesmo, para que não tivéssemos que nos deslocar até o cartório, como seria o plano inicial.

Eu estava bonita. Não era exatamente competente com penteados, mas consegui pegar um tutorial no YouTube e fazer um coque bem decente, com fios caindo ao redor do meu rosto, e consegui encontrar uma maquiagem que combinou bastante com o meu tom de pele. Felizmente a minha aparência não refletia o quão tensa eu me sentia.

Uma batida na porta me fez sobressaltar.

— Pode entrar — falei, com a voz bem frágil, mas soando um pouco mais alto do que um sussurro.

Para a minha surpresa, tratava-se de Henrique.

Não havia muitas mudanças em sua aparência, já que eu sempre o via de terno – e para nosso casamento ele estava usando mais um –, mas sempre era uma experiência interessante olhar para ele. A barba estava perfeitamente aparada, havia um pequeno cravo em sua lapela, e ele parecia tão inseguro quanto eu, embora tudo em sua postura sempre exalasse poder.

Ele entrou e parou diante de mim.

— Você está linda. — O elogio poderia ter me feito derreter, principalmente porque eram raros, mas soou tão sem emoção que decidi não levar muito em consideração. Mais parecia uma cordialidade do que qualquer outra coisa.

— Obrigada.

Antes que eu pudesse dizer mais alguma coisa, ele estendeu um pequeno buquê de rosas vermelhas, singelo e delicado, entregando-me, parecendo ainda mais tímido do que eu.

Ergui meus olhos, confusa, mas peguei as flores do mesmo jeito.

— Achei que você poderia querer um buquê. As noivas costumam querer, não é? — Ainda com meus olhos fixos nele, percebi que estava tão perdido quanto eu.

E talvez aquela fosse a maior ligação entre nós: simplesmente estávamos tentando seguir com nossas vidas, mas não fazíamos ideia de como fazê-lo sem nos machucarmos no processo.

— São lindas. — Meu sorriso se ampliou, sincero.

Ficamos parados, olhando um para o outro, como se buscássemos as respostas para todas as perguntas do universo em nossos rostos. Henrique deu um passo à frente, levando as mãos aos meus braços, segurando-os com delicadeza.

— Vai dar certo, Poliana. Seremos amigos e ajudaremos um ao outro. Não vou te magoar nem decepcionar. Você está fazendo muito por mim.

Engoli em seco, tanto pela intensidade de suas palavras quanto de seu olhar.

— Você também está fazendo por mim.

Com um meneio de cabeça, ele deslizou suas mãos até as minhas e as segurou, com os olhos fixos nelas. Então,

sem dizer mais nada, afastou-se, dirigindo-se à porta.

Antes de abri-la e sair, voltou-se mais uma vez para mim:

— Quando estiver pronta, estamos te esperando.

— Cinco minutos.

Ele assentiu e saiu, deixando-me novamente sozinha.

Quando me senti o máximo preparada que poderia ficar, respirei fundo e desci.

Assim que cheguei à sala, deparei-me com Priscila e Marília, que seriam nossas testemunhas. Ambas estavam animadas e sorriram ao me ver, murmurando elogios no momento em que me aproximei.

Toda a cerimônia – se é que poderia ser chamada assim – tornou-se um borrão na minha mente, e a voz do oficiante, que era grossa, pulsava dentro do meu cérebro, embora eu só conseguisse distinguir apenas algumas palavras: esposa, marido, fidelidade, casamento.

Casamento...

Era isso que estava acontecendo ali. Eu estava me tornando a esposa de alguém. Não de um homem que eu amava, com quem construí um relacionamento... Não era o casamento dos sonhos de qualquer menina. Eu mal sabia se tinha potencial para se tornar um pesadelo.

Mas poderia ser pior, não poderia? Quando o oficiante pediu que repetíssemos as palavras de praxe, para oficializar a união, precisei erguer meus olhos a Henrique e decidi que as coisas dariam certo. À minha frente estava um homem que eu conhecia, ou mal ou bem. Sabia que era íntegro, honesto, esforçado e o fato de ele ser ridiculamente bonito também contribuía e muito.

De um dia para o outro as coisas tinham mudado, e eu estava com medo, é claro. Medo de me decepcionar, mas, mais do que isso, medo de ter o meu coração partido. E se eu me apaixonasse? E se confundisse as coisas? Isso, porque ainda não tinha sequer conhecido a neném. Quando ela entrasse na equação, as coisas poderiam ficar ainda piores.

Consegui encontrar minha voz por tempo suficiente para citar meus votos. Henrique colocou uma aliança no meu dedo – que eu nem sabia como ele tinha conseguido comprar –, e eu fiz o mesmo no dele. Quando o oficiante pediu que ele beijasse a noiva, minha mão foi levada aos seus lábios, não deixando nenhuma dúvida de que nosso casamento seria assim: frio e distante.

O que eu esperava, afinal? Que ele me arrebatasse e me beijasse na boca, como se não houvesse amanhã?

Estava feito, afinal. A partir daquele momento eu era Poliana Almeida Monsores, uma esposa de conveniência.

Era tarde demais para voltar atrás.



Grampo por grampo, fui desfazendo meu coque com o máximo de lentidão possível. Eu obviamente não precisava demorar mais de quarenta minutos no processo, mas achei quase terapêutico. Além disso, meu *marido* me esperava no andar de baixo, e isso era completamente desconcertante.

Priscila e Marília permaneceram no apartamento por mais algumas horas, depois do oficiante sair, e elas fizeram questão de estourar um champanhe. Eram uns amores, tentando animar o clima que mais parecia de velório do que de casamento.

Muito provavelmente eu estava sendo injusta, mas era difícil me animar quando meu noivo não abria sequer um

sorriso durante o dia inteiro. Ele parecia mais confuso do que eu, e fora ele o responsável por toda aquela proposta louca. Por mais que eu tentasse me convencer de que nós dois tiraríamos proveito da situação, tudo ainda parecia assustador demais. Bizarro demais.

Quando meu cabelo já estava completamente solto, decidi que não poderia mais adiar o inevitável. Também já tinha tirado o lindo vestido com o qual Henrique me presenteara e usava algo mais confortável, já que iríamos passar em casa nossa... *noite de núpcias*.

Desci as escadas igualmente devagar, imaginando que Henrique, talvez, estivesse em seu escritório, por mais que fosse um sábado – já que parecia ser o seu local preferido do apartamento –, mas logo o vi em seu outro canto favorito: a sacada.

Tinha anoitecido há pouco mais de duas horas, e poderia parecer piada, mas a lua estava deslumbrante no céu. Uma bola de prata iluminada e em destaque, quase como se quisesse abençoar o que havia acontecido naquele dia.

Respirando fundo, caminhei até ele, dei-me conta de que ainda não havia tirado o terno com o qual nos casamos. Quando me aproximei um pouco mais e minha presença foi percebida, fazendo-o virar-se na minha direção, percebi que a gravata tinha desaparecido e os primeiros botões da camisa estavam abertos, revelando um pedaço muito pequeno de seu peitoral liso, bronzeado e musculoso.

Decidi que gostava mais daquela versão menos arrumada de Henrique, se eu tivesse que escolher.

— Está tudo bem? — ele perguntou com um tom de voz cálido e aveludado. Outra coisa que eu não poderia negar era que se tratava de um homem atencioso. De alguma

forma, apesar de tudo, ele se importava com meu bem estar, o que, provavelmente, era um ótimo começo para um casamento.

Ou isso era o que eu tentava dizer a mim mesma para tornar as coisas mais fáceis.

— Sim, tudo bem. E você? — Dei mais alguns passos adiante, apoiando meus braços, cobertos por um casaco fino, na grade da varanda.

Henrique apenas balançou a cabeça. Afastando-se um pouco, dirigiu-se à mesinha, pegando duas taças de vinho que não percebi que estavam ali. Entregou-me uma.

— Sei que não está exatamente feliz pelo que aconteceu, mas achei que seria uma boa ideia brindarmos. Só nós dois.

Fiquei segurando a taça à frente dos meus olhos, tentando não pensar que mais uma vez ele conseguira ser fofo, mesmo que obviamente não fosse sua intenção.

— Claro...

Tocamos nossas taças e levamos a bebida à boca. Era um tinto e estava em temperatura ambiente. Doce, delicioso. Caro, muito provavelmente.

— Na pior das hipóteses, você pode ficar bêbada para esquecer... — ele disse, olhando para o chão, sem me encarar.

— Foi uma piada? — tentei. Um sorriso discreto curvou meus lábios, porque, afinal, ele estava se esforçando.

— Não, não foi — respondeu categórico, mas eu duvidava um pouco disso.

Fosse como fosse, ficar bêbada subitamente me pareceu uma ideia muito atraente.

Sem dizer nada, sentei-me no sofá, em posição de yoga, tentando ficar confortável. Henrique me imitou, mas

acomodando-se de uma forma bem mais graciosa, como se nunca relaxasse. Ele era todo poder, elegância e charme. Um partido que, sem dúvidas, nenhuma mulher deixaria passar.

Meu marido...

Nada mal, é claro.

Um vizinho, talvez no apartamento de baixo, já que a cobertura de Henrique era a única no andar, começou a ouvir uma música bem baixinha. Era *When I Fall in Love*, na versão do Michael Bublé – uma ironia, sem dúvidas. Ainda assim, suspirei.

— Minha mãe costumava cantar essa música para mim. Ela tinha uma voz bonita... — divaguei, mas rapidamente dei uma risadinha constrangida. — Desculpa, não é o tipo de coisa que você deve estar querendo saber.

Henrique perdeu alguns segundos em silêncio, e eu imaginei que estava certa – ele não estava interessado naquele tipo de detalhe da minha vida patética.

Só que mais uma vez ele me surpreendeu.

— Você é minha esposa agora, Poliana. Acho que eu devo saber tudo o que houver para saber sobre você.

Como se ele tivesse dito algo muito absurdo, ergui minha cabeça rapidamente, olhando-o e pegando-o observando-me também, com aquela intensidade de sempre.

Eu poderia estar com meus instintos muito enferrujados, mas a forma como Henrique me olhava sussurrava milhares de promessas silenciosas. Não que eu quisesse alimentar uma ilusão – na verdade nem eu mesma sabia o que sentia a respeito ou se desejava que algo acontecesse –, mas ele sentia algo por mim. Ao menos era o que diziam seus olhos. Luxúria, desejo um impulso imprudente... escolha a palavra,

mas isso queimava em cada expressão de seu rosto esculpido.

— Você nunca tentou contato com ela? — perguntou, novamente para a minha surpresa.

— Não. Nem sei por onde começar a procurar... E talvez nem queira. Ela me abandonou, não foi? Me deixou para trás, como se eu fosse uma bagagem sem importância — eu não queria carregar minha voz com tanta emoção, mas foi inevitável.

— Sinto muito — ele pareceu sincero, o que me comoveu.

Uma lágrima insistente e nada bem-vinda decidiu escapar, deslizando pelo meu rosto, mas eu me apressei em limpá-la e abrir um sorriso, como se isso pudesse apagar o momento sombrio que acabara de passar.

— Vamos lá... nada disso hoje. Estamos casados. O que eu preciso saber de você? É... bem... comida favorita?

Henrique ergueu uma sobrancelha, e eu me senti como a criatura mais idiota do mundo, porque ele não parecia nem um pouco interessado em conversar. Ou talvez fosse coisa da minha cabeça.

— Não sei... gosto de peixe. — Não parecia gostar muito pelo tom desanimado da resposta.

Ainda assim eu estava disposta a tentar.

— Eu cozinho bem, sabe? Não sei se é o tipo de coisa que você gosta, mas minha moqueca é maravilhosa. Receita da minha falecida avó. Posso preparar amanhã para o almoço.

— Se estiver disposta, fique à vontade.

Formal, como se realmente fôssemos parceiros em um negócio.

Novamente, o que eu poderia querer? Uma aliança no dedo, um contrato assinado, e Henrique Monsores, aquela pedra de gelo, se tornaria o homem mais caloroso da face da terra?

Nós éramos mesmo parceiros em um negócio. Um casamento, é claro, mas, ainda assim, um negócio.

Talvez eu estivesse sendo injusta. Ele não era assim tão frio. Era polido, comedido, sério e sóbrio demais, mas se importava muito mais do que muita gente já se importara comigo.

Dei uma boa golada no vinho, esperando que ele afastasse o nó que fechava minha garganta. Eu já tinha bebido uma quantidade considerável de champanhe, então, sentia que não demoraria muito para ficar um pouco mais alta rapidamente.

Provavelmente era daí que vinha minha vontade de falar sem parar.

— E música? Gosta? — Ele assentiu. Desanimador. — Que tipo?

— Desta que está tocando, eu gosto.

— Hummm... — murmurei. Mais vinho. Só o álcool mesmo para me fazer encontrar assunto com aquele homem. Eu já estava entediada e não tínhamos sequer vinte e quatro horas de casamento.

— Eu gosto de músicas antigas — soltou sem que eu perguntasse nada. Uma vitória, sem dúvidas.

— Ah, era o que minha mãe sempre dizia: não se fazem mais músicas como antigamente.

— Algo assim. — Jurei ter visto a sombra de um sorriso discretíssimo por entre aquela barba bem feita, mas provavelmente era apenas uma ilusão.

When I Fall in Love tocou em repeat umas três vezes, mas foi seguida por outras do mesmo estilo. Decidi que a música poderia falar por nós dois, então, continuei com o vinho – do qual Henrique me serviu mais uma taça – e o silêncio.

Quando *As Time Goes By* começou a soar, a voz baixa e quase sussurrada de Henrique me trouxe de volta.

— Gosto de filmes antigos também. Acho que sou uma alma velha.

— Casablanca? — perguntei, a julgar pela música.

— É um deles. Sua mãe cantava para você, a minha gostava de assistir a filmes na minha companhia. Priscila odiava cada um deles, então, eu, como mais velho, me sentia na obrigação de acompanhá-la. No início eu odiava, depois comecei a gostar.

Era uma confissão. Achei adorável da parte dele se esforçar para me permitir que eu o conhecesse.

— Você tinha um bom relacionamento com ela?

Ele deu de ombros.

— Na medida do possível. Ela era muito apegada ao meu pai, e preferia dar atenção a ele do que a nós.

— Ah, sinto muito.

— Não sinta. Não é algo que me magoe até hoje. Não era culpa dela. — Ele deu um gole no vinho. Seus olhos focados na vista à nossa frente. Apesar de tentar se mostrar indiferente, eu podia ver seus maxilares tensionados, e a forma como ele se remexeu no assento também dizia muitas coisas.

— E seu pai? Como era...

— Não quero falar sobre ele — interrompeu-me em um tom de voz quase rude. Cortante. Letal. Havia ódio entranhado em cada letra pronunciada. Um sentimento tão

negativo que cheguei a estremecer. Ele pareceu perceber, tanto que abaixou a cabeça e disse, de forma bem mais controlada: — Me desculpa. Eu só não...

— Não se preocupe. Está tudo bem. Não precisa falar sobre nada que não queira.

Ele assentiu e retornamos ao silêncio.

No final das contas, eu consegui descobrir algumas coisas sobre o meu marido: ele gostava de coisas antigas, via filmes com a mãe e havia algo muito pesado em seu passado que envolvia o seu pai.

Proveitosa a noite, eu diria.

Bebemos mais um pouco, fazendo comentários muito pontuais e espaçados a respeito da noite ou das músicas que começavam a tocar, até que eu senti que era hora de ir para cama. Ao olhar no meu celular, percebi que passava das duas da manhã.

— Bem, Henrique, obrigada pela companhia, mas acho que o vinho está fazendo seu efeito.

Ele pareceu um pouco decepcionado – ou foi o que meus olhos embriagados enxergaram –, mas balançou a cabeça. Quando me levantei, porém, senti meu corpo cambalear. Não cheguei a cair de volta no sofá, mas foi o suficiente para perceber que eu realmente estava mais alta do que imaginei a princípio.

Henrique apressou-se em se levantar, caso eu precisasse de ajuda.

Quase fofo...

— Você está bem? — indagou, com aquele vinco de preocupação no meio da testa que era quase charmoso.

Tudo nele era sexy, aliás. E isso estava começando a explodir diante dos meus olhos por causa da bebida.

Perigoso...

— Estou — respondi, um pouco insegura.

— Posso te acompanhar até lá em cima? Você não parece muito estável...

Eu deveria ter dito que não. Seria prudente e seguro. Mas acabei assentindo e me vi caminhando lado a lado a Henrique, subindo as escadas até o meu quarto.

Ele estava apenas sendo cavalheiro, mas minha mente entorpecida pelo álcool começava a dar sinais de que não se encontrava em pleno funcionamento.

Quando paramos diante da porta, eu levei a mão à maçaneta, pronta para dizer “boa noite”. Era simples, só deixar as palavras saírem. Porém, quando me virei na direção dele e olhei diretamente em seus olhos, algo dentro de mim se remexeu. Uma necessidade que eu nem sabia que sentia de me sentir desejada, um anseio por pertencer a alguém, mesmo que da forma mais superficial possível.

— Se eu te pedir uma coisa, será que você concederia um desejo? — falei com a voz bem baixa.

— O que eu puder fazer, farei — ele respondeu seguro, gentil, quase doce.

Engolindo em seco, tomei coragem.

— Eu queria... — Busquei ar dentro do peito antes de continuar. *Coragem, Poliana!* — Um beijo. Somos marido e mulher agora, não somos? Podemos nos beijar...

Patética, sem dúvidas. Eu só esperava não me lembrar de nada disso no dia seguinte, quando a ressaca viesse com força.

Mas o pior de tudo não foi o pedido... foi a hesitação dele. Mais do que isso... a clara noção de que ele iria negar.

Antes que eu pudesse ouvir o seu não e qualquer explicação inventada para o simples fato de que ele não

queria me beijar, dei-lhe as costas, só para não encarar seus olhos, e novamente toquei a maçaneta.

— Foi um pedido estúpido, me desculpa. Boa noite.

Abri a porta e entrei no quarto. Só que antes que eu pudesse fazer qualquer outra coisa, meu punho direito foi agarrado com força, e Henrique me puxou para si, me fazendo colidir com seu peito. Levando a outra mão, livre, ao meu rosto, ele encostou os lábios nos meus.

Apenas isso. Um contato inocente, casto... um beijo que dois amigos poderiam trocar sem problemas.

Ao menos foi longo. E eu senti a respiração saindo pesada de seu peito. O coração pulsando sob a palma da minha mão aberta e colada ao seu peito sólido.

Um pulsar que estava em uníssono com o meu.

Quando nos separamos, nossos olhares se encontraram por alguns segundos, e a voz sussurrada e rouca falou:

— Boa noite, Poliana.

Sem mais explicações, sem qualquer outra palavra, ele se afastou, indo em direção ao próprio quarto e fechando a porta.

Enquanto eu entrava no meu, ainda com a ponta dos dedos nos lábios, como se eles ardessem do beijo, pensava no quanto aquele homem era uma louca contradição.



Desde que Poliana fora morar na minha casa, eu passei a dormir ainda menos do que antes. Não que a presença dela me incomodasse – longe disso –, mas as lembranças começaram a se tornar mais vívidas.

Era a primeira mulher que fazia parte da minha vida desde...

Bem, não vinha ao caso. Mas a verdade era que, por mais que tudo o que acontecera tivesse ficado em um passado bem remoto, era difícil me livrar dos fantasmas que teimavam em me assombrar. O monstro do meu pesadelo

não podia mais fazer mal a ninguém, mas volta e meia, quando conseguia pegar no sono, eu sonhava com aquela noite. Só que ao invés do rosto que me acompanhou por anos e anos, era o de Poliana, assustado. Eram seus lábios gritando por ajuda.

Os mesmos lábios que ela pediu que eu beijasse.

E eu queria... mais do que queria respirar naquele momento. Só que eu sabia que se me permitisse dar voz ao desejo que sentia, muitas coisas poderiam se complicar. Apesar de ter dito sim e colocado uma aliança em seu dedo, eu não queria um relacionamento. Isso implicava em coisas que não estava preparado para dar ou compartilhar. Ainda não me sentia pronto para me entregar e tentar ser alguém que eu não era mais há muito tempo.

Fosse como fosse, o beijo mexeu comigo. Por mais banal e simples, por mais que tivesse sido um encostar de lábios inocente – principalmente em comparação às coisas que eu queria fazer com ela –, algo se revirou dentro de mim. Talvez o rótulo de esposa estivesse somando à equação, já que ela era minha no papel, mas eu estava longe de poder fazer algo a respeito. Não tinha permissão sequer para tocá-la.

E se eu a tivesse beijado, da forma como os olhos dela suplicaram? Será que teríamos terminado na cama?

Não... isso não poderia sequer passar pela minha cabeça. Ela estava bêbada, e eu nunca me aproveitaria da situação.

Na manhã seguinte ela parecia extremamente envergonhada e com uma visível ressaca. Pude perceber pela forma como arrastava os pés e como seus movimentos estavam lentos conforme preparava a tal moqueca que prometera, por mais que eu tivesse insistido que não era

necessário, que eu poderia cozinhar ou que poderíamos pedir algo.

Era impossível não notar o quanto ficava ainda mais linda tanto mal humorada quanto realizando tarefas domésticas. E a comida era realmente divina.

À tarde, enfurnei-me no escritório, porque era mais fácil ficar afastado ao máximo, e ela ficou na sala, vendo televisão. Em um dado momento fui à cozinha, buscar um copo d'água e a vi dormindo, serena, encolhida e aconchegada. Ela já parecia pertencer àquele apartamento, e ele estava muito menos vazio com a presença dela.

Não havia mais silêncios agonizantes. Não havia mais a solidão que me consumira por tanto tempo. Eu não deveria me acostumar com Poliana, porque, ao final do nosso contrato, ela iria embora, mas era bom tê-la por perto.

No dia seguinte fomos trabalhar. Levantei-me o mais cedo possível e nem fui malhar, apenas fiquei esperando-a na sala. A gatuna ia sair novamente antes de mim, escondida, mas eu a convenci de que era melhor que todos comesçassem a tomar ciência do nosso relacionamento.

Exatamente por isso, assim que Thelma chegou à empresa, chamei-a à minha sala. Era algo usual, já que trabalhávamos juntos constantemente. Eu gostava de tê-la por perto, porque estava sempre bem humorada e falava pelos cotovelos. Era mais uma forma de aplacar os silêncios da minha vida.

Naquela manhã, não foi diferente.

— Bom dia, chefinho! Espero que tenha descansado bastante neste final de semana, porque a agenda está cheia. Na quarta, por exemplo, tem aquele jantar na casa do dono da Stillo. — Esta tratava-se de uma agência parceira nossa, com quem realizávamos alguns trabalhos em

conjunto para grandes campanhas. Uma delas foi a de um evento grandioso no Rio de Janeiro, de música, que durara por alguns dias. Foi um sucesso. Gilberto, o CEO da mesma, era um grande amigo, e eu não poderia faltar ao seu aniversário, que era o motivo da festa. Eu tinha me esquecido completamente, e por ser um evento familiar, teria que levar Poliana. — Posso confirmar sua presença?

Era hora da verdade.

— Sim. Minha e da minha esposa — joguei as palavras, como se não fosse a revelação do ano. Por um instante, Thelma não pareceu perceber a gravidade da afirmação, tanto que encostou a caneta em sua agenda, pronta para anotar a tarefa, mas interrompeu a si mesma, olhando para mim. Eu a observava atento.

— Desculpa, chefinho... acho que entendi errado.

Sentando-me de forma mais confortável, inclinei meu corpo para trás, fazendo a cadeira maleável ranger. Tudo para parecer descontraído – um comportamento que em nada espelhava o que eu sentia.

— Não, entendeu certo. Preciso que confirme minha presença e a da minha esposa.

Foi então que o olhar de Thelma pousou na minha mão esquerda, onde a aliança do par que comprei para mim e Poliana se destacava.

Tentando manter a calma, ela pousou o caderno sobre a minha mesa, com a caneta perfeitamente localizada no meio das páginas.

— Esposa? Desde quando você é casado, Henrique? — perguntou em um tom de voz mais alterado do que seria prudente.

— Desde sábado de manhã — respondi como se não fosse grande coisa.

— Você nem tem namorada! — exclamou exasperada.
— Como assim você se casou, Henrique? De onde veio isso? E por que eu não fui convidada?

Quase sorri com a sua reação. Ela estava vermelha, realmente com raiva, mas não havia nada que eu pudesse fazer. Minha leal assistente merecia saber a verdade desde o início.

Então, contei-lhe tudo. Ela sabia sobre Clara, mas não fazia ideia do meu desejo de adotá-la, nem mesmo sobre a minha promessa a Júlio. Isso pareceu comovê-la, e como dificilmente conseguia ficar calada, nem mesmo quando eu precisava contar algo longo, passou a me incentivar na minha decisão.

— Mas me conta... quem é a felizarda? — Abriu um sorriso cúmplice. — É a Dra. Leandra? Sei que você andou falando com ela nos últimos dias e...

— Não, Thelma. Não é a Leandra. Ela está me ajudando com a situação da adoção. Foi, inclusive, quem me incentivou a me casar.

— Ah... então não faço ideia de quem pode ser. Mal sabia que estava interessado em alguém... — Como se eu contasse esse tipo de coisa para ela.

— E não estou — afirmei, tentando convencer a mim mesmo.

— Não entendo...

— É um casamento de conveniência. Apenas isso. Ela precisava de ajuda, eu também. Será uma troca.

Ela ergueu uma sobrancelha, parecendo um pouco incrédula, como se duvidasse muito que a empreitada fosse dar certo.

— Ainda estou curiosa para saber quem é ela. Eu conheço?

— Conhece. Ela se senta todos os dias ao seu lado, bem ali. — Apontei para o vidro que separava minha sala das estações de trabalho de Thelma e Poliana.

A expressão de choque quase me fez rir.

— O quê? Mas... — Ela voltou o rosto na direção daquela que agora era minha esposa, e o retornou para mim, com uma expressão de choque. Repetiu o movimento mais umas duas vezes, como se estivesse assistindo a uma partida de tênis frenética, até que começou a me observar, fazendo-me sentir como se fosse um alienígena. — Poliana? — Assenti. — Henrique! De onde veio isso? Vocês mal se falam...

— Nós nos falamos bastante nos últimos dias, já que ela foi morar na minha casa, antes mesmo de nos casarmos.

Além dos olhos arregalados, seu queixo caiu, deixando-a boquiaberta.

— Como assim? Me explica isso direito.

Endireitei-me na cadeira novamente, porque o assunto era sério.

— O pai dela a espanca. Eu lhe dei carona em um dia, deixei-a na porta do prédio, mas fiquei desconfiado e acabei subindo depois. Encontrei-a machucada, acuada, e eu nem sei o que poderia ter acontecido se não a tivesse tirado de lá e a levado para o hospital. — Fiz uma pausa. — Eu já estava com a ideia de me casar, então, achei que ela poderia ser uma boa escolha, assim eu poderia protegê-la daquele louco.

Thelma suspirou, respirou fundo e levou uma mão à cabeça, em um sinal de preocupação. Esperei, porque sabia que ela tinha sua opinião sobre o assunto, e eu queria ouvi-la, embora isso não fosse mudar nada. O que estava feito não podia ser desfeito.

— Aquela menina vai ser taxada de todos os tipos de coisa aqui na empresa. Está preparado para protegê-la neste caso também?

Dei de ombros.

— Por mim ela nem precisava mais vir trabalhar, mas insistiu. Ofereci que poderia se dedicar à faculdade por um tempo ou fazer qualquer outra coisa que desejasse, mas é um pouco teimosa.

Thelma abriu um sorriso.

— Finalmente surgiu algo em sua vida que você não pode domar, rapaz — seu tom de voz parecia o de uma mãe aconselhando um filho, embora ela fosse no máximo uns doze anos mais velha do que eu. — Deve ser difícil, para alguém que sempre teve tudo sob controle, na palma da sua mão. Acho que aquela coisinha ali — ela apontou para Poliana — vai te dar algum trabalho.

Sim, eu também achava isso.

Passamos mais algum tempo falando do meu inesperado casamento, e ela me aconselhou a fazer um anúncio formal à empresa inteira, comunicando que eu e Poliana estávamos ligados. Eu não poderia tomar aquela decisão sozinho. Deveria ser algo discutido a dois.

Era disso que um casamento era feito, não?

Depois que ela saiu da minha sala, decidi tomar outra providência. Poliana dissera que queria conhecer Clara, não foi? Então era melhor que isso acontecesse logo, já que ela teria um papel importante na vida da menina.

Conseguí conversar com Janaína, e ela me informou que, por acaso, na manhã seguinte, sua mãe teria um compromisso, e ela poderia levar Clara à minha casa para que eu pudesse vê-la. Seria breve, uma visita de médico,

mas o suficiente para um primeiro contato com a criança que, se tudo desse certo, faria parte de nossas vidas.

Quase na hora de ir embora, liguei para Poliana.

— Sim? — Não era a saudação mais entusiasmada ou algo que uma esposa diria, mas, ao menos, ela evitou o “senhor”.

— Vou sair daqui a uns vinte minutos. Quer uma carona para a faculdade?

Ela pareceu ponderar.

— Seria bom, já que é caminho para o seu apartamento.

— Nosso apartamento — corrigi rapidamente. — É a sua casa agora também.

Poliana ficou calada por alguns segundos. Quando retornou à linha, senti um tom mais cálido na sua voz.

— Obrigada. Vou aceitar a carona. Faremos no esquema de antes? — ela estava falando bem baixinho e referindo-se à forma clandestina como saímos da empresa nos outros dias, antes de nos casarmos.

— Por mim não é necessário. Podemos sair juntos. Thelma já sabe sobre nós, precisei contar a ela por conta de um evento ao qual precisarei levar a minha esposa. Aliás, será na quarta-feira.

— Tudo bem.

— Se precisar de algo para vestir...

— É muito formal?

— Não. Será na casa de um colega. É um homem bem rico, mas simples.

— Então acho que posso improvisar alguma coisa.

— Perfeito. Sair em vinte minutos está bom para você?
— perguntei, embora ela ainda não tivesse respondido nada a respeito de sermos vistos juntos.

— Sim. Vou começar a desligar as coisas aqui e me arrumar.

— Ok.

Exatamente como prometido, passei na mesa dela, despedi-me de Thelma que, miraculosamente, não fez comentários desconfortáveis, e saímos da empresa juntos. Atraímos muitos olhares, principalmente das meninas da recepção, que eu imaginava que comentariam por dias. Sabia que Poliana ficava intimidada com isso, mas esperava que passasse. Seria um casamento de pelo menos dois anos, em algum momento as fofocas cessariam.

Tentei não tecer comentários para não alimentar seu nervosismo – que era visível, mesmo que ela tentasse disfarçá-lo – e decidi focar no que importava.

— Amanhã podemos chegar um pouco mais tarde na empresa? — perguntei de surpresa. Poliana estava com a cabeça voltada para a janela, e voltou-a para mim de súbito. Olhando-a de soslaio, enquanto prestava atenção no caminho, percebi que sorria.

— Você é o chefe. Mas por que seria?

— Você vai conhecer Clara.

Ela arregalou os olhos.

— Ah, meu Deus! Jura? Estou tão ansiosa por isso... — ela parecia sincera, o que eu achei adorável.

— Janaína, a tia dela, vai levá-la na nossa casa.

— Ela sabe do... da... — gaguejou. — Da nossa situação?

— Não cheguei a comentar nada, mas creio que imagine os detalhes. As pessoas sabem que eu não costumo ter relacionamentos sérios, então, vão tirar suas conclusões. Não estou preocupado com isso.

— Nem eu. Só perguntei, porque, provavelmente, no jantar de quarta-feira teremos que... fingir, não é?

— Fingir o quê?

Ela pareceu engolir em seco.

— Que estamos apaixonados... — falou em um tom bem baixo de voz, e eu senti algo se revirar em meu estômago só pela forma como falou.

Apaixonado. Fazia muito, muito tempo que eu não sabia o que era isso.

— Sim. Temos que fazer com que todos acreditem que o relacionamento é real. — Virei-me para ela, muito sério. — Tudo bem por você?

Ela não parecia muito segura, mas deu de ombros.

— Podemos tentar. — Fez uma pausa, onde ficamos calados, meio que absorvendo o que tínhamos acabado de combinar, mas ela logo acrescentou: — Então amanhã vou conhecer a bebezinha que vamos adotar e quarta vou interpretar sua esposa devotada? Nossa agenda está cheia — disse com ironia, e eu assenti.

Não queria me iludir, mas algo me dizia que ela estava se esforçando um pouco mais para se sentir à vontade comigo. O que era bom. Não era?

Eu só não sabia dizer se seria mais perigoso, porque havia uma grande chance de tudo isso terminar em tragédia, para ambos os lados.



Andando de um lado para o outro, eu tinha a impressão de que acabaria criando um buraco no chão, bem no meio do apartamento de Henrique.

Nosso apartamento... ele dissera, não fora?

Nosso.

Era estranho, mas uma gracinha. E eram essas pequenas coisas que me faziam acreditar que havia um coração cálido debaixo da fachada de gelo do homem com quem me casei. Sua preocupação com detalhes, o jeito como se interessava, os esforços para me fazer sentir à vontade... tudo isso significava muito para mim.

Mas deixando os pormenores de lado, aquele era um momento importante. A ideia de ter aquela menininha na minha vida era algo que me fazia demorar muito a dormir à noite.

Caso o pior acontecesse e eu me apaixonasse por Henrique, poderia dar um jeito de curar o coração partido. Ninguém morria de amor. Eu tinha sobrevivido ao abandono da minha mãe, não tinha? Só que se me apegasse à menina... o que eu poderia jurar que iria acontecer... como iria me reconstruir?

Henrique prometera que mesmo depois da separação ele iria permitir que eu a visitasse e que tivesse uma convivência com ela. Seria suficiente?

Não era hora de pensar nisso, no entanto.

Eu continuava parecendo um leão enjaulado, enquanto meu digníssimo marido aguardava pacientemente, sem um único fio de cabelo fora do lugar, com a blusa perfeitamente passada pela lavanderia do prédio, lendo as notícias do dia em seu iPhone.

Às vezes eu me pegava com um pouco de raiva do quão perfeito ele sempre parecia, a qualquer momento do dia.

Quando o interfone tocou, quase dei um pulo e corri para atender. Não que já me sentisse em à vontade daquela maneira, mas foi um impulso.

Durante os minutos em que a tal Janaína demorou para subir com a criança, eu me senti à beira de uma crise pesada de ansiedade. Quando elas chegaram, porém, e eu vi aquela coisinha doce e angelical dentro do carrinho, tudo que era caos tornou-se calma.

Ela estava acordada e segurava o pezinho com uma mãozinha gordinha, enquanto, com a outra, levava uma girafinha de borracha à boquinha vermelha. Os ralos

cabelos loiros estavam presos com uma tiara carmim, que combinava com o vestido branco de bolinhas vermelhas que usava, enquanto as sandálias eram brancas. Uma boneca. Um anjinho.

Sem nem me apresentar à tia que a levava até nós, fui me aproximando do carrinho, quase hipnotizada, e os olhinhos azuis capturaram os meus. Desconfiada, a pequena continuou me observando, provavelmente tentando compreender quem eu era.

— Oi, Clara! — falei, com a voz em um tom meloso. Só então me virei para Janaína. — Posso? — perguntei, estendendo os braços na direção da neném, pedindo permissão.

— Sim, é claro.

Soltando-a do carrinho, peguei-a com cuidado. Ela veio para mim sem problemas, embora ainda não parecesse exatamente amigável. Não era para menos, eu era uma completa estranha.

Henrique também veio até nós, cumprimentando Janaína com um meneio de cabeça educado, mas frio. Já para Clara, um milagre aconteceu. Seus lábios bonitos se curvaram em algo muito similar a um sorriso, embora ainda não parecesse uma expressão feliz. Sua mão enorme foi parar na cabecinha loura da neném, acariciando-a e deixando um beijo ali.

— Oi, bonequinha. Senti sua falta — ele falou bem baixinho, e a forma como se comunicou com ela, quase pelo olhar, me fez me sentir uma intrusa.

— Desculpa, você quer pegá-la? — indaguei, constrangida pela minha reação tão passional.

— Fique com ela mais um pouco. Vocês precisam se conhecer — foi o tom de voz mais doce que ele usou

comigo. Embora o resquício de sorriso tivesse desaparecido, havia uma emoção diferente em seu olhar, e eu sabia que tinha a ver com a presença de Clara.

Henrique podia negar o quanto quisesse, mas era apaixonado por aquela garotinha. E se aquele casamento falso fosse ajudá-lo a adotá-la, eu ficaria feliz em fazer parte do processo. Mesmo que, no final das contas, fosse eu a terminar sozinha, sem nenhum dos dois.

— Janaína, esta é Poliana, de quem eu te falei. Minha esposa. — Era sempre estranho ouvir o título dirigido a mim, mas era a primeira vez que Henrique me apresentava a alguém como tal. Um calafrio percorreu a minha espinha.

— Muito prazer, Poliana. Imagino que esteja ciente de tudo o que eu e Henrique temos planejado para Clara. — Ela era fria. Não como Henrique, que usava aquela armadura como proteção. Aquela era ela. Sem máscaras.

Como alguém podia viver daquela maneira?

— Sim, eu sei — respondi, um pouco intimidada, enquanto a adorável bebezinha no meu colo jogava seu brinquedo no chão para começar a brincar com o meu cabelo. Sorri para ela, mas ainda não recebi um sorriso de volta. Ela estava analisando o meu caso, aparentemente.

— Poliana está de acordo com a ideia de que eu posso vir a adotar Clara. Ela vai me ajudar em tudo.

— Isso é bom. As coisas não andam muito bem em nossa casa. Minha mãe é muito rigorosa e está querendo contratar uma professora para a menina, porque acha que ela já deveria estar andando.

— Mas isso não é o tipo de coisa que se força — eu me intrometi.

— Não, não é. Por isso precisamos agir. Sua advogada tem planos de quando vai apresentar o pedido de guarda?

— Sim, falei com ela ontem. O problema é que pelo que entendi, esse tipo de prática é ilegal.

— Como assim? — Janaína ergueu uma sobrancelha.

— Há muitos trâmites, é claro, mas levando em consideração que a avó da criança está viva e tem condições de criá-la, a prioridade é dela. Poderia ser ilegal que um juiz sequer cogitasse o meu pedido. Seria diferente se Clara não tivesse ninguém.

— Mas então está tudo perdido? — eu mesma perguntei. Tinha percebido, quando cheguei da faculdade, na noite anterior, que Henrique estava um pouco mais calado e parecendo mais melancólico do que o normal, mas não comentei, e ele também não desabafou.

— O que podemos fazer é provar que sua mãe — ele se dirigiu a Janaína — não é uma boa opção como tutora. Resumindo, precisamos descobrir algum desvio de caráter, algo que a desabone.

— E se isso acontecer?

— Se isso acontecer, podemos apelar e tentar. Ainda assim, não é nada garantido.

Olhei para a bebezinha nos meus braços, e ela parecia muito entretida com o meu cabelo, ao ponto de soltar um sonzinho adorável da garganta. Quando sorri novamente para ela, finalmente foi retribuído, e eu senti o coração derreter em uma poça bem aos meus pés.

Eu estava ferrada. Tinha passado apenas alguns minutos na companhia da menina e já estava louca por ela.

— Vou ajudar vocês no que eu puder. Com certeza minha mãe não é completamente inocente.

— Obrigado, Janaína.

Ela assentiu, ainda não parecendo muito simpática, e olhou no relógio.

— Posso ficar mais uns vinte minutos. Vi que tem uma padaria aqui embaixo e vou tomar um café. Vou deixar Clara com vocês e volto logo para buscá-la.

Dizendo isso, a mulher simplesmente saiu porta afora, marchando como se estivesse em um desfile de 7 de setembro.

— Pessoa bastante peculiar — comentei assim que ouvi o som do elevador se abrindo e se fechando.

— Um eufemismo, sem dúvidas. Mas a mãe é pior — Henrique comentou.

Com o silêncio, fui obrigada a olhar para a garotinha no meu colo, que ainda parecia entretida explorando os contornos do meu rosto com as mãozinhas. Se era um tipo de reconhecimento, eu estava feliz em permitir que ela fizesse o que desejasse. Imitando-a, usei apenas um braço para segurá-la e deixei a outra mão livre para tocar seu narizinho arrebitado, bem na ponta, o que a fez rir ainda mais, sem dentes. Depois eu usei essa mesma mão para apertar sua barriguinha, fazendo cócegas, e Clara gargalhou. Aquela gargalhada gostosa de neném que fez meu coração explodir de amor.

— Você é uma coisinha linda, não é? — falei, encostando minha testa na dela, e Clara respondeu, colocando ambas as mãos de cada lado do meu rosto.

Estávamos perdidas em nosso momento quando voltei meus olhos para Henrique. Ele nos observava atento, com os braços cruzados, parecendo quase sensibilizado. Lá estava novamente o brilho em suas lindas íris azuis, um que eu ainda não conseguia decifrar, mas que muito me parecia com ternura.

Sorrindo para ele, como nunca tinha sorrido antes, perguntei:

— Acho que é a sua vez de curtir um pouco ela, não é?
— Estendi a criança na direção dele, que pareceu um pouco atordoado, como se tivesse saído de um transe.

— Se você quiser ficar mais um pouco, eu...

Nem lhe dei chances de responder, porque entreguei Clara ao padrinho, que a recebeu com um cuidado que chegou a me comover. Ele mais parecia estar pegando uma peça de cristal no colo, e era até engraçado de ver, porque, embora fosse rechonchudinha como todo neném, parecia muito pequena em meios aos braços poderosos de Henrique.

Ele sussurrou coisas no ouvido da neném, compartilhando uma intimidade da qual eu não fazia parte. Por isso, afastei-me um pouco, seguindo até a cozinha para esquentar o café que ele preparara mais cedo, mas que não tomei por estar tão nervosa e ansiosa.

Apesar disso, tirar os olhos da cena era algo quase impossível. Ainda não havia um sorriso no rosto de Henrique, mas ele parecia à vontade como eu nunca vira. E Clara o adorava, o que era visível. Eu não fazia ideia do tipo de relacionamento que ele nutria com ela, mas pareciam próximos.

Ou melhor... claro que eram próximos, ou ele não teria tanto empenho em adotá-la.

Servi-me de uma caneca de café e me voltei para eles, apoiando o quadril na bancada de mármore, apreciando a cena. Passei alguns minutos assim, até que Henrique sobressaltou-se e franziu o nariz, quase assustado, como se tivesse acontecido algo terrível.

Eu meio que já conseguia imaginar do que se tratava, então, pousei minha caneca sobre a pia e fui acudir meu *marido*, com uma imensa vontade de rir.

— Temos um acidente por aí? — brinquei.

— É... eu acho que... — ele parecia um pouco atordoado, mas ainda não tinha soltado Clara, o que era um bom sinal. — Não faço ideia de como se troca uma fralda — falou com os olhos vidrados na menina, como se ela fosse uma bomba prestes a explodir.

O cheiro não ficava muito longe disso.

Estendi os braços para que ele a devolvesse para mim.

— Você pode procurar naquela bolsa ali — apontei com a mão livre — se Janaína trouxe fraldas para ela? Lenços umedecidos vão ajudar também.

Ele se pôs em movimento, encontrando o que eu precisava para cuidar da menina.

Com um movimento de cabeça, indiquei que ele me seguisse, e Henrique o fez. Nós dois partimos para o lavabo do apartamento.

Não havia muito o que fazer, então pedi que Henrique estendesse uma toalha sobre a bancada de mármore e deitei Clara lá com todo o cuidado, começando a trabalhar em sua fralda. Enquanto fazia isso, ia explicando didaticamente a ele cada passo, percebendo que estava prestando atenção e me ajudando no processo.

Descartei a fralda suja e deixei que Henrique pegasse a bebê, enquanto eu embolava a toalha e a levava para a área de lavanderia.

— Você é boa nisso — ele comentou, seguindo-me como um cachorrinho.

— Trabalhei alguns anos como babá — expliquei. — E de crianças bem menos boazinhas que essa princesa aqui. — Apertei com carinho o pezinho de Clara, que novamente abriu um sorriso.

Ela era mesmo um amor, e eu estava apaixonada.

Passamos mais alguns momentos com a criança, brincando com ela, até que Janaína voltou, levando-a embora.

A sensação foi estranha. Por mais que eu soubesse que tudo aquilo era temporário para mim, pela primeira vez meu coração se permitiu acreditar em um senso de família. Um marido, um bebê, um lar...

Não podia permitir que minha mente seguisse esse rumo. Eu era coadjuvante daquela história, e ela, muito provavelmente, não teria um final feliz.



Já era de se esperar que acontecesse, mas senti o sangue gelar nas minhas veias quando cheguei um pouco mais tarde na empresa, acompanhada de Henrique. Desde que ele abriu a porta de vidro para eu passar, enxerguei as duas recepcionistas, Mara e Angelina, cochichando e olhando para nós.

Tomei a dianteira, esperando afastar-me de Henrique para não gerar ainda mais fofocas, mas ele pareceu se dar conta da reação das garotas e agarrou a minha mão, entrelaçando os dedos aos meus. Virei-me para ele, aturdida, com os olhos arregalados.

— Precisamos cortar o mal pela raiz — ele falou baixinho.

Com esta frase, meus ombros relaxaram involuntariamente, embora ainda não me sentisse exatamente segura. Não havia motivos para escondermos que estávamos juntos, porque existia um documento provando isso. Alianças iguais em nossos dedos. Em pouco tempo a empresa inteira estaria somando dois mais dois, e, provavelmente, seria pior se não fôssemos nós a dar a notícia. Henrique estava certo. O band-aid precisava ser retirado o quanto antes.

Começamos a caminhar, e os comentários entre as duas moças se tornaram mais intensos, até que nos aproximamos do balcão, e elas subitamente pararam, abrindo um sorriso.

— Bom dia, senhor — falaram em uníssono.

— Bom dia, meninas — Henrique respondeu com educação e esperou. Elas pareceram ignorar a minha presença, o que era estranho, porque normalmente eram muito educadas e simpáticas comigo.

— Bom dia, Poliana — elas cumprimentaram, uma de cada vez, e eu retribuí.

Pensei que eu e Henrique apenas passaríamos direto, mas ele permaneceu lá, apoiado ao balcão, parecendo armar alguma coisa, pois eu quase podia sentir o som das engrenagens de sua cabeça funcionando.

— Eu vou avisar ao RH hoje mesmo, mas gostaria que vocês já fossem cadastrando um crachá novo para Poliana, atualizando o nome dela. — Engoli em seco e novamente arregalei os olhos, olhando para ele como se Henrique tivesse acabado de enlouquecer por completo,

especialmente pela forma como falava, como se não fosse nada de mais.

— Qual o nome que devemos colocar? — Mara indagou, desconfiada.

— Poliana Almeida Monsores.

A expressão das duas teria me feito rir, se eu não estivesse tão alarmada.

— Monsores? — Angelina perguntou. — Mas...

— Sim — Henrique afirmou, usando de cinismo. — Como minha esposa, eu gostaria que ela usasse meu sobrenome no crachá.

— Esposa? — as duas indagaram, cada uma em um tom de voz mais engraçado do que o outro.

— Exatamente.

Um silêncio sepulcral se formou na recepção do prédio, até que Mara foi a primeira a se manifestar.

— Parabéns pelo casamento. — Tentou sorrir, mas quem poderia culpá-la? Era realmente uma revelação um pouco chocante.

Angelina também nos parabenizou, e com mais algumas palavras, Henrique me puxou até o elevador. Assim que este chegou, entramos, e eu mal sabia onde enfiar a minha cara.

— Espero que não tenha ficado chateada. Eu deveria ter te consultado, mas sabia que seria pior se pensassem que você é minha amante.

Sim, ele estava certo.

— Não, tudo bem. Mas saiba que toda a empresa vai receber a notícia em tempo recorde.

— E por que isso deveria me importar?

— Bem, porque eu sou só uma assistente... Não sou exatamente o modelo de esposa que as pessoas pensariam

que você iria buscar.

Henrique ficou calado, com os olhos presos em mim por um bom tempo. Parecia me estudar, com o cenho levemente franzido, e eu esperei, porque sabia que ele tinha respostas muito práticas para problemas aparentemente grandes.

— Não consigo entender por que se deprecia tanto. Mas acho que posso responder a isso de uma forma bem arrogante. Sou o dono, o chefe de todos eles, não lhes devo satisfação.

Assim que terminou de falar, o som do elevador anunciou que tínhamos chegado ao andar. Caminhamos lado a lado, e eu parei diante da minha mesa, pousando minha bolsa sobre ela. Pensei que Henrique iria se despedir e entrar em sua sala, mas, aparentemente, ainda não tinha encerrado nossa conversa, então, eu me manifestei:

— Você é o chefe, pode ignorar as fofocas o quanto quiser. Mas eu...

Ele ergueu ambas as sobrancelhas.

— Você ainda não entendeu, não é, Poliana? — Minha expressão de confusão fez com que ele se sentisse incentivado a prosseguir: — Agora você também é chefe de todos eles. Pode continuar com essa sua ideia estúpida de permanecer no posto de assistente da assistente, mas agora é dona de tudo isso.

Fiquei boquiaberta por alguns instantes, porque isso não tinha me passado pela cabeça.

— Não. Nosso casamento é...

— Falso? — Ele ergueu novamente aquela sobrancelha bonita, que emoldurava os olhos mais bonitos ainda, e uma expressão cínica se desenhava em seu rosto. Caía bem nele, embora fosse dirigida a mim. — Há um documento

provando que não. Você é minha esposa, legalmente falando. Não sei se leu com cuidado o que assinou, mas eu não me casei com você em separação de bens.

— O quê? — exclamei, exasperada. Mais ainda.

— Acostume-se com isso, Poliana. Você é uma mulher rica agora. Mesmo quando nos separarmos, você continuará sendo.

— Mas... por que fez isso? Você não...

Deus, as palavras mal saíam da minha boca. Eu não sabia o que pensar, o que dizer, como me comportar.

— O acordo parecia mais vantajoso para mim. Estou tomando dois anos da sua vida, ou mais, caso o processo de adoção demore mais do que pensamos a princípio. É justo que você ganhe algo em troca. — Ele fez uma pausa, voltando ao modo profissional. — Antes de eu ir para a minha sala, você pode me ajudar a encontrar uma informação sobre um cliente, já que Thelma não está aqui?

Assenti e fiz o que ele pediu. Logo depois de eu encontrar o que procurávamos, levando poucos minutos para concluir a tarefa, o elevador apitou, e uma Tábata ofegante surgiu de dentro dele, de olhos fechados, falando em um tom de voz estridente.

— Dona Poliana, que história é essa de...

Tábata simplesmente parou no momento em que viu que eu não estava sozinha.

Enquanto ela ainda ficava parada, olhando para nós, com uma expressão hilária e a mão no coração, Henrique se inclinou na minha direção, quase encostando seus lábios no meu ouvido:

— As notícias realmente correm — sussurrou, e sua respiração fez cócegas no meu pescoço, me causando arrepios indesejados.

Para completar o pacote, seus lábios cálidos tocaram o meu rosto, em um gesto de carinho – algo que um marido faria com sua esposa, e eu sabia que era apenas uma atuação para quem estava na nossa frente. Ainda assim... foi inesperadamente doce. E mexeu comigo.

Merda... Henrique inteiro começava a mexer comigo, e isso era muito complicado.

No exato momento em que ele entrou em sua sala e fechou a porta, Tábata olhou para mim, com seus olhos enormes ainda mais arregalados e a boca tão aberta que se ela permanecesse assim por muito tempo uma pomba conseguiria entrar e não apenas uma mosca.

— Então é verdade? Você e o poderoso chefão... — Ela só a fechou para articular as palavras, mas logo seu queixo caiu mais uma vez. — Como diabos você não me contou que estavam saindo? Como pôde esconder isso de *mim*? — A rainha do drama, sem dúvidas.

— Ele me pediu segredo quando começamos — a mentira saiu fácil, e olha que eu não era muito boa em inventar histórias. — Na verdade, eu também quis manter assim, porque... imaginei que as pessoas iriam comentar.

— Ah, elas iriam, sem dúvidas... mas casamento, Poliana? Isso é o acontecimento do ano. Vai ter gente falando sobre isso até o Natal. Especialmente pela forma como foi anunciado.

— Não foi anunciado, né? Nós comentamos com Mara e Angelina.

— Que é o mesmo que jogar no Instagram do Neymar. Todo mundo ficou sabendo em dois tempos.

— Basicamente isso. — Fiz uma pausa. — Foi *muito* ruim? O que estão dizendo?

Ela nem precisava dizer, porque estava escrito em sua expressão desanimada e penalizada o quão *ruim* tinha sido.

Thelma não estava em sua mesa, embora claramente já tivesse chegado, porque via sua bolsa pendurada na cadeira, então, Tábata sentou-se ao meu lado.

— Eu queria poder dizer que estão felizes pela história de contos de fadas, mas a verdade é que você sabe o que especulam sobre uma assistente que se relaciona com patrão, né? O primeiro comentário que fizeram no RH é que você engravidou e ele decidiu se casar.

As pessoas eram podres mesmo.

E irônico, porque eu e Henrique não tínhamos sequer nos beijado, quanto mais feito sexo.

— Não é o caso — afirmei, sem muitas explicações.

— Enfim... posso perguntar de onde veio esse relacionamento? Até onde eu sei vocês quase não se falavam...

Precisei hesitar por um momento, porque as respostas precisavam ser as mais objetivas possíveis. Mais do que isso, precisavam fazer sentido.

— Era parte da farsa.

— Ah, sim... — Tábata pareceu pensativa, olhando para o nada, e eu não sabia mais o que dizer. Apesar de tentar demonstrar que não importava, eu não queria que meu nome ficasse viajando pelos departamentos da empresa como a interesseira que agarrou o CEO bonitão para proveito próprio.

Parecendo se lembrar de alguma coisa, Tábata ergueu um dedo em riste e tirou um objeto do bolso. Meu novo crachá. Entregou-o, então, a mim.

la perguntar como conseguira que ficasse pronto tão rápido, mas tratava-se apenas de um cartão genérico com

uma etiqueta impressa na hora. Fora apenas uma questão de acrescentar um sobrenome e imprimir novamente.

Fiquei olhando para ele como uma tola, lendo e relendo meu novo sobrenome que mais parecia pesar nas minhas costas.

— Bem, Poli... pode deixar que eu vou te defender sempre que puder, ok? — Ela se levantou, e eu sorri, sabendo que Tábata faria isso mesmo. Beijando o topo da minha cabeça, começou a se afastar, mas rapidamente voltou-se na minha direção, dizendo: — Podemos almoçar juntas hoje ou vai abandonar as amigas por causa daquele marido gato?

Não pude deixar de sorrir.

— Vamos juntas, sim.

— Ótimo. Você me deve detalhes. Quero saber de tudo... principalmente se o frio Henrique Monsores pode ser quente em outros momentos.

Ela nem me deu chance de responder, porque foi se afastando para pegar o elevador, embora seu andar fosse logo abaixo ao meu.

Detalhes...

O que eu poderia contar a ela? Que as poucas conversas com meu marido se mostraram extremamente pouco promissoras? Que ele hesitou quando lhe pedi um beijo, mas pareceu mudar de ideia só para não me deixar constrangida? Que eu senti um arrepio ridículo quando ele apenas encostou os lábios nos meus?

Ou será que deveria dizer que passei minha noite de núpcias bêbada e sozinha, confusa e preocupada com o futuro?

Ainda estava refletindo sobre tudo isso quando o telefone na minha mesa tocou.

A voz do meu marido soou do outro lado da linha.

— Está tudo bem? — Aquela era uma pergunta muito constante em nosso relacionamento.

— Sim, por que não estaria?

— Porque eu sei que sua colega recebeu a informação do nosso casamento e provavelmente te contou alguma coisa sobre a reação das pessoas da empresa. Sua cara não parece muito boa, então...

Rapidamente olhei por cima do ombro e o peguei, de dentro de sua sala imensa, olhando para mim. Novamente, lá estava o olhar intenso, como se não houvesse mais nada ao redor além de mim.

— Eles foram muito cruéis? — sua voz tornou-se mais terna, cálida, o que acariciou meu coração.

— Eu não esperava outra coisa. Estão apostando que estou grávida e que você se casou comigo por isso.

— Quem diria que é basicamente o contrário — era quase uma brincadeira. Mas ele não fazia piadas, não era?

— Ah, você está grávido? Parabéns! — decidi ser eu a descontrair. Com atenção, continuei olhando para ele, em busca de um sorriso.

E ele sorriu. Não abertamente, não de forma inesquecível, mas lá estava... uma esperança.

— Quase isso. — Fez uma pausa e voltou a ficar sério. — Não importa o que eles disserem, Poliana, lembre-se do que *eu* falei... você é minha esposa. Seja o que for, vamos enfrentar juntos.

Ah, meu Deus!

Queria pedir que ele não fizesse isso; que não começasse a acariciar meu coração daquele jeito, porque ficaria mais difícil resistir. Ficaria mais difícil esquecê-lo

quando chegasse a hora. Quando ele não precisasse mais de uma esposa falsa.

Eu não podia me apaixonar por meu marido. Porque sabia que se isso acontecesse, estaria completamente perdida.



Ela estava atrasada. Vinte minutos, é claro, mas, ainda assim, um atraso.

Eu poderia reconsiderar, poderia relevar, principalmente porque não estava assim tão desesperado para chegar à festa de Gilberto, mas... Merda, eu queria vê-la.

Poliana relutara em comprar outro vestido com meu dinheiro, então, Tábata – a colega do RH de quem não lembrava o nome – lhe emprestara um, já que as duas tinham corpos parecidos. Eu não queria que minha esposa

tivesse que pegar roupas emprestadas com amigas, porque ela não precisava disso, mas era teimosa e extremamente independente. Claro que era algo que eu admirava bastante, por isso, decidi que se quisesse que ela tivesse coisas bonitas, teria que presenteá-la.

Quando ouvi o som de seus saltos batendo no mármore dos degraus da escada, apressei-me em seguir na direção da escada, porque não queria perder um segundo.

Era ridículo, mas eu sabia que ela estaria linda. Ela *era* linda.

Só que nem mesmo os momentos mais notáveis da minha imaginação seriam capazes de compor aquela imagem.

Ela captara exatamente o que lhe indiquei – não precisava de nada extravagante, mas poderia caprichar um pouco mais, porque haveria pessoas de todos os tipos na festa. Pessoas muito ricas. Parceiros de negócios meus e que me respeitavam. Claro que eu não quis colocar muita pressão em seus ombros, mas era importante que minha esposa fosse apresentada a todos eles da melhor forma possível.

E ela seria.

Deus... ela estava deslumbrante.

Ainda colocava os brincos conforme descia, segurando uma bolsinha pequena sob um dos braços. O vestido era de um tom entre o salmão e o bege, e ele parecia embalá-la a vácuo, porque delineava seu corpo como uma segunda pele. Ainda assim, não havia nada de vulgar nele, porque era fechado, até pouco abaixo de seus joelhos, com uma gola sem decote e mangas longas, até seus pulsos. Nos pés, um sapato vermelho, que combinava com a bolsa, criando uma harmonia perfeita de cores.

Apesar de estar totalmente vestida, aquela roupa deixava pouco para a imaginação em relação às curvas de seu corpo. A cintura era tão fina que eu jurei que conseguiria fechar ambas as minhas mãos nela se a tocasse. O quadril descia em uma curva suave e graciosa, os seios eram de um tamanho médio, perfeito. Ela parecia esculpida.

Os cabelos estavam soltos, em ondas, como eu adorava, e eles pareciam brilhar ainda mais naquela noite, em seu tom de mogno.

— Desculpa pelo atraso, mas, mais uma vez, precisei enviar um trabalho para outro professor. Mas está tudo certo, é só uma matéria eletiva, na qual eu já até passei — ela começou a falar sem parar, passando por mim e nem se dando conta de que eu simplesmente não conseguia parar de olhá-la. Não conseguia parar de pensar que seria muito, muito interessante se eu simplesmente a puxasse para mim, como fiz na noite do nosso casamento, prendendo-a nos meus braços, mas para beijá-la de verdade daquela vez. Beijá-la como ela merecia ser beijada.

Só que da mesma forma como a ideia surgiu na minha mente, ela morreu, no momento em que Poliana se virou para mim, já a uma distância segura.

— Se você estiver pronto, podemos ir.

A única coisa que consegui fazer foi assentir e segui-la.

Antes, porém, que pudéssemos ultrapassar a porta, eu percebi que a beleza de Poliana tinha afetado a minha memória, porque simplesmente me esqueci de algo importante. Então, segurei o braço dela – fingindo não sentir o quanto tocá-la, mesmo por cima da manga do vestido, acionava alguma válvula dentro do meu coração que o fazia acelerar.

Não era apenas esta parte que se manifestava, aliás. Meu corpo inteiro respondia a Poliana de uma forma inevitável, desconcertante e perigosa.

O olhar dela voou em direção à minha mão, parecendo confusa. Não era para menos. Eu sempre evitava tocá-la ao máximo.

— Eu tenho uma coisa para você — anunciei, soltando-a quase que imediatamente e levando a mão ao bolso do paletó.

Tirando uma caixinha de veludo de lá de dentro, quase me congratulei por não ter comprado um colar, porque não teria combinado com aquele vestido fechado. Ao abri-la, os olhos dela se arregalaram com a pulseira que escolhi pessoalmente, porque acreditei que Poliana não era o tipo de mulher que se interessava por jóias extravagantes.

Era delicada, dourada e possuía uma única pedra, um topázio, não muito grande, em um tom escarlate que combinava com seu tom de pele. Ao redor dele, pequenos diamantes o adornavam, atribuindo valor à peça.

— É para mim? — Erguei os olhos confusos na minha direção. Parecia vulnerável e mais doce do que nunca, como se o fato de eu a estar presenteando fosse algo muito fora do normal.

Não havia o que responder, então, apenas balancei a cabeça. Pousando a caixa sobre o aparador perto da porta, peguei a pulseira e a estendi na direção dela.

— Posso? — indaguei, oferecendo-me para colocá-la em seu pulso.

— Claro — havia algum entusiasmo em seu tom de voz, e eu fiquei satisfeito por tê-lo proporcionado.

Coloquei a pulseira em seu punho delicado, e ela quase desapareceu sobre a manga do vestido, mas deu-lhe um

destaque discreto. Poliana ergueu o braço à altura dos olhos, balançando-o e sorrindo.

— Nunca ninguém me deu algo tão lindo. Obrigada.

Dei de ombros, enfiando as mãos nos bolsos, temendo que elas fossem ganhar vida própria e se tornarem mais ousadas, especialmente porque alguns fios do cabelo de Poliana caíam em seu rosto, e meus dedos quase doíam de vontade de ajeitá-los.

— Imaginei que você gostasse de coisas mais delicadas.

— É perfeita.

Sem que eu me desse conta, ela se colocou na ponta dos pés e veio em minha direção, beijando o meu rosto, em agradecimento.

Foi um toque cálido, embora suave. Como uma onda quente de calor em um dia ensolarado de verão. Mas por mais sutil que ela pudesse ter sido, eu já não estava no meu juízo perfeito desde que surgira na minha frente, vestida daquele jeito.

Talvez tivesse sido por isso que o impulso de segurá-la comigo, enlaçando-a pela cintura, sem nenhuma explicação, me fez agir de forma imprudente. O leve arfar que escapou de seu peito, a forma como seus lábios se entreabriram, a expressão em seus olhos – que se modificou de puro susto para algo um pouco mais próximo a desejo –, tudo isso contribuiu para que eu me sentisse andando em uma corda bamba, pronto para cair em um precipício.

Naquele momento de insanidade, eu teria me jogado nele de bom grado se o prêmio fosse Poliana. Se ela pudesse ser minha por um instante.

Nossas bocas estavam muito próximas. Se eu apenas me inclinasse por alguns centímetros...

Só que a prudência falou mais alto. Não era meu direito, e eu já tinha chegado longe demais.

— Me desculpa... — pedi assim que a soltei, recuando antes que cometesse mais uma loucura. — Eu... eu... — mal sabia o que dizer para me explicar. Se é que havia alguma explicação. — Eu não deveria ter feito isso...

Poliana permaneceu calada, olhando para mim, mas rapidamente voltou seus olhos para o chão, segurando a bolsa à frente do corpo com as duas mãos, como se isto pudesse protegê-la.

De mim, talvez?

Não... ela não tentara se desvencilhar dos meus braços. Eu a senti derreter quando a peguei com mais força.

Se eu a tivesse beijado, teria sido correspondido. Ela me pedira um beijo na noite depois do nosso casamento, não fora? E eu, idiota, não aproveitei.

Tomando a dianteira, antes que colocasse tudo a perder, abri a porta do apartamento e a segurei para que ela passasse.

Era exatamente por este motivo que não seria prudente misturar as coisas – Poliana seguiu todo o caminho até a casa de Gilberto completamente calada, olhando para fora da janela, como se não conseguisse me encarar. Como eu também não fazia ideia do que dizer a ela, imitei-a, e o carro foi preenchido por um silêncio que chegava a me dar calafrios e a revirar minhas entranhas. Eu poderia jurar que tínhamos feito alguns progressos em nossa convivência há alguns dias, mas lá estávamos nós outra vez, dando passos hesitantes para trás.

Chegamos à mansão de Gilberto, e eu a vi remexer-se parecendo incomodada. Não era para menos, o lugar era, realmente, intimidador.

— Não se preocupe. Eles são pessoas ótimas. Não vão te deixar desconfortável — alertei, sabendo que ela deveria estar muito nervosa.

Poliana assentiu, e eu entrei pelo portão, depois da permissão do segurança. Seguimos por uma trilha lindamente ornamentada e, como tive que baixar a janela para nos anunciar, a música nos recebeu. Algo leve, um jazz de bom gosto, que combinava com o local.

Deixei meu carro aos cuidados de um valete, que abriu a porta para Poliana. Dando a volta, coloquei-me ao lado dela e lhe estendi a mão, esperando que meu ato desconfortável no apartamento não prejudicasse nossa atuação como marido e mulher, mas ela soube controlar seus sentimentos muito bem. Não só aceitou minha mão como também sorriu e foi charmosamente simpática com todos.

Caminhei com ela pelo salão, sentindo uma leve pontada de orgulho a cada elogio que recebia pela mulher nos meus braços. Eu podia sentir, no quão sua mão pequena e delicada estava gelada dentro da minha, muito maior, que Poliana estava segurando a barra, mas não decepcionou uma única vez.

Estávamos conversando com Gilberto e sua esposa, que era tão legal quanto ele, quando avistei uma pessoa que achei importante apresentar para Poliana, já que faria parte de nossa vida dali em diante.

Leandra surgia com seu companheiro, em sua beleza loura, saltos enormes e vestido elegante. Assim que me viu, sorriu. Ela deixou seu namorado, noivo, ou o que quer que fosse, cumprimentando um grupo de homens que estava em um dos cantos do salão e veio até nós. Encontramo-nos no meio do caminho, já que pedi licença aos nossos

anfitriões e puxei Poliana na direção da minha amiga e advogada.

— Que bom te ver por aqui, Rique! — ela cumprimentou com um enorme sorriso e rapidamente olhou para Poliana, parecendo surpresa.

— Leandra, esta é Poliana, minha esposa.

Como não era nada discreta, a loira arregalou os olhos e ficou boquiaberta. Mas um sorriso ainda maior curvou seus lábios pintados de vermelho vivo.

— Uau! Fico feliz... parabéns! — Senti que ela usou de um imenso cuidado para falar, provavelmente temendo que Poliana não soubesse os reais motivos do casamento.

Apressei-me em esclarecer.

— Leandra, Poliana sabe de tudo. Sobre Clara, no caso...

— Entendo. Bem... parabéns do mesmo jeito. Você seguiu meu conselho — virou-se para minha esposa —, o que, já te adianto, não é muito comum. — Inclinando-se, ela deu dois beijinhos em Poliana. — Prazer, querida. Eu sou a advogada que vai conseguir um bebê para vocês.

— Espero que dê tudo certo. Clara é encantadora.

— Até fazer o primeiro cocô — brincou minha amiga.

— Bem... ela fez recentemente, no colo de Henrique. Eu o ensinei a trocar fraldas, acho que ele vai precisar — Poliana também zombou, fazendo Leandra gargalhar.

— Meu Deus, eu queria ter visto a cena!

Um garçom passou com uma bandeja, e a advogada pegou uma taça de prosecco. Fiz o mesmo, mas servindo a mim e a Poliana.

As duas, então, começaram a conversar animadamente, o que eu achei bom. Era importante que Leandra aprovasse minha esposa, já que ela seria a responsável por convencer

um juiz, no futuro, de que éramos um casal adequado para adotarmos Clara.

Como anteriormente estávamos conversando com com Gilberto e a esposa sobre um seriado de comédia, do qual Poliana era muito fã, eles pediram para que ela se aproximasse novamente, para ajudá-los a convencer outro amigo a assisti-lo. Muito solícita, ela se afastou de mim, indo em direção aos outros, praticamente arrastada pelo anfitrião da festa, mas com um sorriso simpático no rosto.

Inevitavelmente eu a segui com os olhos, perdendo alguns segundos para vê-la parar no outro grupo. Gilberto disse algo que a fez gargalhar, como nunca rira comigo. Não daquela forma natural, jogando a cabeça e os longos cabelos para trás. Não como se quisesse rir e fosse... feliz.

Eu queria que ela fosse feliz.

— Casamento de aparências, hein? — Eu nem me lembrava que Leandra estava ali, para ser sincero. Quando me virei para ela, minha amiga estava bebericando de sua taça, olhando para mim por cima da borda.

— Perdão... o que você disse?

— Você me ouviu bem, Henrique. Duvido muito que esse seu casamento permaneça casto por muito tempo. Você está quase devorando a menina com os olhos — falou, cheia de malícia.

Empertiguei-me, passando a mão pela camisa, como se tentasse desamassá-la. Era só uma tentativa de encontrar algo para fazer antes que perdesse novamente o controle.

— Só estou... preocupado. Poliana não costuma frequentar festas assim e...

— Você pode continuar mentindo para si mesmo, querido, mas está escrito na sua testa. Além do mais, ela está se saindo muito bem — falou, olhando para Poliana,

que continuava rindo e sorrindo, como se conhecesse aquelas pessoas há muito tempo. — Não posso julgá-lo. A garota é linda. E doce, amável... Talvez o destino a tenha colocado no seu caminho.

Revirei os olhos.

— Você, tanto quanto eu, não acredita nessas baboseiras.

— Não, claro que não. Mas ela pode ser a sua chance. Por que não? — deixando a pergunta no ar, como um terrorista que joga uma bomba no meio de um estádio lotado de pessoas, Leandra saiu de perto de mim, voltando para o lado de seu acompanhante que ainda estava entretido no mesmo grupo de pessoas.

Só que a maldição já estava conjurada.

Olhei novamente para Poliana e tudo o que eu conseguia pensar era: por que não?



Quando os primeiros acordes de certa melodia começaram a soar, eu senti o coração errar uma batida dentro do peito. Era uma reação muito estúpida, muito sem noção, porque, afinal... era só uma música.

Exatamente a versão certa? Sim... mas poderia ser uma coincidência. Elas aconteciam.

Não tinha nada a ver com destino.

Só que a minha mente não conseguia processar dessa forma. Não enquanto Michael Bublé cantava sobre se apaixonar e ser para sempre, em *When I Fall in Love*.

Não fui a única a ficar surpresa com a música. Henrique também percebeu.

Por um momento, nossos olhares se encontraram em meio ao salão. Estávamos distantes, porque o casal de anfitriões ainda não me liberara do assunto, e ele fora deixado sozinho pela belíssima advogada – com quem tivera um caso no passado, o que Thelma me contou e não saiu da minha memória.

Naquele instante, enquanto a música soava, e nossos olhares se prendiam um ao outro, algum tipo de magia aconteceu. Era como se o mundo ao nosso redor tivesse parado de girar e adquirido um ritmo especial só para nós.

Talvez... somente talvez... eu tivesse começado a me apaixonar por Henrique ali.

E mais ainda quando ele veio na minha direção.

Estendeu a mão para mim, sem dizer nada, e eu a entreguei sem hesitar. Conduziu-me para um canto mais afastado da casa, saindo pelas portas duplas, mais vazio. Em meio a um jardim tropical e suas orquídeas, tomou-me em seus braços como se eu fosse feita de cristal e pudesse quebrar – completamente diferente de como fizera em seu apartamento, antes de sairmos, quando praticamente me deixou em chamas, na expectativa de um beijo que não aconteceu.

Com a mão firme em minha cintura e segurando a outra um pouco mais afastada de nossos corpos, ele começou a me embalar, bem devagar, no ritmo da música. Nossos olhos continuavam dançando um com o outro também, porque parecia mais possível um apocalipse acontecer do que desviarmos nossas atenções.

A música era curta, pouco mais de quatro minutos, mas pareceu uma eternidade. Como se o mundo e o tempo estivessem conspirando ao nosso favor, girando e passando mais devagar, desacelerados, para que pudéssemos

provocar o primeiro encontro de nossos corações. Porque eu *sentia* que Henrique estava na mesma sintonia que eu. Pela forma como me olhava, como me tocava... como parecia nutrir os mesmos pensamentos.

Quando a música encerrou, nós paramos de dançar. Ficamos congelados, olhos nos olhos, até que outra iniciou. Mas, ainda assim, não nos movemos. Tanto que nem saberia dizer o que começara a tocar em sequência. Eu não saberia sequer dizer onde estávamos, que ano era, qual o meu nome. Por um segundo tudo o que importava era que eu queria que Henrique me beijasse.

E quando ele começou a se inclinar, com os olhos fixos nos meus lábios, respirei fundo, em busca do fôlego que a expectativa me tirara, chegando a ofegar. Era uma reação ridícula. Totalmente. Não seria o meu primeiro beijo, e eu tive alguns muito bons antes, principalmente antes da minha vida desandar por completo.

Só que algo me dizia que um beijo de Henrique iria me abalar por inteiro. Iria destruir todas as defesas que criei no exato momento em que concordei com aquele casamento absurdo.

Eu já podia sentir a respiração quente dele beijando meus lábios quando um som súbito nos fez sobressaltar. Foi como um feitiço quebrado. Como um estalar de dedos que encerra uma sessão de hipnose.

Nós dois nos viramos na direção do barulho e vimos que um dos garçons tinha derrubado uma bandeja de prata no chão. Para a sua sorte, ela estava vazia, mas o som que fez ao colidir estragou tudo.

A mão de Henrique permaneceu firme nas minhas costas, mas o clima já tinha sido perdido. Ainda esperei um pouco, na intenção de lhe informar que eu não me

importava que continuasse de onde tínhamos parado, mas ele novamente se afastou.

Outra vez... foi por um fio.

Desajeitados, ficamos sem saber o que dizer, o que fazer e como nos comportarmos, até que eu decidi que se continuássemos assim seria muito pior. Minha escolha, então, foi a mais covarde possível: fugir.

— Preciso ir ao banheiro — anunciei, mesmo sabendo que era uma mentira.

— Claro... — Henrique se afastou mais um pouco, como se quisesse me dar passagem, embora houvesse espaço suficiente para tal.

Ainda perdi alguns instantes parada, meio zozza, até que me pus a andar.

Pedi informações a um garçom, que me indicou onde era o banheiro, e eu o encontrei sem dificuldades.

Entrei, tranquei a porta e tirei minha bolsinha do ombro, pousando-a sobre o mármore da pia. Olhando-me no espelho, reparei um rubor muito específico, que eu apostava que não estava ali antes de Henrique decidir *quase* me beijar.

Fora a segunda vez naquela noite. Será que sobreviveríamos intactos até o dia seguinte? Será que ele faria mais uma tentativa?

Eram muitas perguntas, e eu não tinha respostas para nenhuma delas.

Aproveitei que estava ali para realmente ir ao banheiro, então lavei as mãos, sequei-as e dei um jeito nos cabelos. Retoquei o batom e estava pronta para sair.

Foi só destrancar a porta e tentar pisar fora do espaço que uma mulher desconhecida se interpôs na minha frente. Ela devia ter mais de sessenta anos, mas era bonita, com

os cabelos loiros pintados em um tom de areia, olhos azuis, magra e muito elegante.

Praticamente me empurrando de volta para dentro, ela se virou e trancou a porta, prendendo nós duas no banheiro.

— Mas o quê...? — comecei a falar, indignada, mas ela veio na minha direção, com um dedo em riste.

— Eu sei quem você é, garotinha, e sei muito bem o que você e seu *marido* — ela usou a palavra com desdém — estão planejando. Não vão tirar minha neta de mim, ouviram? Clara é minha!

Cheguei a estremecer pela forma como ela falou, e tudo começou a fazer sentido. Aquela era a avó víbora de Clara. Deus... se eu já estava com ranço antes, só pela forma como me tratou passei a odiar mais ainda, e olha que eu só tinha passado alguns pouquíssimos minutos na companhia desagradável.

— Isso é o juiz que decide — falei bem baixo, porque não queria confusão.

Ela gargalhou.

— Não seja ridícula, garota. Eu sou a avó. Sangue do sangue da menina. Sou rica, bem relacionada, posso dar o mundo para ela...

— Mas não pode dar amor — respondi, com coragem.

— E você pode? Mal a conhece! Casou-se com Henrique por causa de dinheiro, certamente não passa de uma vagabunda que quer subir na vida à custa dos outros.

Engoli em seco, tentando controlar a minha raiva.

Senti os dedos gelados da mulher agarrarem a minha mão. Uma de suas unhas pontiagudas e afiadas afundou na carne da palma, e eu a senti como uma picada de agulha, mas consegui controlar o gemido de dor.

— Eu juro que se você ficar no meu caminho, vai se arrepender. Não sabe com quem está lidando.

Uma batida forte soou na porta.

— Poliana! — Era Henrique. Em um timing perfeito, aliás. — Sei que você está aí dentro, abra a porta — ordenou com autoridade.

— Estamos entendidas, não estamos? — Ela ainda me segurava, e foi então que olhei para a mão para ver que ela tinha me arranhado ao ponto de tirar sangue.

Não precisei responder, porque outro baque a interrompeu.

— Eu vou arrombar a porta, Poliana!

Ele parecia saber que havia algo de errado. Mas como?

Sem dizer mais nada, a mulher se afastou de mim, abrindo a porta e ficando cara a cara com Henrique.

Este rapidamente olhou por cima do ombro da outra, vasculhando o cômodo em busca de mim. Ao me ver de pé e razoavelmente bem, voltou-se para a mais velha.

— O que estava fazendo com a minha esposa, aqui trancada? — perguntou por entre dentes.

— Conversando. Achei que seria de bom tom dar um aviso a ela — respondeu cheia de arrogância.

— Que tipo de aviso? — Henrique parecia mais impaciente.

— Acho que ela mesma poderá te informar. Serve para você também. Quer mexer comigo, Henrique? Talvez agora você tenha mais a perder. Uma linda e frágil esposa que pode se machucar em um... *acidente*. Quem sabe? — Aquilo me provocou um calafrio. Não apenas as suas palavras, mas a forma como olhou para mim, como se eu realmente fosse descartável.

Mal percebi se ela deu espaço para Henrique ou se ele a empurrou, mas em dois tempos estava próximo a mim, colocando-se praticamente como escudo.

— Acho que você também não quer mexer comigo, Zélia. Muito menos com a minha esposa.

— Esposa... que piada... Sei muito bem que tipo de casamento é esse. — Ela ergueu ainda mais o queixo, altiva e com uma aparência de vilã da Disney que teria me feito rir se eu não estivesse assustada com a ameaça velada e com tanta raiva. — Podem continuar se iludindo, se quiserem. A menina vai ficar comigo.

Sem nos dar chance de dizer qualquer outra coisa, a mulher se afastou, batendo seus saltos enormes no chão, como se quisesse tentar uma saída triunfal.

— Meu Deus, ela é ridícula! — comentei, tentando afastar o clima pesado e na intenção de mostrar a Henrique que eu não estava tão apavorada quanto parecia.

— Ela te machucou — ele falou do nada, então eu segui seus olhos, e Henrique estava olhando fixamente para o arranhão na minha palma, que sangrava.

— Não foi nada, é só um arranhão.

Mas Henrique não parecia mais me ouvir, porque já estava praticamente me arrastando para mais próximo da pia.

— Não importa se não foi nada. Ela não tinha o direito de... — Ele falava enquanto arrancava alguns papeis do suporte ao lado da pia e abria a torneira para umedecê-los. Só que antes de terminar a tarefa, olhou nos meus olhos, parecendo envergonhado. — Me desculpa. Eu juro que não sabia que ela estaria aqui. Se soubesse não teríamos vindo.

— Em algum momento eu teria que conhecê-la.

— Mas não assim. Não com ela te encurralando em um banheiro e fazendo ameaças. Sem a mim por perto. Se ela quisesse poderia ter feito algo pior, e eu não poderia me perdoar.

Isso me comoveu. Principalmente pelo leve desespero que ele demonstrava, que era bem exagerado dado o resultado do encontro desastroso com a tal Zélia. Fora apenas um arranhão, e ele estava tratando a situação como se eu tivesse sido esfaqueada.

Era fofo. Tanto que eu ergui a outra mão, não machucada, e a levei ao seu rosto, tocando-o e observando-o com ternura.

— Está tudo bem, Henrique, de verdade.

Ele finalmente balançou a cabeça, assentindo e terminou de limpar o pequeno cortezinho que já nem sangrava mais. Quando terminou, eu abri um sorriso.

— Pronto, doutor. Podemos voltar à festa.

— Não. Vamos para casa. Não quero que aquela mulher tenha acesso a você novamente tão fácil. Se Janaína não tivesse me avisado que ela seguiu você, não sei o que teria acontecido.

— Nada. Ela não teria coragem de me machucar aqui, em meio a tantas pessoas. Mas se você quer ir embora, podemos ir. Estou realmente cansada. Amanhã temos que trabalhar, e eu tenho aula.

Com um meneio de cabeça, Henrique pegou a minha outra mão e saímos do banheiro.

Fomos direto a Leandra e ao seu companheiro, que finalmente nos foi apresentado. Henrique contou a ela o que aconteceu, mostrou meu machucado, e ela ficou indignada, mas disse que isso só contaria em um tribunal se tivéssemos provas. Poderíamos fazer um exame de DNA,

mas havia uma grande chance de as unhas serem postiças, pelo que pude ver na hora, e como fora algo extremamente inofensivo, Zélia alegaria um acidente ou qualquer coisa assim.

Em seguida fomos nos despedir de Gilberto e sua esposa, que ficaram chateados com nossa partida, mas alegamos que precisávamos acordar cedo no dia seguinte, e eles compreenderam.

Quando estávamos no carro, senti Henrique tão tenso, tão irritado, que decidi fazer uma brincadeira.

— Foi uma pena não termos ficado para o bolo. Eu sou uma viciada em doces.

— Eu compro uma merda de bolo inteiro para você, mas não podíamos ficar naquele lugar com aquela mulher fazendo ameaças e te machucando.

Em meio à escuridão do carro, provavelmente Henrique não poderia perceber o meu sorriso. Ainda bem, porque ele era largo o suficiente para que eu parecesse uma louca, mas aquela sua versão de protetor feroz não era apenas adorável, mas muito, muito sexy.

Chegamos em casa, e ele abriu a porta do apartamento, embora eu também tivesse a minha chave. Henrique acendeu a luz, e nós caminhamos em silêncio até um ponto da sala. Depois do que acontecera entre nós, com a dança e o quase beijo, aquela cobertura imensa mais parecia uma caixa claustrofóbica. Ele parecia tomá-la por inteiro, porque eu o sentia por toda parte, mesmo a uma distância de pelo menos dois metros.

Como nenhum dos dois disse nada, e como ele não fez nenhum movimento, eu decidi que a melhor escolha era ir para o meu quarto e lidar com as minhas frustrações sozinha.

— Boa noite, Henrique. Foi bem agradável, apesar dos pesares. — Preferi não comentar sobre o nosso momento especial, já que ele também não tinha falado nada. Também nem deixei que respondesse ao boa noite, porque parecia perdido em algum transe estranho, preso na teia de seus pensamentos indecifráveis.

Estava prestes a passar por ele, mas, como em um déjà vu, meu braço foi agarrado, em um ponto um pouco acima do cotovelo, e Henrique me puxou para si, fazendo-me ver a cena acontecer novamente. Não era a primeira vez que me pegava daquele jeito, prendendo-me em seus braços, como se não quisesse me soltar.

A mão enorme nas minhas costas estava espalmada, pressionando-me contra seu peito, enquanto a outra afastava uma mecha de cabelo do meu rosto que se intrometera diante dos meus olhos no momento em que fui puxada.

Henrique ainda me surpreendeu novamente quando deslocou ambas as mãos, pousando as duas em cada lado da minha cintura, erguendo-me do chão com uma facilidade absurda e me colocando sobre a bancada que dividia a sala da cozinha no estilo americano.

Uau... isso era sexy...

Muito.

— Não vou te deixar escapar de novo... — ele sussurrou baixinho, enquanto um dedo gentil traçava os contornos do meu rosto devagar.

— Eu não fiz isso nenhuma vez.

— Mas o mundo pareceu conspirar contra. Desta vez eu vou te beijar, Poliana. Não importa o que aconteça.

Ah, e eu queria. Como queria...

Henrique tornou tudo lento, em um joguinho de sedução torturante, porque continuou explorando meu rosto com os dedos, até chegar aos meus lábios, tocando-os com o polegar, sentindo a textura. Os olhos também pareciam acariciá-los, porque ele não os desviou por longos segundos.

Quando se aproximou um pouco mais, a mão grande foi parar em minha nuca, firmando-a no lugar, finalmente tocando nossas bocas.

Se ele me desse apenas um selinho, eu iria amaldiçoar até a sua quinta geração.

Mas não foi um selinho. Quando sua língua abriu caminho por entre meus lábios, tocando a minha, primeiro com gentileza, provando, experimentando, hesitante, eu precisei respirar fundo, porque um turbilhão de emoções me invadiu.

Acho que eu estava esperando por aquele beijo mais do que imaginei.

Não demoramos muito para encontramos nosso ritmo e para eu decidir que Henrique sabia muito bem o que estava fazendo. A delicadeza continuou, mas ela foi misturada a uma fome, a uma avidez que me desconsertou em tempo recorde.

Meus braços cobertos pelas mangas do vestido se entrelaçaram aos seus ombros largos, e os dedos de uma das minhas mãos se enfiaram em seus cabelos, na tentativa de provar se eram tão macios quanto pareciam. Eram mais. E seus lábios... sua boca... seu corpo contra o meu... Tudo era perfeito.

Eu poderia ser beijada daquele jeito pela noite inteira. Poderia me perder nos braços de Henrique, na forma como ele me segurava, como nossas bocas se encaixavam como

se tivessem sido feitas uma para a outra... mas eu senti o momento em que o beijo deixou de ser doce para se tornar algo mais urgente.

Percebi quando a mão antes cuidadosa imprimiu mais força no aperto em minha cintura. Ou quando a outra agarrou meus cabelos com um pouco mais de selvageria. A respiração de Henrique mudou. Um grunhido escapou de sua garganta.

Daquele jeito, eu permitiria qualquer coisa.

Qualquer coisa *mesmo*.

Mas ele encerrou o beijo e se afastou.

Ainda de olhos fechados, em transe, deixei que meu inconsciente dissesse algo que estava pulsando em minha cabeça.

— Agridoce... — foi só um sussurro, tanto que ele não compreendeu.

— O que disse?

— Você é agridoce, Henrique.

Então ele sorriu. Novamente um curvar de lábios quase imperceptível, de canto, mas lindo.

Ele era lindo.

— Isso é bom ou ruim? — perguntou, enquanto sua mão tomava a minha.

— Acho que teremos que ver com o tempo.

Balançando a cabeça, ele deu um beijo nos nós dos meus dedos e rapidamente me ajudou a descer do balcão.

— Agora, sim... boa noite, Poliana.

Então ele me deu as costas, mas me observou mais uma vez conforme subia as escadas para seu quarto.

O que aquele beijo quisera dizer? Algo mudaria entre nós dali em diante?

Eram muitas dúvidas, e eu tinha certeza de que Henrique ainda deixaria minha cabeça confusa de mil e uma maneiras diferentes.



Um balde de água fria... isso resumiria bem a situação.

Qualquer um – inclusive eu – imaginaria que o beijo nos aproximaria um pouco mais e que nosso relacionamento avançaria para um...

Bem... como poderia ser um namoro entre marido e mulher?

Fosse como fosse, a ilusão durou pouco. Sem saber como agir, na quinta-feira, eu simplesmente acordei, mais animada do que o normal, me aprontei bem bonita para trabalhar e descí, para esperar por Henrique. Ele acordava cedo, e eu sabia que gostava de malhar pela manhã. Quando surgiu, sempre impecável, de cabelos molhados,

com um de seus ternos sob medida, apenas me tratou com a gentileza e a educação de sempre, mas voltou a ser o cara frio de antes.

Não pude esconder meu mau humor, é claro.

Talvez fosse melhor assim. Por aquele idiota sem sentimentos eu não iria me apaixonar, sem dúvidas, mas pelo homem sedutor, protetor e que me beijara daquele jeito inexplicável? Ah, eu me perderia rapidinho.

Continuei seguindo, então, com o plano de antes. Trabalho, faculdade, casa. Jantávamos juntos, conversávamos pouco e saíamos para a empresa no mesmo carro, com o rádio narrando as notícias como nossa trilha sonora.

Ele foi trabalhar no final de semana, me deixando sozinha em casa, o que foi bom, porque a semana seguinte seria de provas, e eu fiquei trancada no quarto, estudando.

Ótimo casamento.

As coisas na empresa estavam estranhas, porque as pessoas pareciam me tratar diferente – exatamente como tratavam Henrique, como se temessem que eu fosse contar a ele todas as coisas ruins que já tinham me falado a respeito de sua pessoa. Do dia para a noite eu virei quase uma inimiga a quem eles precisavam tratar com toda a falsidade do mundo.

Mas isso não me importava. As pessoas que eu realmente gostava lá dentro – principalmente Thelma e Táбата – continuavam queridas e torcendo pela minha felicidade.

Felicidade... *que piada.*

O único vislumbre que tive do marido carinhoso da noite da festa foi quando arrumei meu cabelo em um coque

para trabalhar, durante a semana seguinte, e ele comentou, durante nosso trajeto, enquanto dirigia:

— Você tem um cabelo lindo. Gosto quando o usa solto.

Eu deveria responder que ele não tinha o direito de gostar de nada. Só de pirraça, deveria ter passado o resto da semana inteira de cabelos presos. Mas precisei voltar meu rosto em direção à janela para esconder meu sorriso e, no dia seguinte, lá estava eu com as madeixas pesadas caindo pelas costas.

A cada dia que passava, eu o entendia menos. Havia algo que o travava, sem dúvidas, porque eu já não acreditava que não sentia nada por mim. Não depois daquele beijo. Ao menos desejo existia, mas o que me intrigava era o porquê de ele se controlar. Por que preferia me afastar quando era visível que havia uma química absurda entre nós? Qual era o segredo que Henrique carregava e que o fazia evitar o amor?

Esta certeza de que havia um segredo chegou ao seu ápice na noite de sexta-feira, mais de uma semana depois de nosso beijo.

Era madrugada. Eu tinha ido deitar cedo, por isso demorei a conseguir despertar no momento em que comecei a ouvir os gritos. Ou grunhidos. Guturais, apavorados, sem sentido.

Foi de supetão que me sentei na cama, sentindo o coração acelerado no peito. Levei a mão à altura dele, como se aquele gesto pudesse controlá-lo de alguma forma.

Jurei que se tratara de um pesadelo, mas mais alguns sons terríveis se manifestaram, muito reais para serem parte de um sonho.

Era Henrique gritando.

Esperei mais alguns segundos para ver se ouvia mais alguma coisa, mas então só houve silêncio.

Ainda assim, não podia deixar de verificar se ele estava bem.

Desvencilhei-me das cobertas com tanto desespero que me embolei mais ainda nelas. Quando finalmente consegui colocar os pés no chão, saí correndo como uma louca, entrando no quarto dele sem nem bater na porta.

la chamar seu nome, mas minha fala foi interrompida pela figura que vi no meio da escuridão.

Uma luz muito frágil entrava pela janela aberta do quarto, cujas cortinas voavam com o vento intenso que uivava lá fora. Ela me permitia enxergar o corpo enorme do meu marido sentado no chão, em um dos cantos do quarto, abraçado aos joelhos. Assustado como um menino.

Fui me aproximando como quem está prestes a domar um leão selvagem, e ele ergueu os olhos fascinantes na minha direção. As lindas safiras estavam inchadas e vermelhas, brilhando com lágrimas. Assim que se deu conta de que eu realmente estava ali, percebi a vergonha desenhar-se nelas.

Agachei-me à sua frente, com todo o cuidado, colocando a mão sobre as dele, que estavam entrelaçadas, prendendo os joelhos.

— Você está bem?

Ele não falou nada por alguns instantes, apenas ficou olhando ao redor, como se mal tivesse noção do que estava acontecendo.

Sacudindo a cabeça, esforçou-se para colocar-se de pé.

— Estou. Volte para seu quarto, Poliana. Não é nada.

De costas para mim, ele parou, na tentativa de não me encarar. Estava sem camisa, e os ombros cheios de

músculos pareciam tensos. Eu queria tocá-lo. Não apenas pelo desejo que sentia, mas porque queria lhe transmitir um pouco de segurança.

— Como não é nada? Você estava gritando...

— Desculpa se te acordei — falou, ainda de costas, por cima do ombro.

Dei um passo à frente.

— Não é nada disso. Estou preocupada. Você parecia aterrorizado. E a forma como te encontrei... Não posso te deixar aqui assim...

Ele respirou fundo.

— Não é a primeira vez. E não será a última. Venho passando por isso sozinho — poderia soar de forma grosseira, mas não foi assim. Ele só constatou um fato.

— Mas você não está mais sozinho — soltei a frase com a voz mais doce que consegui encontrar. Levei a mão hesitante ao seu rosto e jurei que Henrique iria recuar ou me afastar, mas ele inclinou-se na direção do meu toque e fechou os olhos tão apertados que eu poderia jurar que estava sentindo dor.

No coração, provavelmente.

— Eu não deveria... Não deveria ter te arrastado para a minha vida. Você não... *merece*. Eu não posso te *dar* o que você merece.

— Não estou pedindo nada. Somos amigos, não somos?

— Era doloroso dizer isso, depois do beijo que compartilhamos e de eu ter descoberto o quanto queria que as coisas mudassem entre nós, mas, ao menos, era melhor do que a relação fria que ele poderia me oferecer caso eu permitisse que se afastasse mais uma vez.

Ele olhou para mim com toda aquela intensidade latente. Mesmo sob a parca luz que entrava no quarto, o azul de

seus olhos se destacava como pontos de esperança em meio à escuridão. Como a luz que eu poderia ter passado muito tempo buscando, mas estava ali... bem na minha frente, escorregando por entre meus dedos, porque eu sabia que não havia nada que eu pudesse fazer para mantê-lo comigo. Não como eu queria.

— Acho que cruzamos uma linha da qual é difícil voltar — ele falou em enigmas, e eu provavelmente podia entender aonde queria chegar, só que não queria afugentá-lo ainda mais, então, decidi não responder ao seu comentário e apenas seguir em frente.

— Por que você não volta para a cama? Tenta dormir e...

— Não! — ele me cortou com veemência. — Eu não quero dormir, Poliana! É sempre assim que acontece... eu me deixo levar e volto para aquele lugar. Não posso.

Que lugar? Do que ele estava falando?

— Você não precisa dormir, então. Só se deite para descansar.

— Fica comigo... — ele pediu em um tom suplicante que me desmontou.

Não era só o fato de que eu já estava mais do que envolvida com ele, começando a nutrir um sentimento perigoso... Era o desespero que ele demonstrava e a forma como suas mãos foram parar no meu braço, segurando-o com força, mas sem me machucar.

Era a necessidade, que ele parecia sentir, de aplacar sua solidão.

Sem dizer nada, nós dois fomos em direção à cama e cada um de nós sentou-se em um lado dela, ambos com as costas apoiadas na cabeceira. Ele com as pernas esticadas, com tornozelos entrelaçados; eu, com os joelhos

flexionados, como Henrique estivera minutos antes, abraçada às coxas.

Em silêncio, nossas respirações eram nossa trilha sonora, unidas ao vento lá fora que chiava baixinho. Pensei que ficaríamos assim, mas ele se manifestou primeiro:

— Eu preciso ir à empresa amanhã. — Era um assunto que eu não esperava, porque era quase fora de contexto, mas virei o rosto para ele e esperei, porque sabia que viria mais alguma coisa. — Sei que tenho estado um pouco distante esses dias, mas não é você o problema, Poliana. Você é... — ele respirou fundo, quase tomando coragem — perfeita. — Outra pausa. — Na festa de Gilberto... Deus... acho que nunca vi nada tão lindo quanto você naquele vestido.

Era bem surpreendente aquele comentário. Inesperado.

— Eu não... — tentei falar, mas ele não parecia querer parar.

— Sou o último homem na face da terra com quem você deveria querer se casar. Ainda assim, eu te levei a isso. Aquela mulher te ameaçou. Por minha causa.

— Não faz isso, Henrique — pedi. — Eu aceitei. Estou aqui com você porque *quero*. Não fui obrigada.

— Eu praticamente te coagi. Você estava em uma situação vulnerável, e eu me aproveitei disso.

Dei uma risadinha. Talvez não fosse o momento para isso, mas foi inevitável.

— Você me salvou. Algumas vezes, aliás... Não sei o que aconteceria comigo a partir daquela noite, porque meu pai iria transformar a minha vida em um inferno.

Henrique soltou um murmúrio que seria quase inaudível se o apartamento não estivesse completamente silencioso.

— Eu o mataria se ele fizesse alguma coisa contra você. Qualquer um, Poliana. *Qualquer um.*

Havia raiva em seu tom, e seu punho estava cerrado com força, como se ele realmente estivesse pronto para me proteger de qualquer coisa. Se o beijo já tinha mexido com todos os meus sentimentos, torcendo-os e extraindo tudo o que era possível de cada um deles, aquele tipo de afirmação era ainda mais fatal.

Precisei fechar meus olhos e reprimir um suspiro, porque não queria que ele ouvisse o quão vulnerável eu estava naquele momento.

Eu poderia comentar sobre o beijo. Poderia tentar conversar sobre o assunto e descobrir o que tinha acontecido ou se algum dia chegaríamos a viver um relacionamento real. Havia muitas coisas que eu poderia dizer, mas imaginei que não era a hora. Henrique estava muito abalado por um pesadelo, alguma lembrança de algo que o atormentava, provavelmente há muitos anos, então, não poderia minimizar seu sofrimento com problemas tão mundanos.

Mas não saí de seu lado. Permanecemos naquela mesma cama, até que eu peguei no sono, sentada mesmo, sem nem perceber.

Acordei sozinha, no meu quarto, acomodada sobre uma cama vazia, mais tarde do que eu gostaria, embora fosse sábado.

Henrique avisara que passaria o dia fora, então, eu teria que me contentar em focar na faculdade e em qualquer coisa que pudesse me livrar dos pensamentos que me acompanhavam e atormentavam.

Levantei-me, fui ao banheiro, joguei uma água no rosto e desci para tomar café.

A primeira coisa que percebi, sobre a mesma bancada onde ele me beijara desesperadamente, fora uma caixa grande, da padaria próxima ao prédio onde morávamos. Sobre ela, um bilhete:

*Estava te devendo um bolo.
Espero que tenha acertado no sabor.
H.*

Era um pouco impossível errar quando se tratava de chocolate, e ele fora perfeito escolhendo um que tinha raspas de branco e preto, com recheio de ambos os brigadeiros. Uma perdição.

Parti apenas um pedacinho para provar e quase soltei um gemido de prazer ao sentir a explosão de sabores na minha boca.

Era bom ser mimada daquele jeito, para variar.

Guardei a caixa dentro de uma das enormes geladeiras de Henrique, porque queria dividi-lo com ele, mesmo que tivesse que esperar muito por isso. Valeria a pena.

Estava lavando as mãos na pia quando a campainha tocou.

Eu deveria ter estranhado o fato de o porteiro não ter anunciado a subida de alguém.

Deveria, mas estava tão feliz e sorrindo tanto pelo gesto de Henrique que fui imprudente e abri a porta.



Meu celular vibrou sobre a mesa de vidro da sala de reuniões. Eu odiava fazer minhas equipes irem ao escritório aos finais de semana, mas a turma que estava responsável por um projeto urgente precisara virar algumas noites para entregar o que me mostravam naquele momento. E o projeto era excelente. Na segunda-feira eu iria apresentar ao cliente, e tinha certeza de que ele iria aprovar.

E eu daria os devidos créditos aos responsáveis. Eu nunca deixava de detalhar os nomes dos envolvidos em cada projeto que era aprovado.

Ignorei a ligação na primeira vez sem nem olhar de quem era. Seria muito escroto da minha parte pedir um minuto do sábado daquelas pessoas para atender a um telefonema. Certamente todos ali estavam doidos para ir para casa.

Surpreendentemente, eu também.

Eu tinha um *motivo* para voltar... o que era algo completamente novo.

O telefone parou, e eu voltei minha atenção a Leonardo, o funcionário que dissertava sobre todo o planejamento de uma nova identidade visual de uma mídia social que fora vendida a um grupo grande que pretendia repaginá-la. Aquele era o primeiro passo para todo o resto de um trabalho enorme, que nos tomaria meses, mas o contrato era milionário.

Prestei atenção e fiz alguns apontamentos e elogios, até que o telefone tocou novamente. Passava um pouco da hora do almoço, então, decidi pedir que todos fizessem uma pausa para comerem e fiquei sozinho na sala, porque sabia que aquela ligação, a julgar por quem estava chamando, eu precisaria atender com um pouco de privacidade.

Tratava-se de Zélia. De seu telefone pessoal. Obviamente o assunto não seria do meu interesse, mas poderia ser algo com Clara, então, retornei.

— Ah, pensei que não queria falar comigo — ela falou com um cinismo tão latente que cheguei a sentir um calafrio.

— O que você quer, Zélia?

Ela deu uma risadinha, que novamente não me deixou nada confortável.

— Talvez você devesse voltar para a sua casa. Sua linda esposinha recebeu uma visita há algumas horas e...

— O quê? — Levantei-me em um rompante, quase deixando a cadeira atrás de mim tombar. — O que você fez com a Poliana?

— Nada, foi uma visita de aviso. Mandeí o rapaz tratá-la com educação, mas você sabe que esses mercenários não têm exatamente a melhor índole do mundo. Uma mulher bonita como a sua Poliana pode ativar instintos incontroláveis. Eu não...

— Eu juro, Zélia — interrompi-a. — Juro que se tiver um único fio de cabelo dela fora do lugar, eu vou acabar com você.

— Então é melhor você correr. — E ela simplesmente desligou.

Não perdi tempo. Não era hora para hesitar.

Desatei a correr, passando por algumas pessoas da empresa, que chamaram meu nome, mas nem prestei atenção. Só parei quando cheguei ao meu carro, entrando apressado e saindo cantando pneu do estacionamento.

Enquanto seguia para o meu prédio, tudo o que vinha à minha cabeça eram imagens do passado; quando eu também saí correndo daquela forma, anos atrás, para tentar resgatar uma pessoa — uma mulher — que era importante para mim. Só que da primeira vez, cheguei tarde demais.

Não podia acontecer de novo.

Não podia.

Acelerei e cortei alguns sinais vermelhos, sentindo a adrenalina me devorar de dentro para fora. O medo era como um verme que comia minhas entranhas, me deixando fraco e meio zozinho. Só que eu precisava aguentar. Mesmo suando frio. Mesmo sentindo o estômago nauseado.

Entrei na garagem subterrânea e parei na minha vaga de sempre, correndo como um louco para o elevador

privativo. Peguei-o, apertei o botão e contei cada milésimo de segundo que levou para chegar ao andar da minha cobertura.

Agarrei as chaves que estavam no meu bolso e, com as mãos trêmulas, encaixei a certa na fechadura, girando-a e abrindo.

— Poliana! — chamei seu nome com desespero. Não houve resposta.

Enquanto a procurava, vasculhava a casa inteira em busca de qualquer sinal de luta ou sangue – o que chegava a me dar um calafrio.

— Poliana!

Zélia afirmara que sua intenção era só dar um susto, não fora? Mas e se estivesse blefando? Se o tal capanga a tivesse seqüestrado? Ou se ela estivesse ferida em algum lugar daquela porra de apartamento enorme, que nunca me pareceu tão grande?

Cheguei ao segundo andar e a chamei novamente. Em um primeiro momento não ouvi resposta, mas, então, um estranho som de baque me alertou. Parei por um instante, tentando discernir de onde vinha, até que ele se repetiu.

Vinha do meu quarto. A suíte máster da casa.

Corri como um louco, e o som continuou. De dentro do meu closet.

Abri a porta e encontrei Poliana lá – amarrada, amordaçada, encolhida e com uma expressão muito assustada.

Em um primeiro momento, não vi nenhum ferimento, mas assim que me agachei e tirei sua mordaça, vi um corte discreto no lábio.

— Você está bem? — indaguei enquanto dava a volta, colocando-me às suas costas para desamarrar suas mãos.

Não ouvi resposta, mas ergui os olhos, assim que terminei a tarefa e a vi balançar a cabeça em um movimento muito rápido, muito desesperado.

Eu precisava tirá-la dali.

Sem nem me preocupar em desatar seus tornozelos naquele momento, eu a tirei do chão, pegando-a com cuidado no meu colo, e a levei para o meu quarto, pousando-a na cama. Só então foi que a libertei por completo.

Com ela sentada, com as costas apoiadas na cabeceira, tomei seu rosto entre minhas mãos e foquei no corte. Era bem superficial, mas, mesmo assim, acompanhado da pequena mancha vermelha ao lado de sua boca, me deixou furioso.

— O que ele fez com você? — minha voz soou quase em gutural, irada, fora de controle.

— Ele só me deu um tapa, porque tentei lutar... Me desculpa, Henrique... eu abri a porta sem nem olhar no olho mágico. Estava tão feliz com o bolo... pelo fato de você ter lembrado... Eu não... não pensei... não... O cara ameaçou o porteiro, o coitado não pôde fazer nada.

Ela estava tremendo e começou a chorar copiosamente. Não consegui me controlar e a puxei para mim, encostando sua cabeça no meu peito, envolvendo seus ombros com força, tentando confortá-la, já que em protegê-la eu estava falhando tanto.

— Está tudo bem agora. Estou aqui... — sussurrei, embora o fato de eu estar presente não fizesse qualquer diferença, já que era por minha causa que ela estava machucada e amedrontada. Fora por eu tê-la arrastado para a minha vida.

Poliana se afastou, tirando os fios de cabelo que caíam em seus olhos com as mãos que não paravam de tremer.

— Precisamos ir à polícia...

— Não! — exaltou-se. — Ele falou de Clara. Falou que se formos à polícia, Zélia vai sumir com ela. E que se não desistirmos da neném, ele voltaria e iria me machucar de verdade. Falou que iria... — Ela engoliu em seco, e eu entendi a mensagem que ficou pela metade. Aquele filho da puta ameaçou violentar Poliana. Ameaçou tocar nela.

Senti minhas mãos se cerrando em punhos.

— Porra! — vociferei, sentindo-me cada vez mais insano de raiva. — Isso não vai acontecer, Poliana. Eu vou te levar para um lugar seguro hoje, vou te dar o divórcio e alugar um apartamento para você morar longe do seu pai. Vai ficar livre de tudo isso.

Os olhos marejados de Poliana penetraram os meus, e eu os vi cheios de dúvida, confusão e mágoa.

— É isso o que você quer...? Se livrar de mim? — perguntou, também parecendo contrariada.

Então ela não queria que eu a liberasse daquele casamento falso? Ela queria continuar casada comigo?

Era algo que eu não entendia...

— Não — respondi rápido demais. — Não quero. — Respirei bem fundo, sabendo que seria obrigado a abrir um pouco meu coração se quisesse confortar o de Poliana. — Eu *preciso* de você...

— Para adotar a sua afilhada, não é? Só para isso. — ela testou, ainda parecendo ressentida e afetada pelo que passara. E eu poderia ter afirmado. Poderia não ter cedido ao desafio. Poderia simplesmente responder da forma como deveria responder para preservá-la.

As coisas entre nós estavam indo longe demais.

— Não. Eu... — hesitei. — Eu gosto de ter você por perto.

Os ombros dela relaxaram, assim como seus olhos e tornaram mais ternos. Jurei que iria dizer mais alguma coisa, mas tudo o que fez foi se jogar nos meus braços, desamparada, ainda muito frágil, e eu rapidamente retribuí, segurando-a com força.

Perdi as contas de quanto tempo passamos assim, até que eu a soltei e a convenci a se deitar um pouco.

Sentindo o peito inflamar de raiva, deixei-a dormindo na minha cama e peguei o telefone. Pedi que Priscila e Marília fossem para o meu apartamento, para que Poliana não ficasse sozinha, e elas prontamente atenderam ao pedido. Quando chegaram, contei-lhes o que tinha acontecido e o que planejava fazer.

— Eu conheço você quando está com essa cabeça quente. Não é melhor esperar um pouco? — minha irmã tentou me convencer, mas eu estava cego, completamente.

— Acha que vou fazer o quê? Socar a cara de Zélia?

— Era o que *eu* faria. Mas se você fizer isso, vai preso, aí é que nunca mais vai poder adotar Clara.

— Não sou um idiota, Priscila! — vociferei, olhando para ela com o cenho franzido.

Marília, sempre doce e apaziguadora, levantou-se e veio em minha direção, colocando a mão no meu braço.

— Confiamos em você, querido. Por Clara e por Poliana, você não vai cometer nenhuma imprudência, tenho certeza.

Mas *eu* não tinha.

Quando terminei de conversar com elas, consegui seguir até a porta, mas no momento em que levei a mão à fechadura, Priscila me chamou.

Virei-me na direção da minha irmã, já sabendo que iria me arrepender por isso.

— Você está começando a gostar da Poliana. E eu quero assistir a isso de camarote. — Ela sorriu cheia de malícia. Apenas resmunguei qualquer coisa e finalmente saí, novamente pegando o meu carro.

Parti para a mansão deslumbrante de Zélia, imaginando que nem sequer iria me abrir a porta, mas, novamente, me surpreendi. Era a maior prova de que não estava nem um pouco preocupada comigo. De que não acreditava que eu conseguiria tirar Clara de sua guarda.

Como sempre, entrei, fui anunciado, e ela teve a coragem de aparecer na minha frente, com toda a sua elegância, seu andar confiante, o rosto impecavelmente maquiado, os cabelos penteados e armados, o sorriso odioso.

Precisei de todo o meu autocontrole para não agarrá-la pelo braço e sacudi-la. Para não gritar, ameaçar e me avolumar diante dela, aproveitando-se da minha condição de maior e mais forte. Mas, obviamente, mesmo muito irritado como estava, ainda tinha honra.

— Que bom receber a sua visita, Henrique. Lamento que não possa fazer o seu showzinho da outra vez, porque Clara não está. A babá a levou para um passeio.

— Não estou aqui para ver Clara. — Embora eu quisesse muito. — Não vou demorar na minha visita, só quero te deixar um aviso, já que deixou um à minha esposa também. — Aproximei-me dela um passo e quase comemorei pelo fato de vê-la recuar. A postura irritantemente inabalável se modificou por um segundo, e eu considerei uma vitória. — Você mexeu com o homem

errado. Mexeu com a mulher errada. Se tocar nela de novo, vai se arrepender.

— Não é um aviso, Henrique, é uma ameaça.

— Sim. Em alto e bom som. E eu vou encontrar um jeito de te responsabilizar pelo que aconteceu. Não existe crime perfeito, Zélia. E eu sou muito bom em descobrir o que eu quero, especialmente quando é para destruir alguém que está no meu caminho.

Não quis lhe dar oportunidade para mais nada, então, apenas virei as costas e saí andando, escapando daquela casa, de onde eu queria e pretendia tirar Clara o mais rápido possível. Se antes ter minha afilhada comigo era um desejo, agora era uma necessidade.

Eu iria colocar o mundo abaixo por isso.



Um cheiro delicioso vinha do andar de baixo no apartamento de Henrique, o que me acordou de súbito, com o estômago roncando – fazendo-me lembrar de que eu não tinha comido nada, com exceção de um pedaço bem pequeno de bolo.

Memórias das horas anteriores daquele dia voltaram como flashes desordenados, além de proporcionarem sentimentos confusos. Medo, é claro, pelo que passei e pela ameaça do que ainda poderia passar, mas, ainda assim, a forma como fui confortada quase poderia compensar todos os sentimentos negativos.

Na noite anterior eu tinha dito a Henrique que ele não estava sozinho. Mas, afinal de contas, eu também não estava.

Só que eu queria mais do que apenas um abraço ou um beijo, por mais que este tivesse me deixado zozza e em chamas. Eu queria Henrique por inteiro. Queria que meu casamento de mentira se tornasse algo real. Então, eu precisava dar o primeiro passo.

Tomei um banho demorado, penteei os cabelos do jeito que ele gostava – soltos e caindo pelas costas –, coloquei pouca maquiagem, usei um perfume mais marcante e vesti apenas um robe dele, que encontrei em seu closet. Nada mais.

A seda em contato com meu corpo nu era quase torturante, principalmente porque eu não sabia se conseguiria convencê-lo a qualquer coisa. Se ele não me tocasse naquela noite, depois de todo seu ato protetor e do quanto me sentia vulnerável, eu acabaria muito, muito frustrada.

Cheguei ao primeiro andar da casa e o encontrei diante do fogão, vestindo uma de suas roupas mais casuais – uma calça de moletom e uma blusa de algodão preta. Os cabelos estavam molhados, ele estava descalço, e ao olhar para aquela figura impressionante, meu coração deu um salto no peito. Era impossível não me lembrar da noite em que dormimos juntos, em que o vi sem camisa, em toda a sua glória.

Henrique me ouviu chegando e rapidamente voltou o rosto bonito na direção do meu.

Nenhum sorriso. Cenho franzido. Expressão contrariada. Nada bom.

Mas o olhar que lançou a mim, da cabeça aos pés, transbordando pelos poros a luxúria que sentia, me deixou mais confiante. Ele parou alguns instantes nos meus seios, cobertos pela seda, e eu sabia que o contorno dos meus mamilos se destacava no tecido, pois foi onde ele focou suas atenções.

— Desculpa se peguei seu robe, é que...

— Você pode pegar o que quiser — fui interrompida por um tom de voz seco que quase novamente me desanimou, mas a forma desesperada com que desviou os olhos de mim contava outra história. Ele me queria. E não queria me querer.

Era um dilema que eu quase podia ler em sua linguagem corporal. Era uma batalha que ele mediava entre seu cérebro, seu corpo e seu coração.

Eu só não sabia quem iria ganhar, mas pretendia fazer minhas apostas.

— Menos o meu marido — falei bem baixinho, esperando que não me ouvisse, e ele pareceu confuso.

— O que você disse?

— Nada... — Acomodei-me em uma das cadeiras da mesa da cozinha, observando-o cozinhar. — O que está preparando?

— Uma sopa. Você precisa de algo leve.

— Por quê?

— Pelo que aconteceu hoje. Deveria estar na cama, aliás, descansando.

Ah, não... ele não iria me tratar como a garotinha frágil. Eu precisava dele, sim, mas de outra forma.

— Estou bem. — Inquieta, levantei-me da cadeira, sentindo que as coisas poderiam não acontecer da forma

como eu planejava. Henrique estava tenso demais e ainda muito focado no que acontecera.

— Bom. Então vai comer, não vai? Dormiu a tarde inteira, deve estar em jejum. Nem viu minha irmã e Marília aqui.

— Elas vieram? — indaguei, surpresa.

— Sim. Foram embora há uma meia hora. Ficaram com você enquanto eu... — ele hesitou.

— Enquanto você o quê? — insisti.

— Nada. Não se preocupe. Eu só fui falar com Zélia.

Arregalei os olhos, um pouco chocada.

— O que você falou com ela?

— Você não vai querer saber — rosnou, o que me paralisou. Por cima do ombro, ele olhou para mim. — Não sou um monstro, Poliana. O monstro é ela. Pelo que ela fez com você, merecia muito mais do que eu disse.

Quase sorri. Aquele lado protetor era tão doce quanto sexy.

E isso me deixava ainda mais ansiosa por ele.

— Poderia ter sido pior. Ela prometeu pior, aliás — saiu sem querer. Não desejava alimentar seu ódio, mas ainda estava um pouco abalada, então, fugiu do meu controle.

— Ela não é nem louca. — Depois de dizer isso ele se voltou novamente para nosso jantar, até desligar o forno, porque, aparentemente, estava pronto.

Ótimo. Algo precisava acontecer antes, porque eu estava com fome de outra coisa.

Respirei fundo, porque nunca tinha feito algo do tipo, mas jurava que nós dois só conseguiríamos dar passos à frente em nosso casamento quando chegássemos ao nível máximo de intimidade. Os dois queriam. Isso era uma

certeza. Então não havia motivos para não nos entregarmos ao desejo.

Então, enquanto ele ainda estava de costas, pegando algumas coisas dentro do armário, tomei a decisão que eu esperava que mudasse nossa vida dali em diante.

— Henrique... Olha para mim — pedi com um fio de voz. Queria ser sexy, queria ser sedutora, mas não tinha muita experiência, então, talvez tivesse soado um pouco inseguro. Mas ele se virou para mim, de qualquer forma, e era o que importava.

No momento em que me olhou, suspirei e levei a mão ao cinto do robe. Abrindo-o devagar, deixei que escorregasse pelos meus ombros e caísse aos meus pés, revelando meu corpo inteiramente nu.

Por um momento, tudo pareceu parar. Fui observada com tanta fome que jurei que minhas pernas iriam falhar em me segurar só pela intensidade com que Henrique me analisou por inteiro. Cada curva, cada detalhe, cada centímetro.

— Poliana... — foi em tom de repreensão. Ainda assim, ele não tirava os olhos de mim. As mãos se fecharam em punhos nas laterais de seu corpo, como se fosse uma reação preventiva para não colocá-las em mim.

— Henrique... eu quero. Quero que me toque. Que me leve para a cama. Quero... tudo. — Ele ia dizer alguma coisa, mas antes que falasse algo que iria ferir meu coração, apressei-me: — Não estou pedindo amor. Mas sei que você me deseja.

Engolindo em seco, aproximei-me dele, pegando sua mão, que ainda estava caída e com punhos cerrados, levando-a a um dos meus seios.

Henrique fechou os olhos com força, sugou o ar e manteve os dedos fechados.

— Poliana!

— Vai me rejeitar? — falei em um tom de voz desamparado, e ele me olhou. — Não me quer?

— Porra, eu quero tanto que chega a doer.

— Então pegue o que quer. Estou aqui, pronta para você.

Não sei se meu pedido acionou uma chave em sua cabeça, mas ele abriu a mão e segurou meu seio, primeiro com hesitação, mas logo o apertou com mais força, roçando a palma no mamilo, fazendo-me estremecer.

— Deus, você é tão linda... — ele soltou em um sussurro doloroso.

— Você também é. — Levei minhas mãos à barra de sua camisa, tirando-a por cima da cabeça e jogando-a no chão. Com a ponta do dedo, desenhei os contornos de seus músculos perfeitos, descendo até chegar ao abdômen trincado. A trilha de pelos discreta que mergulhava dentro de sua calça também foi alvo da minha exploração, mas ele agarrou meu punho, soltando meu seio e me impedindo de continuar.

Ainda me segurando e me contendo, ele falou por entre dentes.

— Se você me provocar dessa maneira, com tudo o que eu sinto, não vou conseguir ser delicado. Não vou conseguir me controlar.

— Não sou frágil. Quero que não se controle.

Ele começou a respirar mais fundo, arfando, e eu sabia que precisaria dar um basta naquela hesitação, então, no momento em que afrouxou o aperto no meu punho,

desvencilhei-me e comecei a me afastar com um sorriso malicioso no rosto.

— Se quiser se decidir melhor, estarei te esperando na sua cama. — Era uma aposta arriscada. Sabia que a visão do meu corpo nu e o fato de me tocar estavam ajudando a deixá-lo sem alternativas. Só que eu também queria que Henrique viesse atrás de mim, que provasse que o que iríamos fazer não era um erro de impulso.

Comecei a caminhar, ainda despida, em direção às escadas, olhando para ele.

Eu tinha acabado de terminar o primeiro lance quando fui agarrada, tirada do chão em um rompante e imprensada contra uma parede. Henrique agarrou minhas coxas e as colocou entrelaçadas à sua cintura, e sua boca tomou a minha em um assalto ao qual eu me rendi sem reservas.

Sim, sua reação fora mais selvagem do que eu esperava. Eu o conheci como um homem frio, impassível e levemente melancólico. Aos poucos ele foi mostrando lados mais ternos e gentis. Naquele momento ele era um tornado, um abalo sísmico... um cataclisma, pronto para me destruir no melhor sentido da palavra.

Tentei colocar meus braços ao redor de seus ombros, mas ele agarrou meus punhos, prendendo-os à parede, enquanto traçava os contornos do meu pescoço com a língua. Permaneceu assim por pouco tempo, porque logo soltou outro rosnado e me levou até o quarto, lançando-me na cama.

Seus olhos me exploraram mais uma vez, com um brilho animalesco que me incendiava. Gostava de saber que eu provocava aquela reação nele. Gostava de ter aquele poder.

Estiquei a mão para tocá-lo, mas ele pegou as duas, imobilizando meus braços contra as laterais do meu corpo.

— Henrique! — protestei, indignada.

— Você me tentou, Poliana. Me provocou. Então vai ser do meu jeito. Eu te desejo há tempo demais para apressar as coisas, então, se você me tocar, vou perder o controle. — Ele baixou a cabeça na direção do meu mamilo, lambendo-o muito superficialmente, o que me fez me contorcer. — Primeiro quero te provar inteira. Com a língua. Quero sentir o gosto de cada centímetro da sua pele. Então você vai gozar na minha boca. E isso vai ser só o começo.

Ainda me mantendo prisioneira de suas mãos, ele tomou o bico do meu seio inteiro na boca, sugando-o com força, fazendo-me gritar, mas não de dor. Nunca de dor.

Deus, era insano.

Repetiu o mesmo processo com o outro, deixando uma mordida gentil ao final, o que me fez novamente me contorcer e tentar me desvencilhar de forma completamente involuntária, mas ele parecia muito decidido a não me deixar tocá-lo, porque continuou sua lenta e torturante exploração aos meus seios, mas passando os dois braços por baixo do meu corpo, em um abraço de serpente que só contribuía para que eu sentisse ainda mais feminina diante de sua força.

Quando ele terminou de se faltar dos meus mamilos, soltou-me de seus braços e foi deslizando a língua, exatamente como prometera, por minha barriga. Descendo mais um pouco, jurei que iria chegar ao centro do meu corpo, mas ele beijou minhas pernas inteiras, chegando aos meus pés e beijando-os também, devagar. Virando-me de costas em um movimento de súbito, ele se colocou sobre mim, afastando os cabelos que ficaram nas minhas costas e voltando sua sessão de beijos, realmente provando-me inteira. Mordidas foram deixadas na minha bunda, enquanto

ele a massageava, apertando-a com vontade, traçando cada curva com mãos ávidas.

Ele realmente estava me venerando parte por parte.

Depois de trilhar todo o meu corpo naquela posição também, Henrique me virou outra vez e foi direto às minhas coxas. Ele chupou a carne de uma delas, bem próximo à minha vagina já bastante molhada, de uma forma que eu sabia que ia deixar uma marca.

— Tomando posse? — brinquei, arfante, sem nem saber como tinha conseguido falar.

Henrique rapidamente ergueu a cabeça, parecendo preocupado.

— Estou te machucando?

— Não! — respondi, quase acrescentando um *pelo amor de Deus*. — Você é intenso, mas em um bom sentido.

— É você que faz isso comigo. Nunca foi assim, Poliana. — Ele beijou um ponto logo abaixo do meu umbigo. — Pode parecer discurso ensaiado, mas eu nunca desejei tanto uma mulher.

Mal sabia ele que seu discurso me deixava tão excitada quanto seus toques.

Mas talvez eu pudesse mudar de ideia a respeito disso no momento em que ele cumpriu o que prometeu anteriormente, levando a língua ao ponto desejoso e molhado do meu corpo, sugando, lambendo e mordendo minha intimidade como um expert.

Arqueei-me pedindo mais, e ele me *deu* mais. Erguendo meus quadris, ele pendurou minhas pernas em seus ombros, tirando a parte inferior do colchão e me deixando suspensa, o que intensificou o meu prazer a um nível inexplicável.

Aquele homem iria acabar comigo, e eu essa conclusão explodiu na minha mente no momento em que cheguei ao orgasmo mais intenso da minha vida.

E ele não tinha sequer começado a fazer amor comigo.

Ele engoliu meus gemidos com um beijo, fazendo-me provar a mim mesma em sua língua, em sua boca inteira.

Enquanto nos perdíamos no momento, senti quando ele esticou a mão até a mesinha de cabeceira e se afastou de mim para tirar a calça e colocar o preservativo.

Antes de me penetrar, teve o cuidado de levar os dedos ao meu clitóris, brincando com ele enquanto me olhava daquele jeito que me fazia derreter se eu não estivesse deitada em sua cama, completamente entregue.

— Você vai ser minha agora, Poliana — meu nome nunca soou tão sexy saído da boca de ninguém. — *Minha* mulher...

Não consegui conter um suspiro profundo. Eram palavras poderosas, principalmente porque tudo tinha acontecido da forma mais louca e bagunçada possível. Éramos almas perdidas que esbarraram uma na outra no caótico caminho da vida por acaso e se encontraram, unindo-se de forma imperfeita... mas ali estávamos nós, encaixando as peças quebradas dos nossos corações e aceitando a cura.

Ainda era cedo para afirmar se tudo ficaria bem, mas eu tinha que manter a esperança.

Eu já estava mais do que arfante quando ele me penetrou. Fundo, mas devagar, abrindo espaço, acomodando-se dentro de mim com gentileza.

Sentindo-o inteiro, implorei silenciosamente para que se movesse. E quando o fez, tudo ao meu redor virou um

borrão. Todos os sons se dissiparam. Nada mais importava além do que estávamos fazendo sobre aquela cama.

Quando chegamos juntos ao segundo orgasmo mais insano da minha vida, tudo o que eu sabia era que estava perdidamente apaixonada pelo homem agridoce que me segurava em seus braços.



Passamos o domingo inteiro na cama. Eu tinha que ter ido à empresa, mas inventei um imprevisto urgente, adiando a reunião para segunda.

O imprevisto: o corpo maravilhoso da minha esposa e todas as coisas perversas que eu estava viciado em fazer com ele.

Naquele momento, em específico, Poliana estava gargalhando, esparramada na minha cama, enquanto eu comia um pedaço do bolo que comprei para ela direto da sua barriga plana e deliciosa.

— Não acredito, Henrique! Como assim você não é assim tão fã de brigadeiro? Você está comendo... e parece estar gostando.

— Estou comendo brigadeiro, mas o gosto que estou sentindo é o do seu corpo, então, vira meu doce favorito.

Eu não deveria estar falando aquele tipo de coisa para ela. Não que Poliana não merecesse ouvir, não que não fosse verdade – porque... Meu Deus... era. Estava perdido nela.

O problema era que eu não poderia me entregar daquela forma. Da última vez que fiz isso, meu coração foi esmagado em um rolo compressor e explodiu em cacos que ainda pareciam espalhados por toda parte. Deveria ser apenas um casamento de aparências. Um meio para um fim. Algo temporário. Só que eu poderia amaldiçoar a mim mesmo por não ter previsto a tragédia. Casar-me com uma mulher que eu já desejava há tanto tempo só poderia acabar daquele jeito: com ela na minha cama e comigo completamente rendido.

Eu sabia que meus sentimentos tendiam a crescer. Não apenas pelo fato de que nossa química era extraordinária ou pelo quanto eu queria me enterrar dentro dela novamente e novamente, mesmo que tivéssemos acabado de fazer amor como dois loucos. Era a certeza de que eu não desejava apenas o seu corpo, mas queria tomar posse também do seu coração. Não queria só seus suspiros e gemidos de prazer – queria seu sorriso, sua companhia, sua doçura, seu...

Amor?

Era cedo para falar sobre isso, então, afastei o pensamento. Eu mal sabia o que eu mesmo sentia, como poderia desejar algo tão profundo?

— Não posso confiar em uma pessoa que não gosta de brigadeiro.

— Tarde demais, querida. Você se casou com esta pessoa.

Eu estava lambendo uma mancha de chocolate de seu seio, mas não a senti estremecer tanto quanto nas outras vezes. Ela era muito sensível ao meu toque, e isso me preocupou.

Ergui a cabeça e foquei em seus olhos, mas o que vi neles me desarmou. Ambos brilhavam com algo que se parecia muito com esperança.

— O que foi, Poliana? — perguntei para garantir que não iria interpretar nada de forma errada.

— Querida... — ela soltou com a voz doce. — Eu gostei de como soou.

Para ser sincero, eu nem tinha percebido que a chamara daquela forma. Mas sua reação me agradou. Não importava que as coisas fossem difíceis, que *eu* fosse difícil e que meu passado fosse uma merda. Estávamos casados, não estávamos? Então Poliana merecia o melhor de mim.

Estava prestes a dizer alguma coisa, mas fui interrompido pelo toque do interfone.

Imediatamente meus ombros ficaram tensos, e eu me empertiguei na cama, como se aquele som pudesse ser o prelúdio de uma catástrofe. Ainda havia uma veia paranoica pulsando dentro de mim, temendo que pudesse mais uma surpresa desagradável, uma nova investida de Zélia para nos assustar. Assustar Poliana.

Fui me levantando da cama bem devagar. Nu, coloquei-me de pé e me apressei em me vestir com a calça que estava no chão.

— Vista-se — pedi a Poliana, em um tom um pouco mais ríspido do que eu gostaria, mas ela rapidamente começou a me obedecer, e eu vi em seus olhos que também estava um pouco assustada.

Mas... pelo amor de Deus! Era só o interfone. Tudo bem que era domingo, não tínhamos pedido nada para comer e eu nunca esperava visitas.

Quando atendi, depois de vestir a blusa que ainda estava jogada na sala, no entanto, meu coração gelou. Era Janaína.

Eu não queria recusar sua visita, porque poderia ter algo a ver com Clara, mas ainda não sabia se podia confiar cem por cento nela. Ainda assim, liberei sua entrada.

Ao abrir a porta, percebi que não estava sozinha. Ela trazia a minha afilhada, acomodada no carrinho, como na última vez em que fora me visitar. Daquela, porém, além de Clara estar chorando, os olhos de Janaína estavam vermelhos e havia uma marca em seu rosto, como se tivesse levado um tapa.

— Me desculpa por vir sem avisar... é que... minha mãe viajou... Ela saiu há umas duas horas e eu achei que não teria outra oportunidade. — Ela estava nervosa, tremendo e nem tentava disfarçar.

Sem pensar no que fazia, dei um passo à frente, levando a mão cuidadosamente ao seu rosto e encostando a ponta dos dedos no hematoma leve que ostentava.

— O que foi isso? — perguntei, preocupado.

Ela não respondeu. Enquanto eu esperava seu tempo, Poliana chegou na sala, rapidamente pegando a neném do carrinho e acomodando-a em seu colo. Não olhei para elas, porque ainda estava muito curioso – no pior dos sentidos – a respeito daquela marca na pele de Janaína. Só que a

aflição com que Poliana me chamou me deixou igualmente tenso.

— Henrique, olha isso aqui...

Aproximou-se trazendo Clara, que não parava de chorar, mostrando-me seu bracinho. Havia uma marca vermelha nele também, de dedos, como se alguém o tivesse agarrado com força.

Ergui meus olhos para Janaína, sentindo-os chisparem de raiva.

— Mas que merda é essa? — Apontei para o braço de Clara.

Janaína começou a chorar. Trêmula, chegou a cambalear, então, eu a amparei e a ajudei a se sentar no sofá.

— Ela estava louca. Irada. Não sei o que aconteceu, mas desde ontem começou a gritar por qualquer coisa e a perder a cabeça pelos motivos mais banais. Tentei defender Clara, mas quando a menina começou a chorar, provavelmente afetada pelos gritos da avó, ela agarrou o bracinho dela e ia dar um tapa, mas eu impedi...

— E sobrou para você, imagino — falei bem baixo, esforçando-me para me controlar.

Voltei os olhos para Poliana, que tentava acalmar a bebê, balançando-a e sussurrando palavras reconfortantes em seu ouvido. Uma das mãozinhas de Clara agarrava a camisa dela, com força, e o rostinho cheio de lágrimas estava encostado no peito da minha esposa, que ainda acariciava os cabelinhos louros. Não era hora de pensar nisso, mas a forma carinhosa como tratava a menina que era tão importante para mim me comoveu.

Ao que parecia, eu tinha escolhido Poliana como minha esposa de conveniência e para ser mãe da minha filha

adotiva, mas ela estava se revelando muito mais. Era especial, e eu mal sabia o que tinha feito para merecê-la em minha vida.

— Assim que ela saiu de casa, eu peguei Clara, arrumei suas coisas e vim para cá. Foi a primeira oportunidade. Meu noivo me trouxe, ele está lá embaixo. Não posso demorar...

— Mas o que você pretende? Deixar Clara aqui? Quantos dias Zélia vai ficar fora? — indaguei, sentindo um misto de sentimentos: confusão, ansiedade e medo.

— Uma semana. É pela empresa. Como ela deixou a menina sob meus cuidados, como tia, eu tenho o direito de trazê-la até aqui. Cláudio, meu noivo, me disse isso.

Lancei mais um olhar para Clara, ainda nos braços de Poliana, mais calma, chupando o polegar sem parar. A mulher me observava também, com os olhos levemente arregalados, provavelmente tão chocada quanto eu.

— Por favor, Henrique. Sei que é inesperado e que você nem deve estar preparado para isso, mas fique com ela esta semana. Talvez te ajude a tomar sua decisão e...

— A minha decisão está tomada. Eu quero Clara. Mas as coisas não são simples, e você sabe disso. Sua mãe enviou um capanga ontem para assustar Poliana, e eu não consegui contato com a minha advogada ainda para descobrir se podemos usar isso ao nosso favor, embora eu não tenha nenhuma prova de que foi ela. Só que precisamos de mais. Você precisa ir à polícia fazer um boletim de ocorrência. Mais do que isso... não tem uma câmera no quarto da bebê para que a gente possa ver o momento dessa agressão?

Janaína arregalou os olhos.

— Tem! Tem, sim! — ela pareceu animada. — Ah, meu Deus! Como não pensei nisso antes? Eu vou conseguir

essa mídia. Mando para você no máximo amanhã. Sei que a babá vai me ajudar.

A mulher parecia outra pessoa naquele momento. Nada da altivez, do nariz erguido, da impessoalidade. Apesar dos pesares, ela parecia muito mais um ser humano do que a jovem fria que era muito similar à mãe. Naquele momento era apenas uma tia desesperada para proteger a sobrinha.

— Faça isso, Janaína. Pode ser crucial para eu acelerar o processo.

Ela começou a balançar a cabeça de forma quase frenética, como se fosse um tique nervoso. Em um rompante, levantou-se do sofá, com os olhos focados no chão, totalmente apavorada.

— Meu noivo está lá embaixo... eu... preciso ir... preciso... — começou a falar em transe.

— Quer que eu te acompanhe até ele? Você está pálida — ofereci.

— Não. Obrigada. Está tudo bem.

E ela mesma abriu a porta e saiu, sem olhar para trás, sem verificar Clara por uma última vez, sem nem beijar a sobrinha, se despedir.

Ela poderia estar parecendo uma pessoa mais normal, mas ainda era muito estranha.

Estranha *demais*.

Fiquei calado por algum tempo, e o silêncio na sala era um contraste assustador com os gritos dos meus pensamentos. Eles giravam em looping, sendo que a maioria deles transitava por um tema: sempre fui um solitário, mas em muito pouco tempo eu tinha uma esposa e um bebê em casa.

Era assustador.

— Henrique... — a voz doce e suave de Poliana me chamou, e eu me virei na direção dela de supetão, quase sendo arrancado de uma hipnose. — O que vamos fazer agora?

Era a pergunta que eu estava me fazendo desde que Janaína saísse por aquela porta. Adotar Clara era a minha vontade e prioridade naquele momento, mas eu iria me preparar para isso. Não era algo que se decidia da noite para o dia.

— Eu estava contando que você tivesse essa resposta.

Poliana sentou-se no sofá, com Clara, e eu me joguei ao lado delas. Peguei a neném no meu colo, percebendo que estava um pouco mais calma. Seria um bom sinal? Ela gostava de nós? Será que se sentia segura?

Eu esperava que sim.

Coloquei-a sentada sobre minhas coxas, e Poliana levou a mão à sua barriguinha, fazendo-lhe cócegas. A primeira risadinha deliciosa de Clara trouxe um pouco de alívio ao meu coração. Quando a neném começou a gargalhar, uma certeza muito doce invadiu meu coração. Aquilo podia dar certo. Nós três. Aquela não era minha esposa de verdade. Aquela não era minha filha de verdade. Mas era o mais próximo de uma família que eu já tive.



Ok. Nós tínhamos um bebê em casa. Um que fora jogado no nosso colo sem nenhum tipo de preparação. Sem que houvesse sequer um berço onde Clara pudesse dormir.

Ok. Sem pânico.

Era só um bebê, pelo amor de Deus... não era o monstro do armário. Éramos dois adultos responsáveis, daríamos conta. Ela nem era recém nascida. E era tão boazinha e calminha!

Não havia mesmo motivo para pânico.

Mas eu e Henrique, certamente, estávamos apavorados.

Tanto que ficamos olhando para ela por um tempo, deitada na enorme cama King Size do quarto principal, sem

saber exatamente o que fazer. A pequena tinha dormido depois de algumas horas de cosquinhas, gargalhadas e da papinha – que Janaína se lembrou de levar, ainda bem –, e Henrique a levava para a cama, onde a colocamos.

A solução que encontramos foi deixá-la ali, em meio a nós dois, mas não conseguimos dormir, com medo de esmagá-la, de nos virarmos ou algo assim.

Na manhã seguinte, tomamos a decisão de não irmos para a empresa, e Henrique pediu que Thelma remarcasse seus compromissos. Então ele saiu, deixando-me sozinha com Clara, e quando voltou tinha um berço desmontado sob o braço, alegando que fora a única forma de conseguir levá-lo para casa com urgência. Isso, é claro, e o preço exorbitante que deveria ter pago.

Apesar de ser uma visão interessante Henrique sem camisa, de calça jeans, tentando montar o móvel de emergência, não pude deixar de rir durante todo o processo, a cada palavrão que ele soltava e resmungo. Eu e Clara assistimos à cena, sentadas na poltrona, enquanto meu coração acelerava por aquele homem, que começava a ganhá-lo por inteiro sem nem saber.

No final das contas, ele demorou só umas seis horas para montar o negócio e saiu praguejando, suado e tentador, para o banheiro, enfiando-se em um chuveiro. Almoçamos tardiamente, com Clara em seu carrinho, perto de nós.

A tarde estava gostosa, embora fosse inverno, então passamos mais algumas horas no terraço da cobertura, curtindo Clara, para que esta também pudesse contemplar a vida lá fora. Revezávamos com ela no colo e lhe dávamos atenção, mas todo o momento foi permeado por uma paz que eu não sentia há muito tempo.

Foi doloroso precisar me afastar para ir à faculdade, mas estávamos na reta final do semestre, e eu não poderia vacilar. Teria uma prova naquela noite, mas de uma matéria que eu estava bem familiarizada, então, não foi difícil. Cansada pela noite mal dormida, precisei ler as questões mais de uma vez, e provavelmente não tiraria nota máxima, mas manteria meu bom C.R.

O fato de eu estar casada com um cara rico não mudava em nada. queria continuar pagando as minhas contas e mantendo a minha independência.

Até porque... sessões incríveis de sexo não nos tornavam um casal de verdade. Ao menos não ainda, não é?

Já mencionei que as sessões de sexo foram... *incríveis*...?

Pois é.

Sorrindo, entrei no Uber – por insistência de Henrique – para voltar para casa. Já passava das dez, e eu queria pegá-los acordados. Meu marido e minha linda garotinha.

O pensamento me pegou de surpresa, de forma tão súbita e assustadora, que eu cheguei a me sobressaltar.

Meus...

Será que Henrique e Clara eram mesmo meus? Será que o destino não seria cruel a ponto de tirá-los de mim depois de me dar mais do que eu poderia esperar? Será que acabaríamos *mesmo* nos tornando uma família?

Como era possível que eu tivesse passado a querer tanto algo que nem imaginava que pudesse desejar?

O carro parou diante do prédio de Henrique, e eu peguei o elevador comum, já que o privativo só dava acesso da garagem subterrânea. Saltei no último andar, abri a porta e me deparei com as luzes todas apagadas. Acendi sem

nem pensar no que fazia e me deparei com a cena mais adorável que poderia surgir na minha frente.

Um Henrique sem camisa, deitado no sofá, mantinha uma mão firme nas costas da bebezinha que dormia em seu peito. Os dois respiravam serenos, enquanto a cortina que dava para a imensa varanda de sua cobertura balançava ao sabor do vento, dançando e parecendo embalar toda a casa, que, aliás, já cheirava a papinha de bebê, o que novamente me provocou um sorriso.

Com todo o cuidado, deixei minha bolsa sobre a mesa de jantar e me aproximei, tentando tirar Clara dos braços protetores de Henrique. No mesmo instante ele reagiu, agarrando-a com mais força, abrindo os olhos, assustado, mas pareceu relaxar ao me ver – o que não deixou de me causar uma sensação muito gostosa no peito. Não só por eles estarem ali, transbordando fofura, mas porque Henrique estava dormindo, o que era quase um milagre.

Ainda abraçado à neném, ele se colocou sentado e, com a mão livre, ajeitou os cabelos levemente bagunçados.

— Como foi sua prova? — Era o meu coração encantado que estava fazendo isso ou ele realmente começara a agir de forma atenciosa e adorável comigo? Sorrisos ainda eram rasos, mas Henrique estava se esforçando.

— Bem, obrigada. Quer que eu leve Clara para a cama?

— Se você puder...

Sorrindo, aproximei-me e peguei a bebê com cuidado para não acordá-la.

— Vou tomar um banho — ele anunciou. — Não comi ainda, estava te esperando para jantar. Pedi comida chinesa.

— Posso colocar para esquentar enquanto isso...

Henrique assentiu, e eu me virei de costas para ele, na direção da escada, para seguir para o quarto dele, onde o berço foi montado. Antes que eu pudesse colocar o primeiro pé no primeiro degrau, senti o toque de sua mão no meu braço, o que me fez virar em sua direção.

Pensei que ia dizer alguma coisa, mas ele apenas deixou um beijo nos meus lábios; cálido, doce, gentil. Aparentemente uma forma de me dizer que nada havia mudado entre nós desde a última vez em que ficamos sozinhos.

Algumas horas depois, deitados na cama, exaustos pela rotina alterada, perdemos alguns momentos olhando para o teto do quarto, calados. Eu não o conhecia há tanto tempo assim para ousar sonhar interpretar seus pensamentos, mas imaginava que eles deveriam espelhar os meus. Como sabia que ele não era um homem de muitas palavras, decidi me manifestar primeiro.

— Como alguém poderia ter coragem de machucar uma coisinha tão inocente quanto Clara? — A bebezinha dormia serena no bercinho. Ela não estranhara nem um pouco estar ali conosco. Talvez tivesse sido porque realmente lhe demos muita atenção durante as últimas horas, além de carinho. Henrique podia ter a fama de frio, e por mais que parecesse não saber demonstrar seus sentimentos com facilidade, algumas coisas eram diferentes quando se tratava da afilhada que ele tanto queria adotar. Ele seria um bom pai, e aquela era uma garotinha de sorte.

Eu era uma mulher de sorte por ele ter me escolhido.

— Estou tentando nem pensar nisso — ele falou em um resmungo, e eu respirei fundo.

— Desculpa. Não deveria tocar no assunto.

Henrique se remexeu na cama, fazendo os lençóis farfalharem sob o seu corpo, mas apenas mudou um pouco de posição, como se estivesse incomodado de ficar parado. As duas mãos se entrelaçaram sobre a barriga plana, em uma postura menos relaxada, mesmo estando deitado.

— Não estou culpando você, Poliana. Mas aquela mulher... — ele respirou fundo. — Aquela mulher conseguiu machucar minha esposa e minha afilhada em pouquíssimos dias... De alguma forma, sinto que ela quer me provocar. Ela sabe coisas de mais sobre mim...

Quem se revirou daquela vez fui eu, colocando-me de lado, apoiando-me em um cotovelo e segurando a cabeça com a mão.

— Do que você está falando?

Pela demora na resposta, pude perceber que não seria algo simples. A expressão sisuda – mais do que o normal, no caso – fazia o vinco em sua testa se aprofundar, então, eu decidi esperar.

Pelo que pareceu uma eternidade, aliás.

— O motivo do meu pesadelo naquela noite... Zélia sabe. Ela sabe que você me deixaria vulnerável.

— *Como* ela sabe?

— Ela me conhece desde muito novo. O que aconteceu comigo não ficou exatamente em segredo, muitas pessoas souberam, porque a casa estava cheia — Henrique falava como se estivesse em transe. Como se devaneasse, perdido em seus próprios pensamentos dolorosos. Deixei que falasse, embora não estivesse entendendo nada. — Era aniversário da minha mãe. Eles gostavam de festas grandiosas; gostavam de se mostrar para todos como a família feliz que nunca fomos. Eu já estava seguindo meu

caminho com a minha própria empresa, então, minutos antes de o primeiro convidado chegar, eu e meu pai tivemos uma briga bem feia, porque ele queria que eu ficasse com os negócios da família.

Henrique fez uma pausa. Mantinha o tom de voz calmo, sereno, por mais que eu imaginasse que não se tratavam de lembranças muito boas. Algo me dizia que eu ouviria uma história bem sombria.

— Eu estava tentando, ao menos, ser cordial com as pessoas, por mais que os assuntos me enchessem o saco. Em respeito à minha mãe, decidi fazer o sacrifício. Estava com a minha noiva na época, e prometi a ela que ficaríamos apenas por algumas horinhas. Minha família não a aprovava, porque ela era uma garota humilde, que conheci na faculdade.

— Eles não me aprovariam também — falei baixinho, mais como um pensamento alto. O rosto bonito de Henrique virou-se para mim na penumbra.

— E eu estaria pouco me fodendo para a opinião deles — ele cuspiu as palavras com tanta raiva, tanta paixão, que eu acreditei em cada uma delas.

— Continue... — pedi, quase envergonhada pela interrupção desnecessária.

Ele engoliu em seco, parecendo preparar-se para a parte mais difícil.

— O nome dela era Lucile. Era... uma garota especial — a dor em seu tom de voz era clara.

— Você a amava? — era mais uma interrupção, mas eu precisava saber. Dependendo da resposta dele, teria muitas explicações a respeito de seu comportamento.

— Amava — foi uma resposta curta, mas o tom engasgado, entrecortado, não deixava dúvidas de que ele

realmente sentia o que dizia sentir. — Naquela noite, ela saiu de perto de mim, porque precisava ir ao banheiro. Prometi que assim que voltasse, iríamos embora. Ela já tinha sido humilhada o suficiente. — Henrique fez uma pausa para respirar fundo. Uma que tomou bem mais tempo do que eu esperava. — Quando ela demorou, comecei a procurá-la. Encontrei-a sendo estuprada pelo meu pai, no escritório dele.

Meus olhos se arregalaram sozinhos, e um monte de palavras de compaixão morreram na minha garganta. O que dizer diante de uma situação como aquela?

— Cheguei tarde demais, porque ele já estava no meio do ato. Era um tarado, um ninfomaníaco, e sempre olhou para ela de um jeito que me deixou incomodado, mas nunca imaginei que iria tão longe — ele falava por entre dentes, e uma lágrima escapou de seus olhos. — Reagi, é claro. Impedi que chegasse mais longe... Soquei tanto a cara dele que jurei que iria matá-lo. Vários convidados viram, Zélia inclusive. Minha mãe, mesmo entendendo tudo, porque conhecia bem o marido que tinha, disse que iria chamar a polícia contra mim. Então eu peguei Lucile, que estava caída no chão, chorando e machucada, e a levei ao hospital.

Por que será que algo me dizia que ainda havia mais na história? Algo que feria Henrique tanto quanto o resto?

Naquele momento, antes de continuar a falar, seu choro se intensificou. Coloquei a mão sobre a dele, em um sinal de que não estava sozinho, mas eu sabia que não era suficiente.

— Jurei que iria cuidar dela, que pagaria os melhores psiquiatras, que iria ajudá-la a superar, mas ela estava devastada. Não conseguia mais olhar para mim, porque,

infelizmente, minha semelhança física com o meu pai era imensa. Todas as vezes que colocava os olhos em mim, ela se lembrava dele. Uma semana depois do que aconteceu, ela se suicidou.

— Meu Deus, Henrique! — Levei a mão livre à boca, cobrindo-a, em choque.

— Eu praticamente a matei, Poliana. Entende? Eu a joguei aos lobos e não a protegi. Ela era uma garota linda, cheia de vida, talentosa, alegre... Estar comigo a destruiu.

— Não, não pense assim. Ela obviamente te amava também. A culpa é do seu pai, não sua — tentei argumentar, mas ele finalmente se mexeu, arrastando-se até a cabeceira da cama, sentando-se e apoiando as costas nela.

— Eu nunca vou conseguir tirar a culpa das minhas costas, Poliana! Você não entende. Se ela não tivesse me conhecido, estaria viva. Se você não tivesse me conhecido, não teria sido ameaçada. Tem alguma coisa errada comigo. Muito errada.

Levantei-me também, imitando-o, sentando-me na cama, de frente para ele. Ousei levar a mão ao seu rosto e fiquei aliviada quando permitiu. Não queria que nos afastássemos, não quando tínhamos chegado tão longe.

— Não foi você que machucou Lucile, não foi você que me ameaçou. Você não pode controlar as coisas que outras pessoas fazem. O que acontece ao seu redor.

Henrique ergueu os olhos para mim, e eles estavam sombrios. Não tinha nada a ver com a escuridão do quarto, com a noite, com a parca luz que vinha da suíte e que deixamos acesa para o caso de precisarmos checar Clara durante a madrugada. Era o sentimento obscuro que

morava em seu coração há tantos anos, como o monstro que se esconde no armário para assustar a criança.

— Se ela te machucar, Poliana...

Levei um dedo aos lábios dele, calando-o.

— Não vamos pensar nisso. Nada de sofrer por antecipação. Nossa preocupação agora é Clara. Afastá-la da avó. Hoje ela está aqui conosco.

Respirando fundo, Henrique assentiu.

— Não posso mudar o que eu sinto. Não é algo que eu possa controlar.

— Então você deveria procurar ajuda. De verdade.

— Talvez devesse. Depois que as coisas se acertarem, que Clara estiver conosco... Posso pensar nisso — respondeu com uma voz bem mais calma, embora eu imaginasse que era uma fachada, que ele tinha desenvolvido uma maneira de controlar suas emoções.

Mas uma frase no meio das outras que ele falou chamou mais a minha atenção: “depois que Clara estiver conosco”. O que iria acontecer depois que terminasse o tempo combinado de início? Será que ele iria me pedir para ficar ou eu teria que sair de sua vida e daquela garotinha? Meu coração poderia estar se iludindo, acreditando que as coisas estavam se tornando especiais entre mim e Henrique, mas e se ele estivesse apenas se aproveitando de alguns momentos, já que estávamos mesmo casados? Já que eu havia permitido, incentivado e desejado?

Eu não queria pensar no futuro, porque tinha medo dele. Então iria apenas aceitar.

Fiquei mais um pouco com ele, até que o silêncio começou a me arrastar para o sono. Sem dizer nada, levantei-me de sua cama, inclinando-me para beijá-lo no rosto.

— Boa noite, Henrique. Se precisar de algo com Clara, é só me chamar.

Sua expressão estava confusa, tanto que não deixou que me afastasse, apenas agarrou a minha mão mantendo-me por perto.

— Aonde você vai? — perguntou em uma voz sussurrada, quase rouca, e eu precisei me controlar para não estremecer.

— Para o meu quarto.

Ele franziu o cenho.

— Seu quarto agora é aqui. Você é minha esposa... — não souu em tom de ordem, mas com um desamparo que me apertou o peito.

— Se for pela neném...

— Não, Poliana. É por mim. Quero você comigo. — Depois de dizer isso, ele me puxou pela mão, que ainda estava unida à dele, fazendo-me cair em seu colo. — Quero você na minha cama, acordando do meu lado.

Segurando-me em seus braços, ele me olhou com tanto sentimento que eu novamente me permiti mergulhar em uma ilusão perigosa.

— Diz que vai ficar...

Ele estava mesmo perguntando só sobre aquela noite?

— Vou, Henrique. Se você quiser, eu vou ficar.

Não importava sobre o quê ele se referia, a minha resposta era um pouco mais definitiva.

Então só deixei que me beijasse, enquanto eu me entregava mais e mais ao sentimento que nascia aos poucos dentro do meu coração.



Por mais que eu não gostasse de abusar da minha autoridade dentro da empresa, precisei pedir alguns dias de ausência para mim e para Poliana. Não era o melhor momento, por conta de tantos projetos que tínhamos em andamento, mas consegui ficar em home office, aprovando, realizando conferências quando necessário e tudo o mais que pudesse fazer remotamente. Qualquer um pensaria que estava curtindo minha “lua de mel”, mas a verdade era que não queria sair de casa e deixar aquela bebezinha adorável por tantas horas.

Era impressionante como uma vida vazia, de silêncios e lembranças ruins, rapidamente se tornara repleta de risos, gargalhadas, chorinhos de bebê e brincadeiras. Clara preencheria meus dias de uma forma tão especial que eu mal tinha tempo para pensar em todas as merdas que vomitei para Poliana há algumas noites.

E Poliana... O que eu poderia dizer dela?

Depois do final de semana, onde ela se entregara a mim e se tornara minha esposa em todos os sentidos, não a toquei novamente. Com exceção de beijos roubados antes de dormir – já que ela começara a passar as noites na minha cama –, não tentei novamente seduzi-la. Mas nada, absolutamente nada, havia mudado em relação ao que eu sentia por ela.

Tudo bem que eu nem sabia exatamente o que era. A única certeza que meu coração alimentava era que não iria mais deixar que se afastasse de mim. Talvez não fosse o cara romântico que ela merecia, talvez a bagagem que eu carregava fosse pesada demais para seus ombros delicados, mas aquelas duas noites difíceis em que ficou do meu lado, sem julgamentos, foram decisivas. Era egoísta e cruel, porque a paz que ela me proporcionava era inversamente proporcional ao caos que eu poderia causar, mas Poliana era a resposta que esperei por muito tempo. Eu sentia como se ela tivesse recuperado uma parte muito grande que fora roubada de mim e que jurei que nunca iria reencontrar.

Talvez fosse cedo para afirmar, mas a sensação era de que me julguei ser seu herói quando a arranquei de um pai abusivo, só que era ela quem estava me salvando. Aos poucos, dia após dia.

Olhando para ela naquele momento, enquanto se arrumava para a faculdade, essa certeza foi só aumentando.

Deixei Clara dormindo um pouco na sala com minha irmã e cunhada, que tinham passado o dia conosco, e fui até o quarto da minha esposa, sem imaginar que a pegaria só de toalha, tanto enrolada no corpo quanto nos cabelos, enquanto passava uma maquiagem leve nos olhos.

Eu deveria ter me afastado. Deveria ter saído de seu quarto, mas algo prendeu meus pés e meus olhos, porque simplesmente não consegui parar de admirá-la. Apoiei meu ombro no batente da porta, cruzei os braços e respirei fundo. Foi quando ela reparou que eu estava ali.

O sorriso que curvou seus lábios quase me desmontou. Ser merecedor de uma expressão como aquela era um presente.

Poliana era um presente.

— Está há muito tempo aí? — perguntou, quase corada, parando o que estava fazendo.

— Não. Alguns minutos apenas. Gosto do que vejo.

Ela deu uma risadinha.

— Não queria invadir sua privacidade — falei bem baixinho, já me desculpando —, mas a porta estava aberta.

— Não invadiu, Henrique. Não há nada aqui que você ainda não tenha visto... — brincou, em um misto de timidez e sedução. Ela era uma contradição das mais deliciosas.

— Eu vim perguntar se você quer que eu te leve. Priscila e Marília podem ficar aqui com Clara, se for o caso.

— Não precisa...

— Não quero que você fique voltando sozinha e tarde da faculdade. Ao menos pegue um Uber.

— E eu não tenho feito isso todas as noites? Tenho um marido muito mandão...

Aproximei-me dela, ainda um pouco hipnotizado. Sem pedir permissão, desamarrei cuidadosamente a toalha de seu corpo, deixando-a cair no chão. O corpo de Poliana se revelou à minha frente, atijando todos os meus sentidos. Evitei tocá-la, por mais que fosse quase doloroso, mas não pude impedir meus olhos de avaliá-la por completo.

— Eu só quero que volte em segurança para mim — falei baixinho, como se as paredes e o mundo inteiro tivessem ouvidos, e eu queria que só *ela* me ouvisse.

Poliana não falou nada, apenas continuou parada à minha frente, aceitando ser admirada. Com o mesmo cuidado de antes, levei as mãos à toalha que prendia seus cabelos, retirando-a e deixando que os fios molhados e pesados caíssem por suas costas.

Lancei a toalha sobre a cadeira da penteadeira e passei minhas mãos por eles, sentindo o cheiro do xampu preencher todo o quarto.

Ainda em silêncio, dei a volta e coloquei-me atrás dela. Peguei uma escova e comecei a penteá-la devagar, puxando os fios macios com cuidado para não machucá-la. O suspiro que ela soltou, assim como o leve gemido, quando as cerdas deslizaram pelo seu couro cabeludo, quase acariciando-o, fizeram meu sangue correr mais rápido pelas minhas veias. Eu a desejava. Tanto que precisei de todo o meu autocontrole para não arrastá-la até aquela cama e torná-la minha mais uma vez.

— Henrique — ronronou, entorpecida, quando larguei a escova e afastei a cortina pesada de seus cabelos castanhos, encontrando seu pescoço recém banhado, macio e convidativo. Comecei beijando-a com cuidado,

hesitante, temendo estar invadindo um espaço que ainda não me pertencia.

Mas Poliana reagiu como eu esperava que reagisse: apoiando suas costas no meu peito, fazendo-me sentir o calor de sua pele nua através do tecido da minha camisa.

Minhas mãos tomaram vida própria, e eu as deslizei lentamente até seus seios, tomando, massageando-os e sentindo-a derreter.

— Assim eu dificilmente vou conseguir me concentrar na minha prova — ela falou, arfante, enquanto meus dedos encontravam seus mamilos, estimulando-os.

— Posso parar, se quiser.

— O problema é que eu quero muito que você continue.

Precisei respirar fundo, porque também queria continuar. Mas havia mais gente na casa, e não apenas um bebê que não iria compreender absolutamente nada. Minha irmã e minha cunhada estavam na sala, e se nossas últimas vezes fossem um parâmetro, eu tinha feito Poliana gemer bem alto; não seria uma boa ideia chegarmos a esses extremos, mas o desejo me consumia de forma quase insuportável.

— Se você prometer ficar quietinha enquanto goza, acho que posso continuar.

Ela arfou mais alto, e eu tomei isso como uma resposta positiva, principalmente quando descí uma das mãos, chegando ao centro de seu corpo, que já estava úmido, esperando pelos meus dedos.

Senti quando conteve um gemido, provavelmente mordendo o lábio inferior, me deixando masturbá-la da forma como já tinha aprendido que ela gostava.

Suas pernas foram ficando mais fracas, então, eu a conduzi até a poltrona no canto do quarto, sentando com ela em meu colo, de costas para mim. Naquela posição, tive

meus movimentos mais livres, permitindo que os dedos de uma mão continuassem penetrando-a, enquanto os da outra brincavam com um de seus mamilos.

Poliana esqueceu-se completamente do nosso combinado e soltou um gemido um pouco mais alto do que deveria, levando a mão à boca em seguida, mas eu apenas sorri. Claro que não queria ser protagonista de um espetáculo para minha irmã lá embaixo, mas também gostava de vê-la tão solta e perdendo-se em seu próprio prazer.

Enquanto se remexia, absorvendo mais dos movimentos dos meus dedos, minha ereção começava a se manifestar, então, eu entendi que precisaria terminar logo com aquilo que se tornara uma tortura para *mim*.

Acelerei meus movimentos, enquanto Poliana continuava com a mão cobrindo sua boca, contendo seus sons, até que respirou mais fundo e seu corpo ficou mais tenso sobre o meu, enquanto passava pelo seu orgasmo, mas rapidamente desmoronou arqueando a cabeça para trás, sobre meu ombro.

Vendo-a completamente entregue, ajeitei-a nos braços e levei-a até a cama, deitando-a com cuidado.

— Vou te deixar aqui para se recuperar um pouco e terminar de se aprontar.

Poliana apenas balançou a cabeça, ainda em êxtase, e realmente a deixei, fechando a porta atrás de mim.

Depois que ela saiu, Priscila e Marília ainda ficaram um pouco comigo, completamente apaixonadas por Clara. Era impressionante o quanto aquela criança se adaptava bem às pessoas e às situações. Provavelmente era tão carente de atenção e de afeto, por parte daquela avó fria e

desinteressada, que quando se sentia amada rapidamente entregava seu coraçãozinho à pessoa.

— Sabe o que eu acho, Rique? — Priscila perguntou, enquanto Marília brincava com Clara, que parecia completamente entretida.

— Não faço ideia. Você é bastante imprevisível — quase resmunguei, porque algumas ideias de Priscila às vezes me deixavam preocupado.

— Olha como eu sou legal... Acho que você poderia deixar essa coisinha fofa aqui conosco esta noite, ir buscar Poliana na faculdade, levá-la para jantar e passarem a noite em um daqueles hotéis caros que você consegue pagar.

Franzi o cenho, olhando para ela como se tivesse dito a coisa mais absurda do mundo, embora um comichão quase tivesse me feito aceitar de primeira, ainda mais depois do que havia acontecido no quarto, pouco tempo atrás.

— De onde você tirou isso? — novamente cuspi as palavras, tentando demonstrar que seu comentário não tinha me afetado em nada.

— Nós não somos cegas e nem surdas. Você e aquela garota bonita estão morrendo de tesão um pelo outro. Imagino que já tenham transado pela casa inteira, mas são recém casados e já têm uma bebezinha. Eu e Marília podemos dar um vale night a vocês. Ficaremos aqui, para Clara não estranhar mais uma vez o ambiente. Não vejo problema nenhum nisso.

— Nós não temos a bebezinha ainda — falei outra vez, não muito satisfeito.

— Bem, ela está aqui com vocês por alguns dias, então não me custa, como tia, ajudar os pombinhos.

— Não somos pombinhos, Priscila. Nosso casamento é de fachada. — Chegava a doer dizer aquilo em voz alta,

porque já não era mais uma verdade, ao menos não para o meu coração. Em todos os sentidos, Poliana era minha esposa de verdade, e eu chegava a sentir o peito se apertar só em pensar que o que estávamos construindo aos poucos poderia desmoronar.

— A necessidade de se fingir de blasé é mesmo muito grande, não é? Poliana não é Lucile, Henrique. Nosso pai não está mais vivo, não pode mais tocá-la.

Eu queria reclamar com ela por mencionar Lucile daquela forma; só que não faria diferença, porque ela nunca saía da minha mente. Seu rosto, quando a encontrei destruída, no escritório do meu pai, com o lindo vestido rasgado e, pior ainda, quando eu mesmo achei seu corpo sem vida, sobre a cama, depois de tomar vários comprimidos combinados com o uísque que eu mantinha em casa, que ela não gostava de beber.

Eram muitas lembranças ruins, e eu realmente precisava construir novas.

— Vamos lá, Henrique. Você está até pensando no assunto... Pega a bosta do telefone e reserva uma suíte bem foda. Pegue uma perto daqui, se isso te deixar mais calmo. Confia em mim e na Marília?

— Claro que eu confio, mas o problema é outro. Não sei se é uma boa ideia... Janaína deixou Clara *comigo*. Se Zélia...

— Ela não precisa saber — Marília me interrompeu. Ela tinha ficado calada até aquele momento, mas quando falou foi com um sorriso doce, enquanto embalava Clara, que tinha se encostado em seu ombro e estava quase dormindo.

Refleti um pouco e ainda tentei argumentar, mas tanto minha irmã quanto minha cunhada pareciam irredutíveis. Elas realmente queriam que eu fizesse algo legal para

Poliana, e foi exatamente por ela que me vi assentindo e preparando algumas coisas para aquela noite, decidido a compensar aquela mulher maravilhosa por tudo o que vinha fazendo por mim. Se eu quisesse mantê-la na minha vida, precisava dar o melhor de mim.

E estava disposto a isso.



Fazer uma prova tranquila, depois de receber um orgasmo incrível, ainda por cima tendo dois motivos maravilhosos para voltar para casa, me deixava com um sorriso enorme no rosto.

Mas ele se tornou ainda maior quando me deparei com meu marido, parado em frente à porta da universidade, de braços cruzados, apoiado em seu carro tão bonito, segurando um buquê de flores.

A cena me surpreendeu de tal forma que parei um pouco, interrompendo meu caminho na direção dele, observando-o, enquanto ele também fazia o mesmo. Aquela pequena distância que nos separava parecia longa demais,

embora apenas alguns passos pudessem eliminá-la. Passos que eu não conseguia dar, por mais que quisesse, porque algo me dizia que havia algo de diferente naquela noite.

Algum limite que, se fosse cruzado, seria definitivo.

Henrique percebeu minha hesitação, mas estendeu a mão apenas um pouco, virando a palma para cima, como um convite. Meus olhos ficaram parados nela por algum tempo, mas rapidamente se ergueram para seus olhos, e eles também transmitiam uma súplica.

Então eu fui. Coloquei-me à sua frente, bem próxima, sem que nos tocássemos. Ao menos não com nossas peles. Havia um magnetismo pungente que nos atraía, como se fôssemos a própria gravidade. Eu sabia que não estava sozinha naquele sentimento. Exatamente por isso foi que comecei a me perguntar como o destino podia ser tão sábio? Convivíamos há tanto tempo, a uma sala apenas de distância, mas foi preciso uma pequena armadilha em nossos caminhos para que chegássemos àquele ponto. A estrada diante de nós ainda parecia longa, com muitas bifurcações, mas naquele momento, quando ele pegou a minha mão, entrelaçando nossos dedos sem dizer nada, foi como se eu sentisse que estaria comigo durante todo o tempo, me guiando e sendo guiado, até encontrarmos a luz.

— Não quero parecer invasivo por ter vindo aqui, mas...
— ele começou a falar, daquele jeitão sério e quase solene, o que me fez sorrir. Antes que pudesse completar seu pedido de desculpas, levei um dedo à sua boca.

— Eu gostei da surpresa.

Isso pareceu iluminar os seus olhos com alívio e finalmente estendeu o buquê, que eu peguei com o braço

livre, cuja mão ele não segurava. Principalmente porque não parecia estar nem um pouco disposto a me soltar.

— Obrigada. São lindas... — Fiz uma pausa, enquanto ainda admirava minhas flores. — E Clara?

— Priscila e Marília ficaram com ela. Vão ficar a noite toda, aliás.

Ergui uma sobrancelha, curiosa e confusa.

— Por quê?

Henrique levou a mão que ainda segurava à boca, em um gesto gentil e cavalheiresco.

— Planejei algumas coisas para nós. Confesso que a ideia foi daquelas duas, mas acho que estão certas. Eu mal tive tempo para te... — Ele quase sorriu. — Vamos usar uma palavra bem antiquada, mas... *cortejar* seria a correta.

— É isso o que você quer fazer? — brinquei.

— Sim, Poliana. Quer passar a noite comigo? — Os olhos desamparados de Henrique falavam bem mais do que suas palavras, conversando comigo em súplica, ternura e desejo.

— Quero. Claro que quero.

Sem dizer mais nada, ele se afastou do carro, dando espaço a si mesmo para abrir a porta traseira, pegando as flores e colocando-as sobre o banco. Depois abriu a outra para mim, dando a volta, colocando-se atrás do volante e partindo.

Para a minha surpresa, não tomou o caminho de seu prédio, mas não foi assim tão longe – embicou em um luxuoso hotel à beira da praia, estacionando e me levando à recepção, onde uma reserva fora feita para uma das suítes mais caras.

O local era digno de uma cena de filme de Hollywood. Além de dois ambientes, com uma cama imensa, tapetes,

paredes em tons claros, cortinas delicadas, Henrique abriu portas duplas de vidro que nos levavam a um ambiente externo, com uma piscina pequena, um pequeno jardim de inverno e uma vista incrível para o mar. O vento soprava o cheiro de maresia e de areia, estimulando meus cinco sentidos.

— Espero que goste — Henrique falou, pousando meu buquê sobre a pequena mesa de jantar para dois que estava disposta em um canto do quarto. Havia um vaso vazio, porque ele, definitivamente, pensava em tudo. Havia algumas baixelas também, algumas fumegando, o que me dizia que tinha cronometrado cada segundo.

— Tem como não gostar? Só acho que não estou vestida de acordo — brinquei, olhando para o meu jeans, minha baby look simples e a sapatilha velha – roupas que eu usava em meu cotidiano para ir à faculdade; nada condizente com o que a esposa de um homem como Henrique usaria.

— Você é perfeita de qualquer jeito.

Sorrindo, baixei meus olhos em direção ao chão, sentindo-me constrangida, não apenas por suas palavras, mas principalmente por seu olhar.

Os dedos de Henrique se posicionaram sob meu queixo, erguendo meu rosto para que nos olhássemos nos olhos.

— Sem pudores comigo. Somos marido e mulher, não somos? — sua voz era quase de comando, mas soava tão gentil quanto uma carícia aveludada.

— Você há de convir que nossa situação é um pouco não convencional.

— Um pouco? — Ele ergueu as sobrancelhas, em uma tentativa de um comentário divertido. Eu já tinha me acostumado ao seu jeito mais sério, e depois de tudo o que

me contou, não podia sequer esperar que fosse diferente. Fosse como fosse, ele não estendeu o assunto: — Sei que comemos antes de você sair para a faculdade, mas pedi algumas coisas, caso fique com fome.

— Você é muito atencioso, Henrique. Obrigada. — Com um meneio de cabeça, ele me respondeu e não dissemos nada por alguns minutos. Eu já começava a me acostumar com nossos silêncios, mas ainda me sentia intimidada quando ele se aproximava de mim daquela forma, em apenas um passo, diminuindo a distância a uma proximidade perigosa.

— Eu juro que não te trouxe aqui para te seduzir, Poliana. Queria apenas uma noite sozinho com você, te provar que há algo de singular entre nós. Que o que estou sentindo é especial... diferente.

Como Henrique sequer erguera a mão para me tocar, tomei a dianteira e levei a minha ao seu peito, por cima da camisa de botão elegante, preta e de tecido macio que usava. As mangas estavam arregaçadas, e eu podia ver seus punhos fortes em destaque, enquanto ele me imitava, mas levando seus dedos ao meu rosto, traçando as linhas bem devagar, com delicadeza.

Sem tirar os olhos dos meus, seus dedos foram deslizando até chegarem ao meu pescoço, colo, mas detendo-se.

— Você não disse que não estávamos aqui para que me seduzisse? — indaguei em um tom provocativo.

— São toques inocentes.

— Mas seu olhar, não.

— Como eu estou te olhando, Poliana? — sussurrou, provocando um calafrio em cada parte do meu corpo.

— Como se o seu discurso estivesse em desacordo com seus desejos. Você diz que não quer me seduzir, mas seus olhos estão me devorando — também falei baixinho.

— É porque não conheço outra forma de olhar para você. Não quando o que eu vejo na minha frente não é só uma garota linda, mas a mulher mais dedicada, mais doce, forte e generosa que eu já conheci. — Fechei os olhos, porque ouvir tudo aquilo mexia demais com o meu coração. — Eu realmente estou disposto a passar uma noite inteira só do seu lado, agindo de qualquer maneira que você queira que eu aja, mas não posso negar que gostaria de mais.

Respirei bem fundo, sabendo que teríamos muito tempo para todo o resto, mas naquela noite seríamos só nós dois. Eu o desejava também. Desejava o que sabia que ele poderia fazer comigo. Então a minha resposta foi a mais óbvia possível:

— Eu também quero mais.

Henrique nem sequer esperou. Foi como um nômade no deserto encontrando água pela primeira vez em muitos anos. Sua mão firme e quase possessiva prendeu-se à minha nuca, puxando-me com violência em sua direção. Era quase contraditório que fosse tão frio e tão solene em todos os aspectos de sua vida, mas tão apaixonado em cada beijo e na forma como se empenhava em dar prazer.

Rapidamente seu outro braço enganchou-se em minha cintura, puxando-me para si com força, imprensando-me em seu corpo, espalmando a mão enorme em minhas costas, chegando a me tirar o ar, não porque estivesse me machucando, mas porque sua força física, sua pegada e seu beijo por inteiro me proporcionavam a sensação de um

terremoto; como se eu estivesse sendo atirada de um precipício, mas sem me machucar na queda.

Em um rompante, ainda sem afastar os lábios dos meus, Henrique agarrou minhas coxas e me tirou do chão, começando a me levar para a varanda.

— Você não vai me jogar na piscina assim, vai? — perguntei contra sua boca, com a voz levemente ofegante.

— Não, porque não quero que pegue um resfriado amanhã. Mas a piscina é aquecida, então, pensei que podíamos ficar um pouco por lá.

— Não trouxe biquíni... — disse de forma provocadora, sabendo muito bem qual seria a resposta.

— Não estava pensando em você com nenhuma peça de roupa quando visualizei a cena.

Sem dizer mais nada, ele me colocou no chão e segurou a barra da minha baby look, olhando em meus olhos.

— Posso? — perguntou com cuidado e respeito, como sempre.

Apenas assenti, e ele me despiu. Tirou também a minha calça e me deixou de lingerie. Então, começou a tirar sua própria roupa, mas ficando completamente nu. Arfei ante a visão. Não era a primeira vez que o via assim, mas sempre era um deleite. O corpo torneado, com músculos nos lugares certos, o peito forte, os ombros muito largos, as coxas delineadas... Henrique inteiro era uma obra de arte.

E pela forma como ele olhava para mim, pensava o mesmo.

Quando percebi que deixaria a escolha de ficar nua também para mim, terminei de me despir e entrei na piscina primeiro, começando a me dirigir à parte mais funda.

Henrique veio atrás, novamente passando seu braço ao redor da minha cintura e colando nossos corpos: costas

com tórax. Sua boca desceu ao meu pescoço, enquanto ambas as mãos moldavam as curvas do meu corpo como se ele estivesse manipulando um trabalho de arte. Beijos cálidos, mordidas, trilhas cuidadosamente desenhadas com a língua... Até ele chegar ao meu ouvido e sussurrar:

— Sempre jurei que havia algum tipo de azar a me perseguir... Até ter você na minha vida. Você é meu amuleto, Poliana. É tão preciosa que eu deveria venerar você inteira... — Enquanto ele falava, como sempre aos sussurros, soprando seu hálito quente em meu ouvido, seus dedos começavam a trabalhar – de uma mão no meu clitóris e da outra no bico de um seio. — Deveria te carregar para a cama, te amar com cuidado, te tratar com devoção... Mas eu não sou esse tipo de homem. Não tenho esse tipo de controle quando tenho você assim, nua, pronta para mim...

— Henrique... — tentei falar, mas ele me interrompeu.

— Planejei tantas coisas para esta noite, mas tudo o que quero é te pegar com força em cada canto desse quarto, te deixar exausta de tanto gozar, te viciar em mim para que nunca queira me deixar.

A voz de Henrique, o poder de suas mãos, o discurso, a piscina ao ar livre, a água aquecida, a noite sobre nossas cabeças... tudo consistia no conto de fadas mais erótico no qual eu poderia ter me enfiado.

Sem dizer mais nada, ele usou o braço cuja mão antes provocava meu mamilo para tirar meus pés do chão de azulejo da piscina, deixando-me suspensa. Depois, quando me encaixou do jeito que queria, usou a mão que estava entre minhas pernas para me sustentar naquela posição, com a ajuda da água, mas deixando um dedo dentro de mim, movimentando-o.

A mão livre não ficou parada muito tempo, novamente estimulando os bicos dos meus seios, eriçados pelo prazer e pela água.

Aquela posição era algo inusitado, e o fato de eu estar com os pés suspensos aumentava a intensidade do prazer.

— Entrelace suas mãos no meu pescoço. — Eu até ouvi o que ele falou, mas mal conseguia encontrar discernimento. Só conseguia emitir sons de puro prazer, deixando que me levasse ao limite com cada movimento de seu dedo. — Poliana... obedeça. — Ah, a voz de comando. Ele era bom nisso. Tão bom que me vi obrigada a erguer meus braços e apoiá-los em seus ombros, unindo meus dedos em sua nuca.

— Assim? — arfei.

— Sim, não solte.

E eu não soltei.

Não soltaria de forma alguma, porque cada detalhe pensado, cada movimento, cada ordem que ele me dava, cada palavra que sussurrava, cada promessa, era para aumentar mais e mais o meu prazer.

Eu estava prestes a chegar ao orgasmo, e ele deve ter percebido isso, porque parou de me masturbar, me girou em seus braços e me levou em um rompante até a borda da piscina. Erguendo-me para me deixar sentada, com os pés para dentro d'água, deixou-me bem na beirada e aproveitou a posição para lambeir meu clitóris bem devagar. Com a ponta da língua. Torturando cada célula nervosa dentro do meu corpo. Então ele o sugou. Com força. Fazendo-me gemer bem alto.

— Isso, linda. Bem assim... Quero te ouvir.

Agarrei os cabelos dele com força, com meus dedos em garras, quando ele introduziu dois dedos em mim, ao

mesmo tempo em que estimulava meu clitóris com a boca.

Não pude me conter mais. Não pude controlar o prazer desesperado que me levou a uma explosão. Deixei o ar que estava prendendo escapar por meu peito e um som desamparado libertar-se da minha garganta.

Senti-me um pouco zozza, mas vi Henrique apoiar as mãos, cada uma do lado de uma das minhas coxas, impulsionando seu corpo enorme, vindo em minha direção, obrigando-me a deitar-me com as costas no chão ao redor da piscina. Enlaçando-me, puxou-me para cima, para podermos ficar os dois deitados. Então ele me beijou outra vez, beijou e beijou, deslizando a mão morna da água aquecida pelo meu corpo frio da brisa noturna, agarrando minhas coxas com força, novamente me marcando, o que me fazia ofegar ainda mais.

— Faz amor comigo — pedi baixinho, no momento em que ele mordeu meu maxilar e começou a usar os dentes em um caminho pelo meu pescoço, descendo até chegar no meu seio, que ele mordeu também, chupando o mamilo.

— Preciso pegar a camisinha...

— Não. Estamos casados. Eu tomo anticoncepcional.

Ele rapidamente ergueu a cabeça para olhar nos meus olhos. Enquanto fazia isso, simplesmente me penetrou com força, sem aviso, sem mudar a expressão. Só quando chegou bem fundo, fazendo-me estremecer pela estocada poderosa, foi que soltou um grunhido baixo, demonstrando que sentia o mesmo que eu.

— Desculpa... Eu não quero te machucar — falou com a voz rouca, e todo aquele cuidado me deixava ainda mais desejosa, porque não era só tesão. Ele sentia mesmo algo por mim.

— E eu quero mais. Mais forte.

Henrique olhou nos meus olhos com dúvida, mas atendeu ao meu pedido, pois a próxima investida foi tão intensa que eu gritei. Ele mais uma vez parou, analisando-me, mas eu novamente sussurrei, sem fôlego:

— Mais.

E ele não mais hesitou. Molhados, loucos de cheios de luxúria, começamos a nos amar insanamente à beira da piscina, agarrados um ao outro, e Henrique estocava com tanta força que eu choramingava de prazer, principalmente quando ele ergueu minha coxa, entrelaçando-a em sua cintura, podendo ir ainda mais fundo, ao ponto que eu jurei que não iria aguentar.

Percebendo isso, ele simplesmente parou quando eu estava prestes a gozar.

— Olha para mim, Poliana — novamente ordenou. Obedeci. — Ainda quer mais?

Era possível?

Nem pensei duas vezes.

— Quero.

E ele me deu mais. Henrique colocou-se de joelhos no chão, colocando minhas duas pernas em seus ombros, uma de cada lado e erguendo um pouco meu quadril, o que possibilitou que conseguisse usar de mais e mais força.

Quando chegamos ao orgasmo, juntos, eu podia jurar que o bairro inteiro ouvia meus gritos e os grunhidos selvagens de Henrique. Ficamos os dois jogados no chão, olhando para as estrelas, e eu soube que ele estava certo — sua intenção só poderia me deixar viciada nele.

Sobre deixá-lo...? Já era uma certeza... completamente apaixonada, tudo o que eu queria era que as coisas entre nós fossem definitivas... que nosso casamento de mentirinha um dia encontrasse um final feliz.



A sensação de nossas mãos entrelaçadas era o que me fazia ter a certeza de que não se tratava de um sonho. A mulher ao meu lado *não* era um sonho. Era real. Palpável. E *minha*.

Passamos uma noite bem íntima, em todos os sentidos, mas não apenas de forma carnal. Nós nos conectamos através dos silêncios, dos toques – mesmo os mais inocentes –, das confissões que trocamos e dos olhares. Ela me contou coisas que eu ainda não sabia, e eu mais ouvi do que falei, mas Poliana me compreendia. Não fazia

cobranças. Prestava atenção quando eu estava disposto a compartilhar, consentia quando eu preferia ficar calado. Era uma companhia perfeita.

Ao mesmo tempo em que era doloroso voltar para casa, porque eu queria mais horas preguiçosas com Poliana, nós dois já estávamos com saudade de Clara. Era engraçada a forma como ela começara a fazer parte dos nossos dias, mesmo que há tão pouco tempo. Encaixara-se em nossas rotinas, bagunçando-as, e, por mais que as coisas estivessem um pouco mais fáceis porque não estávamos trabalhando, ainda poderíamos contratar uma babá para cuidar dela durante o horário em que eu e Poliana estivéssemos na empresa. O importante seria tê-la conosco.

E era o que eu queria. Mais do que nunca.

Só que a alegria ruiu rapidamente no momento em que cruzamos a porta da cobertura e nos deparamos com Zélia, sua filha e dois homens que eu não conhecia. A mais jovem tinha os olhos vermelhos de choro e meus olhos rapidamente pousaram em seu braço, onde uma marca de dedos se destacava em seu pulso.

Poliana ficou estática do meu lado ao observar a cena da minha irmã agarrada a Clara, que novamente chorava, provavelmente apavorada ao ver a avó.

— Ah, os pombinhos voltaram — ela falou com cinismo. Com aquela expressão de puro desdém, como se todos os seres humanos do mundo fossem inferiores a ela. — Vejam que interessante... voltei de viagem mais cedo e não encontrei minha neta em casa. Olha o quão longe eu tenho que vir para buscá-la. E com que tipo de gente você a deixou...

O nojo que ela usava para se referir à minha irmã homossexual e sua parceira me deixou completamente irado.

— O que está fazendo aqui, Zélia? — Em um ato instintivo, sem nem perceber, coloquei-me na frente de Poliana, como se aquela filha da puta pudesse lançar algum veneno ou feitiço, como nos contos de fadas, para prejudicar a minha mulher.

— Essa piranha está querendo levar a Clara. Trouxe seguranças e tudo. Chegou alegando que ia te indiciar por sequestro, mas a Marília lembrou bem: o condomínio tem câmeras e registro de todos os visitantes. Essa songa monga da filha dela não quer admitir que trouxe a criança, mas temos provas... — Priscila estava ensandecida.

Zélia se remexeu um pouco, empertigando-se, e eu podia ver por sua linguagem corporal que estava um pouco incomodada. Ponto para a minha irmã.

— Não importa quem a trouxe. Eu estou aqui para levar minha neta de volta para a casa dela, porque *legalmente* — enfatizou a palavra — é lá que ela deve ficar.

Voltei meus olhos na direção de Janaína, mas ela estava acuada como um bichinho assustado.

— Onde estão as imagens da câmera que me prometeu? Você sabe que isso pode mudar tudo; que pode ser a salvação de Clara! — vociferei para a mulher submissa à minha frente, que mantinha a cabeça baixa.

— Não sei de gravação nenhuma — foi o que ela falou em uma voz muito baixa, visivelmente manipulada pela mãe.

— Como não sabe? — explodi. O tom grave da minha voz a fez sobressaltar-se, o que rapidamente me deixou

arrependido. Senti a mão de Poliana no meu ombro, dando um passo à frente.

— Janaína, por favor... a Clara chegou aqui machucada e você também. Não pode permitir que isso continue. — Olhei de soslaio para Poliana e percebi uma lágrima escorrendo de seus olhos.

Putá merda! Aquilo só serviu para inflar meu ódio.

Eu não queria que ela chorasse.

Janaína apenas desviou a cabeça para olhar para mais longe de nós, envergonhada, claramente desejando escapar logo dali.

Minha paciência estava se esgotando.

— Faça alguma coisa, porra! — esbravejei, em um tom gutural que assustou até mim.

— Pode gritar, Henrique, mas eu estou do lado da lei. Se dificultar as coisas, vou realmente chamar a polícia. — Voltou-se para o homem, que eu não fazia ideia de quem era, mas que claramente estava ali para servir de capanga, como Priscila pontuara muito bem. — Gerson, pegue a neném.

Priscila afastou-se, dando um passo para trás, mas o homem continuou seguindo na direção dela, agarrando-a pelo braço, e foi então que eu perdi a cabeça.

— Tira a porra da mão da minha irmã! — berrei, descontrolado, mas ele rapidamente ergueu os braços em rendição.

Marília também estava assustada, mas se colocou ao lado de Priscila disposta a proteger a neném. Eu não iria deixar que ninguém tirasse Clara dali, mas vi Zélia fazendo um sinal para o outro segurança, que parecia já saber exatamente o que fazer, porque seguiu para Poliana, agarrando seu braço.

— Ei, me solta! — ela falou, indignada, tentando se debater, mas o cara era um armário, e ela parecia ainda menor perto dele.

— O que diabos você está fazendo? Deixa minha mulher em paz! — Eu me sentia atordoado. Como conseguiria proteger a todas, lidando com alguém totalmente sem escrúpulos? Meu coração batia acelerado no peito, sentindo o peso de novamente ter a segurança de pessoas que eram importantes para mim em jogo e nas minhas mãos.

Um canivete surgiu na mão do homem que segurava Poliana, e ele o apontou para sua cintura.

— Acho que o recado está dado. Ou me entrega Clara ou eu vou machucar sua esposinha. Se tentar reagir, podemos levá-la no lugar da neném, mas obviamente meus rapazes vão gostar de tê-la com eles — muito séria e sentindo-se vitoriosa, Zélia falou com sua expressão impassível. Eu podia ver que também estava perdendo a paciência, mas por qualquer movimento em falso meu seria Poliana a pagar.

Só que precisei olhar para Clara novamente. Ela não mais chorava, mas seu biquinho indicava que estava assustada. Deus, era só uma bebezinha. Já tinha perdido os pais, era maltratada por uma avó sem coração... Por que não podia ter um pouco de tranquilidade em sua vida?

— Henrique, não! Não entrega a Clara para ela... — Poliana falou baixinho, e, daquela vez, foi para ela que olhei, surpreso por estar disposta a ser ferida ou até mesmo sequestrada para proteger uma criança que não era sua. Que ela conhecia há tão pouco tempo.

Que merda de mulher corajosa!

Era um péssimo momento para isso, mas eu finalmente compreendi: estava apaixonado por Poliana.

Por mais que amasse Clara e precisasse cuidar dela – não apenas por um pedido de Júlio, mas porque *queria* –, também não poderia permitir que Poliana se colocasse em perigo. Eu fui o responsável por enfiá-la naquela encruzilhada. Não seria covarde em deixar que a levassem daquele apartamento e a machucassem. Minha esposa. Minha responsabilidade.

E não só por uma questão de obrigação, mas porque eu mataria qualquer um que a ferisse.

Sabendo disso e me dando por vencido, com meu coração pesado no peito, peguei Clara dos braços de Priscila – que a entregou para mim com hesitação.

Afagando as costas da neném, encostei minha testa na dela, sussurrando baixinho:

— Você vai voltar logo, bonequinha. Vai ter uma família de novo. — Não sei se alguém ouviu, mas Poliana soltou um gemido doloroso:

— Não, Henrique...

Eu seria capaz de acatar qualquer um de seus pedidos, mas não aquele. Não daquela forma. Apesar de Zélia ser um monstro, Clara estaria mais segura com a avó do que Poliana. Ela machucaria aquela garota sem qualquer piedade.

Com uma das mãos erguidas em rendição, com o cuidado de quem se aproxima de uma jaula de leões, fui andando na direção de Poliana, para que ela pudesse dar um último beijo em Clara.

Aproximei o rostinho da neném do dela, e Poliana, compreendendo, beijou a testa da neném.

— Tchau, gatinha... — respondeu chorando, copiosamente.

Entreguei Clara a Janaína, o que surpreendeu as duas. Eu sabia que não faria qualquer diferença, mas minha afilhada não sairia dos meus braços para o colo daquela desgraçada.

Janaína a recebeu um pouco hesitante, olhando para mãe como quem pede permissão, mas como esta não veio, só lhe restou segurar a neném.

Priscila só observava a cena, abraçando Marília que parecia assustada e melancólica.

— Agora solte a minha esposa — ordenei por entre dentes, e Zélia fez um sinal para seu capanga, que literalmente jogou Poliana para mim, fazendo-a colidir com o meu peito. Abracei-a com força, enterrando sua cabeça em meu peito, deixando um beijo em seu cabelo, para que ela soubesse que estava tudo bem.

Ou *quase*.

— Foi uma ótima visita, Henrique. Espero que agora você entenda que não pode brincar comigo. Você tem *muito* a perder.

Eu odiava vê-la saindo como vitoriosa daquele impasse. Odiava que estivesse com Clara e que fosse tirar a neném de mim.

A pequena comitiva passou por nós, levando o carrinho e as coisas de Clara. No momento em que Janaina passou ao lado de Poliana, a bebê começou a chorar, estendendo a mãozinha. Então eu soube que seria uma tempestade.

Poliana tentou se soltar de mim, começando a se debater, gritando o nome de Clara. Era doloroso precisar contê-la, sabendo que seu desejo espelhava o meu, tanto que sem querer a deixei escapar, e ela foi até Zélia, agarrando-a pelo braço e dando-lhe uma bofetada.

— Bruxa maldita! Você não pode levar Clara de nós. Não pode! — gritou, e eu me adiantei para pegá-la novamente, porque um dos capangas de Zélia já dava um passo à frente, pronto para revidar. E eu não estava ansioso para começar uma briga na frente de uma criança. Mesmo quando a peguei, prendendo-a com meus braços, Poliana continuou gritando e insultando a mais velha.

— Contenha a sua mulher, Henrique — Zélia falou bem baixo, levando a mão ao local onde fora atingida. — E faça com que pare de gritar. Você sabe que posso mudar de ideia e levar as duas.

— Vá se foder — cuspi para Zélia, mas precisei cobrir a boca de Poliana, sussurrando um pedido de desculpas em seu ouvido por estar agindo daquela forma. Ela tinha passado por tantas e tantas coisas, principalmente nos últimos tempos, então, a reação passional era mais do que compreensível. — Saia daqui. Agora!

Sentia-me impotente e um covarde por deixar que nos manipulassem daquela forma, mas havia muitas coisas em jogo. Três mulheres a quem eu precisaria proteger contra dois homens, provavelmente ambos armados. O foco de Zélia era em Poliana, porque já tinha percebido, com certeza, o quanto eu estava envolvido com ela e o quanto estava disposto a mantê-la em segurança.

Quando os quatro, ainda com Clara, saíram do apartamento, eu precisei segurar Poliana um pouco mais, porque ela ainda tentava se desvencilhar de mim, mas quando ouvi que o elevador tinha partido e que não havia muito mais chances de ela cometer uma loucura, fui soltando-a devagar, enquanto novamente sussurrava pedidos desesperados de desculpas.

Parecendo derrotada, jogou-se no sofá, chorando baixinho, e eu só conseguia olhar para ela e me sentir culpado. Por tudo. Olhei para Priscila e Marília, e o sentimento não foi muito diferente. O que diabos tinha acontecido com a minha vida?

— Velha filha da puta — Priscila vociferou. — Fui obrigada a deixá-la subir, porque ela disse que traria a polícia e você seria indiciado. Aliás, você deveria ir à delegacia, Poliana.

— Eles ameaçaram Clara. Estamos de mãos atadas — ela falou baixinho, ainda muito abalada.

O silêncio rondou a sala, porque ninguém tinha coragem de falar nada. Nada parecia fazer sentido, aliás. Embora cheia, a sensação era de a casa que estava mais vazia do que nunca.

Interrompendo o momento, Poliana levantou-se do sofá, anunciando com a voz mais triste, que me feria o peito:

— Vou ficar um pouco no meu quarto. Me desculpem... eu... — Respirando fundo, ela simplesmente saiu, subindo as escadas e desaparecendo de nossas vistas.

Eu daria qualquer coisa para ir atrás dela, abraçá-la e dizer que tudo ficaria bem. Mas no fundo sabia que as coisas não eram tão simples. Além do mais, minha cabeça estava confusa. Também precisava de um tempo para mim mesmo, para pensar sobre tudo o que tinha acontecido e o que ainda poderia acontecer.



Eu não conseguia entender o motivo para o meu coração estar doendo tanto. Claro que o fato de uma bebezinha tão doce estar sendo maltratada por aquela bruxa já seria o suficiente, mas eu tinha me apegado a Clara. Mais do que seria prudente. Temia por ela, e ver sua carinha de choro antes de cruzar a porta, estendendo a mãozinha para mim, quase como um pedido de socorro de uma cabecinha que ainda não sabia como se defender, me destruiu.

Senti uma necessidade desesperadora de ficar sozinha. Não para fugir de Henrique ou de qualquer uma das pessoas presentes, mas porque estava acostumada a sofrer sem companhia. Talvez eu e Henrique não fôssemos assim

tão diferentes naquele quesito. Nenhum de nós dois sabia muito bem como lidar com nossas emoções.

Joguei-me na cama, sentindo-me exausta, não apenas pelos acontecimentos de minutos atrás, mas pela noite anterior.

Como era possível que tivéssemos saído tão felizes daquele hotel, mas que o mundo fosse igualmente capaz de dar um giro de trezentos e sessenta graus e nos levado àquele estado? Sem Clara, ameaçados, distantes e ambos destruídos? Será que algum dia teríamos mesmo um pouco de paz?

Agarrei o travesseiro, que ficara esquecido sobre a cama por vários dias, já que eu vinha dormindo na cama de Henrique. Naquele momento, só queria apagar. Para esquecer, para me perder em mim mesma um pouco. Teria mais uma prova naquela noite, mas nem estava com ânimo para estudar. Aquilo não era mais importante do que a segurança da bebezinha que passara a fazer parte da minha vida e que fora tirada de nós de forma tão cruel.

Encolhi-me na cama, de qualquer jeito, e fechei os olhos. Em algum momento senti Henrique entrando para me observar. Fingi que estava dormindo, porque não queria que conversássemos naquele momento. Então, ele apenas me cobriu, fechou as cortinas que levavam claridade ao quarto e encostou a porta.

Deduzi que Priscila e Marília tivessem ido embora, e foi isso que me deixou arrependida, porque não era certo que ficasse sozinho. A perda de Clara era, provavelmente, muito mais dolorosa para ele do que para mim.

Exatamente por este motivo decidi me levantar. Apesar de ter ficado deitada por uma hora e meia, no máximo, ainda sentia todo o meu corpo cansado, como se tivesse

levado uma surra. Era uma mistura do sexo frenético da noite anterior com a adrenalina e a tristeza. Uma combinação das mais bizarras e incapacitantes.

Saí do quarto e fui descendo as escadas devagar. Ouvia vozes, percebendo que Henrique não estava sozinho. Havia alguém com ele na varanda, e entendi que Priscila e Marília ainda não tinham ido embora.

Pretendia revelar minha presença, mas algo na conversa entre eles chamou a minha atenção.

— Você é um idiota, Henrique! Nada é culpa sua... Tem que parar com essa merda, porque já está enchendo o saco — Priscila falou, parecendo bastante indignada.

— Eu perdi o foco. Não deveria ter saído daqui. *Poliana* está mexendo com a minha cabeça. Já sei muito bem como essas coisas acontecem. É só eu me envolver com alguém para tudo desandar. Nunca deveria ter me casado com ela.

— E aí você não teria a menor chance de lutar por Clara... — Marília falou.

Precisei me apoiar na parede mais próxima, porque minhas pernas chegaram a falhar.

Ele estava arrependido? *Nunca* deveria ter se casado comigo?

Era isso o que dizia pelas minhas costas depois de ter falado tantas coisas diferentes na noite anterior?

— Ontem foi um erro. *Poliana* foi um erro. Já expliquei a vocês por quê. Não vou dizer de novo. Eu só...

Não aguentei ficar escondida. Na verdade, eu nem queria ter entrado na varanda para que eles me vissem, mas não tive escolha. Não quando meus pés tomaram vida própria e decidiram se aproximar das outras pessoas. Não quando meu coração explodia dentro do peito, sangrando e

murchando, como se alguém o tivesse furado com mil cacos de vidro.

Como era possível que o homem que me salvara, me protegera e me fizera me apaixonar tão perdidamente, com seu jeito atencioso, gentil e sedutor, agora dizia que eu era um erro? Que estava arrependido de nosso casamento de fachada? Ele não era um erro para mim. Era a escolha mais certa do meu coração. Ao menos até aquele momento.

— Poliana? — Ele se levantou de sua cadeira em um rompante, olhando para mim como se tivesse sido pego no flagra de uma traição.

Mas era mais ou menos isso, não era? Era como eu me sentia, de fato.

— O que você ouviu da conversa? — Henrique perguntou aflito, provavelmente percebendo em meu olhar e na minha falta de reações que eu tinha ouvido *demais*.

— O suficiente — minha voz soou embargada, muito mais do que eu gostaria de demonstrar. Henrique veio em minha direção, e, cambaleante, dei um passo para trás.

— Por favor, me deixa explicar. Você provavelmente não ouviu tudo...

— Eu realmente ouvi o *suficiente*. Sou um erro para você. Um *erro* — alterei-me um pouco, mas consegui manter o tom de voz baixo, até porque minha voz mal saía direito.

Virei-me em direção à escada, mas não consegui dar muitos passos, porque Henrique me segurou.

— Vamos conversar. Você não é um erro... Você é...

— Não! — falei em um rompante, interrompendo-o, porque não queria ouvir mentiras. — Eu sou um erro para muito gente, né? Minha mãe, meu pai... Por que não seria para você também? Só não precisava ter me iludido... Dito

as coisas que me disse. Um casamento de fachada foi o que você propôs, e eu estaria feliz com isso.

No canto, quase escondidas, Priscila e Marília passavam por nós, tentando ser discretas, mas Henrique virou-se para olhá-las, e eu consegui escapar dele, o suficiente para conseguir correr até o meu quarto. Só que ele veio atrás de mim, em desespero, deixando a irmã e a cunhada saírem sem nem um adeus, e espalmou a porta antes que eu pudesse fechá-la.

— Poliana, me escuta! — lá estava o tom do CEO poderoso que ele era. Isso me fez parar e olhá-lo. Apressei-me em secar uma lágrima que teimou em deslizar, e isso fez os ombros largos do meu *marido* caírem um pouco e seus olhos se encherem de compaixão.

— Você é meu chefe, não é? Não posso te desobedecer — falei com o queixo erguido, desafiadora, magoada.

— Não vá por esse lado. Aqui dentro eu sou seu marido, nada diferente disso.

— Um marido falso, né? Um marido que me acha um erro! — minha voz se alterou.

— Não dessa forma, por favor! O erro foi eu ter te trazido para este mundo errado. Pelo amor de Deus, Poliana! Há poucos dias um cara invadiu a casa e te deixou amarrada e amordaçada dentro de um closet. Agora você foi ameaçada com um canivete. Que tipo de homem eu sou que permite que isso aconteça? — ele também parecia alterado.

— Um homem comum. Você não é um super-herói.

— Não estou tentando ser. Só quero fazer o certo... Entregar Clara hoje foi quase tão ruim quanto no dia em que tive que socar o meu próprio pai por ter feito mal à minha noiva. Imaginar que aquele homem poderia te machucar ou te levar como refém... isso me matou também.

— Mas eu estou aqui. E, ainda assim, você está arrependido.

Henrique deu alguns passos para frente, segurando meus braços, mas não com força, com delicadeza. Com a suavidade com a qual que ele me tratava, a não ser quando estávamos na cama.

— Não de você, por favor — disse em tom de súplica. — Estou arrependido de ter te colocado em perigo.

— E da nossa noite de ontem — concluí. Isso ele não teria como negar, porque ouvi muito bem, com todas as letras, quando falou. — Será que não percebe que teria sido da mesma forma? Zélia daria um jeito de subir. Um dos homens me pegaria de refém, e você não poderia fazer nada. Ou talvez me pegassem aqui desprevenida, com você tomando banho ou em outro cômodo... Eu teria sido levada também. Não podemos imaginar como seria.

Henrique não falou nada, apenas me soltou e abaixou a cabeça, afastando-se um pouco, parecendo atordoado.

— Seja como for, é melhor eu ir embora, não é? — falei, sentindo uma dor no peito absurda.

— O quê? — Ele franziu o cenho, parecendo confuso. — Não, você não vai a lugar algum. Vai para onde? Voltar para a casa do seu pai? Para ser agredida? Eu não vou permitir.

— E agora? Está falando como chefe ou como marido?

Ele respirou fundo, como se tivesse acabado de perder uma batalha longa. Deixando os braços caírem, um de cada lado do corpo, olhou em meus olhos e falou a resposta que poderia acabar comigo em pouquíssimo tempo:

— Estou falando como o homem que está apaixonado por você.

Como eu teria coragem de ir embora depois de tal confissão? Como eu poderia arrumar uma mala e sair

daquele apartamento, deixando-o para trás?

Além do mais, havia Clara. Eu não poderia abandoná-lo, sabendo que ele queria adotar a menina e que seria quase impossível fazer isso se não tivesse uma esposa. Mesmo magoada, mesmo sabendo que nosso casamento poderia ter sido um erro, não havia como voltar atrás. Eu era esposa de Henrique Monsores, para o bem e para o mal.

— Não vai embora, Poliana. Não tem nada a ver com o que eu quero em relação a Clara, mas tem a ver com o *nosso* casamento. O casamento que estamos construindo aos poucos.

Sim, nós estávamos. Aos poucos, é claro, mas eu não poderia negar. A noite anterior não fora apenas uma prova de que tínhamos química, de que funcionávamos perfeitamente no sexo, mas de que éramos bons em todos os sentidos. Nós estávamos nos encaixando. De alguma forma estávamos encontrando um caminho, que parecia ter sido desviado naquela tarde.

Mas eu iria tentar ser forte e superar.

— Não vou. Mas preciso ficar sozinha agora.

Ele pareceu murchar novamente, mas assentiu, respeitando a minha decisão. Sem dizer nada, saiu, fechando a porta e me deixando com minha solidão.

Assim que ele se afastou, passei a chave na porta e deixei que o choro me consumisse, de cansaço, de frustração, de perda... Não tínhamos nos perdido, eu ainda estava no apartamento dele, ainda estávamos casados, mas alguns passos para trás foram dados. E isso partia o meu coração.

Passei horas na cama, chorando e sem conseguir descansar. Não fui à minha prova, nem sentia forças para me arrumar e sair.

Eram dez da noite quando o punho forte de Henrique começou a bater na porta. Jurei que ele não teria coragem para isso, mas tinha um motivo nobre.

— Poliana, abra a porta. Você não comeu nada o dia inteiro. — Ele esperou, mas não respondi. Não era pirraça, eu só não tinha forças – estava exausta. E não queria vê-lo. Se o visse, isso bagunçaria meus pensamentos, me deixaria em uma situação ainda mais caótica. Só que não houve desistência, e ele bateu novamente. — Por favor, venha jantar comigo. Vamos conversar. Eu só quero... — suspirou — uma chance de me redimir.

Eu deveria ter saído da cama, mas, não. Permaneci deitada, mal me levantando para ir ao banheiro, ouvindo-o bater e falar. Assim, acabei pegando no sono, não porque quisesse dormir, mas porque não estava mais aguentando ficar desperta.

Acordei sobressaltada, muito cedo, antes de amanhecer, e decidi que seria uma boa ideia sair do quarto finalmente, me arrumar e, quem sabe, ir à empresa. Seria melhor do que ficar naquele apartamento, presa com Henrique o dia inteiro, com aquele clima estranho que tinha se formado entre nós.

Tomei um banho, coloquei uma roupa mais formal e finalmente saí, tomando quase um susto assim que cruzei a porta.

Henrique estava sentado à minha porta, no chão, jogado, com seu corpo enorme todo mal posicionado e torto, com uma perna esticada e outra flexionada, a cabeça jogada para trás, apoiada na parede, a blusa com a qual voltamos do hotel toda amassada, com dois botões abertos, pés descalços, apagado.

Ao seu lado, uma bandeja com o que deveria ser o meu jantar. Ele pretendia me servir e ficou ali a noite inteira esperando por uma chance de entrar, me ver, falar comigo e me fazer comer.

Se isso não era uma prova de que se importava comigo... O que mais poderia ser?

Agachei-me com cuidado, tocando-o cautelosamente, mas ele se sobressaltou, acordando de súbito, o que quase me fez arrepender. Seus olhos estavam inchados e havia olheiras profundas sob eles.

— Você passou a noite aqui? — perguntei quase envergonhada por tê-lo deixado de fora.

— Eu fui para o meu quarto, mas foi pior. Aqui eu me senti um pouco mais perto de você.

Ah, meu Deus... O mais doloroso não era o que ele falava, mas *como* falava. Henrique não tinha a menor intenção de me ganhar com aqueles discursos adoráveis. Ele simplesmente soltava suas frases de efeito como se elas não fossem importantes; como se não tivesse noção do quanto mexiam comigo.

Ele me olhou de cima a baixo, parecendo surpreso.

— Vai sair?

— Sem a Clara aqui, não tem motivo para não irmos à empresa.

Henrique balançou a cabeça e colocou-se de pé. Fez isso de forma ágil, sem me dar muito tempo para me afastar, o que nos deixou muito próximos. Era estranho, porque se o dia anterior não tivesse existido, nós teríamos nos beijado, certamente. Mas não foi o caso. Ele focou seus olhos em minha boca por um tempo, mas deu um passo para trás.

— Vou me arrumar. Me espera para irmos juntos?

Balancei a cabeça, respondendo. Ele ia pegar a bandeja, mas eu o impedi.

— Eu faço isso. Pode ir.

Então, foi questões de meia hora até ele estar na minha frente, com seu terno de sempre, a gravata, o cabelo penteado, perigosamente bonito e com sua aura de poder.

O caminho foi silencioso, e nós chegamos à empresa juntos. Não era incomum que as recepcionistas fizessem suas fofocas ao nosso respeito, mas percebi que olhavam diretamente para mim, como se cochichassem sobre algo com olhares indignados. Henrique pareceu não perceber, porque estava focado em seu celular, enviando uma mensagem para Leandra, porque queria conversar com ela sobre a situação do dia anterior.

Encontramos outras pessoas no corredor, e os olhares na minha direção foram os mesmos. Alguns sinais de negação, como se eu tivesse acabado de chutar uma criança de rua na frente de todos.

Preferi não comentar nada com Henrique, nem mesmo quando nos separamos – quando fiquei na minha mesa e ele seguiu para a sua sala, mas não sem antes falar:

— Almoce comigo, por favor. Vamos conversar.

— Tudo bem — concedi, embora ainda estivesse um pouco confusa.

— Ótimo. Terei uma reunião com Leandra pouco antes do almoço, talvez eu me atrase, mas me espere. — Assenti.

— E coma alguma coisa no café. Da última vez que ficou tanto tempo de estômago vazio acabou desmaiando.

— Vou inicializar o computador e passar na copa.

Ele balançou a cabeça e se inclinou para me beijar, mas não ousou tocar a minha boca, apenas encostou em meu rosto, com ternura, e se afastou.

Fiz exatamente o que disse. Liguei o computador, preparei a minha mesa e fui à copa.

Estava cheia quando cheguei, levando em consideração que se tratava de um espaço pequeno, com pelo menos oito pessoas. No momento em que entrei, ouvi meu nome sendo citado, mas não compreendi do que se tratava o assunto. Só percebi que todos ficaram em silêncio quando me viram.

Rapidamente todos começaram a debandar, com as desculpas mais esfarrapadas. Dentre as pessoas presentes, estava Otávio. Desde o dia da festa, ele parecera um pouco desdenhoso em relação a mim, e eu sabia, através de Tábata, que fazia comentários bem machistas ao meu respeito, sobre eu estar abrindo as pernas para o patrão por dinheiro.

Quando passou por mim, ele fez questão de esbarrar no meu ombro, só para sussurrar:

— Além de estar com a bocetinha à venda ainda é mau caráter, hein? Tão bonitinha e tão escrota, quem diria?

Eu não fazia ideia do que ele estava falando. Fiquei tão atordoada que nem consegui responder à altura.

Sozinha, entrei na copa e a primeira coisa que vi foi uma impressão de um jornal online, de alguma coluna de fofocas ou qualquer coisa assim.

Foi então que entendi por que as pessoas estavam falando de mim.

Não era possível que as coisas ruins não parassem de acontecer. Não era possível que eu não fosse nunca ter paz.



Eram mais ou menos dez da manhã quando Leandra entrou na minha sala, anunciada por Thelma – bastante atrasada, já que tínhamos marcado às nove e meia.

Elegante como sempre, sentou-se à minha frente, com um enorme sorriso, cruzando as pernas e tirando um bloco e uma caneta elegantes, pronta para o trabalho.

— Não vi Poliana ali fora. Queria cumprimentá-la...

— Ela não está? — Ergui a cabeça para olhar a mesa de Poliana e constatei que Leandra estava certa. Passei a manhã um pouco atribulado de e-mails para responder, já

que no dia anterior fiquei totalmente alheio às coisas da empresa e nem prestei atenção à mesa dela. — Deve ter ido ao banheiro — afirmei para a mulher à minha frente, mas não tinha tanta certeza. Depois do que passamos eu deveria estar tomando um pouco mais de cuidado e prestando mais atenção nela.

Mais uma falha minha.

— Então, meu querido cliente. O que me traz aqui? — ela perguntou, pronta para me ouvir.

E eu lhe contei tudo, desde o ataque a Poliana, quando estava sozinha em casa, até a ida de Janaína à minha casa com Clara e a situação do dia anterior. Leandra me ouviu com atenção, mas antes que pudesse dar seu parecer a respeito de qualquer coisa, uma batida na minha porta me fez ficar calado.

— Entre — por mais que eu não quisesse ser interrompido, era Thelma. E eu sabia que não poderia ser algo muito bom, porque sua expressão parecia aflita, e ela estava acompanhada de Tábata. — O que aconteceu?

Discretamente olhei mais uma vez para a mesa de Poliana, e ela ainda não estava ali. Chequei o relógio e percebi que tinha passado quase meia-hora com Leandra em minha sala. Não podia mais acreditar que ficara todo aquele tempo no banheiro, a não ser que estivesse passando mal.

— Chefinho, tem uma coisa rolando pela empresa, e acho que você tem que saber. — Deixando Tábata parada à porta, Thelma veio entrando e jogando um papel sobre a minha mesa.

Peguei-o, já tenso, e foquei toda a minha atenção nele, chegando a esquecer a importância da presença de Leandra ali.

A primeira coisa que vi foi uma foto do pai de Poliana, com os olhos chorosos, limpando uma lágrima. Sua aparência estava completamente diferente do que conheci – sujo, maltrapilho, cabelos desgrenhados, barba enorme e grisalha. Ali, ele parecia um homem simples, mas limpo, unhas bem cortadas, sóbrio... Um trabalhador humilde.

Um calafrio me percorreu a espinha, porque eu tinha total certeza de que aquela matéria fora comprada. Alguém pagara para aquele homem estar ali, tão distinto, tão magoado.

A chamada da matéria era tendenciosa: ESPOSA DE REI DA PUBLICIDADE BRASILEIRA NEGLIGENCIA FAMÍLIA, MESMO DEPOIS DE CASAMENTO MILIONÁRIO.

Passei os olhos pelo texto, e a jornalista sensacionalista tinha feito uma entrevista com José Carlos, e este contava mentiras sobre a filha ser interesseira e almejar uma vida melhor a qualquer custo; que desde que entrou para a empresa ela comentava que eu era um alvo, que queria me seduzir e que falou várias vezes que só tinha interesse em meu dinheiro. Obviamente ele disse que passava dificuldades, que pediu ajuda e que Poliana o ignorou completamente, dizendo que não queria mais contato com a parte pobre de sua vida.

Qualquer um que a conhecesse de verdade compreenderia o quão mentirosa era aquela matéria. Poliana era a pessoa mais desinteressada, leal e verdadeira que eu conhecia. Ela jamais abandonaria um pai se este não fosse um filho da puta com ela. Se não a tivesse agredido por anos.

Mal sabiam as pessoas que ela nunca sequer me olhou com qualquer interesse, que eu a observava há meses e a

desejava em silêncio. Mal poderiam imaginar que lhe fiz uma proposta indecente de casamento sem que sequer tivéssemos intimidade para isso. Eu que enriqueci ao trazê-la para a minha vida, não o contrário.

— Senhor — a voz baixinha de Tábata preencheu o silêncio da sala, e, de cenho franzido, olhei para ela, erguendo meus olhos em sua direção. — O pessoal está comentando. Eles imprimiram essa matéria e espalharam para a empresa inteira. Estão zombando da Poliana e cochichando por todos os lados. Otávio falou umas coisas bem maldosas para ela.

— O que ele disse? — perguntei por entre dentes, já sentindo meu sangue esquentar.

— Pelo que fiquei sabendo pelos comentários que ouvi, ele foi bem ofensivo. Falou que ela é mau caráter, escrota e que... — Tábata hesitou.

— O que mais, Tábata? — insisti, enfático.

— Que a... *bocetinha* dela estava à venda. São palavras que disseram que ele usou. — Envergonhada, a garota abaixou a cabeça.

— Macho escroto — Leandra comentou à minha frente, igualmente irritada, a julgar por sua expressão fechada.

Nem pedi licença, não dei explicações, não falei com absolutamente ninguém. Levantei-me da minha cadeira em um rompante, caminhando até a porta da minha sala, com o papel impresso em mãos. Ouvi as vozes de Leandra e Thelma me chamando, mas com apenas um movimento de uma das mãos eu as impedi de virem atrás de mim. Elas certamente sabiam que não era um bom momento para tentar me dissuadir de algo.

Marchando, rumei em direção ao andar do TI, entrando na sala onde eu sabia que aquele merda trabalhava. Uma

onda de gargalhadas cessou no momento em que aquelas pessoas me viram. Eu estava pouco me lixando para o que quer que estivessem fazendo. Meu foco era apenas um. Segui direto para a baia de Otávio, agarrando-o pela blusa e tirando-o da cadeira, imprensando-o na parede com uma mão e espalmando a outra em seu peito, com o papel impresso.

— Se eu souber que você andou falando o nome da minha esposa com essa boca imunda por aí, vamos terminar essa conversa em uma delegacia, porque vou acabar com você. — Eu precisava me controlar. Não podia perder a cabeça na minha empresa, com meus funcionários como testemunha. — Quero que saia daqui agora e que vá ao RH.

Como eu já imaginava, Thelma estava bem atrás de mim, acompanhada por Leandra, então, voltei-me para a minha funcionária.

— Acompanhe o rapaz aqui até lá, Thelma, peça a Rose que prepare a rescisão de contrato dele agora.

Soltei-o, pegando o papel novamente.

— Senhor... — Otávio ainda tentou argumentar, mas eu ergui um dedo na direção dele, em riste, interrompendo-o.

— Saia com dignidade. Poderia ser pior.

Foi só uma questão de virar as costas para ouvi-lo bostear de novo:

— Comer a vadiazinha é uma coisa, casar com ela é burrice. Vai ser corno rapidinho, e ela ainda vai arrancar teu dinheiro todo, babaca.

Foram os olhos de Leandra – minha advogada – que eu vi primeiro. Foram também as mãos dela que me seguraram quando me virei, preparado para socar a cara do

babaca até que ele mal se lembrasse do nome de merda que tinha.

— Pense em Clara. Se fizer o que está querendo fazer, vai manchar sua imagem — Leandra falou baixinho, e eu me sentia tremer. Uma linha muito tênue me mantinha são. Uma frágil determinação me fez dar um passo para trás.

Era isso o que ele queria, me desestabilizar. Se eu o socasse, se o agredisse, ele iria me processar. Na verdade, já poderia fazer isso pela forma como o abordei, mas se saísse ferido as coisas poderiam ser muito piores.

Sentindo um nó poderoso na garganta, permaneci ali, ainda hesitando em ir embora deixando para trás as podridões que falou a respeito de Poliana. Mas foi Leandra que novamente me fez acordar.

— Vamos procurar Poliana. Ela não deve estar bem...

Não... não deveria estar. Por culpa daquele merda.

E minha...

Mas pensar nela me fez pensar melhor e finalmente sair daquela sala.

Não conseguia dizer nada, apenas amassei a porra do papel que tinha em mãos e o joguei no chão, como se isso pudesse me acalmar. Não chegava nem perto.

Com Leandra ao meu lado, ambos calados, segui para o primeiro lugar onde imaginei que Poliana poderia estar – o banheiro do andar da presidência.

Pegando o elevador, agarrei a barra de ferro que o circundava com força. Percebendo isso, Leandra falou baixinho.

— Você tem que se acalmar. Ela vai precisar de você.

Ela precisava de alguém que cuidasse dela de verdade, não o babaca que disse que era um erro. Eu a fiz ouvir que estava arrependido de ter me casado, quando aquele casamento fora a melhor coisa que acontecera em minha vida nos últimos tempos – talvez em toda ela.

— Quero processar o site que fez a matéria, Leandra. Providencie isso. Calúnia, difamação... tudo o que você puder enfiar nessa merda.

— Considere feito.

Chegamos ao andar, e eu parti para o banheiro feminino, cuja porta estava trancada. Como éramos apenas três pessoas trabalhando ali diariamente, eram apenas dois toaletes. Eu não tinha a menor dúvida de que Poliana estava lá dentro.

Ainda descontrolado, comecei a socar a porta.

— Poliana, eu sei que você está aí. Abra, me deixa entrar.

Nada. Nenhum som, nenhum movimento.

Eu já ia bater novamente, mas Leandra mais uma vez me impediu.

— Me deixa tentar. — Assenti, dando-lhe espaço, e ela foi bem mais gentil que eu. — Poliana, querida... é Leandra. Queremos falar com você. Já sabemos o que aconteceu, Henrique quer te levar para casa.

Sem resposta novamente, minha advogada grudou seu ouvido na madeira e voltou-se para mim.

— Eu ouvi alguma coisa, acho que ela está aí dentro.

Novamente não pensei e nem hesitei, segurei o braço de Leandra, puxando-a para trás, também tomei distância e meti o pé na porta, arrombando-a e esperando que Poliana não se machucasse com isso, mas o banheiro era razoavelmente grande, e ela estava longe, caída no

chão, encostada em uma parede, com os olhos fechados, encolhida.

Corri na direção dela, pegando sua mão gelada e lhe dando tapinhas no rosto.

— Poliana? — tentei reanimá-la, e ela se remexeu. O rosto estava molhado, cheio de lágrimas, e eu imaginava que tudo aquilo era um acúmulo de todas as coisas que tinham lhe acontecido nos últimos dias. A ida de seu pai à imprensa fora só a cereja do bolo. — Querida? Estou aqui. Vou te levar para casa, tudo bem?

Ela abriu os olhos, parecendo extremamente vulnerável, mas assentiu com a cabeça.

Virei-me para Leandra, em tom de comando:

— Pegue as coisas dela, por favor.

Com um meneio de cabeça, Leandra concordou, e eu peguei Poliana com cuidado, puxando-a e trazendo-a até mim, ajustando-a nos meus braços e começando a tirá-la dali.

Passei por Leandra, que já estava com a bolsa que pedi, e ela ajudou a tirar alguns fios de cabelo do rosto de Poliana, enquanto esperávamos no elevador.

Caminhei pela recepção, com Poliana no meu colo, e todos olhavam para nós, confusos. Eu estava pouco me lixando. A raiva de todas as fofocas, das coisas que poderiam ter dito para ela, que pensaram, que destilaram... Minha vontade naquele momento era demitir a todos e contratar funcionários novos para a empresa inteira – menos Thelma e Tábata.

Fomos até o carro, e Leandra me ajudou a colocar Poliana no banco do carona.

Fechei a porta e me virei para a minha amiga, que me entregou a bolsa dela.

— Obrigado, Leandra — falei com sinceridade.

— Disponha. — Voltou mais um olhar para Poliana, através do vidro fechado do carro. Esta estava de olhos fechados, semi-consciente, provavelmente sem se alimentar como pedi para que fizesse. Sua pressão deveria estar baixa, além de todo o resto. — Pobrezinha.

— Ela é forte. Vai superar isso.

— Mas vai precisar do marido — disse, enquanto ajeitava a minha gravata. — Seja legal com ela. Acalme-se e conversem. Não a deixe sozinha. Mais tarde passo no seu apartamento para conversarmos os três, tanto sobre Clara quanto o processo do site. Vou começar a providenciar as coisas.

— Te agradeço.

Dando um passo para trás, Leandra me deu espaço para passar. Dei a volta no carro, entrei atrás do volante e parti para casa, ainda sentindo a raiva borbulhar pelas minhas veias, mas esperando conseguir me controlar, porque minha esposa precisava de mim. E... porra! Eu seria bom para ela.

Era tudo o que eu podia fazer para compensar.



Uma caneca fumegante na minha mão, com uma sopa quentinha, um cobertor e o sofá confortável de Henrique. Eu não podia negar que eram remédios mais do que eficientes para curar qualquer tristeza. O fato de ele estar pairando ao meu redor como um guardião, pronto para atender a todos os meus caprichos e a lutar uma guerra inteira para o meu bem estar, completavam o tratamento.

Naquele momento, eu o via ao telefone, resolvendo alguma pendência de trabalho que fora deixada de lado no momento em que me tirou da empresa, como um cavaleiro de armadura faria, e que não parecia nada agradável, pelo vinco em sua testa.

Remexi-me no sofá, deixando a sopa sobre a mesinha, puxando mais o cobertor sobre meus ombros, porque sentia frio. Assim que chegamos em casa, Henrique mediu minha temperatura e constatou que eu estava com febre. Provavelmente uma reação do meu corpo à quantidade de merdas que estavam acontecendo.

Não sei o que foi que fiz, se foi meu movimento súbito, se foi o gemido discreto que soltei, inconscientemente, quando minha cabeça doeu ao ser movida ou se foi só o senso exacerbado de proteção de Henrique, o que o obrigou a encerrar sua ligação imediatamente para que fosse até mim, checar meu estado.

— O que houve? Está sentindo alguma coisa? — perguntou em um leve tom de desespero que me fez sorrir.

— Só dor de cabeça e um pouco de frio. Vai passar, acabei de tomar o remédio — minha voz soava fraca, pelo cansaço extremo. — Você não deveria ter desligado por minha causa.

— Era só um cliente chato. Estamos adiantados na campanha dele, mas mesmo assim ele quer ver alguns prospectos com antecedência. Não vou ficar dando atenção a esse tipo de gente.

— Mas à sua esposa mimada, sim? — confesso que falei com um leve tom dengoso, porque estava adorando todos aqueles carinhos.

Henrique agachou-se ao meu lado, levando a mão à minha testa. Eu sabia que ainda estava quente, podia sentir.

— À minha esposa doente, sempre. À minha esposa, em qualquer circunstância, sempre. Você é mais importante.

Tentei ignorar a reação do meu coração àquela resposta. Ele sabia como me desmontar, e o pior era que sua intenção claramente não era fazer isso.

— Não é nada, Henrique. Só uma indisposição.

— Eu deveria te pegar agora e te levar ao hospital na marra — falou com um pouco de indignação, levando em consideração que fora uma discussão que nos roubara pelo menos uma hora desde que chegamos em casa. Não havia necessidade para tanto. Eu conhecia meu corpo. Um pouco de descanso me faria bem.

— Não é necessário, de verdade. Além do mais, você já gastou essas costas o suficiente me carregando hoje — tentei brincar, mas me surpreendi quando ele se levantou de súbito e veio em minha direção, encaixando seus braços sob meu corpo, o que me assustou. — O que vai fazer?

Quando eu já estava em seu colo, de coberta e tudo, ele parou um pouco, olhando em meus olhos.

— Vou te levar para a cama, para que descanse em um lugar mais confortável. Por *enquanto*. Se piorar, vai ser hospital. Sem teimosia.

Henrique começou a caminhar, subindo as escadas e me levando para o meu quarto, o que não me passou despercebido. Por mais que eu estivesse precisando dele perto de mim e de sentir que as coisas estavam bem entre nós, fora uma escolha minha, não fora? Eu causei aquele distanciamento. Ele estava apenas respeitando minha vontade e me deixando tomar as decisões.

No momento em que me colocou sentada na cama, ajudando-me a apoiar as costas na cabeceira – eu conseguia fazer tudo isso sozinha, mas por que não me permitir ser mimada um pouco, já que ele parecia tão empenhado? –, sentou-se à minha frente.

Com o olhar de menino abandonado que me desmontava, começou a falar:

— Entenda uma coisa, Poliana... você não é um erro. O tipo de coisa que aconteceu hoje é que é. Eu me sinto responsável, porque a partir do momento em que te trouxe para a minha vida, tornou-se minha obrigação cuidar da sua segurança; seja física e emocional. É o papel de um marido, não é?

— É o papel de um pai, também, e olha o que o meu tem feito — falei baixinho.

— Não quero me nivelar por baixo — ele tentou fazer uma brincadeira, embora não fosse sua especialidade. Ainda assim, eu sorri.

— Você é muito bom para mim, Henrique. Muito mais do que eu poderia pedir.

Ele deu um beijo na minha mão, com gentileza e seu jeito cavalheiresco. Em seguida, olhou em meus olhos com aquela intensidade de sempre.

— Estamos bem, não estamos? — perguntou com urgência, quase como se precisasse daquela resposta para sobreviver.

Sorri de forma um pouco débil, sentindo-me cansada, doente, mas algo dentro de mim se acendia ao perceber o quanto ele queria que realmente estivesse tudo bem entre nós; o quanto queria entregar seu coração.

Ele dissera que estava apaixonado, não dissera? Meu marido de mentirinha, que jurara que nosso casamento seria apenas um meio para um fim, olhava para mim com os olhos rendidos, cheios de ternura.

Mal sabia ele que meus sentimentos eram os mesmos.

Sem responder, inclinei-me para frente e o beijei. Apenas um toque gentil e suave, que o fez entender que minha resposta era positiva.

Henrique saiu do quarto em seguida, me deixando descansar, embora ele claramente também estivesse precisando. Era assustador o quão pouco dormia, e eu sabia que gastava energias na academia de manhã, sabia que ele descontava muito no trabalho e em tudo o que fazia.

Assim que fiquei sozinha, consegui pegar no sono, mas acordei com Henrique me chamando, cheio de pesar por ter que me despertar, mas avisando que Leandra estava chegando, que queria conversar conosco.

A febre tinha cedido, então, tive mais disposição para tomar um banho, vestir uma roupa confortável e esperá-la.

Ela chegou, me cumprimentou com um abraço caloroso, perguntando se eu estava melhor, mas logo nos colocamos no modo profissional para conversarmos sobre o turbilhão de coisas que nos rondavam.

O assunto que iniciou nossa pequena reunião foi Clara, como não poderia ser diferente. A menina era nossa prioridade, em todos os sentidos. Qualquer outra coisa poderia esperar, mas não a nossa saudade dela. Era pouco mais de um dia sem ela na casa, mas tudo parecia muito sem sentido.

Exatamente como imaginávamos, as duas incursões de Zélia no apartamento, embora criminosas, seriam difíceis de ser provadas, porque ela fizera tudo de caso pensado. Sem a ajuda de Janaína para conseguir as imagens da agressão à neném, não poderíamos ir muito longe. Leandra achava arriscado entrar com o pedido de adoção, porque, naquele momento, as chances de conseguirmos uma vitória eram quase nulas. E Zélia estava disposta a fazer de tudo para nos prejudicar.

Foi então que chegamos ao outro assunto que a levou ali. Ela passara a tarde preparando o processo contra o site

que preparou a matéria sobre o meu pai, mas as notícias, ainda assim, não eram boas.

— Você acha que isso pode prejudicar na adoção de Clara? — perguntei a ela, preocupada.

Insatisfeita, Leandra balançou a cabeça em afirmativa.

— Odeio o que vou te dizer, Poliana, mas a única forma de reverter essa situação é você ir a público contar a sua versão da história, que eu imagino que haja uma...

— Claro que há! — Henrique explodiu. — Ele a agredia, a deixava quase inconsciente. Eu sou testemunha. Tirei-a daquela casa desmaiada e ferida... Como tem coragem de...?

Sorrindo, Leandra colocou a mão no braço de Henrique, tentando acalmá-lo, mas olhou para mim.

— Nunca vi Henrique passional assim com ninguém, menina. Acho que você tem esse cara na palma da sua mão... — Ela me deu uma piscadinha cúmplice, mas nem tive tempo de dizer nada ou reagir, porque logo voltou a falar: — O certo a fazer neste momento é criar a sua defesa, em um veículo com mais credibilidade. Tomei a liberdade de conversar com a esposa de um amigo, que trabalha em um jornal sério, e ela disse que pode conseguir esse espaço. Só que você teria que abrir seu coração e contar coisas que talvez não queira contar. Para *muitas* pessoas.

— Não acho que seja uma boa ideia — Henrique se manifestou. — Ela não tem que se expor dessa forma.

— Eu já estou exposta, Henrique. Você viu o que aconteceu na empresa hoje. Se eu contar a minha versão dos fatos, posso limpar minha imagem. Não que isso me importe, mas se for para ajudar no processo da Clara... Que mal tem?

Henrique prendeu seus olhos muito azuis em mim, estudando-me. Era fácil encontrar um conjunto de sentimentos neles, mas principalmente admiração – este era o que gritava, que ele não escondia. Significava muito para mim.

— A escolha é sua. Quer mesmo fazer isso? — ele insistiu, olhando para mim.

— Quero — afirmei com segurança.

— Então eu vou agilizar as coisas. Vou falar com Luisa e tentar que ela te ligue hoje mesmo para que a matéria saia o quanto antes. — Olhando para mim, com outro sorriso, Leandra disse: — Você é corajosa, garota. Gosto disso.

É, eu também gostava daquela nova coragem que sentia. Não que estivesse feliz em revelar para o país inteiro que meu pai não era daquele tipo que víamos em comercial de margarina e que eu era quase uma versão bem tosca de Cinderela, mas era por uma boa causa, e eu poderia aguentar.

Tinha que aguentar.



Assisti Poliana dar a entrevista a Luisa Muniz, jornalista amiga de Leandra por telefone, observando-a e me perguntando: em que momento eu tinha começado a me apaixonar tanto por ela? Qualquer coisa que dizia, sua força, a forma como não conseguia parar de andar de um lado para o outro enquanto falava com a outra pessoa do outro lado, suas pernas lindas e torneadas à vista por conta do short curtinho de algodão que usava, os pés pequenos e delicados descalços, os cabelos caídos nas costas como uma cortina de mogno... Tudo nela parecia certo. Era como

se eu tivesse sido enfeitado, como se tudo o que sempre sonhei em ter estivesse bem na minha frente, na forma de uma mulher. *Minha* mulher. A esposa que escolhi pelos motivos errados, mas que se acomodou no caos da minha vida de forma perfeita.

Durante seu passeio inconsciente pelo apartamento, foi passando a mão por tudo, também sem nem perceber que o fazia, e enquanto a observava podia ver o quanto estava nervosa, mas mantinha-se dando respostas coerentes, mesmo quando sua voz embargou um pouco ao relatar os maus tratos e coisas que eu sequer sabia sobre ele roubar dinheiro dela e quando fora parar em um hospital, com a ajuda dos vizinhos, porque ele a agrediu tanto que chegou a quebrar duas de suas costelas.

Minha vontade era matar aquele homem.

Ainda assim, mantive-me longe, porque não queria que ela pensasse que eu a via como um ser frágil. Pelo contrário, respeitava sua força e desejava que soubesse disso.

Estava pronto para me aproximar, assim que encerrou a ligação, mas algo em sua expressão me fez parar. Segui observando-a até perceber que havia um papel em sua mão. Um que ela parecia ter encontrado naquele exato momento e que, conforme era lido, provocava um vinco em sua testa.

— Henrique... — chamou-me, ainda sem tirar os olhos do papel, e eu fui em sua direção. Poliana apenas entregou-me o que parecia ser um bilhete, em uma caligrafia que não era exatamente familiar para mim. — Achei aqui, em cima do rack, meio escondido.

Só que não demorei nem um pouco para descobrir quem era o autor dele.

**“FUI AMEAÇADA. NÃO POSSO MAIS AJUDÁ-LOS.
INVESTIGUE A MORTE DE JÚLIO. MINHA MÃE QUERIA
FAZER MAL A ADRIANA.”**



Um dia parecia mais caótico do que o anterior, e eu sabia que não estávamos nem perto de terminar aquela novela que mais parecia filme de thriller psicológico.

Henrique acordara uma pilha de nervos, porque insisti que deveríamos ir à empresa. Enquanto tomávamos café, ele de pé, ainda suado depois de sua malhação diária, com uma toalha pendurada nos ombros, uma regata e um short de tãtel – uma visão das mais agradáveis –, reclamava da minha ideia, que ele considerava péssima.

— Eu ainda estou muito tentado a fazer uma ordem de demissão em massa, só porque jogar uma bomba seria

violento demais. — Claro que ele estava brincando, mas seu tom quase selvagem e rabugento me fez rir.

— Seria, sim. Mas você concorda comigo que quem deveria estar receosa em pisar na empresa seria eu?

— O caralho que é! — explodiu, e eu fiquei surpresa, porque ele normalmente não presenteava o mundo com uns palavrões como aquele. Era sexy, eu não podia negar, especialmente porque estava me defendendo. — *Eles* deveriam ter vergonha. E eu juro, Poliana, que assim que a maldita matéria da amiga de Leandra entrar no ar, eu vou fazer todos eles te pedirem desculpas de joelhos. Em fila indiana.

Não pude conter uma risada. Era adorável.

Tão adorável que eu precisei me levantar, colocar-me à sua frente, tirar a caneca de café de sua mão, pousando-a na bancada da pia. Na ponta dos pés, uni nossos lábios em um beijo rápido.

— Estou suado — ele avisou.

— Não importa. Você é uma gracinha. Meu marido agridoce...

Eu ia me afastar. Juro. Mas Henrique foi mais rápido, tirando a toalha que estava pendurada ao redor de seu pescoço e a envolvendo em minha cintura, prendendo-me consigo.

— Por que eu sou uma gracinha? — ele indagou com uma expressão maliciosa que provocou um calafrio por todo o meu corpo.

— Essa coisa de colocar todo mundo de joelhos aos meus pés... — Fiz um gesto grandioso com a mão, para mostrar que sua ideia era igualmente exagerada. — Você é um romântico.

— Gosta das pessoas aos seus pés, Poliana Monsores?
— meu nome atrelado ao sobrenome dele soou rouco e profundo em sua voz grave, o que me deixou quase ofegante.

Não respondi, porque ele me virou, apoiando meu corpo na bancada da pia, colocando-se de joelhos à minha frente, tirando meu short em um puxão e respirando mais fundo ao perceber que eu estava sem calcinha.

Então assim, com sua boca maravilhosa, Henrique me deu o primeiro orgasmo do dia, quase me convencendo a ficarmos em casa ao invés de sairmos para trabalhar.

Quase. Porque umas duas horas depois estávamos entrando no prédio da HM – ele com cara de quem estava prestes a cometer um ato terrorista, e eu, de cabeça baixa.

— Não abaixe a cabeça para nenhum deles, Poliana.

Sorri, enquanto caminhávamos lado a lado, e ele sussurrava para mim.

— Falou meu marido ou meu chefe?

— Neste caso, se for para você me ouvir e parar de sentir vergonha, vou falar como seu chefe. Não há ninguém mais digno do que você aqui. E eu se eu sou o dono desta merda, você também é. Eles têm que te respeitar como tal.

Eu não queria aquele tipo de respeito, imposto, mas decidi acatar o conselho – se é que poderia ser chamado assim – e empinei meu nariz, sorrindo para Mara e Angelina como se nada tivesse acontecido.

Conforme passávamos, as pessoas continuavam cochichando, e eu precisei apertar a mão de Henrique, temendo que ele voasse em cada um, levando em consideração seu péssimo humor.

Quando me sentei à minha mesa, Thelma já estava presente, e foi chamada por Henrique para que

comparecesse à sua sala em alguns minutos. Ela assentiu, já percebendo que as coisas não estavam muito boas.

Ao levantar-se para atender ao chamado do chefe, parou ao lado da minha mesa, colocando a mão em meu ombro, interrompendo-me. Eu estava mexendo na minha gaveta, tentando encontrar o grampeador para organizar alguns papéis que deixaram ali em cima, mas rapidamente parei e olhei para ela.

— Está tudo bem, querida? As coisas andam um pouco difíceis para você, não é?

Dei de ombros e tentei sorrir.

— Melhores do que antes. Então não posso reclamar.

— Henrique é um cara legal. Por trás daquela fachada durona, tem um coração gigante.

Eu poderia jurar que meus olhos estavam brilhando quando respondi:

— Ele é o melhor, Thelma. Sem dúvidas.

Parecendo satisfeita com a minha resposta, ela afastou-se e foi atender ao chamado do meu marido exigente, deixando-me de lábios curvados como uma boba.

Algumas horas mais tarde, pouco depois do almoço, um homem bem grande surgiu – cabelos compridos amarrados em um rabo de cavalo, casaco de couro, expressão fechada –, entrando na sala de Henrique, e eu logo recebi um telefonema seu, pedindo para participar da pequena reunião também.

Entrei, aproximei-me e me sentei na cadeira vaga.

— Poliana, este aqui é Victor Guedes, investigador particular que Leandra me indicou. — Voltou-se ao homem: — Esta é minha esposa, Victor.

— Muito prazer, senhora — ele cumprimentou de forma respeitosa e uma cara fechada, de poucos amigos.

— Bem, Victor... basicamente é o que te falei por telefone mais cedo. Preciso que investigue a participação de Zélia Albuquerque Pinheiro no acidente que matou seu filho Júlio e sua nora Adriana. — Henrique entregou uma pasta ao investigador. — Minha secretária me ajudou a organizar todas essas informações. Quero, também, que descubra qualquer coisa que haja para descobrir sobre esta mulher.

— Se entendi direito, o senhor quer adotar a neta dela, certo?

— Sim. O principal motivo é este. Mas também quero justiça pela morte dos meus amigos e que uma criminosa pague pelos possíveis crimes que possa ter cometido. Ela tem sido uma pedra no meu sapato e da minha esposa.

— Entendo — disse o investigador, muito sério, analisando as informações que recebeu.

— O fato de a neném ser um meio para ela ter acesso à herança pode ser um indicativo, não pode? — perguntei, quase ansiosa demais.

— Pessoas cometem crimes por muito menos dinheiro, senhora. A quantia envolvida sem dúvidas é um motivo muito bom para quem já não tem muito escrúpulo — comentou. — Preciso de mais algumas informações além das que vou achar aqui. Contatos da família ou amigos da moça que morreu, a esposa do seu amigo, principalmente. Quero investigar sobre os dias anteriores ao acidente, se eles sabem de alguma ameaça, quais foram os movimentos dela. Também vou fazer algumas pesquisas com a polícia. E quero todas as descrições que puderem me passar a respeito dos homens que estiveram no apartamento de vocês. — Ele fez uma pausa. — Por mais esperta que essa

mulher possa ser, não acho que vá ser uma investigação muito difícil de ser concluída.

Cheguei a soltar um suspiro, enchendo-me de fé de que tudo aquilo acabasse o mais rápido possível; não apenas as ameaças, mas a tortura para o coração de Henrique que tanto queria Clara por perto.

Só que eu conhecia muito bem o quão perigosa podia ser a esperança. E doentia também, porque eu e Henrique ficamos o resto do dia inteiro com a frase de Victor em nossas mentes, girando e enchendo nossa realidade de possibilidades.

Nem mesmo quando Thelma veio nos avisar que a entrevista que dei para a jornalista amiga de Leandra estava no ar, nós conseguimos perder um pouco da ansiedade. Lemos tudo, e eu fiquei extremamente satisfeita com o resultado, com a competência e a sensibilidade da repórter ao contar minha história com tanto respeito. Era uma réplica satisfatória, mas não deixou de me fazer sentir o peito doer ao ler o artigo e reconhecer ali a minha vida. Em perceber que a moça que passou por anos de um relacionamento paterno abusivo era eu.

Percebendo quando minha energia murchou, assim que chegamos em casa – depois de novamente suportar os olhares curiosos de todos na empresa quando saímos, mas de uma forma diferente, com um pouco mais de compaixão e respeito –, meu atencioso marido sentou-se no sofá e me puxou para me acomodar em seu colo, aninhando-me e me apertando em seus braços com força.

Ele era incansável em me surpreender. Cada vez que desmontava sua fachada de homem frio, de CEO poderoso e inatingível, na intenção de cuidar de mim e me demonstrar cada um dos seus sentimentos, era como se me entregasse

seu coração em uma bandeja. E eu o aceitava, porque não conseguia mais imaginar minha vida sem aquele abraço, sem sua presença.

Para a garota que nunca teve lá muita atenção na vida, eu tinha aprendido a me viciar em carinho rápido demais. Foi preciso um casamento arranjado, com um homem por quem jurei que nunca iria me apaixonar, para acender a luz pela qual sempre esperei.

— Você está bem? — ele perguntou baixinho, falando contra o meu cabelo, onde sua boca pairava, já que ele havia acabado de me beijar. — Vi que a matéria te afetou um pouco.

— Só um pouco. É estranho pensar que todas as pessoas vão ficar sabendo de coisas da minha vida que eu nem queria que existissem. De segredos que escondi por tanto tempo.

— Eu não sabia de todas as coisas que você contou à jornalista. — Com todo o cuidado, Henrique inclinou-se, deitando-me no sofá e se colocando sobre mim, seus olhos presos aos meus, em um olhar solene que chegou a me fazer estremecer. — Não posso mudar o passado, não posso apagar a dor que você deve sentir. O homem que deveria ter te protegido só te decepcionou, mas posso fazer uma promessa aqui e agora. Sei que ela pode não valer de nada, mas é importante para mim. Se eu tiver a sorte de conseguir adotar Clara, eu nunca vou magoá-la nem machucá-la. Vou cuidar dela da forma como eu queria que o seu pai tivesse cuidado de você. E prometo o mesmo... — ele hesitou, respirando fundo. — Prometo o mesmo para os filhos que um dia eu e você tivermos.

Fiquei paralisada, quase chocada. Henrique deve ter percebido meus olhos arregalados, porque sorriu de forma

quase constrangida, de uma maneira tão adorável que me dava vontade de inverter os papéis e ser eu a protegê-lo e colocá-lo no meu colo.

— Filhos? — minha voz chegou a embargar. — Você quer ter filhos comigo?

Ele pegou a minha mão, levando-a à boca, ainda mantendo-se sobre mim, e beijando-a.

— Quero tudo. Contanto que você queira também.

Não consegui não me emocionar com a verdade que vi em seus olhos, então, levei a mão livre ao seu rosto, acariciando-o com ternura.

— Você vai ser um bom pai, Henrique. Vai conseguir adotar aquela garotinha, e vocês dois vão ter muito orgulho um do outro. Vão ser uma família.

— Não seremos uma família sem você, Poliana. Diga que vai ficar conosco... que não importa o tempo que estabelecemos para nosso casamento... Que você vai nos aceitar no seu coração.

— Vocês dois já estão nele.

Quase perdi o fôlego quando Henrique roubou meus lábios com seu jeito impetuoso de sempre, e eu soltei um gemido suave totalmente involuntário, que o fez respirar tão fundo que parecera quase doloroso. Soltei uma exclamação indefinida quando ele me pegou com força e mudou nossas posições, colocando-se sentado mais confortavelmente, comigo montada em seu colo.

Com as mãos, cada uma de um lado da minha blusa de botões, ele deu um puxão violento, arrebentando-os e revelando meu sutiã de renda branco, no qual passou a mão devagar, como se gostasse do que visse.

— Tão delicada — sussurrou, abrindo o fecho frontal, colocando ambas as mãos nas minhas costas, inclinando-

me para trás, quase me deixando deitada em seus joelhos e a cabeça pendendo para fora, dando-lhe total acesso para que lambesse meus mamilos, um de cada vez, torturante, cheio de más intenções.

Desceu a boca por minha barriga, sem medo de gastar seu tempo por cada canto da minha pele.

Agarrando-me por cada um dos lados da minha cintura, ele me puxou de volta, forçando meu corpo para cima, ordenando:

— Apóie os joelhos no sofá — embora tivesse falado, ele me ajudou a entender a posição na qual desejava que eu ficasse, manipulando meu corpo com suas mãos.

Assim que fiquei ajoelhada, com uma perna de cada lado das suas coxas, ele enfiou a mão por dentro da minha saia, puxando minha calcinha para baixo, liberando espaço para que seu dedo me penetrasse sem muito aviso, sem preparação, sem piedade.

Curvei meu corpo para baixo, mas ele agarrou meu cabelo com força, e a intensidade de seu toque me fez abrir os olhos e olhar para ele.

— Só fique paradinha, amor. Me deixa te fazer gozar agora...

Amor... Era a primeira vez que me chamava assim.

Mas isso não queria dizer que ele me... amava, não é?

Claro que não. Era uma forma carinhosa, assim como o querida que já saíra de sua boca outras vezes.

Não era hora para pensar nisso. Principalmente quando ele investiu um segundo dedo e usou a outra mão para estimular meu clitóris.

O orgasmo não demorou a chegar, fazendo-me despencar sobre seu peito, mas sem que eu nem percebesse, sem nem ter tempo de me recuperar, Henrique

já estava de pé, com seus braços sob minhas coxas, levando-me para o segundo andar da casa.

Fui jogada na cama dele, e a partir deste momento tudo foram apenas flashes de um frenesi insano.

Tirei a roupa dele enquanto ele arrancava a minha. Eu estava tão molhada que ele simplesmente me penetrou sem dizer nada, sem mais preparações, e ainda bem, porque queria senti-lo dentro de mim.

— Eu nunca vou me cansar disso, sabia? — ele falou, enquanto se movimentava devagar, apenas fazendo-me sentir a fricção de leve, deixando-me desejosa por mais.

— De quê em específico, meu marido?

Um dos cantos de seu lábio se curvou cheio de malícia, e eu comemorei o presente que era mais um sorriso.

— De você no geral, mas isto aqui... — Ele estocou fundo, com força, e eu soltei um grito pelo inesperado e pela sensação. — Estar dentro do seu corpo, com você toda molhada e com esses olhos cheios de desejo... Isto é o paraíso...

Então ele intensificou os movimentos, levando-me *realmente* ao paraíso e ao inferno ao mesmo tempo.

Algo me dizia que tudo com Henrique sempre seria daquela forma – uma mistura de romantismo, paixão desenfreada e momentos intensos. Ele era uma deliciosa contradição, e a cada dia mais eu me deleitava nos meus desejos de desvendá-lo.

Ele estocava fundo, forte e rápido, e nossos gemidos se tornaram uma confusão; uma harmonia imperfeita, mas que embalou o momento em que chegamos juntos ao ponto mais alto do prazer, entregando-nos aos braços um do outro.

— Me lembre de que quando formos decidir ter filhos, eu preciso realmente fazer amor com você com um pouco mais de calma — Henrique disse, em um tom divertido, com seu rosto aninhado entre meus seios; ambos suados, ofegantes e um pouco zonzos — ao menos *eu* estava assim.

Ergui um pouco minha cabeça para olhar para ele, surpresa.

— Você fez uma piada? — indaguei em um falso tom de choque.

Ele riu.

Deus, ele realmente riu. Não uma gargalhada profunda, mas era um começo. Foi uma risada deliciosa, e eu quase me embriaguei dela.

— Talvez eu tenha feito, sim.

Sentindo-me plena e realizada, beijei seus cabelos úmidos, sem nem me importar que estavam suados, e sussurrei:

— Eu também estou apaixonada por você.

Henrique se aninhou um pouco mais a mim em resposta. Para mim era suficiente. Precisávamos um do outro, e isso era tudo o que importava.



Foram dias de inferno. De espera. E eu não era nem um pouco paciente.

Não que me sentisse o rei do mundo, porque nunca fui assim, mas quando se tem dinheiro para possuir a maioria das coisas, não poder comprar o tempo acabava se tornando frustrante.

O investigador particular ficara em contato comigo durante todo o período, mas eu me sentia inquieto, querendo resultados, embora soubesse que esse tipo de coisa não funcionava assim. Por causa disso, no dia em que

ele decidiu me fazer uma visita – em pleno sábado –, mal conseguia me conter enquanto esperava que subisse até a minha cobertura, depois de sua entrada ser liberada à portaria.

— Vai fazer um buraco no chão andando desse jeito — Poliana me repreendeu enquanto preparava um café, tanto para nós dois quanto para a visita.

— Mando consertar depois — rosnei como um velho rabugento, sabendo que estava insuportável naquela manhã, e ela apenas revirou os olhos, desistindo de mim.

Quando abri a porta para Victor, quase empurrei o pobre homem para se sentar no sofá, mas, felizmente, ele não era de rodeios.

E era organizado, o que eu também agradecia.

Havia um dossiê muito bem detalhado em sua mão, que ele foi folheando aos poucos enquanto falava, demonstrando cada evidência que coletara.

— Conversei com Lúcia, amiga de Adriana, já que ela não tinha família, e a moça me repassou algumas informações interessantes. A viagem que Adriana faria era para uma proposta de trabalho que soou muito estranha.

— Adriana era fotógrafa — complementei.

— Sim, e o trabalho seria para uma revista da qual ela era bem fã, uma publicação de noivas. Disseram que chegaram a ela através do Instagram, mas pelo visto ninguém achou uma história muito confiável. Por isso seu amigo, Júlio, decidiu acompanhá-la, mas pelo que Lúcia falou, a decisão foi de última hora; ele não avisou a ninguém. Deixou a neném com uma vizinha de confiança, inclusive, porque Lúcia não podia e...

— E eu também não pude, é verdade. Ele disse que seria um bate e volta, que sairiam bem cedo de madrugada

e que voltariam à tarde. Às vezes acho que foi um milagre que não os fez levar Clara.

Victor assentiu, ficando calado por um breve minuto, até que retornou ao seu relato.

— Enfim... Lúcia disse que Adriana estava tão empolgada que não chegou nem a pesquisar sobre a proposta de emprego melhor. Ela recebeu a ligação, um e-mail com um documento timbrado, e foi só. Suspeitando da história, eu entrei em contato com a revista em questão, falei com a responsável, e ela me confirmou que nunca entrou cogitou contratar a sua amiga. A mulher foi bastante solícita, perguntou a todos os colaboradores, pesquisou em agendas, arquivos... não havia nada. O endereço de e-mail sequer pertencia a eles, e o papel timbrado com o termo de confidencialidade foi falsificado.

Senti um calafrio, porque sabia exatamente aonde ele queria chegar. Era a armadilha perfeita – Adriana era sonhadora em relação à carreira e ter um trabalho em parceria com uma revista renomada seria uma porta para muitos outros. Zélia provavelmente também sabia disso, mas julgou que Júlio nunca a acompanharia, porque teria que faltar ao seu próprio trabalho para isso. E ele era bem correto.

Mas para ser sincero eu nem saberia dizer se realmente se sentiu culpada pela morte do filho. Ou se chegou a sofrer.

— Também tive acesso aos arquivos da polícia e a uma foto do motorista que foi indiciado por estar bêbado. — Victor virou-se para Poliana, que estava sentada próxima a nós. — Talvez a senhora o reconheça...

Ele entregou uma fotografia impressa para Poliana, que rapidamente arregalou os olhos.

— Foi ele que invadiu o apartamento quando você não estava aqui! — exclamou, parecendo exasperada.

— Ele provavelmente teria fugido, mas estava tão bêbado que acabou apagando com a pancada. Quando a polícia chegou, ainda estava no local e foi preso. Só que acabou sendo milagrosamente solto, mesmo sendo, atualmente, previsto por lei, que esse tipo de crime só pode ter fiança determinada por juiz.

— É claro que foi Zélia que o soltou. Deve ter pago uma fortuna por isso! — Poliana tirou suas conclusões. Era o que eu achava também, mas se tornava muito perigoso fazer aquele tipo de acusação. Além do mais, ela estava ficando muito nervosa.

— Poliana, acalme-se. O detetive vai chegar lá. Vamos fazer essa mulher pagar.

O investigador permaneceu calado, muito discreto, enquanto eu e minha esposa conversávamos.

— Bem... a polícia tem informações sobre o advogado que realizou a soltura do homem em questão. Não que tenhamos qualquer dúvida, mas ele tem ligações com Ernesto Campano, pai do noivo de Janaína, filha de Zélia. São ligações discretas, é claro, mas eu encontrei a conexão.

— E podemos usar como provas? — indaguei quase afoito, sentindo-me uma criança desesperada para ganhar um presente de natal muito desejado. O presente, naquele caso, era uma bebezinha que eu queria mais do que qualquer coisa naquele momento. Por mais que a ideia fosse louca, porque, de fato, nunca me vi como pai de alguém, ela já era minha filha, ao menos no meu coração.

— Ainda não, mas estou correndo atrás de falar com este homem. Precisamos dele como testemunha.

— Ele não vai testemunhar ao nosso favor — Poliana disse, mas eu e Victor nos entreolhamos, porque já tínhamos compreendido algo.

Algo que *eu* deveria fazer.

— Eu pago o preço dele — afirmei, por mais que fosse uma coisa que não me agradava em nada. Odiaria saber que meu dinheiro seria colocado nas mãos de um bandido, de alguém que fora capaz de matar o meu melhor amigo e de machucar a minha mulher, mas, naquele momento, ele seria uma peça importante no jogo. — Posso providenciar uma passagem para ele sair do país... não sei. Você pode negociar algo assim?

— Sou um homem da lei, senhor. Isso não me agrada, mas entendo que é por um bem maior. Só que não posso garantir que vou manter sigilo sobre a localização do indivíduo depois que tudo terminar.

— Conto com isso. Tenho esperanças de que essa história vai terminar bem, na medida do possível.

Eu tinha mesmo. Qualquer um poderia me chamar de idiota por isso, mas era a primeira vez na minha vida em que eu realmente *queria* que as coisas ficassem bem. Eu tinha planos, tinha metas, sonhos... No dia em que falei a Poliana que queria ter filhos com ela, fora sincero. Queria vê-la grávida, mimá-la durante os nove meses... Mas, obviamente, seria algo para o futuro. Primeiro minha prioridade era Clara, e ela já iria preencher nossa vida de uma forma maravilhosa.

Pensando nisso, algumas horas mais tarde, quando já havia anoitecido, entrei no meu quarto e vi Poliana de frente para o berço de Clara, contemplando os brinquedinhos que comprei para ela e que ficaram para trás. A girafinha daquele dia destacava-se em sua mão, mas a expressão

melancólica em seu rosto me destruía por dentro. Eu não queria vê-la daquele jeito.

Coloquei-me ao seu lado, pousando minha mão sobre a dela, ambas por cima da grade do berço.

— Ela vai voltar para nós — falei baixinho, embora estivesse tentando convencer a mim mesmo também.

— Não duvido disso, mas não consigo não pensar nela com aquela mulher. Passei por coisas demais com a minha família para saber o quanto o abandono e o pouco caso podem machucar. Ela é muito pequenininha ainda, provavelmente vai esquecer e não entende muita coisa, mas não queria que fosse usada daquela forma. — Virou-se para mim, com os lindos olhos castanhos cheios de dor. Não chorava, mas estava prestes a desmoronar. — Nenhuma criança merece isso, e ela é tão doce...

Aproximei-me um pouco mais, colocando as mãos em seus braços e virando-a para mim.

— *Você é muito doce.*

Ela sorriu, chegando a fechar os olhos, como se quisesse absorver minhas palavras com seu coração.

Mas era a mais pura verdade. Quando escolhi Poliana para ser a minha esposa falsa, para ter mais chances de adotar a minha afilhada, nunca imaginei que minha decisão garantiria uma mãe de verdade para Clara. Não era uma exigência, ela não precisava ser tão zelosa nem presente, se não quisesse, mas ambas ficaram encantadas uma com a outra. E cada imagem das duas, gravadas em minha memória, me deixava mais apaixonado por elas também.

E eu estava disposto, de verdade, a fazer tudo ao meu alcance pelas duas.

Naquele momento, só me restava lhe dar um pouco de romance. Não que eu fosse muito bom nisso, mas queria

tentar.

Tirando meu celular do bolso, acionei o aplicativo de músicas e busquei *When I fall in Love*, na versão do Michael Bublé, que já fazia parte de nossa breve história. Quando começou a tocar, Poliana abriu um sorriso que fez tudo o que era escuridão dentro do meu peito tornar-se primavera.

— Nossa música — ela comentou, tão meiga, tão suave... exatamente do jeito que eu a enxergava.

— Nós *temos* uma música? — indaguei com uma sobrancelha erguida, enquanto um quase sorriso curvava meus lábios.

— Se você achar muito clichê ou brega, nós podemos...

Enlacei a cintura dela com um braço, pegando uma de suas mãos, tirando-a para dançar.

— Você *quer* ter uma música?

Ela deu de ombros, constrangida, corando. Adorável.

Deus, ela era tão adorável... tão preciosa... tão especial... tão *minha*.

Minha. E eu pretendia manter o jogo dessa forma, fazendo o possível e o impossível para deixá-la feliz, para que nunca tivéssemos que dizer adeus.

— Acho que quero — ela finalmente respondeu, enquanto eu começava a nos conduzir. Não podia nem ser chamado de dança, porque eu só nos movimentava muito devagar, quase imperceptivelmente.

— Então será a nossa música, já que você quer. — Fiquei um pouco em silêncio, apertando-a mais contra mim, colando nossos corpos ao som da música. — Eu quero te dar tudo. Desde o seu capricho mais banal ao mais exagerado. Tudo, Poliana.

O sorriso dela tornou-se tão amplo que não pude deixar de imitá-la. Isso pareceu encorajá-la.

— Acho que me contento com seus sorrisos. Eles são bem raros... — brincou novamente com aquela explosão de doçura que sempre lhe acompanhava.

Inclinei-me para beijá-la suavemente, apenas um encostar de lábios.

— Então todos os meus sorrisos serão seus a partir de agora.

Com isso, comecei a embalá-la, finalmente dançando de verdade, deixando que a nossa música tocasse em repeat, porque não queria soltá-la, não queria terminar aquele momento. Não queria voltar para a nossa realidade cruel.

Enquanto ela estivesse ali, nos meus braços, olhando para mim daquele jeito, tudo ficaria bem.



Inquieta, eu rolava de um lado para o outro na cama, perdida em ininterruptos pesadelos. Cada vez que acordava, dos breves cochilos que consegui tirar, abria os olhos assustada, com a respiração entrecortada, tentando não me remexer muito, porque Henrique estava dormindo profundamente. Era tão incomum vê-lo sereno que decidi sair da cama mais cedo, antes das seis – mesmo sendo sábado – só para não perturbá-lo.

Desci para a cozinha para preparar um café, e estava decidida a começar uma vida mais saudável correndo um pouco na esteira. Preparei uma tapioca para não malhar de estômago vazio e comi com vontade.

Antes, porém, que eu pudesse subir para vestir uma roupa para ir para a sala de musculação, o interfone tocou.

Eram seis e meia da manhã, e eu rapidamente estranhei. Pensei em chamar Henrique, mas decidi eu mesma atender, levando em consideração que não queria depender dele para tudo. Por mais que se esforçasse ao máximo para me fazer sentir em casa, ainda era recente e um pouco difícil me ver como dona daquela cobertura imensa, tão fora da minha realidade de pouquíssimo tempo atrás.

Fosse como fosse, atender ao interfone não me tornava uma abusada.

A voz de um dos porteiros me recebeu:

— Dona Poliana, bom dia. Desculpa te acordar tão cedo, mas a senhora aqui disse que vocês a atenderiam, que é urgente.

— Quem está aí? — perguntei, sentindo-me ainda mais preocupada.

— Ela disse que o nome dela é Janaína. Está com um bebê.

Clara. Era óbvio.

Outra vez? O que mais poderia tê-la levado ali, àquela hora, se não estivessem em apuros?

Será que Clara estava machucada? Será que estavam sendo perseguidas?

— Deixe-a subir, por favor — falei sem hesitar, desligando o interfone, rezando para que nada de mal tivesse acontecido.

Pensei em ir chamar Henrique, mas queria recebê-la primeiro para que não ficasse esperando do lado de fora.

Sua subida pareceu demorar uma eternidade, mas a surpresa quando abri a porta me paralisou.

Não era Janaína. Era Zélia.

Só que ela realmente estava com Clara, no carrinho. A bebê estava dormindo, calminha, com a boquinha de coração aberta, respirando profundamente, sem entender o que acontecia ao seu redor.

Fazia tantos dias que eu não a via que meu coração chegou a parar no peito.

— O que está fazendo aqui, Zélia? — Mesmo estando ela com a neném, dei alguns passos para trás, sentindo-me hesitante. Nada do que vinha daquela mulher me inspirava confiança.

Antes de me responder, de forma completamente pensada, ela fechou a porta do apartamento com calma, sem sequer vacilar. Aquele movimento me causou um frio na barriga.

Ela não estava ali para uma visita cordial.

— Fiquei sabendo de informações muito interessantes nos últimos dias. Vocês andam remexendo em coisas que não deveriam... — Não sabendo o que responder, apenas respirei fundo, sem conseguir tirar os olhos de uma das mãos dela que foi parar dentro da bolsa caríssima da Gucci. Exatamente como eu suspeitava, ela ergueu um revólver de lá de dentro. — Achei que poderíamos conversar.

Ela destravou a arma, e o clique pareceu ressoar pelo apartamento inteiro.

Pensei em gritar, para que Henrique acordasse e descesse, mas eu não era a donzela indefesa. Minha preocupação era Clara. Se Zélia atirasse e me machucasse, ele ouviria e surgiria para proteger a criança.

— Eu não acredito que você está armada e com Clara. Não tem medo de machucá-la...? — fiz a pergunta, mas logo me arrependi, porque sabia muito bem com quem

estava lidando. — Óbvio que não. Você matou o seu próprio filho.

Ela se remexeu, parecendo incomodada com o comentário.

— Foi um acidente. Não era para Júlio estar naquele carro... Eu sofri pelo meu filho. Exatamente por isso não posso permitir que meu sacrifício tenha sido em vão — disse com toda a sua frieza.

— Sacrifício? — Ergui as duas sobrancelhas, em uma atitude de desdém.

— Sim... tudo o que eu queria era que meu filho e minha neta voltassem para mim. Aquela mulher não era boa para Júlio. Ela o arrancou de sua família e o levou a uma vida medíocre. Um herdeiro como ele... trabalhando como professor? ganhando um salário miserável? Morando no subúrbio? — ela cuspiu cada palavra como se fossem insetos.

— Não o conheci, mas Henrique me disse que ele era feliz — tentei ficar calma, mesmo com uma arma apontada para mim. Minha voz soou firme, e eu me orgulhei do meu autocontrole. Ainda assim, precisava fazer alguma coisa.

— O que Henrique entende de felicidade? Será que ele acha que se casar com a filha de um bêbado, sem classe e medíocre como você o fará feliz? Os pais dele devem estar se revirando no túmulo de vergonha.

Pelo que eu sabia do pai de Henrique, preferia que ele realmente sentisse vergonha de mim. Se estivesse vivo, iria querê-lo longe de mim. Mas não ousei comentar.

— Zélia, as coisas podem terminar bem. Clara é sua neta, e Júlio queria que ela ficasse com Henrique. Você não precisa não participar de sua vida. Até ela fazer dezoito

anos a empresa continuará sob seu controle, e depois você vai poder ensinar tudo... vai poder...

— Cala a boca, garotinha intrometida. Você nem faz parte dessa história. Está sobrando. Mas, felizmente, é um coringa para mim.

— O que você quer, afinal? — indaguei, cansada. Ainda nutria a esperança de que ela não iria atirar dentro de um apartamento, em um prédio cercado de vizinhos e com um bebê presente.

Eu poderia estar muito enganada, é claro.

— Estou saindo daqui direto para o aeroporto, levando minha filha e minha neta, mas sei que Henrique não vai me deixar em paz. Você vai comigo, e o que eu vou cobrar como resgate é algo muito simples: um documento assinado por ele, abrindo mão da guarda de Clara. Definitivamente. Se ele tirar a menina de mim, se me levar à cadeia ou qualquer coisa assim, a criança será enviada para o sistema.

— E o que vai fazer comigo depois? — foi uma pergunta ridícula, porque não importava. Em nada. Se eu saísse com ela daquele apartamento, Henrique perderia Clara para sempre.

Eu precisava proteger aquela bebezinha. De alguma forma, mesmo por um acaso do destino, Henrique me escolhera para ser a mãe dela – não importava a história de casamento falso ou sua ideia de que eu não precisava me envolver. Eu já estava envolvida. Com pai e filha – porque era assim que eu os considerava, embora eles não o fossem perante a justiça.

— Se cooperar, posso devolvê-la a Henrique e vocês serão felizes juntos. Podem ter filhos biológicos, não precisam da minha neta.

— Clara é importante para nós — falei quase em um sussurro, e ela gargalhou.

— Você é uma boa atriz, querida. Pelo amor de Deus... sei que deve estar mesmo muito desesperada para conquistar Henrique, afinal, ele é um senhor partido. Atraente, jovem, rico... mas não precisa fingir que já se apegou a uma criança que mal conhece.

Fiquei calada. Ela não entendia nada de amor. Não sabia que certas conexões não precisavam de tempo para acontecerem. Talvez eu e Clara estivéssemos destinadas a nos conhecermos, por isso ela se tornara tão especial para mim.

Ela não merecia resposta, mas deve ter lido algo nos meus olhos, porque vi sua expressão mudar.

— Ah, você realmente gosta da menina... — Ela claramente via isso como uma vantagem sobre mim. Pensando nisso, inclinou-se em direção ao carrinho, pegando a criança com um dos braços, enquanto segurava uma arma na outra mão.

— Meu Deus, você é louca! — precisei dizer, em um tom um pouco mais alto.

Ela não estava apontando a arma para a neném, esta estava voltada na *minha* direção, mas era perigoso, insano, doentio.

— Eu não machucaria a minha neta, minha pequena mina de ouro... mas você não vai querer pagar para ver, não é? Garanto que vai vir de boa vontade se...

— POLIANA? — a voz poderosa de Henrique surgiu e me fez fechar os olhos, em um misto de alívio e mais medo, porque odiava a ideia de ter os dois em perigo, próximos a uma louca armada.

Ele desceu a escada como um furacão, colocando-se à minha frente em um único minuto, da mesma forma como o deixei na cama — calça de moletom, sem camisa. Provavelmente ouviu o meu grito acusatório para Zélia e veio correndo, sem nem pensar no que fazia.

— Solte Clara, Zélia. Você está desequilibrada — ele falou, como quem doma um leão, com um dos braços estendidos na direção dela e outro na minha, de forma protetora.

— Ah, Henrique, você não foi convidado para a festa. A conversa é entre mim e sua esposa.

— Não pode haver nenhum assunto entre você e ela. O que está fazendo na minha casa, novamente ameaçando a minha mulher? — ele vociferava sem nenhuma paciência.

— Eu fiz uma proposta a ela. Por que não compartilha com seu marido o que conversamos, querida?

Respirei fundo, e Henrique olhou para mim de soslaio, mas sem deixar de prestar atenção em Zélia e em sua arma.

— Ela quer tirar Clara do país e me levar como garantia. Quer que você assine um termo desistindo da guarda dela.

— O quê? — As sobrancelhas de Henrique se uniram, formando um vinco em sua testa. Seus olhos perfeitamente azuis atingiram um tom um pouco mais sombrio, o que me preocupou. Eu não queria que ele cometesse alguma loucura para nos proteger. — Zélia, primeiro de tudo, coloque Clara no carrinho. Não vai conseguir nada de mim segurando-a assim ao mesmo tempo em que está armada.

— Você não está em condições de barganhar.

— Ah, não? Se você precisa vir à minha casa armada, ameaçar minha esposa, para mim parece um ato de desespero. — Com as mãos erguidas em rendição, ainda à

minha frente, Henrique deu um passo à frente. — Vamos lá, Zélia, você ainda estará em vantagem, mesmo que coloque Clara no carrinho. Estamos rendidos.

— Não estou desesperada, mas estou sozinha. Imaginei que poderia ter dificuldades de subir se trouxesse mais gente comigo. Fique de sobreaviso, Henrique... se tentar qualquer coisa, vou atirar. E vou mirar na sua esposinha.

O problema era que Zélia parecia mesmo estar muito desesperada, embora não admitisse. Tanto que não conseguiu compreender quais eram as intenções de Henrique, porque no momento em que se virou para pousar Clara no carrinho, ele se preparou. Assim que a menina estava acomodada, livre da avó, ele pulou sobre ela.

Henrique era grande, forte, e eu tinha esperança de que conseguisse desarmá-la e imobilizá-la facilmente.

Mas um tiro soou. E eu senti meu coração parar no peito...



Merda!, gritou meu cérebro no momento em que senti meu ombro arder.

Eu tinha sido atingido.

Um líquido quente e espesso começou a escapar, mas, embora eu nunca tivesse levado um tiro, podia imaginar que a dor que sentia não era suficiente para me alarmar. Provavelmente fora de raspão, especialmente pela forma como o vaso na direção do tiro se espatifou.

Porra, se tivesse pegado em Poliana...

Aliás, eu a ouvi gritar meu nome, desesperada, Clara chorava depois do som, mas eu não podia me preocupar com isso. Precisava desarmar aquela louca e proteger minhas garotas.

Continuamos em um embate, e por mais que eu estivesse ferido, era muito maior do que ela. Consegui desarmá-la e me levantar rapidamente, revertendo nossos papéis e apontando a arma em sua direção, com o braço não machucado.

Eu não gostava do meu papel naquele momento. Por mais monstruosa que Zélia fosse, odiava subjugar uma mulher daquela forma, ainda mais uma que poderia ter a idade para ser minha mãe.

— Levante-se. — Tê-la caída no chão poderia ser uma vantagem para mim, mas ia contra meus princípios. Fui acompanhando cada um de seus movimentos, enquanto se punha de pé. Assim que a tive em minha mira, voltei-me para Poliana: — Pegue Clara e saia daqui. Saia do apartamento.

— Você está ferido! — ela choramingou.

— Não é nada. Faça o que eu estou mandando! — precisei ser um pouco mais enérgico, porque sem elas duas ali dentro, eu poderia controlar Zélia com mais facilidade até Victor chegar, já que no momento em que ouvi Poliana gritar, eu o acionei, já imaginando que havia algo de errado.

Era uma questão de minutos até que ele aparecesse. Mas poucos instantes poderiam significar a vida de algum de nós.

Olhei novamente para ela, mas a vi hesitar.

— Poliana! Agora!

Eu precisava ficar muito atento, porque Zélia estava ao lado do carrinho. Ela ficaria muito próxima ao perigo, por

isso, posicionei-me de uma forma em que poderia atirar com precisão, caso ela fizesse algo contra a minha esposa. Não pretendia matá-la, mas poderia feri-la.

Assim que Poliana se aproximou do carrinho, pronta para pegar a neném, Zélia abriu um sorriso malicioso. Isso já foi suficiente para que eu compreendesse que havia algo de errado. Quando levou a mão ao cinto, tive certeza de que precisava agir.

Com outro revólver, um pouco menor, ela agarrou Poliana pelo braço. Antes que pudesse puxá-la, eu atirei. Na perna. Apenas o suficiente para fazê-la cair.

Mas nada aconteceu, apenas um clique.

— Esta arma só tinha uma bala, Henrique. Se tem uma coisa que eu não sou é idiota — ela disse enquanto segurava Poliana, colocando-a à frente de seu corpo, usando-a como refém.

Putaquepariu! Eu não fazia a menor ideia de como agir. Se a arma que eu tinha em punho estava mesmo sem balas, eu não teria outra chance de desarmar Zélia.

— Faça sua escolha agora. Mudei o jogo. Eu vou sair deste apartamento com Clara ou com Poliana. Se for com Clara, a menina vai estar com a avó, em outro país, vivendo bem sua vida. Se for com esta moça aqui, ela não vai ser assim tão bem tratada. Vai querer ter mais uma de suas mulheres sendo ferida e violentada na consciência, Henrique? Por *sua* culpa?

— FILHA DA PUTA! — rosnei, sentindo cada músculo do meu corpo tensionar e a ferida doer. Eu sabia que estava sangrando, mas isso não era nada comparado ao medo que sentia de que Zélia cumprisse suas promessas. Ou pior: que tirasse as *duas* de mim.

Eu obviamente não podia escolher.

Pelo amor de Deus... eu *nunca* poderia escolher.

Olhei nos olhos de Poliana, e por mais que estivessem assustados e arregalados quando fora feita de refém, ela parecia mais calma naquele momento, como se imaginasse qual seria a minha decisão.

Seria possível que se achasse tão pouco importante para mim que julgava possível que eu a entregasse ao perigo sem qualquer remorso? Que eu iria deixar que Zélia a arrastasse por aquela porta sem lutar? Que iria permitir que a levassem e a maltratassem? Se isso acontecesse, eu me sentiria um homem de merda. Ninguém iria tirar a minha mulher de mim sem que eu desse tudo de mim para protegê-la. E foi isso que tentei passar para Poliana através do meu olhar naquele instante.

Eu só precisava ganhar tempo. Tinha certeza de que Victor não demoraria a chegar.

Sabendo que a arma que tinha em mãos não iria me servir de nada, lancei-a longe.

— Zélia, vamos conversar, por favor. Por que não fazemos um acordo? Eu não preciso do dinheiro do seu marido. Podemos negociar... a guarda de Clara fica comigo, e ela nunca vai ter necessidade do seu dinheiro. Eu dou a minha palavra de que...

— Estou pouco me lixando para a sua palavra, garoto! Ela não vale de nada para mim. No mundo em que eu vivo, punhaladas nas costas acontecem todos os dias — ela falava muito alto, descontrolada, e eu temia que acabasse puxando o gatilho sem querer, com Poliana em sua mira.

— Foda-se o que você acha, mas se minha mulher sair daqui com um único arranhão, eu vou acabar com a sua vida — falei por entre dentes.

Assim que eu disse isso, com um sorriso diabólico, Zélia agarrou os cabelos de Poliana e os puxou para trás com violência, fazendo-a gemer baixinho, sem dúvidas para não me alarmar.

Tarde demais, querida, eu já estava apavorado.

Onde estava a porra do detetive quando eu tanto precisava dele?

— E então, Henrique? Já fez a sua escolha? — ela perguntou, desdenhosa.

— Você sabe que se levar qualquer uma das duas daqui, eu vou te caçar nem que seja no inferno. Tenho recursos para isso, Zélia. Vai ter que viver fugindo de mim, porque *quando*, e não *se*, eu te encontrar... vai se arrepender por cada uma dessas loucuras que está cometendo.

Pela forma como estremeci de raiva ao falar, meu ferimento começou a latejar, mas, novamente, pouco me importei. Eu sentia o sangue escorrer pelo meu braço e pingar por entre meus dedos, mas a dor fora substituída por ódio.

Muitas vezes ele fora a minha cura, e por mais que eu não quisesse me lançar nesse abismo outra vez, não conseguia me controlar.

— Acho que você fez a sua escolha, não fez? — ela falou, pressionando o cano da arma ainda mais na cabeça de Poliana, voltando-se para ela. — Talvez ele não seja assim tão devotado a você quanto você é a ele... Que pena, né, doce menina? Amar sem ser amada...

Olhei para Poliana, esperando que ela lesse em meus olhos o quanto aquela frase era mentirosa. Eu ainda não poderia falar de amor, é claro, mas ela era muito mais do que uma esposa arranjada. Tornara-se parte da minha vida,

do meu mundo. Tê-la comigo passara a ser essencial. Por isso, eu não podia perdê-la.

— Diga adeus, bonitinha...

Antes de qualquer coisa, ela saiu arrastando Poliana em direção à porta. Algo me dizia que estava blefando, até porque Clara era o seu alvo. Sua mina de ouro. Ainda assim, não consegui não gritar:

— Não, Zélia. Não faça isso.

— Estou sendo boazinha. Eu poderia matá-la... Eu poderia...

Neste exato momento, a porta da frente se abriu com um baque, sendo arrombada. Respirei aliviado imediatamente, sabendo que não estaríamos sozinhos. Que teríamos ajuda.

Contudo, Zélia não soltou Poliana. Pelo contrário, parecia ainda mais desesperada, o que era mais perigoso.

— Não se aproximem ou eu vou atirar na moça...

Finalmente parei para ver quem tinha chegado e avistei Victor acompanhado da polícia. Eram três pessoas, não era possível que Zélia levasse vantagem, especialmente descontrolada como estava. O problema era que esse descontrole colocava Poliana em risco.

Ela começou a se afastar, seguindo em direção à escada do apartamento. Tentei me adiantar e me posicionar em algum lugar onde pudesse rendê-la, mas ela viu e encostou o cano, daquela vez, na garganta de Poliana. Esta tentava se debater, mas era pequena, esguia, e Zélia era uma mulher alta, mais forte.

A polícia começou a aproveitar o nervosismo da mulher para ir cercando-a. Era apenas uma questão de minutos para ela não ter mais como fugir. E o meu medo era que matasse a minha esposa.

No entanto, em um ato de desespero, ela simplesmente deu uma coronhada em Poliana, lançando-a ao chão. Eu estava bem perto, então, joguei-me sem nem pensar no meu ferimento, pegando-a antes que se machucasse mais.

Dividido entre cuidar de Poliana e observar o movimento dos policiais, já que Zélia subira as escadas, senti minha ferida realmente doer, e um pano foi pressionado contra ela. Era Victor.

— Vocês estão bem? — ele perguntou com sua voz grave e o jeitão sério.

Assim que ouvi a pergunta, a mulher nos meus braços se remexeu, ainda um pouco atordoada, mas retornando à consciência.

— Acho que sim — respondi, sentindo-me um pouco perdido.

— Fiquem aqui, eu volto já — o investigador anunciou, com sua arma em punho, também subindo as escadas.

Foi uma questão de segundos para que os olhos de Poliana finalmente focassem nos meus. Um pouco desorientada ainda, mas não demorou a ouvir o som do chorinho que ecoava pelo apartamento.

— Clara... — ela sussurrou, tentando se desvencilhar.

Levantou-se de um rompante, cambaleando, e eu a firmei, rangendo os dentes pelo braço ferido, porque minha outra mão segurava o pano que Victor me dera.

— Ei, calma, você levou uma pancada na cabeça.

— E você está ferido... — desesperou-se. — Meu Deus, Henrique... quando eu ouvi o tiro... Meu Deus!

Tentei abraçá-la para confortá-la, mas ela novamente se afastou, correndo até o carrinho, mesmo trocando pernas, ainda um pouco tonta, pegando a neném.

Com Clara nos braços, ela se jogou no sofá, agarrada à bebezinha, que não parava de chorar.

— Está tudo bem, meu amor — sussurrou para a criança, em um rompante de coragem admirável, porque era visível que ainda estava tremendo de medo.

Então, sem nem me importar com meu próprio ferimento, puxei as duas para mim, respirando aliviado por estarem ali.

Ficamos assim por alguns minutos, até que Victor retornou, enquanto os outros policiais corriam até a porta da rua, sem que eu entendesse o motivo. Mas sua revelação me surpreendeu.

— Ela se jogou da cobertura. Caiu lá embaixo. Os policiais foram checar o corpo, mas estamos no décimo sexto andar. É um pouco difícil que tenha sobrevivido.

Poderia ser muito cruel da minha parte, mas eu quase sussurrei para Poliana que o pesadelo tinha acabado. Só que pela forma como suspirou contra o meu peito, beijando Clara várias vezes, estava pensando a mesma coisa.



Deitada sobre a cama, minha barriga era literalmente escalada por uma bebezinha ávida e inquieta. Eu tentava afastar sua girafinha preferida, e ela se esforçava ao máximo para pegá-la, gargalhando e engatinhando – o que me deixava totalmente orgulhosa. Clara estava conosco há mais de seus meses e tinha se desenvolvido tanto... Estava mais gordinha, com umas deliciosas bochechas rosadas, o cabelinho tinha crescido, e ela parecia uma bonequinha, naquele momento, com uma jardineira cor de rosa e a blusinha branca, descalça. Feliz.

Como toda criança deveria ser.

Os sonzinhos de seus gritinhos animados e de sua risada preenchiam meu coração com tanto amor que eu

chegava a me perguntar se aquela história de almas gêmeas era mesmo verdadeira, porque eu poderia jurar que em algum outro plano, em outro momento do universo, eu realmente fui mãe daquela garotinha. Porque era assim que me sentia naquele momento.

E se seu carinho para comigo fosse algum indicativo, ela também me queria como sua mamãe.

O beijo babado que deixou no meu rosto me fez gargalhar e passar os dois braços por seu corpinho, agarrando-a contra mim, sobre meu peito.

— Isso é música para os meus ouvidos.

A voz sexy e grave de Henrique soou da porta do quarto, e eu olhei na direção dele, ainda com Clara sobre mim.

Porra, como alguém conseguia ficar tão bonito depois de horas e horas de expediente? Impecável. Ele poderia facilmente estrelar uma propaganda de perfumes daquele jeito e venderia horrores.

Aquele homem deslumbrante era meu marido, em todos os sentidos da palavra, não apenas no papel. Eu era uma mulher de sorte.

— Olha, bebê... o papai chegou — falei baixinho, e senti os olhos de Henrique se iluminarem. Ele gostava quando eu falava aquilo, e mais ainda quando Clara parecia concordar, como naquele momento.

— Papá... — ela disse ainda com a fala embolada. Ela tinha pouco mais de um ano, e começava aos poucos a articular algumas palavras. A primeira de todas fora “papá”, olhando para Henrique, o que literalmente o destruiu, mas no melhor sentido da palavra.

Ela ainda não havia falado mamãe, mas eu estava em um processo para que o momento chegasse. Empenhada, aliás.

Vindo até nós, Henrique tirou Clara de cima de mim, pegando-a em seu colo e abraçando-a, dando um beijinho na ponta de seu nariz.

— Ei, bonequinha. Deu uma canseira na sua mamãe hoje? — Henrique sabia retribuir os favores como ninguém. Eu nunca deixava de me emocionar com esse tipo de coisa.

Em resposta, a neném apenas o agarrou pelo pescoço, em um abraço desajeitado com seus bracinhos pequenos. Eu sabia que ela me amava, mas venerava Henrique. Ele era, literalmente, o herói dela. O *nosso*, na verdade.

— Ela deu, mas foi gostoso. Como foi a reunião hoje? — indaguei verdadeiramente interessada. Henrique estava começando a me inteirar nas coisas da empresa, porque queria que eu trabalhasse diretamente com ele quando me formasse. Eu era um pouco contra, porque temia que as pessoas voltassem a comentar sobre meus interesses escusos com o casamento, mas ele disse que estava literalmente se fodendo para isso.

Eu não poderia discutir com um argumento tão eloquente.

— Cansativa também. Antes eu não me importava de ir trabalhar aos sábados, mas agora...

Não pude deixar de sorrir.

— Onde está Maria? — ele se referia à babá de Clara.

— Está no quartinho dela, lendo alguma coisa.

— Então vamos levar essa coisinha aqui para ela, porque eu quero conversar com você.

Fiquei um pouco preocupada, porque Henrique parecia muito sério. Até demais. Claro que essa era a natureza dele, mas nos últimos tempos passara a ser menos econômico com seus sorrisos, distribuindo-os, embora as

sortudas a recebê-los como um presente ainda fossem apenas eu e Clara.

Entregamos a bebê a Maria, que a recebeu do jeitinho carinhoso de sempre. Ela estava conosco desde que ganhamos a guarda temporária de Clara. De acordo com Leandra – que trabalhava incansável para conseguir a definitiva –, quando a pegamos meses atrás, não houvera previsão para ela ser nossa. Poderiam ser muitos meses de espera. Isso nos desanimava, mas as perspectivas eram positivas, porque Janaína estava do nosso lado, e ela era a única família de sangue da menina.

Isso e o dinheiro de Henrique, é claro. Afinal, estávamos no país onde tudo poderia ser comprado pelo valor certo.

A morte de Zélia fora anunciada em todos os veículos da mídia, e Henrique deu a história a Luísa Muniz em primeira mão, para que ela contasse tudo o que aquela mulher fizera a nós. Estávamos sendo expostos mais uma vez, mas era por uma boa causa.

Assim que ficamos sozinhos, Henrique começou a me conduzir pelas escadas para o último andar da cobertura. Quando chegamos lá, a primeira coisa que vi foram as pétalas de flores. Ao olhar para o chão, deparei-me com algumas delas, formando um caminho.

Meu coração imediatamente parou.

Ele pegou a minha mão e continuou me guiando, até revelar uma mesinha com uma garrafa de champanhe, um balde de gelo, duas taças e uma caixinha pequena.

Ah... meu Deus...

— Quando foi que aprontou tudo isso?

— Já tem uma hora mais ou menos que cheguei em casa — falou, travesso.

— Henrique, nós temos um acordo...

— Não seja estraga prazeres. Só me ouça... — Colocando-se de frente para mim, pegando minhas duas mãos e olhando fundo nos meus olhos, Henrique respirou fundo.

— Sei que já conversamos sobre isso algumas vezes nos últimos meses e que você insiste em não precisar de um casamento grandioso, e eu também não. Eu, você, Clara e nossos amigos mais próximos. Sei também que é um pouco doloroso, para você, não poder entrar com o seu pai, mas sabemos que ele ainda tem um longo caminho a percorrer.

Abaixei a cabeça, sentindo o coração apertar no peito.

Depois da matéria no site e que Zélia ficou fora de nossas vidas, Henrique e eu fomos à minha antiga casa conversar com o meu pai. Ele contou que fora pago pela cruel avó de Clara para fazer o que fez. Estava bêbado novamente, e o local estava um nojo.

Com seu jeito calmo e profissional, Henrique dialogou com ele, oferecendo-lhe tratamento, tanto para o alcoolismo quanto para seus rompantes violentos. Com muita relutância, ele aceitou, porque meu marido generoso jurou que se ele se curasse e se tornasse um homem digno, iria contratá-lo para algum trabalho pagando-lhe um salário bem justo.

Eu não queria que tivesse tantos gastos, mas decidi não contestar quando ele insistiu.

— Só que eu não posso oferecer menos do que você merece, Poliana — ele continuou. — E você merece tudo.

— Mas eu tenho tudo — falei com a voz embargada.

— Quero mais. Quero ver você em um vestido enorme, vindo até mim. Quero te ver sorrir segurando um buquê bem grande... — Ele enlaçou a minha cintura devagar. — Quero

beijar a noiva, mas de verdade desta vez. — Beijou-me para ilustrar o que dizia. — Quero dançar com você a nossa música e sussurrar que te amo no seu ouvido enquanto todos olham para nós...

Peraí... “*eu te amo*”? Ele nunca tinha dito aquilo. Não com todas as letras, embora sempre demonstrasse em gestos.

— Henrique... você...?

— O quê? Se eu te amo? — Ele abriu um sorriso de canto. — Amo, princesa. Amo tudo em você. Amo que seja tão boa esposa, compreensiva, terna e sempre receptiva. Amo que seja uma mãe tão boa para uma menina que nem é sua...

— Ela é *minha* — eu o interrompi com ferocidade. O sorriso de Henrique se ampliou.

— Está vendo? Se você visse o seu rosto agora, minha pequena leoa, entenderia por que eu te amo. — Levando a mão ao meu rosto, deslizando o polegar pelo meu lábio inferior, ele franziu o cenho, como se fosse quase doloroso. — Tanto, Poliana. Eu te amo tanto...

— Eu também te amo, Henrique.

Um suspiro escapou de seus lábios, como se ele estivesse esperando por minha confissão desesperadamente.

— Então, você não acha que isso é motivo suficiente para que eu queira me casar novamente com você? Com tudo o que temos direito?

— Mas nós combinamos que só faríamos isso quando Clara fosse nossa. Definitivamente.

Henrique não disse nada, apenas enfiou a mão em seu paletó, tirando de lá um envelope. Por um momento não

entendi do que se tratava, mas arregalei os olhos quando me dei conta.

— São os papéis? — Senti um arrepio percorrer meu corpo inteiro pela expectativa. Ele apenas assentiu.

— Abra.

Com as mãos trêmulas, abri o envelope pardo e tirei de lá os documentos – era oficial. Clara seria nossa filha.

Pousando os papéis sobre a mesa onde estava o champanhe, eu literalmente pulei no colo de Henrique, entrelaçando minhas pernas em sua cintura, agarrando-o pelo pescoço. O impulso poderia nos ter derrubado, mas ele conseguiu se equilibrar, segurando-me pelas coxas.

— É real? Me diz que é real! — pedi, sentindo-me mais feliz do que nunca.

— É real, querida. Está pronta para ser mãe daquela pestinha?

Mãe...

Era demais para mim.

Não consegui responder, apenas o agarrei mais, abraçando-o.

— Eu pensei em ficar de joelhos para fazer o pedido — ele falou baixinho contra o meu ouvido, quando eu encaixei minha cabeça na curva do seu pescoço. Como não me movi, Henrique simplesmente prosseguiu: — Tudo bem, não me importo de ter você assim.

Remexi-me quando ele me ajeitou nos braços, segurando-me com mais força pelas coxas.

— Não sou bom com palavras. Nem com demonstrações de afeto. Nem com sorrisos, como você sabe bem, mas tenho tentado. Por você. — Eu queria dizer que ele era perfeito, mas não podia interrompê-lo. — E eu juro que vou continuar tentando, porque não quero te dar

nada que não seja o melhor de mim. E mesmo eu sendo tão imperfeito, estou aqui pedindo, por favor, que aceite se casar comigo outra vez. Mas agora para valer. Sem prazo de término... Para sempre.

Sentindo uma lágrima deslizar pelo meu rosto, meu coração explodia dentro do peito.

— Claro que sim. Eu me casaria com você mil vezes.

— É o que você quer? Mil casamentos? Posso providenciar...

— Você fez uma piada, Sr. Agridoce? — provoquei.

— Talvez eu tenha feito, sim.

E nós dois selamos o pedido com um beijo. Profundo, significativo, enquanto Henrique ainda me segurava com força em seus braços.

Quando ele me colocou no chão, segundos depois, finalmente ajoelhou-se, pegando a caixinha sobre a mesa e abrindo-a.

— Escolhi um modelo discreto e elegante, porque sabia que você não iria querer nada extravagante.

E ele estava certo. Era perfeito. Um delicado solitário, com um diamante transparente, com pedrinhas em um rosa clarinho ao redor.

Era impressionante o quanto ele já me conhecia, embora nosso relacionamento ainda fosse muito recente.

Com toda a sua delicadeza ele colocou o anel no meu dedo, beijando minha mão em seguida. Quando se pôs de pé, beijou-me mais uma vez, e sussurrou, olhando nos meus olhos:

— Vamos contar à nossa bebê que o papai e a mamãe dela vão se casar de verdade desta vez?

— Acho que ela vai amar a notícia.

Depois de mais um beijo rápido, seguimos abraçados pela casa. Sabia que mais tarde voltaríamos para tomar aquele champanhe, com aquela vista linda e as estrelas a nos abençoar, mas, naquele momento, tudo o que importava eram as promessas que tínhamos pela frente. E todas elas me enchiam de esperança.

EPÍLOGO



DOIS ANOS DEPOIS

Exatamente como nos meus sonhos, a minha linda esposa vinha em minha direção, com um vestido enorme, com uma cauda arrastando pelo chão, uma linda coroa de flores na cabeça e um buque combinando. Ela era a perfeição.

Ansioso, eu a esperei, enquanto olhava para a primeira fila e me deparava com Maria, que agora cuidava de Clara e de Pedro, nosso menininho de um ano. Poucos meses

depois do pedido de casamento, Poliana me revelara que estava grávida, e eu fiquei em êxtase. Exatamente por causa do bebê adiamos um pouco os planos da cerimônia, mas tudo aconteceu quando tinha que acontecer.

Embora não tivesse permitido que ele a acompanhasse até o altar, o pai de Poliana estava presente, lutando bravamente contra o alcoolismo, sóbrio há bastante tempo. Ele parecia outra pessoa – envergonhado, introspectivo, culpado. Mal conseguia olhar para a filha, e eu poderia jurar que aquele relacionamento nunca seria perfeito, mas eles estavam tentando.

No final do ano passado, também, contratei Victor novamente para procurar a mãe de Poliana, e ele a descobriu com sua nova família. Vivia uma vida boa, e eu cheguei a sentir certo ressentimento por ter deixado a filha sofrendo como sofria, mas também não me intrometi. Ela estava presente, com seu marido, o enteado e o filho, e eu fiquei feliz por Poliana poder conhecer o irmão – o que acontecera alguns meses antes.

Na nossa cerimônia estavam nossos familiares, amigos, colegas de trabalho, e tudo estava lindo, como um sonho.

Quem diria que eu estaria tão feliz em uma festa para cem convidados? E isso porque reduzimos a pessoas importantes e relevantes para nós, mas eu infelizmente precisava chamar alguns parceiros e clientes.

When I Fall in Love, na nossa versão, tocava enquanto ela avançava até o altar, e quando chegou para mim, eu tirei o véu que cobria seu rosto, dando-lhe um beijo suave na boca, mesmo sem a permissão, porque não pude me conter.

Ela era minha... e eu não conseguia resistir quando a tinha na minha frente, linda daquele jeito, com um sorriso

irresistível, toda vestida de branco... minha noiva. Minha esposa. Minha *mulher*.

— Perfeita — sussurrei para ela. Só para ela. E Poliana corou. Como era possível que mesmo depois de um bom tempo juntos ela ainda tivesse aquelas reações adoráveis?

Nós nos viramos para o juiz de paz, que começou a cerimônia. As palavras foram bonitas, a mensagem, significativa, e eu senti que, assim como eu, ela também estava emocionada.

Fizemos nossos votos, trocamos alianças e, ao final de tudo, o juiz falou, em um tom de brincadeira:

— Eu vos declaro marido e mulher. Outra vez. — Todos os convidados riram. — Pode beijar a noiva.

Eu queria puxá-la para mim e lhe dar um beijo digno de Hollywood, mas era contido demais para isso, então, segurei ambos os lados do seu rosto com as minhas mãos e toquei seus lábios da forma mais terna que pude. Teríamos tempo para que eu a devorasse por inteiro quando ficássemos sozinhos.

Olhando em seus olhos, tentando transmitir toda a verdade que havia em meu coração, eu falei bem baixinho, novamente só para ela, fazendo alusão à frase da música que embalara vários momentos do nosso casamento:

— *Quando eu me apaixonar, tem que ser para sempre...*
Que bom que foi por você. Eu te amo.

— Eu também te amo, Sr. Agridoce.

Era um recomeço para todos nós – para o homem frio que carregava uma enorme culpa nas costas, para a mulher que sempre se sentira rejeitada por todos e para a bebezinha que só queria ser amada.

Juntos encontramos um lar, uma família. E ela era perfeita em suas imperfeições.

FIM

Books By This Author

[Acordes Imperfeitos](#)

Ele era o filho de um criminoso...

Ex-rock star, sedutor, considerado pela cidade como uma péssima influência – o típico bad boy. Todos diziam que eu deveria ficar longe de Bruno Gardelli, para a minha própria segurança.

Eu era nova na cidade. A garota perfeita, violinista, com reputação impecável, mas com um fraco por almas despedaçadas. E Bruno era uma. Sem dúvidas.

Ele parecia querer distância de mim, até que a música nos uniu. E também alguns fantasmas do passado, que poderiam ser muito mais perigosos do que o homem por quem eu lentamente começava a me apaixonar.

Quando segredos e verdades sobre as nossas histórias se entrelaçam, poderá o amor que construímos sobreviver ou ele apenas se despedaçará como tudo ao nosso redor?

[Sonhos de Vidro](#)

Debochado
Extremamente inteligente
Sexy

Rico
Lindo
Ladrão de arte.

Uma mulher precisaria ser muito idiota para entregar o coração a um cara assim.

Pois é... eu entreguei. Ainda muito jovem, muito inexperiente, acreditei que seu jeito de me fazer sentir especial queria dizer alguma coisa.

E queria... eu era um meio para um fim. E sua traição à minha família me feriu profundamente.

Mas agora precisamos nos tornar uma equipe para conceder um desejo do meu pai à beira da morte.

Isso, é claro, se não destruírmos um ao outro primeiro.

Ou se o perigo que nos ronda não for ainda mais implacável.

A Eternidade de um Instante

Caio Johanssen aprendeu desde cedo que nunca poderia se apaixonar ou as consequências seriam trágicas. Então, fechou seu coração e vive a vida sempre no limite, desafiando a morte e se jogando em casos vazios, que lhe pareciam seguros e inofensivos.

Lavínia Saldanha conheceu o lado mais cruel do amor, o que a obrigou a se proteger de relacionamentos,

entregando-se plenamente ao seu sonho de um dia chegar à Broadway e provar seu verdadeiro talento.

Reféns do acaso, Caio e Lavínia têm seus caminhos cruzados e são presos em uma armadilha, tornando-se vítimas de seus próprios sentimentos. O que não esperavam era que o amor que desenvolveriam um pelo outro seria capaz de suportar a distância e o tempo, contrariando todas as probabilidades. Contrariando o próprio destino.

Mil Instantes Infinitos

O acaso uniu Caio e Lavínia de uma forma inusitada. E também os separou lançando-os em uma história cheia de obstáculos.

Porém, nem mesmo o destino poderia supor que o verdadeiro amor seria capaz de lutar e resistir em meio a tantas adversidades.

Contudo, algumas surpresas ainda surgem no caminho do piloto e da bailarina, colocando mais uma vez à prova os sentimentos que se desenvolveram em seus corações.

Serão eles mais fortes do que o tempo e a distância para conquistarem seu final feliz?

Conheça o desfecho da história que teve início em A ETERNIDADE DE UM INSTANTE e confira se Caio e Lavínia terão direito aos seus mil instantes infinitos...

Jogo das Ilusões

Eu sempre me senti o dono de tudo. Intocável. Invencível. Até descobrir que não sabia de absolutamente nada. Como um ilusionista famoso, o mundo me foi oferecido em uma bandeja de prata, até este mesmo mundo ruir por dois motivos. Um deles, uma garota que estava pouco se lixando para a minha fama, meu dinheiro e meu nome. Uma que preencheu uma vida de escuridão com sua luz. O outro motivo? Um assassino. Obcecado por mim, usando meus próprios truques como inspiração para seus crimes. Só que agora eu tinha um ponto fraco – Letícia, a tal garota. E, aparentemente, ele sabia disso, porque também a transformou em um alvo, colocando em perigo as minhas próprias ilusões.

Segundas Intenções

Tudo o que eu esperava quando decidi retornar para a minha cidade natal era deixar de lado o trabalho dentro de um escritório e abraçar a vida na fazenda.

O que eu não esperava? Me apaixonar... muito menos pela garota misteriosa que todos diziam ser proibida para mim e que fugia cada vez que eu tentava me aproximar.

Curioso e intrigado, fui atrás da verdade e descobri que ela vivia à sombra de um homem obcecado, que a vigiava, espreitava e controlava. E o pior: este homem era meu próprio irmão.

Quando também roubei seu coração para mim, tudo se transformou em caos, e eu me vi pronto para entrar em uma

guerra por amor, antes que a mulher por quem me apaixonei fosse arrancada de mim para sempre.

Simetria

"Nem toda história de amor começa como um conto de fadas."

Da última vez em que nos vimos, ela era apenas uma menina e fora arrancada dos meus braços e da minha proteção, levando um pedaço de mim. Eu me liberei de um mundo de violência e humilhações, mas não consegui levá-la comigo. Não passava de um moleque, mas sempre acreditei que poderia cuidar melhor dela do que aquela mãe drogada e o tio cruel que lhe restou. Mas este direito me foi roubado, e, por isso, tudo o que eu queria era saber se estava bem.

No primeiro reencontro, escapou por entre meus dedos e negou minha ajuda. Da segunda vez em que nos esbarramos, ela me propôs um pacto. Uma vingança contra aqueles que tanto nos machucaram no passado.

Não era exatamente a minha intenção entrar em uma briga daquela natureza, mas Nadine precisava de mim. E eu faria qualquer coisa para mantê-la a salvo. Principalmente de si mesma.

O que ainda restou

Meu nome é Arthur Montenegro. Três anos atrás eu simplesmente desapareci, sendo dado como morto pelos meus familiares e amigos. Porém, a verdade é completamente diferente.

Fui sequestrado por uma corporação secreta e recebi um treinamento militar. O objetivo era me tornar um assassino, mas eu escapei. Ao voltar para minha vida real, já não era o mesmo.

Apenas um pensamento preservou minha vontade de lutar e sobreviver: Christine. A mulher que eu amava e que tanto magoei antes de desaparecer. Contudo, surgir na porta da casa dela ferido e precisando de ajuda talvez não fosse a forma mais correta de me redimir. Muito menos colocá-la em perigo.

Aqueles que me sequestraram ainda me perseguiram. Por saber demais, queriam me eliminar. A solução que encontraram foi usar Christine para me atingir. Então, eu precisava protegê-la, enquanto armava um plano de vingança, sem saber que havia muito mais segredos que colocariam a prova tudo em que eu acreditava e todos aqueles em quem confiava.

Alvorada

Rodrigo e Andreia são irmãos inseparáveis e compartilham uma ligação inexplicável com o mar. Campeões de apneia, instrutores de mergulho e exímios nadadores, eles têm uma capacidade sobrenatural de se manter debaixo d'água por longos períodos de tempo. Além disso, quando um deles está submerso, ambos conseguem se comunicar telepaticamente, mesmo depois de Andreia ter sofrido um acidente que a deixou completamente paralisada, sem falar e se movimentar. Quando Cecília, uma jovem com passado

traumático e um grande segredo, chega na cidade paradisíaca de Solário, algumas dúvidas a respeito do acidente de Andreia surgem, trazendo à tona a suspeita de tentativa de assassinato. Enquanto Rodrigo e Cecília tentam, juntos, curarem suas almas despedaçadas, descobrem-se em perigo quando o assassino ressurge disposto a encobrir seus rastros, custe o que custar.

Quase um Segundo

Eric Muniz é um gênio da tecnologia que, aos vinte e cinco anos, fez fortuna com a criação de aplicativos de sucesso, porém, o que poucos sabem é que ele esconde um segredo – Eric é o Anjo das Sombras, uma espécie de herói que sai às ruas à noite para proteger as pessoas da violência da cidade, usando de um misterioso poder sobrenatural, o toque da morte.

Luísa Silveira é estagiária em um jornal, e tudo o que mais precisa é de um furo de reportagem para se firmar na carreira e conseguir uma posição melhor. Quando Eric cruza seu caminho, ela se vê enredada em seu segredo e, é claro, na atração que um passa a sentir pelo outro.

Mas um assassino surge, obcecado pela história do Anjo das Sombras e disposto a desafiá-lo em um jogo perigoso, transformando Eric e Luísa em peões em um tabuleiro, onde a derrota pode significar a própria destruição.